

UNIVERSIDADE DE SAO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ADRIANO VIEIRA CAZALLAS

Boca do Joanides: Submundo e sociedade paulista  
nos “anos dourados”

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SAO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

ADRIANO VIEIRA CAZALLAS

Boca do Joanides: Submundo e sociedade paulista  
nos “anos dourados”

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Áreas de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C386b      Cazallas, Adriano Vieira  
            Boca do Joanides: submundo e sociedade paulista  
            nos anos dourados / Adriano Vieira Cazallas;  
            orientador Norberto Luiz Guarinello - São Paulo,  
            2020.  
            153 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de História. Área de  
concentração: História Social.

1. História: Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências. 2. CH700-Ciências Humanas. 3.  
CH780-História, História do Brasil e Geografia. 4.  
CH782-História do Brasil - CH782.3 Período Nacional.  
5. CH782.3.2 - Brasil República. I. Guarinello,  
Norberto Luiz, orient. II. Título.

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Adriano Vieira Cazallas

Data da defesa: 13 /01/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Norberto Luiz Guarinello

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 03 / 03 /2021



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: CAZALLAS, Adriano Vieira.

Título: Boca do Joanides: Submundo e sociedade paulista nos “anos dourados”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovada em: 13/01/2021

### Banca Examinadora

---

Prof. Dra. Raquel Gleizer

Instituição: FFLCH-USP

---

Prof. Dr. Deivid Valério Gaia

Instituição: UFRJ

---

Prof. Dr. Gustavo Junqueira Duarte

Instituição: PUC-CAMPINAS

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lurdes de Campos Vieira e Edison Cazallas, que sempre incentivaram meus estudos, e minha esposa Angelita Aparecida dos Santos, que me administra. Ao meu orientador, Prof. Dr. Norberto Guarinello, que teve a generosidade de aproveitar meu “ponto fora da curva” (como ele mesmo gosta de dizer). À Associação de Moradores do CRUSP (AMORCRUSP), que me acolheu na reta final da graduação, e aos colegas e amigos das repúblicas estudantis que me hospedaram, assim como ao Centro Laban de Dança e Arte do Movimento do Brasil, na pessoa da coreógrafa Solange Arruda. Tenho obrigação, ainda, de agradecer Alberto Marsicano por ter tocado o *rum* – tambor do mestre – no terreiro de minha mãe Lurdes, o Templo de Umbanda Sagrada Sete Luzes Divinas, onde fomos ogãs. Certa vez, Nicolau Sevcenko nos encontrou no Departamento de História e soube, então, que eram velhos amigos. Nicolau comentou comigo que não poderia ter tido melhor mestre na música e na cultura popular brasileira. Após tanto nos ensinar e maravilhar com sua prosa, seu batuque e sua cítara, Marsicano ainda nos brindou com a gravação de dois pontos de umbanda compostos por nossa mãe Lurdes, na obra *Nordeste Oculto\**, com o grupo Cabruêra e Chico Cesar. Um destes pontos foi criado, em transe de incorporação, por Exu Veludo, durante uma festa de ciganos, quando a entidade pediu para Marsicano tocar na cítara algo celta e, concentrando-se na escala musical imediatamente iniciada, entoou os versos:

Vai, meu cavalo, vai! Vai, meu cavalo, vai!

Vai, meu cavalo, voa sem sair deste lugar!

Vai, meu cavalo, vai! Vai, meu cavalo, vai!

Vai, meu cavalo, voa sem sair deste lugar!

Em meu cavalo branco de crinas esvoaçantes,

Sobre um rochedo alto e bem de frente para o mar...

Vai, meu cavalo vai...

\* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FmliR2xIyGA>

## RESUMO

Preso, no fim dos anos 60, Joanides escreveu sua autobiografia, *Boca do lixo*, publicada em 1977, mais uma “radiografia histórica da Boca do Lixo” do que uma autobiografia, segundo ele, narrando sua trajetória no crime, o despejo das prostitutas da zona do Bom Retiro no ano novo de 1954 e analisando sociologicamente, num viés marxista não utópico e decadentista de involução do processo histórico, a malandragem, agregada em torno das prostitutas que reuniam trabalhadores e marginalizados na boemia da cidade. É considerado o introdutor do revólver no submundo paulistano, onde predominava o uso da navalha e do punhal. Seu livro é uma engenhosa construção literária para ao mesmo tempo entreter os leitores e desconstruir a lenda de “rei da Boca do Lixo” criada pela imprensa. A ironia e desdém com que narrou no livro a morte de um “caçador de bandidos” famoso por ter o “corpo fechado” aponta o contraste do autor com o meio iletrado do submundo paulistano, identificando-se com o projeto europeizante de modernização da cidade, não com a cosmovisão mágico-religiosa dos trabalhadores que a erguiam e que afluíam de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, formando e difundindo a Umbanda no eixo Rio-São Paulo, intimamente ligadas à noção de “corpo fechado”, criticada causticamente por Joanides. Apreciando a icônica figura (produto de exportação brasileiro) de Zé Pilintra, “gravata vermelha, terno branco e chapéu de banda” (ponto de umbanda), Exu, e da famosa Pombogira Maria Padilha, no contexto da *macumba paulista*, duas narrativas se cruzam, a do rei da Boca do Lixo no submundo paulistano, contada por Joanides, e a do rei da Boemia no espiritismo brasileiro, psicodramatizadas nas incorporações mediúnicas das *entidades*. Da cultura popular brasileira em formação no eixo Rio-São Paulo da primeira metade do século XX, emergiu a famosa entidade espiritual que incorpora nos médiuns dos terreiros de Umbanda e trás a linha dos malandros, o “rei da boemia, Zé Pilintra” (fins do século XIX – 1930), mestre juremeiro do sertão nordestino que foi para a cidade e se tornou doutor.

Palavras-chave: “Boca do lixo”, autobiografia de Hiroito de Moraes Joanides (1936-1992); São Paulo dos anos dourados; malandragem, prostituição e repressão policial; espiritismo e Umbanda.

## ABSTRACT

Imprisoned, in the late 1960s, Joanides wrote his autobiography, *Boca do lixo*, published in 1977, more a "historical radiograph of Boca do Lixo" than an autobiography, according to him, narrating his trajectory in crime, the eviction of prostitutes from the Bom Retiro area in the new year of 1954 and sociologically analyzing, in a non-utopian Marxist bias and decadentista of involution of the historical process, the rascality, aggregated around the prostitutes who gathered workers and marginalized in the bohemian city. It is considered the introducer of the revolver in the São Paulo underworld, where the use of the razor and dagger predominated. His book is an ingenious literary construction to at the same time entertain readers and deconstruct the legend of "King of the Mouth of garbage" created by the press. The irony and disdain with which narrated in the book the death of a "bandit hunter" famous for having the "closed body" points to the contrast of the author with the literate medium of the São Paulo underworld, identifying with the Europeanizing project of modernization of the city, not with the magical-religious worldview of the workers who raised it and who flocked from Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, forming and spreading to Umbanda on the Rio-São Paulo axis, closely linked to the notion of "closed body", criticized caustically by Joanides. Appreciating the iconic figure (Brazilian export product) of Zé Pilintra, "red tie, white suit and band hat" (point of umbanda), Exu, and the famous Pombogira Maria Padilha, in the context of the São Paulo macumba, two narratives intersect, that of the king of Boca do Lixo in the São Paulo underworld, told by Joanides, and that of the king of Bohemia in Brazilian spiritism, psychodramatized in the mediumistic incorporations of the entities. From Brazilian popular culture in formation on the Rio-São Paulo axis of the first half of the 20th century, the famous spiritual entity emerged that incorporates into the mediums of the terraces of Umbanda and brings the line of the rascals, the "king of bohemia, Zé Pilintra" (end of the 19th century – 1930), sworn master of the northeastern hintercountry who went to the city and became a doctor.

Keywords: "Boca do lixo", autobiography by Hiroito de Moraes Joanides (1936-1992); São Paulo of the golden years; mischief, prostitution and police repression; spiritism and Umbanda.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
Panis et circenses.....	15
Zona do Bom Retiro: segregação e confinamento das prostitutas.....	17
Radiografia histórica da Boca do Lixo.....	19
O sujeito histórico: Joanides e a mudança de paradigmas pós-68.....	21

### **Capítulo 1 - Formação da Boca do Lixo**

Reformismo urbano modernista.....	25
A incorporação da praça à cidade e a Praça Júlio Mesquita.....	28
Das vilas rurais de São Paulo à megalópole moderna capitalista.....	30

### **Capítulo 2 - Zé Pilintra e Maria Padilha: a macumba paulista**

Corpo-fechado: eixo Rio–São Paulo na religiosidade brasileira.....	33
Zé Pilintra – de mestre do catimbó da Jurema a rei da boemia.....	40
Dona Maria Padilha e sua quadrilha – Inês de Castro e sua dinastia.....	48

### **Capítulo 3 - Boca do Lixo - mundo à parte**

Reminiscências do escravismo e criminalidade.....	53
A cidade fremente e sensorial.....	56
Babel invertida.....	58
Ocidente e Oriente - os Joanides.....	59
Capela imperial e faroeste paulista.....	62

### **Capítulo 4 – Rei da Boca: da infância ao mergulho no submundo**

Infância e Juventudo: coca-colas, cervejas e materialismo histórico.....	71
Ginásio Machado de Assis – encontro com uma profissional do amor.....	73
Crime e castigo, o código de honra do “pedaço” e o de Joanides.....	75

Joanides, o japonês, e Nelsinho “da 45”, o judeu.....	82
Retorno à Curitiba - talento literário de Joanides.....	85
Vegetação, pobres mulheres e drogados.....	87
O Baixo mundo e a morte da utopia modernista da geração de 22.....	90
O livro <i>Boca do Lixo</i> .....	94

## **Capítulo 5 – Joanides e seu círculo social no submundo paulistano**

A fauna da tragicomédia.....	108
Comparsas antagônicas.....	110
Estratégias do lenocínio.....	113
Época de ouro na Boca do Lixo: os “anos dourados”.....	117
Boca do Hiroito, o japonês.....	122
As mulheres e Joanides no “pedaço”.....	135

<b>Considerações finais</b> .....	145
-----------------------------------	-----

<b>Referências bibliográficas</b> .....	150
-----------------------------------------	-----

## Introdução

Hiroito de Moraes Joanides, o rei da Boca do Lixo nas décadas de 1950-60, escreveu sua autobiografia na prisão e, após sete anos de detenção, publicou-a em 1977. O interesse da intelectualidade acadêmica da época pelas *camadas sociais desclassificadas no Brasil* também ocorre em Joanides, um escritor marginal (e um marginal escritor) que relatou o despejo das prostitutas da zona do Bairro do Bom Retiro e sua readaptação nos Campos Elíseos, da Luz à Pça. Júlio Mesquita, onde se formou a Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado. Esse topônimo popular, “Quadrilátero do Pecado”, evoca elementos pré-capitalistas, como a sedução da serpente e a expulsão do paraíso, motivos edênicos deveras judaico-cristãos ligados umbilicalmente à ideia bíblica do pecado original. A visão apocalíptica do destino humano - da história - assim marcada na origem pelo recalque do pecado, que devia ser um alerta e um freio, dialética e surpreendentemente, sublima-se num erotismo escatológico visceral e arrebatador no clímax do *Juízo Final*, que encerra a Bíblia, o Apocalipse, a *revelação* de João, o teólogo, apóstolo amado de Jesus, exilado em Patmos pelas autoridades do Império Romano durante o reinado de Tito Flávio Domiciano no fim do século I d. C. (81 -96):

Vi uma mulher sentada sobre uma besta cor de escarlata, cheia de nomes de blasfêmia, que tinha sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro, cheio de abominações, isto é, as imundícias da sua fornicação. Na sua testa estava escrito um nome: MISTÉRIO, A GRANDE BABILÔNIA, A MÃE DAS PROSTITUTAS E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA. Vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus. <sup>1</sup>

O anjo ainda explica a visão para João.

Todos eles entregaram seu poder e autoridade à besta [...].  
Mas serão derrotados pelos eleitos e pelo Cordeiro e “odiarão a prostituta” e a destruirão no fogo por ordem de Deus.  
A mulher que viste, é a grande cidade, que reina sobre os reis da terra. <sup>2</sup>

Eis que “a grande cidade” é personificada pela mulher, a grande Babilônia, a “mãe das prostitutas”, na narrativa ao mesmo tempo lúcida e alucinada de João sobre Roma em fins do século I. Sua visão apocalíptica sobre “a grande cidade” deveria se transmitir para outras cidades:

<sup>1</sup> *A Bíblia* (Apocalipse 17:3-6). Tradução de João Ferreira Almeida. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008; p. 1.110.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem*, (Apocalipse 17:18).

Eu, João, [...] estava na Ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. No dia do Senhor achei-me no Espírito e ouvi por trás de mim uma voz forte, como de trombeta, que dizia: Escreva num livro o que você vê e envie a estas sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. <sup>3</sup>

O Apocalipse encerra a Bíblia, na sequência dos Atos dos Apóstolos e das Cartas de São Paulo, de São Tiago, de São Pedro, de São João e de São Judas. Nos Atos, Lucas historia o assunto e a *lenda da conversão de Saulo ao cristianismo no dia 25 de janeiro* entre 33 e 36, que tanto inspirou o cristianismo medieval e os protestantes e os jesuítas, especialmente padre Manuel da Nóbrega, fundador da cidade de São Paulo neste mesmo dia do ano 1554. Essas correspondências mostram a amplitude geográfica da *rede urbana* e a importância estratégica e geopolítica das cidades na difusão do cristianismo: Cartas de São Paulo aos Romanos, Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, Tessalonicenses; além das Cartas Pastorais, para as comunidades cristãs e seus fiéis, e da Carta a Timóteo. A última carta de São Paulo é a Carta aos Hebreus, conhecida também como Carta aos Cristãos de Origem Judaica. Dois milênios depois, a visão de mundo austera, chocada com a decadência moral latina do Império Romano, chegou aos confins do mundo e inspirou o nome, provoador e insinuante, do local abordado por Joanides em *Boca do Lixo*, o Quadrilátero do Pecado da moderna cidade de São Paulo, nos “anos dourados”, segundo ele. Essa ideia de uma época de ouro, dos “anos dourados”, também é antiga, remontando a *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo (séc. VIII a. C.), visão nostálgica de um passado melhor do que o presente, a Era de Ouro que precedeu a decadência causada pelo tempo <sup>4</sup>. Na idade moderna e na contemporânea, São Paulo orbitou a atração pelo vil metal que, na busca do Eldorado, formou os epicentros demográficos de Potosí, nos séculos XVI e XVII (em torno da mina de prata que os incas não exploraram devido a um sonho de um imperador) <sup>5</sup>, e da Vila Rica de Ouro Preto, nos séculos XVIII e XIX. O impacto

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*; (Apocalipse 1:11).

<sup>4</sup> *A Relação entre Hesíodo e Daniel*. PUC-Rio. Disponível em: [Microsoft Word - 0410245-7\\_2006\\_cap\\_5.pdf.doc \(puc-rio.br\)](#)

<sup>5</sup> Há dúvidas sobre quem descobriu a prata de Potosí (que significa explosão), se os incas ou os espanhóis. Uma lenda diz que uma divindade, com um estrondo e uma voz vinda do céu, aconselhou os incas a não retirarem a prata dali. Com ou sem lenda, o certo é que eles tinham conhecimento do metal da montanha, mas não o retiravam. Já os espanhóis não ouviram os céus e o levaram em quantidades pantagruélicas, contando com a “ajuda” de escravos incas. Um número incalculável deles morreu durante a exploração, devido às condições de trabalho e aos mais diferentes acidentes, como soterramentos e quedas de grandes alturas, além da fome e das epidemias. As rebeliões eram contidas com violência. Eram milhares de homens quem em média, trabalhavam dezesseis horas diárias, cavando túneis e extraindo o metal. A pouca luz era garantida pela graxa de lhama que era queimada. Como se não bastasse, os trabalhadores moravam na mina por um período médio de quatro meses, com duas ou três saídas a fim de ver a luz do sol, o que muitas vezes acabava por cegá-los após o longo período de escuridão. Em Potosí, Bolívia, a ascensão e a agonia da mina que enriqueceu a Espanha - Sul 21

mercantil metalista foi tal que D. Quixote, de Cervantes, dizia sobre algo precioso demais: -“Vale um Potosi”! Agora, no século XX, com o “ouro verde”, o café, era a vez de São Paulo ser o sorvedouro da mão-de-obra e da carne humana. A combinação portuguesa de pioneirismo e cosmopolitismo já ensinara, no século XVIII, a primeira *explosão demográfica brasileira*, em Vila Rica <sup>6</sup>, a “corrida do ouro” que marcou a expansão paulista para o Oeste e antecipou em dois séculos nosso faroeste ao dos Estados Unidos.

São Paulo é do apogeu imperialista português, quando nasceu D. Sebastião, o esperado, neto do rei D. João III, o colizador, e Portugal conquistou a máxima extensão territorial de seus domínios. Após o reinado de D. Sebastião, Portugal foi anexado pela Espanha na dinastia Filipina e, mesmo com a restauração em 1640 e a dinastia de Bragança, sua burguesia, enobrecida desde a Revolução de Avis 1383-85, não era industrial, o que gerava enorme excedente de força de trabalho. Em 1690 havia uns 300 mil colonos portugueses no Brasil e, em 1720, dois milhões; levando D. João V a proibir a emigração no noroeste de Portugal. Essa “corrida do ouro” <sup>7</sup> capitaneada pelos luso-paulistas formou “a primeira verdadeira rede urbana da América Portuguesa” <sup>8</sup>. Elevada à cidade em 1711, São Paulo foi caindo na esfera do imperialismo inglês, mais e mais, devido ao tratado de Methuen (1703) e à abertura dos portos (1810). A riqueza colonial portuguesa direcionada nesse sentido se somou à concentração de capital que acabou por gerar a revolução industrial no fim do século XVIII.

<sup>6</sup> RANGEL, Ana Paula dos Santos. *Aspéctos da demografia escrava em Vila Rica 1755-1815*; Anaes do I Colóquio do LAHES – Laboratório de História Econômica e Social, Juiz de Fora, 2005. Disponível em: <https://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a6.pdf>

<sup>7</sup> MARTINS, Roberto Borges. *Vila Rica, vila pobre: dilemas de uma historiografia de aluvião*. UFMG. Foi durante todo o século XVIII e além dele, o símbolo da opulência – “um Potosi de ouro” – e a grande referência do Eldorado que incendiava as fantasias e a cobiça dos coloniais, dos portugueses e da Europa inteira. P. 3. Disponível em: [vila-rica-vila-pobre-dilemas-de-uma-historiografia-de-aluviao.pdf \(ufmg.br\)](#)  
Ver também: FONSECA, Cláudia Damasceno. *Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas*. Dossiê – Caminhos da História da Urbanização no Brasil Colônia, An. Mus. Paul. Vol. 20 nº1, São Paulo Jan/Jun 2012.

<sup>8</sup> LOTT, Miriam Moura. *A Vila Rica dos Tempos de Ataíde: sociedade e família*. UFMG. Vila Rica foi ocupada em fins do século XVII por paulistas, nordestinos e portugueses (lavradores, artífices, mineradores, pequenos negociantes etc.) que fundaram, inicialmente, povoados nos morros de São João, São Sebastião, Santana, do Padre Faria, Alto da Cruz, do Antônio Dias, do Passa Dez, do Caquende e do Ouro Preto. Estes vários arraiais desenvolveram-se ao longo do ribeirão do Tripuí, formando o núcleo urbano longilíneo de origem colonial que se transformou em “Vila Rica de Albuquerque” em 1711. Em meados do século XVIII, as minas começaram a exaurir-se (...). No último quartel do século XVIII a decadência da lida mineradora generalizou-se. Os mineiros passaram a procurar as poucas áreas de terra fértil na região das Minas ou dirigiram-se para leste, (...) para as áreas de plantio do sul ou demandaram os campos criatórios situados a oeste. (CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Roteiro Sagrado*. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Ed. Frâncico Inácio Peixoto, 2000 – p. 7. COSTA, Iraci Del Nero da. *Vila Rica: população (1719-1826)*. São Paulo: IPE-USP/FINEP, 1984, p. 15). Disponível em: [Miriam Moura.indd \(upo.es\)](#)

Após a Segunda Guerra Mundial, a Inglaterra cedeu espaço ao imperialismo yanque dos EUA e, agora, a moda era ditada por Holliwod e NY, como a política por Washington. O mero apelido de um dos personagens de *Boca do Lixo* – Joãozinho Americano – só pode ser entendido nesse contexto de secular dependência e submissão ao imperialismo estrangeiro. No século XX, o imperialismo inglês cedeu aos Estados Unidos, mas até hoje no Brasil muita coisa é “só para inglês ver”. O dinamismo automobilístico superou o ritmo da marcha das tropas de outrora e a demanda por pastos, ranchos e currais, tabernas e pousadas, deu lugar à crescente necessidade de hotéis, salões de beleza, bares, oficinas mecânicas e lojas de acessórios automobilísticos, tão presentes na região da Boca do Lixo (afinal, quem iria querer quebrar o carro ali sem um mecânico?). Mas antes do automóvel, a cidade já transmutava seus espaços públicos, num crescente afã modernista que se projetou sobre o Vale do Anhangabaú, ocupando a península entre ele, o Tamanduateí, o Tietê e o Pacaembu.

Tanto tempo passou e a atração pelo vil metal e pela carne, criticada austeramente por São Paulo e São João, diferentemente da temperança sábia e benevolente demonstrada por Jesus, carregou o estigma dos pecados capitais da cobiça, da avareza e da luxúria, fonte dos vícios e da delinquência, segundo os moralistas. Joanides presta um testemunho sobre o Quadrilátero do Pecado, a Boca do Lixo, e os desdobramentos, nos “anos dourados” (1950-60), de um dos episódios da longa cruzada do poder público contra as prostitutas e os vadios, que remonta ao final do século XIX. O título do artigo de Everton Behrmann Araújo sobre isso é, justamente, *Cruzada contra a boca do lixo: saberes e discursos na imprensa*.<sup>9</sup> A cidade de São Paulo tinha que ser a síntese do ideal ufanista de progresso nacional, a locomotiva do Brasil, sua capital metropolitana moderna, ideais conflitantes com a degradação moral da prostituição e do vício. A dissertação de mestrado em história social de Paula Karine Rizzo – *O Quadrilátero do Pecado: formação da Boca do Lixo em São Paulo na Década de 50*<sup>10</sup> - é um estudo bem embasado e organizado do assunto, recortando o tema de modo categórico, mas assim como outros autores, citando Joanides muito de passagem. O trotoir era a novidade do momento, como se vê na lista de imagens que abre a dissertação com títulos que físgam a curiosidade dos leitores. A originalidade de Joanides está em ser dos raros casos em que, no “encontro com o poder”, emergiu a palavra do marginal por si mesma, não nos meandros do discurso oficial do

<sup>9</sup> ARAUJO, Everton B. - Revista Sísifo – Feira de Santana – v. 1, n. 1 (2014-2017). Disponível em: [Cruzada contra a boca do lixo: saberes e discursos na imprensa | Revista Sísifo \(revistasisifo.com\)](http://www.revistasisifo.com)

<sup>10</sup> RIZZO, Paula Karine. O quadrilátero do pecado: A formação da boca do Lixo em São Paulo na década de 50. São Paulo, 2017 (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em <[pedhttps://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19884/2/Paula%20Karine%20Rizzo.pdf](https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19884/2/Paula%20Karine%20Rizzo.pdf)> Acesso em: 3 ago. 2017.

poder instituído. O modo frugal como Rizzo e outros autores citam Joanides deixa a desejar uma exposição mais completa. Compreensível, tendo em vista a documentação mais ampla que subsidiou a pesquisa dela:

[...] as monografias produzidas pelas assistentes sociais encontradas na biblioteca da PUC/SP, resultado de seus estágios como alunas da Escola de Serviço Social na década de 50, revelou-se material valioso, talvez, os únicos realizados diretamente com as prostitutas. São dezenas de dados e transcrições de relatos de vidas, ainda que, permeados por preconceitos e discriminações próprios aos discursos da época.<sup>11</sup>

As “monografias produzidas pelas assistentes sociais” seriam fonte mais “cúmplice de um puritanismo interessado” do que o testemunho de um bandido escritor. Para ela, a biografia de Joanides é uma fonte documental quando os documentos oficiais omitiram ou simplesmente não se importaram em registrar “as dinâmicas entre grupos e indivíduos que estavam inseridos em formas ilícitas de sobrevivência”<sup>12</sup>. A dissertação de Rizzo não é sobre Joanides, mas sobre a formação da Boca do Lixo e o Quadrilátero do Pecado e, se privilegia as fontes oficiais sobre o assunto, também diversifica a seriação documental.

A literatura [...] personagens da ficção como Paulinho Perna Torta do escritor João Antônio, o qual tem sua trajetória entrelaçada a história da zona do Bom Retiro e da Boca do Lixo, o elegante Mariano, cáfem eternizado pelo escritor Marcos Rey em *Memórias de Um Gigolô*, o cliente da zona confinada, narrado por Noto Sant’Anna na obra *Rua Aimorés*, são personagens que recriam o universo dos prostíbulos, os conflitos, as linguagens utilizadas, as músicas que tocavam nas rádios, as roupas e os modos, enfim, os relegados espaços de diversão das camadas populares da cidade. [...] Como definiu Antônio Candido sobre a obra de João Antônio: [...] “uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade, que de outro modo não poderia ser verificada”<sup>13</sup>.

O urbanismo pretensioso da elite paulistana na véspera dos seus quatrocentos anos não tinha como resolver a tempo a decadência instaurada no Bom Retiro desde o confinamento do meretrício em 1940, movido pela campanha de 1938 para a remoção das prostitutas do centro. Então, as despejaram de lá no começo de janeiro de 1954. Segundo Rizzo, o escritor João Antônio elaborou na ficção praticamente o mesmo universo descrito por Joanides em sua autobiografia, enquanto testemunha dos fatos narrados.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>13</sup> São estas as obras citadas por RIZZO, em sua dissertação: KALIFA, D. *Virilidades criminosas?* In: *História da Virilidade*. Direção de Alain Corbin, Jean Jacques Courtine, Georges Vigarello; Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 318. ANTÔNIO, J. *Contos Reunidos*. São Paulo, Cosac Naify. Espólio João Antônio. 2012. REY, M. *Memórias de um gigolô*. São Paulo. Companhia das Letras, 2003. SANT’ANNA, N. *Rua Aimorés*. São Paulo Tipografia Rossolillo, 1958. ANTÔNIO, J. *Malagueta, perus e bacanaço*. Prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. 4 ed. rev. São Paulo. Cosac Naify, 2004.

[...] apresenta os contrastes da cidade que chegava às comemorações do seu IV Centenário, marco na construção e cristalização da imagem paulistana em modelo de modernidade e locomotiva que impulsionava a nação e que por outro lado, era confrontada por outras realidades muito distantes dos propagados anos dourados embalados pelo *american way of life*. Nos mesmos dias em que esse discurso ufanista ecoava pela cidade, as prostitutas e os demais integrantes, expulsos da extinta zona confinada do Bom Retiro, migravam para os bairros da Luz, Santa Efigênia e Campos Elíseos, transformando a região em poucos meses no maior e mais conhecido território de prostituição e marginalidade de São Paulo: a Boca do Lixo.<sup>14</sup>

## Panis et circenses

A marcha da civilização latina foi sempre seguida pelo cortejo plebeu dedicado ao *entretenimento*, que partilha o butim das guerras. O conflito vinha de longe, desde o século XIX o meretrício concentrava-se na região central de São Paulo. Tentativas de criar regras e de expulsar suas (e seus) integrantes para longe da curiosidade se somaram:

Não só políticos, como também médicos, juristas, policiais, serviços assistenciais, entre outros, mobilizavam-se em torno de projetos que encontravam mais divergências do que consensos, por colocar em jogo uma questão ainda maior. Para decidir o destino das meretrizes e sua localização era necessário estabelecer a própria natureza da atividade e suas implicações éticas e jurídicas. Afinal, a prática da prostituição deveria ser proibida, regulamentada ou liberada? Os grupos dividiam-se em três posições. [...] proibicionistas [...] regulamentarismo [...], inspirado no modelo adotado pela França desde 1803. E, finalmente, os que rejeitavam a criminalização das prostitutas e seu confinamento, criticando a intromissão do Estado [...] contrário às liberdades individuais, defendendo, assim, o sistema abolicionista. Movimento originado na Inglaterra por Josephine Butler em 1874, o qual reivindicava a extinção da Polícia de Costumes, a não punição das prostitutas, como também a supressão dos registros oficiais e a luta contra os exploradores do lenocínio. Segundo o delegado Guido Fonseca em sua obra “História da Prostituição em São Paulo”, o primeiro projeto [...] na cidade data de 1879. O juiz e chefe de polícia João Augusto de Pádua Fleury afirmava que sua iniciativa era uma resposta aos reclamos da população.<sup>15</sup>

O inconveniente era mais “ser observado pelo público” do que a prostituição em si mesma, e seu regulamento era um limite aos excessos, apenas:

[...] distribuído pelas mulheres que escandalizam o público ou contra as quaes há queixas: tanto que apenas receberam o Regulamento duzentas e vinte mulheres públicas, em cujo número exerce supremacia as que habitam o célebre Becco dos Mosquitos, e as não menos célebres polacas.<sup>16</sup>

O alvo era o baixo-meretrício, conforme ressalta a historiadora Margareth Rago.

<sup>14</sup>RIZZO, op. cit., p. 21-22.

<sup>15</sup> RIZZO, op. cit., p.p. 25, 26.

<sup>16</sup> MOTTA, C. N. N. *Prostituição: polícia de costumes: lenocínio*. Revista da Faculdade de Direito de São Paulo, v. 5, p.307-322, 1897; - in – RIZZO, op. cit., p. 29.



Ao analisar a prostituição elegante da *Belle Époque* paulistana entre 1890-1930, realça que a busca pela regulamentação do meretrício recaía justamente sobre a parcela pobre das prostitutas. Estabelecia-se o confinamento do comércio do prazer, mas não aquele provindo da prostituição de luxo:

Desta forma, [...] o foco não era a prostituição mantida por chiques cafetinas em apartamentos e *rendez-vous* refinados, espalhados por todos os cantos da cidade atendendo políticos, fazendeiros, empresários e profissionais liberais, como advogados e médicos, entre outros. As medidas adotadas visavam [...] a prostituição visível na paisagem, em bares e esquinas, composta por mulheres e homens pobres, espaço de diversão frequentado pela chamada ralé da sociedade <sup>17</sup>.

Fundamental a observação de Margareth Rago sobre a regulamentação insidir justo sobre as prostitutas mais pobres. Com o alargamento da Praça da Sé em 1911, eliminando as antigas vielas e becos que reuniam o meretrício paulistano, o “ponto” foi transferido para o Anhangabaú, no Largo do Piques. Sarah Feldman analisa:

Com relação ao centro novo, o plano explicita seu objetivo de possibilitar o crescimento da área central em direção à Praça da República, eliminando usos “pouco rentáveis” e “zonas deterioradas” [...]. Toda a zona que se estende da Luz ao Arouche e até a Consolação é colocada como a melhor área para desenvolvimento do comércio, pelas facilidades de comunicação em todas as direções e com o Triângulo. Nesse sentido, particular interesse se revela no plano pela área de Santa Ifigênia – maior concentração de prostituição do período [...]. A Avenida Timbiras, que atravessa o bairro de Santa Ifigênia, passaria [...] a constituir a “futura espinha dorsal norte-sul da cidade” <sup>18</sup>.

O artigo da “Folha da Manhã”, de 17/10/1936 é flagrante:

Há na Capital uma zona de meretrício. Era na antiga rua de S. José, depois Líbero Badaró. Passou-se, depois para Senador Feijó. Desta para Tymbiras, Ipiranga, Amador Bueno, etc. Agora avança para os lados da Luz. Com o plano de prolongamento da Tymbiras até a Luz a Prefeitura conseguiu há uns dois anos atrás, limpar essa via pública, dali fugindo o meretrício. [...] Quem passa de ônibus junto ao antigo Hotel Suisso, assiste, sem querer, as cenas degradantes, como fomos testemunhas uma noite destas, E o ônibus “circular” estava repleto de famílias. A polícia de costumes precisa acabar com a zona do meretrício, regulamentando melhor o problema, consoante o progresso a que já atingimos. São Paulo, metrópole civilizada, já não comporta taes bairros, onde moram o vício e o crime. <sup>19</sup>

<sup>17</sup> RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 133.

<sup>18</sup> FELDMAN, S. *Segregações espaciais urbanas: a territorialização da prostituição feminina em São Paulo – 1924 a 1970*. Dissertação de Mestrado: FAU/USP, São Paulo, 1989, p. 68.

<sup>19</sup> Jornal “Folha da Manhã” – 17/10/1936 – in – RIZZO, op. cit., p. 31.

## Zona do Bom Retiro: segregação e confinamento das prostitutas

Outro autor a escrever sobre o assunto foi Enio Rechtman, em sua dissertação de pós-graduação pelo Centro de Estudos Árabes e Judaicos do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP: *Itaboca, rua de triste memória: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento*<sup>20</sup>. Seu questionamento vai, exatamente, na direção de buscar os motivos pelos quais foi estabelecido o confinamento das prostitutas pelo Estado, no período de 1940 a 1953, com abordagem bem original ao demonstrar o quanto a posterior ação oficial de apagar a memória da zona de confinamento é reveladora.

O Bom Retiro, conhecido como “bairro-judaico”, [...] região ocupada por imigrantes de origem humilde e [...] mascates e prostitutas – que na época eram popularmente conhecidas como “polacas” [...] foi escolhido pelo interventor Adhemar de Barros para confinar a Zona do Meretrício da cidade, que entre 1940 e 1953 ficou sob controle do Estado de São Paulo, revelando conflitos e resistências por parte da organizada comunidade judaica local. A principal rua que abrigava as “casas de tolerância” chamava-se Itabocas, mas, devido à má fama, após o fechamento da Zona, um projeto de lei impôs a mudança de nome.<sup>21</sup>

Rechtman indica o silêncio que pairou sobre o confinamento, por parte da sociedade:

Após longo período, o Estado decretou o fim da Zona, espalhando a questão para toda região dos Campos Elíseos e adjacências. O confinamento não foi noticiado pela imprensa, somente o artigo da Revista *Shalon* de março de 1975, somado a alguns depoimentos pode constatar tal confinamento, além da pesquisa de Guido Fonseca em História da Prostituição em São Paulo.<sup>22</sup>

Acrescenta, ainda, os seguintes anexos:

### O rabino e as prostitutas judias

O rabino Henry Sobel prepara-se para inserir nos cursos para adolescentes de história do judaísmo as desventuradas das “polacas” que reinavam os mais finos bordéis paulistanos no século passado. Esse detalhe da história paulistana era, até pouco tempo atrás, mantido em segredo pela comunidade, envergonhada do passado.

Criado em Manhattan, o rabino envolveu-se diretamente no drama daquelas “polacas”, todas judias, muitas delas religiosas. Como estavam impedidas de serem enterradas num cemitério judaico (e até de rezar na sinagoga), as prostitutas compraram um terreno em Santana, onde descansaram em paz até o local ser desapropriado pela prefeitura, em 1972.

Os restos mortais foram transferidos para o Cemitério Israelita do Butantã, mas marginalizadas, elas continuaram na clandestinidade. Na lápide, apenas um número, nenhum nome. Com base em pesquisas históricas, Sobel ajudou na identificação,

14 RECHTMAN, E. *Itaboca, rua de triste memória: imigrantes judeus no bairro do Bom Retiro e o confinamento*. [https://teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=77A831FECED7&lang=pt-br](https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=17&Itemid=160&id=77A831FECED7&lang=pt-br)

<sup>21</sup> Idem, ibidem; p. 3.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 89.

defendeu a inscrição dos nomes e realizou uma cerimônia, uma espécie de bênção tardia. “Não aprovamos a prostituição, mas essas mulheres são filhas de Deus”.<sup>23</sup>

Trágicas itervenções do poder público para o avanço do progresso e do bem comum, da civilização. Não é possível afirmar que a situação tenha evoluído significativamente desde o Código Penal de 1890, que criminalizava a exploração da prostituição, até então concentrada no centro velho. O problema se arrastou e avolumou com o crescimento urbano até a drástica “solução” do confinamento durante o Estado Novo. Em 1951, o Governador Lucas Nogueira Garcez determinou a planificação das ações em relação à prostituição e, em 14 de agosto de 1952, lançou a campanha para Recuperação Social e Moral da Mulher, na qual o Serviço Social do Estado constatou os malefícios da segregação (hoje, internacionalmente reconhecidos), o alto índice de toxicômanos, alcoólatras e psicopatas. Levantou-se a existência de 142 bordéis com 1384 mulheres fichadas e cerca de 20 mil clandestinas que praticavam o “trottoir”. Dois centros de reabilitação foram abertos em agosto de 1952. O secretário da segurança proibiu o registro de meretrizes, fechou casas fora da zona e processou os responsáveis, além de proibir a abertura de novos bordéis. Até 1953, foram fichadas cerca de 54 casas de tolerância fora da zona segregada. Nesta, 14 bordéis, 83 hotéis e 27 casas clandestinas. O governador anunciou oficialmente, pela televisão, o fechamento da zona de meretrício, em 30 de dezembro de 1953.

Ainda outro estudo sobre o assunto é a tese de mestrado de Liziane Peres Mangili – *Transformações e Permanências no Bairro do Bom Retiro, São Paulo (1930-1954)*<sup>24</sup>, defendida no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos (USP). Tais estudos dão conta do contexto do confinamento da zona do Bom Retiro, do seu fim e da formação da Boca do Lixo, porém mencionam Joanides apenas de passagem sem aproveitar plenamente o manancial histórico da sua autobiografia e sua perícia no assunto. Walter Benjamin, entre as duas Grandes Guerras Mundias, foi quem primeiro notou a falta de *grandes escritores* que precedeu a emergência do *perito*, o *intelectual específico* que Foucault observou já na década de 1960, o especialista.

---

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 114.

<sup>24</sup> MANGILI, Liziane Peres; *Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954)*. São Carlos, 2009. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Disponível em: <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17072009-092245/publico/liziane\\_peres\\_mangili.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17072009-092245/publico/liziane_peres_mangili.pdf)>. Acesso em: 3 set. 2017.

## Radiografia histórica da Boca do Lixo

Nas primeiras décadas do século XX, a carnificina e a mortandade da Primeira Guerra e da gripe espanhola instigaram ao máximo o instinto de sobrevivência e a produção artística reagiu com toda sua vitalidade. De fato, a macabra sinergia entre Eros e Tanatos, em 1919, com a aceleração das comunicações pela mecanização da imprensa, da fotografia, do automóvel, do rádio, do cinema e do avião, em plena pandemia de gripe espanhola, deu à luz o movimento surrealista. Breton escreveu-lhe o manifesto em 1924, mas, antes mesmo disso, a *Semana de Arte Moderna* de 1922, em São Paulo, marcando as comemorações do *Centenário da Independência do Brasil*, nele se inspirou. Apesar do grande Manuel Bandeira não ter participado diretamente, a recitação de seu poema *Os Sapos*, do livro *Carnaval* (1919)<sup>25</sup>, no qual o poeta representa as tendências literárias e o parnasianismo da sociedade culta brasileira como os diversos tipos de sapos do brejo deslumbrados com a luz dos salões, naquela eufórica festa pós-guerra e pós-pandemia, foi o cúmulo da provocação. Contudo, Mário de Andrade, um dos principais organizadores da Semana de 22 (e da missão de pesquisa folclórica de 1937), mais tarde, protestaria contra a proliferação de protagonistas fracassados na produção literária de então (*A elegia de abril*, artigo, revista *Clima*, maio de 1941, primeiro número). Mário desaprova um “herói novo, protagonista de nossos melhores romancistas atuais: o fracassado”. Totalmente distinto do seu herói sem caráter, *Macunaíma*, escrito em 1927 e publicado em 1928.

Não é o caso de Joanides. Como veremos, ele resistiu ao fracasso até o fim. Escrever e publicar *Boca do Lixo* e não ter morrido de causa violenta foram os últimos atos dessa resistência. Trocou o revólver pela literatura e as balas disparadas e coronhadas, pelas palavras francas e contundentes direcionadas aos leitores. Também resistiu à tentação do papel de personagem principal e aos limites do gênero biográfico, em busca de realizar mais uma “radiografia-histórica” da Boca do Lixo do que uma biografia.<sup>26</sup> Para situarmos historicamente o território da Boca do Lixo, é preciso observar o deslocamento da prostituição e da boemia conforme os períodos históricos da cidade: do Caminho do Mar no distrito da Glória (atual bairro da Liberdade) para o Bom Retiro e dali para os Campos Elíseos, na evolução histórica da qual emerge a moderna São Paulo. Janice Theodoro da Silva abrangeu tal processo de longa duração em *São Paulo 1554-1880: discurso ideológico e organização espacial*:

Durante os primeiros séculos de sua história, os paulistas [...] não se preocupavam com a delimitação das propriedades, utilizando constantemente para pasto de seus animais enormes áreas devolutas existentes ao longo das estradas ou ao redor da cidade. Até mesmo aqueles que detinham títulos de posse permitiam que os tropeiros

<sup>25</sup> BANDEIRA, Manuel; *Carnaval*. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1919.

<sup>26</sup> JOANIDES, Hiroito de Moraes; *Boca do Lixo*. 3 ed. São Paulo: Edições Populares, 1977.

se utilizassem, em viagem, de suas pastagens.

Contudo, [...] no século XIX rompe-se esse equilíbrio, instaurando-se a luta pela *propriedade*. Cada indivíduo procurava da sua forma apossar-se de alguma terra que, futuramente, poderia ser revendida com lucro. Essa corrida foi de tal modo intensa que obrigou o Governo Provincial a tomar na mão as rédeas do processo. [...]

O Estado [...] foi obrigado a aumentar seu grau de interferência nos negócios privados, o que gerou com frequência conflitos de poder. A situação era complexa, na medida em que muitas vezes o papel do Estado era assumido pelo proprietário, que garantia, por exemplo, o uso público de determinada área privada, dificultando a legitimação do poder. [...]

O comércio interno de gado definiu – durante pelo menos dois séculos e meio – as formas de apropriação do espaço urbano. E nesse contexto, as pastagens constituíram-se no *meio* através do qual se tornava possível chegar aos *centros comerciais*.<sup>27</sup>

A cidade moderna apagou quase totalmente sua origem caipira e pouco restou do seu quadro rural inicial. Janice analisou esse processo com nítida inspiração na obra da maturidade de Friedrich Engels, *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, de 1884, baseado parcialmente em anotações de Karl Marx e no clássico do antropólogo norte-americano Lewis H. Morgan, *Ancient Society* (1877). Se neste quadro, a questão da *propriedade* quase sempre era vista *na ótica do tropeiro*, que em determinado local construía seu rancho, no século XIX novas ocupações da terra e o crescente mercado capitalista tornam a *propriedade privada uma possibilidade do lucro*. Isso exigiu um novo papel do Estado, antes mais fiscalizador dos impostos arrecadados em grande parte no comércio:

Obrigado a zelar pela manutenção da propriedade privada, o Estado assume, definitivamente, a tarefa de urbanizar a cidade. Desta forma, altera-se o padrão de interferência do Estado no desenho da cidade. A desapropriação, por exemplo, com pouco sentido no século XVIII, torna-se uma das formas de que a municipalidade lançará mão para retificar os traçados das ruas ou, ainda, para realizar obras de infra-estrutura urbana. [...]. As desapropriações vão representar [...] a ideia de que os interesses do Estado estão acima dos interesses individuais.<sup>28</sup>

Exatamente o caso do despejo das prostitutas do Bom Retiro, ainda mais que as propriedades individuais em questão estavam na posse justo dos despossuídos, ou melhor, das despossuídas, habitantes locais de fato. A multiplicidade de mulheres descrita por Joanides veio de onde? As vilas rurais e aldeias que São Paulo, elevada à cidade em 1711, conectava, abrangiam o Guará (Luz e Bom Retiro), na Ponte Grande ao norte, São Miguel de Ururá, Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos, no alto Tietê ao leste, Santo André da Borda do Campo, no Geribativa-Açu (Rio Grande da Serra) ao sudeste, Aldeia de Pinheiros, ao oeste, e Aldeia de Santo Amaro ao sudoeste no Geribativa (Rio Pinheiros), além

---

<sup>27</sup> SILVA, Janice Theodoro da; *São Paulo 1554-1880: discurso ideológico e organização espacial*; editora Moderna, São Paulo, 1984; p. 143.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. p. 144, 145

das freguesias da Nossa Senhora da Esperança (Freguesia do Ó) e da Lapa, no baixo Tietê ao noroeste, rumo às aldeias do Jaraguá – o “senhor do vale”, e aos sertões do extremo Oeste. A explosão demográfica que preencheu esta rede de vilas e aldeias coloniais na primeira metade do século XX supriu de “recursos humanos” a desumana exploração da prostituição pelos cafetões, cafetinas e rufiões de que fala Joanides em *Boca do Lixo*.

### **O sujeito histórico: Joanides e a mudança de paradigmas pós-68**

Até o século XIX, a atividade econômica paulistana era subsidiária da “mobilidade dos tropeiros” e das monções. Barcos partiam do Porto Geral do rio Tamanduateí pelo Tietê adentro em busca do Guairá, do Paraguai, de Santa Cruz de la Sierra e Potosí, o *eldorado*. Eldorado: tema de *Visão do Paraíso - os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1958), de Sérgio Buarque de Holanda, tese defendida no concurso de cátedra de História da Civilização Brasileira da USP, em 1958, e publicada nos anos em que Joanides ingressava no crime. Joanides abordou em seu livro, de seu prisma pessoal *out sider*, justamente os novos objetos do interesse da academia pós-anos 60, apontados por José Adil Blanco de Lima em *A atualidade de Visão do Paraíso* para mostrar a mudança radical de paradigmas: *intenções, vontades, desejos, motivos, sentimentos*. Não à toa, vários estudos sobre o submundo paulistano têm citado Joanides, pois a publicação de *Boca do Lixo* antecipa em quase uma década esse “estudo da consciência” e “reabilitação da parte explícita e reflexiva da ação humana”, “sob o signo da subjetividade e da individualidade”, “virada das ciências humanas em direção a um novo paradigma” desde a valorização da “participação do sujeito histórico”. *Boca do Lixo* é um livro de *ação e reflexão* sobre a *consciência*, no qual Joanides defende sua *individualidade* a partir de seu ponto de vista subjetivo contra sua própria lenda, construída pelo sensacionalismo dos jornais ao gosto popular. Foi, então, duplamente sujeito histórico: na ação e na narração. Ou seja, apresenta todos os atributos interessantes ao novo paradigma das ciências humanas que se formava.

Em suma, era o contexto pós-anos 60, onde novos grupos étnicos, sociais e sexuais passavam a ganhar espaço e participar da vida pública, trazendo consigo novas questões e reivindicações [...] e busca de novas linguagens [...] uma ampla gama de excluídos (mulheres, negros, escravos, homossexuais, trabalhadores, prisioneiros, loucos, crianças, etc.) reclamando seu espaço na história social do país.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> LIMA, José Adil Blanco de; *A Atualidade de Visão do Paraíso*; p. p. 5, 6, 7. Disponível em:

Mas, a mitificação dos “reis” da Boca do Lixo transparece no tom do relato, pois era social e o próprio Joanides desfrutou dela. O Quadrilátero do Pecado era o novo Bom Retiro onde as sereias seduziam com prazeres paradisíacos e demoníaca luxúria. Nos “anos dourados” paulistano, a própria cidade oferece a miragem do eldorado que, em tempos coloniais, levou aos sertões viajantes em busca de riquezas. Esgotadas as minas de metais preciosos e desvendados os sertões por ferrovias e rodovias, a mistificação seguiu a acumulação do capital nas grandes metrópoles, e o anseio profundo pelo *paraíso terrestre* e pela *grande prostituta* formaram, em São Paulo, o Quadrilátero do Pecado. Mas “tudo o que é sólido desmancha no ar” e a moda agora é ditada pelos Estados Unidos, a América:

Pelo caminho perdemos até o direito de nos chamarmos *americanos*, embora os haitianos e os cubanos já estivessem inscritos na História, como novos povos, um século antes que os peregrinos do *Mayflower* se estabelecessem na costa de Plymouth. Agora, para o mundo, América é tão só os Estados Unidos, e nós quando muito habitamos uma sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade.<sup>30</sup>

Tomando de assalto o texto de Joanides, o próprio autor definiu seu livro como entretenimento (e testemunho fiel dos fatos narrados). E, como vimos, também o definiu como uma “radiografia-histórica da Boca do Lixo”. Mas sua narrativa vai entremeando ao constante cientificismo cético uma série de referências literárias que vão de Homero a Bocage, Cervantes, Shakespeare e Augusto dos Anjos, com ironia e lirismo. Assim, sua radiografia histórica da Boca do Lixo foi refratada neste prisma mítico-poético de referências literárias. Até o começo de 1954, para ele, jovem, o “canto das sereias” vinha da zona do Bom Retiro. Com o despejo delas logo no ano novo, migrou paulatinamente para os Campos Elíseos (outra referência mítica grega). Nesta geografia quase lendária, Joanides seguiu a migração da prostituição, das sereias, presa da beleza feminina e sua atração erótica. A trama da sua narrativa primou pelo realismo para desconstruir, causticamente, a própria lenda. Em meio à decadência geral, endereçou críticas aos costumes e crenças vigentes em seu meio social iletrado e marginalizado, porém, não seriam estes os seus possíveis leitores. Mas esse desnível potencializa seu texto em proveito da crítica literária e histórica. Joanides e o canto das sereias, ora Quixote e Romeu, faz pensar

---

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300463061\\_ARQUIVO\\_AAAtualidadedeVisaodoParaíso-ANPUH.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300463061_ARQUIVO_AAAtualidadedeVisaodoParaíso-ANPUH.pdf)

<sup>30</sup> GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. LPM, São Paulo, Biblioteca do Exilado, Montevideu, 1970; p. 10. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/As-Veias-Abertas-da-America-Latina.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/As-Veias-Abertas-da-America-Latina.pdf) > Acesso em: 4 mar. 2017.

sua saga como uma Odisseia e a cidade de São Paulo como um arquipélago.

Na São Paulo que exaltava o progresso e a modernidade, celebrava-se a demolição do Colégio Jesuíta e a descoberta da parede de taipa original, relíquia arqueológica; o traslado dos restos mortais da imperatriz Leopoldina para o Altar da Pátria do Monumento do Ipiranga e o papel central de São Paulo na independência do Brasil; a inauguração do Parque do Ibirapuera nos jardins ao redor do viveiro de mudas de Manequinho Lopes, assinalando a modernidade paulistana com a assinatura do arquiteto Oscar Niemeyer; a II Bienal no antigo MASP, em dezembro de 1953, com trinta e oito países e importantes retrospectivas do cubismo e do futurismo, sucedidas pela exposição, nos meses seguintes, dos painéis de Portinari para a ONU e projetando mundialmente o status e cosmopolitismo de São Paulo. Não se recordavam, nas crônicas oficiais, os pontos baixos, a Boca do Lixo, a prostituição e o adensamento populacional entre as várzeas e os trilhos. No submundo paulistano das crônicas de Joanides, o ano de 1954 é lembrado pelo violento despejo das prostitutas da zona do Bom Retiro, nas ruas Aimorés e Itaboca. As celebrações monumentais do Quarto Centenário sequer são mencionadas por Joanides.



## Capítulo 1

### Formação da Boca do Lixo

*... “que pertencessem à essas milhares de existências destinadas a passar sem deixar rastro; que houvesse em suas desgraças, em suas paixões, em seus amores e em seus ódios alguma coisa de cinza e de comum em relação ao que se considera, em geral, digno de ser contado; que, no entanto, tivessem sido atravessadas por um certo ardor, que tivessem sido animadas por uma violência, uma energia, um excesso na malvadeza, na vilania, na baixeza, na obstinação ou no azar que lhes dava, aos olhos de seus familiares, e à proporção de sua própria mediocridade, uma espécie de grandeza assustadora ou digna de pena”...*

A vida dos homens infames (Michel Foucault)

## Reformismo urbano modernista

O tempo que levou dos fatos vividos por Joanides até a publicação do seu livro corresponde, aproximadamente, ao período da demolição e reedificação do marco fundador de São Paulo, o Pátio do Colégio, entre 1953 e 1979. Duas décadas e meia de obras em torno da parede de taipa de 1585, para simular a arquitetura seiscentista original. Nesse meio tempo, o traslado dos restos mortais da imperatriz Leopoldina, em 1954, preparou o de D. Pedro I, em 1972. *Boca do Lixo* é a narrativa de um mundo isolado, que não comemorou o Quarto Centenário da cidade de São Paulo. Joanides foi um dos membros da sua “Casa Real”. Enquanto isso, a elite da cidade se reconciliava com as próprias origens pela aura da relíquia arqueológica de taipa emergida dos escombros do Colégio demolido e glorificava seu protagonismo na independência do Brasil com o traslado dos restos mortais do casal imperial para o Altar da Pátria. Enquanto tais ressignificações da memória da cidade se processavam na colina histórica e no Ipiranga, seu desentendimento congênito com os excluídos, deslocado da Liberdade para o Bom Retiro, migrava, agora, para a Boca do Lixo nos Campos Elíseos, após o violento despejo das prostitutas no começo de 1954.

Um processo diferente do ocorrido no Rio de Janeiro, onde o Morro do Castelo foi totalmente arrasado após a demolição da igreja jesuíta para modernização da então capital do Brasil e comemoração do *Centenário da Independência* numa *Exposição Universal*, São Paulo passou por reformas urbanas análogas. No Rio, a lenda do tesouro escondido pelos jesuítas nos subterrâneos da igreja atizou a cobiça e suscitou grandes polêmicas, durante as obras faraônicas para modernização do centro histórico, com o despejo dos pobres do Morro do Castelo documentado nas crônicas jornalísticas de Lima Barreto e João do Rio. O ritmo das obras para apagar o passado colonial a tempo do centenário foi intenso e sua escala, faraônica. Restou o morro Cara de Cão, onde a cidade começara em 1565, antes da expulsão dos franceses. Mas, seu efetivo centro histórico, área escolhida em 1567 para o Rio de Janeiro – o morro do Descanso (conhecido também por Alto da Sé, Alto de São Sebastião e, ultimamente, morro do Castelo) foi reconfigurado e sua histórica feição colonial, apagada de vez da paisagem urbana. Lima Barreto, então, morreu.<sup>31</sup>

Em São Paulo, um morro já fora arrasado bem antes, em meados do século XIX, o Morro da Forca. Mudou-se, então, o nome dessa primeira periferia de São Paulo, de distrito da

<sup>31</sup> Essa tragédia épica é contada no documentário de Sinai Sganzerla - *O Desmonte do Monte* -, 2017, com citações de *O Subterrâneo do Morro do Castelo*, de Lima Barreto, sobre a lenda do tesouro escondido. Disponível em: [Q Desmonte do Monte \(2018\) - YouTube](#)

Glória para bairro da Liberdade, por extensão do chafariz e da rua que homenageavam o levante popular carioca que expulsara D. Pedro I, em 1831, e do liberalismo na cena política mundial, brasileira e paulista <sup>32</sup>. O povoamento estrangeiro, até então concentrado na Liberdade, se estendeu ao restante da cidade, Ipiranga, Moóca, Aclimalção, Bixiga, Brás, Pari, Armênia, Luz, Bom Retiro, Barra Funda, Lapa, Perdizes, Pinheiros, Jardins... Com moradias populares pelas várzeas do Tamanduateí e do Tietê e a “cidade alta” ocupando o espigão da Avenida Paulista.



Morro da Forca e Santa Cruz dos Enforcados em 1874. Desenho de Pedro Alexandrino Borges (1864-1942) <sup>33</sup>

No século XX, os vazios entre a colina histórica e as antigas freguesias do século XVI foram preenchidos, ao sabor da especulação imobiliária fomentada pelo consórcio de Estado e empresas estrangeiras na implantação dos serviços públicos demandados por tal explosão demográfica. A feição colonial das vilas rurais da cidade de São Paulo foi apagada, mas faltava demolir o velho Colégio jesuíta. Não havia nenhuma lenda de tesouros ocultos, como na Igreja jesuíta carioca, o tesouro achado pelos paulistas foi outro, uma relíquia arqueológica, a ruína da parede de taipa original que emergiu dos escombros da demolição. É nesse contexto da primeira metade do século XX que a família de Joanides, de imigrantes gregos do Paraná vindos de

<sup>32</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista*. Revista USP, N. 63, 2004, Dossiê 450 anos de São Paulo; p. 16-35. Disponível em:

[A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista | Revista USP](#)

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*. Para um menino de dez anos de idade, Pedro Alexandrino revelou-se desenhista precoce, como mostra sua ilustração do Morro da Forca e Santa Cruz dos Enforcados. Viveu até os setenta e oito; quase contemporâneo de Joanides; p. 20.

Morretes e Curitiba, radicou-se em São Paulo, no bairro de Pinheiros. E Hiroito foi transferido do Colégio Parthenon para a Escola Estadual Machado de Assis.

O auge da ostentação do poderio da elite paulista no Centenário da Independência em 1922, “nos frementes anos 20”<sup>34</sup>, arrefeceu por longo tempo após a crise de 1929, adiando sucessivos projetos de diferentes arquitetos e prefeitos até que, já na década de 50, na véspera do Quarto Centenário de São Paulo, o escritório de Oscar Niemeyer concretizou o velho sonho do Parque do Ibirapuera. Depois da Semana de Arte Moderna de 22, no contexto da construção do Teatro Municipal, do Palácio das Indústrias e do Monumento do Ipiranga para comemorar o Centenário da Independência, agora, no Quarto Centenário em 1954, tratava-se de consagrar de vez a modernidade da cidade e apagar sua origem jesuíta; como o Rio de Janeiro fizera já na década de 20. Investimentos massivos no Ibirapuera e na Cidade Universitária, adjacente ao Instituto Butantã (no sítio do primeiro engenho de açúcar de São Paulo), foram sincronizados com o projeto de demolição do colégio jesuíta para que 25 de janeiro de 1954 marcasse a nova era da cidade totalmente *moderna*. Mas, o achado arqueológico acabou sendo mais moderno do que apagar a memória e negar as origens. De qualquer maneira, essas colossais transmutações urbanas da modernidade e a ruptura com o passado rural caipira fizeram da própria cidade o tema principal e a fonte do que se considerava *moderno*. A contraposição do urbano ao rural no afã modernista atinge, em meados do século XX, seu clímax narcisista. Segundo Eduardo Paulo Girardi (UNESP, 2008):

Como consequência do processo de industrialização e modernização da agricultura no Brasil a partir da década de 1960 a população brasileira deixou de ser predominantemente rural no período 1960-1970. [...] Com a urbanização crescente [...] a taxa de urbanização em 1970 era de 55,9%. [...] Para este processo contribuiu o intenso êxodo rural e [...] o grande crescimento vegetativo da população. [...] o Sudeste, que é a região onde a urbanização é mais intensa [...] foi a que ganhou mais habitantes nas zonas urbanas, com um acréscimo de 54.720.782 habitantes [...] As maiores taxas de urbanização são verificadas na área centralizada por São Paulo e que se estende para Estados do Centro Oeste, Sudeste e Sul.<sup>35</sup>

São Paulo, portanto, foi o epicentro da urbanização generalizada da população brasileira durante o século XX, enorme sorvedouro da mão de obra de diferentes povos e lugares, Babel invertida, nova Roma, na apoteose da celebração e elaboração da própria

<sup>34</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole - São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. Companhia da Letras, São Paulo, 2014. Tese de livre docência.

<sup>35</sup> GIRARDI, Eduardo Paulo. *O Rural e o Urbano: é possível uma tipologia?* Presidente Prudente, 2008 (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista; p. p. p. 11, 12, 15, 17. Disponível em: < <http://www.fct.unesp.br/nera/atlas> >. Acesso em: 18 mai. 2017.

identidade. Mas, diferente dos cariocas do começo do século XX, os paulistanos da década de 1950, no último instante antes de apagar a própria origem, voltaram atrás, em função de um achado arqueológico, uma ruína, então exposta como relíquia e símbolo da identidade paulistana em elaboração.

### **A incorporação da praça à cidade – a Praça Júlio Mesquita**

Triangular, a Praça Júlio Mesquita no Quadrilátero do Pecado não parece, contudo, nada cabalista nem católica. O nome foi conferido à antiga Praça Vitória em 1927, após a morte do jornalista e político. A Praça Vitória, em homenagem ao feito militar da Guerra do Paraguai (1864-1870), era um resultado incidental do alargamento da Avenida São João, em 1911, e da triangulação com a Rua Vitória e a Alameda Barão de Limeira.<sup>36</sup> O advento das praças na paisagem urbana de São Paulo remonta a meados do século XIX, conforme demonstrado por Janice Theodoro da Silva.

É neste contexto, típico do século XIX, que a *praça* é incorporada à cidade com o significado que conhecemos hoje. O Estado, repartindo as terras em públicas e privadas, deixa lugar para as praças [...]. Ao mesmo tempo em que a municipalidade procura deixar lugares para a construção de praças públicas, observa-se um processo paralelo no sentido de se construir uma *praça comercial* para organizar o comércio.<sup>37</sup>

A praça comercial é concebida como *bem comum*:

A construção da *praça comercial* caracterizava a maneira através da qual o Estado delegava ao poder privado, autorização para uso, por tempo determinado, de um *espaço público*. Em troca da concessão, o Estado recebia, cumprido o prazo estipulado por contrato, o edifício.<sup>38</sup>

Ao mesmo tempo em que Estado e iniciativa privada formam um consórcio através de contratos de concessão, outras regulamentações eram articuladas sob a ação de peritos. A longa duração recortada por Janice Theodoro revela mudanças de significado das instituições e das noções de *ordem* e *bons costumes*, que alicerçaram as medidas tomadas pelo Estado. A professora mostra com clareza didática a trama concreta e ideológica destas mudanças e a

<sup>36</sup> Obras de alargamento da Avenida São João, executadas em 1911, haviam resultado na abertura de uma praça de formato triangular, delimitada pela Rua Vitória, Alameda Barão de Limeira e a própria São João, denominada Praça Vitória — uma homenagem à Guerra do Paraguai. Por razões desconhecidas, abandonou-se o projeto de implantação da Fonte Monumental em frente à Catedral, optando-se pela Praça Vitória, medida que também visava ao embelezamento daquela que era, na época, a avenida mais larga da cidade. [A “Fonte Monumental” da Praça Júlio Mesquita | Secretaria Municipal de Cultura | Prefeitura da Cidade de São Paulo](#)

<sup>37</sup> SILVA, op. cit. p. 147.

<sup>38</sup> Idem, ibidem, p. 148.

emergência, em tal contexto, do perito (apontado por Michael Foucault) na situação paulistana de modernização da cidade, o engenheiro.<sup>39</sup>

“Indicou o Sr. Vereador Rego Freitas: que se peça ao Gov. Proval. para pela Directoria das Obras Publicas mandar levantar uma planta topográfica da Vargem do Carmo e Braz, principiando fronteiro ao Pavilhão seguindo pelo leito do rio Tamanduatehy pr., ele abaixo ao Tietê, e pr., este á cima a confrontar as divisas da Fregza. do Braz com as da Penha, e da Foz do Tamandatei à Ponte Grde. na estrada da Luz, compreendendo a da planta dos pontos dados todas as pontes dos rios e córregos; os cercados e propriedades que houverem nas margens de ambos os rios; as ruas já existentes, aguadas, brejos, alagadiços, pedreiras, estradas, caminhos, chácaras, quintaes, e cercados, que houverem nos dos terrenos no districto da Fregza. do Braz, afim de que perante essa planta a Câmara mande demarcar arruamentos e praças, reservando-se no entanto as aguadas, pedreiras, e terrenos montuosos pa. suas terras, qdo cavadas, serem applicadas aos entulhos da vargem, e construção de edificios à bem público, e então conceder-se cartas de dactas pa., aumento e beleza do Município”. (*Atas da Câmara*, 9 de setembro de 1846, p. 54)<sup>40</sup>

A Rua Rego Freitas, homenagem ao ilustre vereador, primeira travessa da Av. Consolação, sai de frente da porta da Igreja Nossa Senhora da Consolação e desce até o Largo do Arouche. Recentemente, um bar de esquina, que havia fechado há bom tempo, foi reaberto com o nome “Boca do Lixo”<sup>41</sup>. O controle baseado na obtenção de informações, na política de

<sup>39</sup> Idem, ibidem, p. 152. Vimos como, nos séculos XVI e XVII, a articulação do aparelho repressor cumpria papel substancialmente *simbólico* no ritual de iniciação do colonizador. O desenvolvimento da cidade modifica, no século XVIII, o significado dessas instituições. Procurando-se preservar a *ordem* e os *bons costumes*, torna-se necessária a efetiva utilização dos cárceres e da força que, na periferia da cidade, assumem sua função. Nesse contexto é que se torna possível delinear certos *padrões de comportamento urbano*, cujo significado se estruturou de maneira mais acabada no final de século XIX e início do século XX. *Urbanidade e repressão* tornaram-se os elementos básicos do sistema ideológico que se montava para a *realização*, na *urbe*, do desenvolvimento econômico que crescia com a intensificação do comércio. A busca de uma racionalidade, no século XIX, para a execução de uma política urbanizadora, transforma o sistema ideológico em questão. O policiamento *fiscal*, básico para o funcionamento da cidade, passa a ser desempenhado pelo *engenheiro*. Abandonam-se os antigos referenciais baseados apenas na “*autoridade*” para a manutenção da ordem, substituindo-os pelo princípio da “*objetividade*”. Os problemas urbanos poderiam ser resolvidos de maneira “correta” e “eficiente”, desde que fossem elaborados *planos*, os quais evitariam “incoerências” na construção e reconstrução da cidade. Em 1812, por exemplo, não era necessário apenas se construir um pelourinho, como havia ocorrido na fundação da cidade. A construção, agora, exigia *projeto* e risco e, se possível, a presença de um *engenheiro*. [...] (*Atas da Câmara*, 15 de abril de 1812, p. 288).

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p. 153.

<sup>41</sup> Na Rua Dr. Teodoro Baima, travessa do quarteirão ao lado, o Teatro de Arena Eugênio Kusnet, fundado em 1953, reafirma as afinidades da classe artística e teatral com a boemia. Augusto Boal, Oduvaldo Vianna Filho e Gianfrancesco Guarniere, ali, renovaram o teatro brasileiro com o grupo Teatro de Arena. O grupo encerrou em

urbanização, não se restringiu ao Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e, conforme o povoamento preencheu os vazios urbanos entre as antigas vilas rurais e aldeias, o governo estadual multiplicou as solicitações de informações à Câmara, produzindo os primeiros dados econômicos sobre São Paulo e, com eles, uma memória, uma memória burguesa. A preservação da parede de taipa, portanto, e a suspensão da demolição do Colégio jesuíta, portanto, estenderam ao rústico e precário constructo do século XVI a *durabilidade e solidez* padrão do século XIX, quando *a memória torna-se elemento da racionalidade burguesa*.<sup>42</sup>

### **Das vilas rurais de São Paulo à megalópole moderna capitalista**

As tradicionais *zonas* de tolerância das vilas rurais tiveram que se adaptar ao advento da urbanização capitalista e da metropolização de São Paulo, conforme a tendência geral. A *objetividade* dos engenheiros, dos peritos, dos especialistas, da ciência, de fato, submeteu a população aos sucessivos e intermináveis canteiros de obras que, desde então, tomaram a cidade em nome da racionalidade e modernização. Ótimo disfarce para a falsa moral por trás dos reais interesses e conflitos. Conforme Janice Theodoro, ao longo do século XIX a racionalidade foi se impondo e desembocou nas ações do Estado que viabilizaram empresas privadas que introduziram novos componentes para se ordenar o espaço urbano, como: Companhia Cantareira e Esgotos; The São Paulo Tramway; Light and Power Cia Ltd.; Cia.

---

1972 e, em 77, o Serviço Nacional de Teatro incorporou seu espaço ao patrimônio da Fundação Nacional de Artes. Outros ilustres vizinhos são: o sindicato dos jornalistas e o diretório paulista do partido comunista. O preenchimento do espaço urbano dessa extensão territorial da Boca do Lixo ocorreu no intervalo entre a vereança de Rego Freitas e a implantação desta rua com seu nome. É o período da racionalização urbana, se é que poderíamos chamar assim um processo de segregação social tão violento e especulativo. Visto da torre da igreja, o cruzamento da Avenida Consolação com a Rua Rego Freitas, até onde chega a Boca do Lixo desde a Praça Júlio Mesquita e a Luz, delinea quase uma fronteira entre o sagrado e o profano. O endereçamento postal destas ruas indica Vila Buarque, a Boca do Luxo.

<sup>42</sup> SILVA, op. cit. p. 169. No período colonial, solicitava-se aos habitantes da região próxima ao local onde deveria ser construída a ponte que a erguessem. Como o material era retirado das proximidades, e como não se tratasse de serviço empreitado, construía-se a ponte de maneira precária. Já no século XIX, [...] trata-se de um contrato onde são descritos, com pormenor, o material e as condições para a execução das obras. O ferro aparece nas grades da escada, e a pedra é sugerida como substituto do tijolo. A fiscalização, por sua vez, será rigorosa para garantir a solidez do empreendimento. Contratos dessa natureza começam a demonstrar o surgimento de uma maneira diversa de se conceber as edificações. Definem-se critérios que, formulados dentro de uma perspectiva urbana, se tornam a negação dos anteriores. A oposição entre rural e urbano consolida-se.

Água e Luz; Pucci & Micheli; Cia. de Viação Paulista; São Paulo Railway Company; Companhia City de Desenvolvimento; Empresa de Limpeza Pública. Multinacionais passaram a controlar a *melhor “funcionalidade” da cidade* e as tradições perderam espaço para o corporativismo tecnocrático das grandes empresas capitalistas.

Joanides acompanhou esse tom laico da época. Em seus escritos, menções míticas e religiosas são mais figuras de linguagem, metáforas, ironias (a não ser, talvez, quando trata Nossa Senhora com certa intimidade). Mas se Joanides era totalmente moderno e urbano, a imagem do sagrado coração de Jesus nas cômodas das mulheres da vida que, segundo ele, era regra geral, mostra como a mentalidade religiosa pré-capitalista resistia amplamente. Da parte do autor, o tom predominante é de ceticismo total e absoluto. Finalmente, as tradições místicas viraram coisas do passado! Mas, o *orfismo* da primeira geração do modernismo português, os *corais orfeônicos* do maestro Villa Lobos, no modernismo brasileiro, a peça de Vinícius de Moraes com direção musical de Tom Jobim – *Orfeu da Conceição* (1954) – e *Orfeu do Carnaval*, ou *Orfeu Negro* (1959), filme de Marcel Camus baseado na peça <sup>43</sup>, evidenciam o viés místico do Modernismo, tão presente ainda na década de 1950. Nicolau Sevcenko, em *Orfeu Estático na Metrópole – São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*, abordou magistralmente o viés órfico do período imediatamente anterior ao de Joanides. Orfeu encantou as sereias com sua lira. Joanides soa calculista como Ulisses (o estrategista), astucioso e beligerante, que se amarrou ao mastro do barco e pagou o preço de ouvir o canto das sereias, para voltar para casa. Joanides conta como o *canto das sereias* migrou do Bom Retiro para os Campos Elíseos e levou ele e seu destino junto, tragados por suas forças ciclópicas.

---

<sup>43</sup> [\(PDF\) ANÁLISE FÍLMICA DE ORFEU NEGRO \(1959\) E ORFEU \(1999\): O MITO GREGO DE ORFEU, A REALIDADE DO MORRO, O SAMBA E AS TRILHAS SONORAS QUE EMBALAM OS FILMES | Marina Malka - Academia.edu](#)



## Capítulo 2

### Zé Pilintra e Maria Padilha: a macumba paulista

*Quem é que usa gravata vermelha, terno branco e chapéu de banda?*

*É seu Zé Pilintra, é doutor da Umbanda, que vem chegando da sua Aruanda!*

*Bravo, senhor! Seu doutor, seu doutor, bravo, senhor!*

*Quando vir um vulto dentro da noite de vermelho e branco na linha do trem.*

*Podem acreditar, é seu Zé Pilintra que está trabalhando para ajudar alguém.*

(ponto de Umbanda)

## Corpo-fechado: o eixo Rio-São Paulo na religiosidade brasileira

Num dos episódios narrados em *Boca do Lixo*, a satisfação de Joanides em espicaçar a ideia de que um famoso caçador de bandidos da época tinha “corpo fechado” mostra o quanto essa crença era presente. Seria, para ele, estranha que ideia do tão rural, tão caipira, nordestina, africana, marcasse a mentalidade de muitas pessoas em São Paulo, cidade tão moderna, locomotiva do progresso do Brasil? O assunto estava no ar no momento da publicação de *Boca do Lixo*, na década de 1970. No filme *Amuleto de Ogum*, de 1974, por exemplo, dirigido por Nelson Pereira dos Santos e com trilha sonora de Jards Macalé, um violeiro cego canta a história de um menino que, para vingar o assassinato do pai e do irmão, vai a um terreiro de Umbanda “fechar o corpo” a pedido da mãe e, levando sempre consigo o amuleto de Ogum recebido do pai de santo, cresce, envereda pelo mundo do crime da Baixada Fluminense e se envolvendo com a amante do bicheiro. O filme foi indicado à Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1975 e, nesse mesmo ano, recebeu o troféu Kikito de melhor filme no Festival de Gramado.<sup>44</sup> Banditismo, relações de clientelismo/patronagem, migração, corpo-fechado - temas presentes também na autobiografia de Joanides. Não é de estranhar sua posterior transposição para o cinema. Esses assuntos estavam em sintonia com uma mudança mais ampla do foco das atenções e dos interesses. Mas, enquanto Nelson Pereira dos Santos saca o título de seu filme do livro *O Amuleto da Morte*, de Francisco Santos, destacando o fetiche mágico-religioso, Joanides intitula seu livro pela toponímia local popular, Boca do Lixo.

Jean-Claude Bernadet reconhece no filme “uma reformulação drástica das relações entre o cineasta (e o intelectual em geral) e o povo”, afirmando que em “o Amuleto, não existe nenhum personagem superior à vivência popular, nenhum modelo exterior a ser aplicado pelo povo” [...] acreditamos que O Amuleto... insere-se num movimento maior de redefinição do que seja creditado ao popular em vários filmes brasileiros dos anos 70, tais como *As Aventuras amorosas de um padeiro* (Waldyr Onofre, 1975), *Iaô* (Geraldo Sarno, 1976), *Tenda dos Milagres* (Nelson Pereira dos

<sup>44</sup> LAPERA, Pedro V. A. *Deslocamentos do popular no cinema brasileiro, religiões e relações raciais em O Amuleto de Ogum (1974)* – in – *Crítica Cultural*, v. 8 n. 2, jul.\dez. 2013, Palhoça, SC, p. 417- 424.

Constituindo-se em um domínio heterogêneo, a cultura popular teve [...] muitos romances, peças e poemas valerem-se de mitos, lendas e narrativas fantásticas que já circulavam pelas camadas populares. A cultura de massa também [...] nas páginas dos periódicos, nas telas dos cinemas e na televisão [...] as religiões e seus rituais foram muitas vezes fontes de tensão entre os intelectuais do campo cinematográfico e os representantes do povo retratados nos filmes. Até a década de 1970, a temática religiosa recebeu tratamentos pouco generosos na maioria das produções nacionais. Em muitas delas, seus elementos eram apresentados como [...] um folclore alvo de paródias, tal como [...] da chanchada carioca dos anos 1940 e 50. Mesmo em casos de filmes cujos realizadores pretendiam aproximar-se do popular, estes retrataram as religiões enquanto signos de um atraso que deveria ser superado através de um progresso intelectual do povo, uma visão iluminista claramente presente em *Rio 40 Graus* (Nelson Pereira dos Santos, 1954), *O Pagador de Promessas* (Anselmo Duarte, 1962), *Barravento* (Glauber Rocha, 1962).

Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/critica-cultural/0802/080201.pdf>

Santos, 1976), etc.

A ampliação e a mudança de status do domínio do popular podem ser percebidas como um vestígio da crise do intelectual de esquerda já apontada pelo próprio Bernadet em *Brasil em tempo de cinema* (1969) [...]. Como um dos efeitos, em *O Amuleto de Ogum* recorre-se ao romance *O Amuleto da Morte*, escrito por Francisco Santos (que também é roteirista e participa como ator do filme ao interpretar um dos capangas) e ao pai de santo umbandista Erley, que interpreta a si próprio e mostra à equipe vários rituais religiosos, que foram captados para o filme.<sup>45</sup>

No caso da autobiografia de Joanides, apesar do seu envolvimento direto com o tema do banditismo ao ter sido ele mesmo um bandido, nota-se um tom elitista; mesmo ao classificar o convívio no submundo como igualitário, em função da exclusão social e marginalização igualmente sofrida. Assim, apesar do banditismo ser um dos temas em pauta entre os intelectuais na década de 1970, para Joanides, falar disso é mais uma contingência, uma fatalidade do destino. Apesar da simpatia e ternura com que narra desventuras de mulheres da vida e de outros populares, mostra certo desdém pela cultura popular; como neste episódio do caçador de bandidos famoso por ter o “corpo fechado”. A ideia do “corpo fechado” liga-se à visão de mundo mágica pré-capitalista, presente em vários povos migrados para o Brasil e para São Paulo. Élise Grunspan-Jasmin detalha sua marcada presença no sertão nordestino. Estrelas de Salomão e de Ishtar, flores-de-lis e cruzeiros de malta em chapéus de couro, bornais e roupas, os cangaceiros também tinham seus rituais de fechamento de corpo e superstições inúmeras sobre o tema, nas quais a mulher tem papel central, é claro.

A introdução de mulheres no grupo foi considerada por muitos cangaceiros como a origem da fragilização de Lampião e que deveria levá-lo inexoravelmente à morte.<sup>46</sup>

Joanides, cético, não participava do misticismo vigente, mesmo tendo velhos bandidos como Marinheiro e Cangaceiro (Rilobaldo) por referências. Também pouco sobre a feminização masculina, apenas mencionando de passagem como Nelsinho “da 45”, na prisão, castigou os pederastas que o assediaram. Joanides parece não ter qualquer fetiche, a não ser a beleza feminina. Diferente do banditismo rural pré-capitalista do cangaço, com suas rezas

<sup>45</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>46</sup> GRUNSPAN-JASMIN, Élise. *Lampião: Senhor do Sertão – vidas e mortes de um cangaceiro*, no capítulo intitulado *As Proteções Mágicas*, EDUSP, São Paulo, 2006.

A esse respeito o ex-cangaceiro Balão, que viveu com Lampião de 1929 a 1938, declarou numa entrevista: “Homem de Batalha não pode andar com mulher. Se ele tem uma relação, perde a oração, e seu corpo fica como uma melancia: qualquer bala atravessa. Sua mãe, aliás, sempre lhe dizia: -“Meu fio, o dia que tu te ajuntá, vai ficá de corpo aberto”. Para a ex-cangaceira Mocinha, “se um homem se mete com uma mulher, ele também se torna mulher: é uma mágica, não se pode explicar”

bravas e amuletos para ter o “corpo fechado”, crença que permeia toda a cultura do sertão.<sup>47</sup> Rito “engrimanço” de missa herege que o fotógrafo sírio Benjamin Abraham, secretário de padre Cícero, registrou para a posteridade no filme *Lampeão, o Rei do Cangaço* (1936), quando ele e seu bando foram até Juazeiro em 1926 receber a benção. Abraham era refugiado da Primeira Guerra Mundial e fugiu para o Brasil para não ser alistado pelo Império Otomano. Joanides fechava seu corpo com uma capa negra onde ocultava a arma sempre em punho. Que prático e estratégico! Gruspan ainda conta como bruxas se infiltravam sorrateiramente nas igrejas e roubavam hóstias consagradas nas missas, colocadas sob a pele em cortes feitos em quem fosse aos seus rituais fechar o corpo, como os “jagunços do padre Cícero”. A migração de sertanejos para São Paulo acompanhou a expansão cafeeira e o surto industrial com o imaginário do cangaço. Ainda em 1954, a notícia do suicídio de Getúlio Vargas só recebeu crédito entre populares quando foi versejada em cordel. Grunspan cita, ainda, o poema de Francisco das Chagas Batista que Mário de Andrade transcreveu:

História do Capitão Lampeão, desde o seu Primeiro Crime até a sua Ida à Juazeiro

Foi à casa de Macumba  
E ele fez o serviço,  
Feichou o corpo do rapaz  
P’ra bala, faca e feitiço  
Então disse a Lampeão:  
Não haverá valentão  
Que pise no teu toitico.

Primeiro ele sujeitou-se  
A um processo arriscado  
Em um caixão de defunto  
Passou uma noite trancado  
O feiticeiro o ungiu  
E quando êle de lá saiu  
Estava de corpo fechado.

Disse-lhe o velho Macumba:  
Agora podes brigar,  
Bala não te fura o couro,  
Faca só faz arranhar  
Feitiço não te ofende  
E a polícia só te prende  
Depois que eu acabar.

Porém depois que eu morrer  
Ficarás de corpo aberto,  
Tudo pode acontecer-te,

---

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*; p. p. 229, 232, 234.

Pelos maus serás vencido,  
Deves viver prevenido  
Que a morte terá por certo.

Disse o feiticeiro a êle  
Isso é pra te defender  
Dos soldados de polícia  
Que procuram te prender  
Tôda reza é valiosa  
Mas a oração mais forçosa  
Que sei é a de São Correr... <sup>48</sup>

Joanides também não parava de correr, mas essa é a única semelhança com o banditismo pré-capitalista do cangaço, pois São Paulo, porta de entrada dos sertões, não era mais, ela mesma, sertaneja, caipira, muito menos Joanides. Outros amuletos para ter “corpo fechado” estão difusamente presentes nas práticas mágicas dos brasileiros. <sup>49</sup> A conexão das capitais, paulista e fluminense, remonta à guerra dos Tamoios, no século XVI, que culminou com a fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro e o massacre dos franceses e seus aliados tupinambás na baía de Guanabara em 1565-67. Umbilical, portanto, a conexão Rio-São Paulo. Depois do ciclo do ouro e da edificação da escadaria do Lorena, em fins do século XVIII, concorrendo com os portos de Parati e do Rio de Janeiro e a estrada Real das Minas, os governadores de São Paulo estabeleceram monopólios do porto de Santos e a dinâmica econômica entre o porto litorâneo e a capital sertanista se sobrepôs, regionalmente, ao luxo e riqueza da corte carioca <sup>50</sup>. Desde 1850, com o fim do tráfico internacional de escravos, cativos

<sup>48</sup> Idem, ibidem, p. 235.

<sup>49</sup> MEIRELES, Cecília. *Batuque, samba e macumba – Estudos de gesto e de ritmo 1926-1934*. Martins Fontes, São Paulo, 2003; p. 28.

Em palavras breves como legendas das ilustrações produzidas por ela retratando baianas, capoeiras, sambistas, cordões carnavalescos e rodas de batuque, menciona a “figa de Guiné”, que é usada “contra o quebranto, o mau-olhado e outras desgraças, objeto que consiste numa pequena mão talhada em madeira, com todos os dedos fechados, estando o polegar metido entre o índice e o médio” [...] “lembrando apenas a importância atribuída à mão como exorcismo, em todos os povos primitivos, e as suas sobrevivências nas religiões constituídas principalmente entre os maometanos, que usam à porta a célebre mãozinha (aliás, aberta) e têm uma parlenda contra o quebranto, que diz: “A minha mão direita no teu olho esquerdo, e a minha mão esquerda no teu olho direito” – anulando, assim, com as duas mãos, os raios maléficos do olhar inimigo”. Baianas cariocas como esta devem ter migrado pelas lavouras de “ouro verde”, café, pelo vale do Paraíba até São Paulo.

<sup>50</sup> HOLANDA, S. B. de. *O Extremo Oeste*. Brasiliense, São Paulo, 1984.

É plausível supor [...] que, mesmo antes da conquista, certas trilhas indígenas fossem mais do que picadas intransitáveis: no Brasil há o exemplo [...] do Piabiru ou Caminho de São Tomé, largo de oito palmos, por onde nascia uma erva miúda que, dos dois lados, crescia até quase meia vara, e ainda quando queimassem os campos nascia sempre [...] e do mesmo modo. Nada impede, além disso, que [...] certas paragens servissem para a instalação de poucos reíños, [...] pontos de partida para outras povoações mais estáveis. Em São Paulo, entretanto, não há notícia de pousos ou ranchos semelhantes antes do governo de Antônio Manuel de Castro e Mendonça (1787-1802), e então se pretendia sua construção ao novo incremento tomado na Capitania pela lavoura comercial. Sem uma tal providência a produção agrícola de serra acima [...] ficaria sujeita à chuva e à humidade no trajeto até Santos, continuando assim a merecer o mau nome e os preços baixos que alcançavam

nordestinos foram vendidos aos prósperos cafeicultores do vale do Paraíba e, após a abolição, retirantes em geral continuaram esse êxodo. A percepção das vestes tradicionais das baianas na cena urbana carioca, por Cecília Meireles, no começo do século XX, lembra um ritual de fechar o corpo, também. A menção já valeria só por isso. Mas, principalmente, o Rio de Janeiro paira no horizonte da narrativa de Joanides, sendo mencionado em dois episódios e no apelido daquela que o socorreu no pior momento de suas desventuras: a “carioquinha” (diga-se de passagem, uma mineira). São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro ligam-se ao sul da Bahia pela serra da Mantiqueira, o que explica a onipresença da baiana em nosso imaginário, com “toda uma sabedoria mágica, infelizmente quase perdida”.<sup>51</sup> Sua maravilhosa descrição das vestes e gestos das baianas, concha se fechando ao redor da pérola, envolve seu corpo fechado num verdadeiro cerimonial de estética magia.

Os baianos, quando vêm, vêm beirando a beira mar.

Bota o côco no sereno, deixa o côco serenar...

Auê, baiano, baiano que não bambeia!

Auê, baiano da serra da Mantiqueira!

(Ponto de Umbanda)<sup>52</sup>

Em São Paulo a situação seria outra; se aceitarmos a impressão de Mário de Andrade sobre o assunto, na conferência por ele escrita para a Associação Brasileira de Música em 1933:

Quando andei de viagem pelo Nordeste (1) e me dedicava em especial a conhecer a musicalidade da região, me interessei desde logo pela feitiçaria. Isso era lógico, porque feitiçaria e música sempre andaram fundidas uma na outra. [...]

Ora eu levava pro Nordeste uma grande curiosidade pela feitiçaria musical, que no meu Estado já não existe propriamente mais. O povo brasileiro, de Norte a Sul, é muito supersticioso e dado a práticas feiticieras, porém neste mundão de terras várias, as formas baixas de propiciação, louvor ou exorcismo das forças daimoniacas variam bastante, muito embora todas elas se abriguem sob a proteção mais elevada do espiritualismo católico. De São Paulo pro Sul uma superstição mais avassaladoramente europeizada se aplica secamente às práticas do baixo espiritismo. Uma credence mais céptica e infinitamente menos lírica, mais curiosa que amante ou tímida, já canta pouquíssimo, toda entregue ao susto das mesas trementes ou das agulhas curadeiras. Se, algumas vezes, nos jornais paulistas, as notícias diversas se referem a macumbas, catimbós ou pagelaças locais, isso não deriva de que existam de fato estas formas feiticieras na região, e sim do jornalismo paulista ser composto em assustadora parte de escritores vindos de outros Estados, os quais filiam naturalmente os fatos policiais por noticiar à terminologia que trazem da infância. (2) No Rio de Janeiro todos sabem, a feitiçaria dominante é a Macumba. A macumba segue rituais especificamente africanos, e se estende até a Bahia, com ramificações

---

nas praças do Rio de Janeiro e Lisboa. Enquanto dependeram ordinariamente de uma economia de subsistência, [...] não se destinavam senão a pedestres. (p.30-31).

<sup>51</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>52</sup> Tradição oral recebida por parte de minha mãe Lurdes de Campos Vieira, yalorixá de Umbanda (“mãe de santo”).

ainda bastante vivas no Nordeste. Rio-Bahia é a zona em que ainda vive dominadoramente no Brasil a feitiçaria africana. Na Bahia, porém, creio que a gente do povo ignora a palavra macumba. Designam o ritual feiticista de lá por candomblé, voz que ocorre episodicamente na terminologia feiticista dos cariocas. Essa é a palavra mais geral, pra designar atualmente a feitiçaria afro-brasileira. Hoje é bastante difícil saber a significação inicial da palavra candomblé. Muito provavelmente a voz inicial foi candombe, que é como a palavra ficou nas línguas hispano-americanas do Sul.<sup>53</sup>

Ora, somente o jornalismo paulistano era “composto em assustadora parte de escritores vindos de outros Estados”?! Talvez, Mário de Andrade lesse muito jornal, mas não convivesse com outros cariocas, baianos e nordestinos que afluíam pelas fazendas de café do vale do Paraíba para a metrópole paulistana, tampouco, com negros e índios que aqui já viviam. É preciso considerar a conexão de São Paulo com uma rede urbana de imensa amplitude geográfica e, pelo porto de Santos, internacional. A difusão das religiões negras e afro-ameríndias nordestinas pelas regiões sul e sudeste do Brasil na década de 1950 é notável, como mostram os estudos sobre o tema<sup>54</sup>, o que gerou uma “religião brasileira por excelência” no eixo Rio-São Paulo, mais precisamente, desde o bairro de Boca da Mata, em Niterói, onde Zélio Fernandino de Moraes incorporou o *Caboclo das Sete Encruzilhadas* e esta entidade espiritual fundou a Umbanda, em 15 de novembro de 1918, após ser impedido de *trabalhar* numa mesa kardecista por ter ido até o jardim buscar uma flor que pôs na mesa. Conta-se que um vidente, seguidor de Allan Kardec, “viu” que o caboclo, a entidade espiritual incorporada em Zélio, teve outras encarnações, entre elas, como padre jesuíta. O Caboclo das Sete Encruzilhadas explicou que preferia se manifestar como os nativos da terra para que todos os espíritos humildes e simples pudessem ajudar. Segundo os umbandistas, esta entidade manifesta o espírito de frei Gabriel Malagrida (Milão, 18 de setembro de 1689 – Lisboa, 21 de setembro de 1761)<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> ANDRADE, Mário. *Música de Feitiçaria no Brasil*. Livraria Martins Editora, São Paulo, 1963; vol. XIII p. p. 25- 26.

<sup>54</sup> PRANDI, Reginaldo. *Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: sincretismo, branqueamento e africanização*. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.8, p. 151-167, jun. 1998; p. 152.

No primeiro quartel deste século, no Rio de Janeiro e depois em São Paulo, constituiu-se a *umbanda*, que logo se disseminou por todo o País, [...] sendo a religião brasileira por excelência, pois, formada no Brasil, resultante do encontro de tradições africanas, espíritas e católicas, ao contrário das religiões negras tradicionais, [...] a umbanda já surgiu como religião universal, isto é, dirigida a todos. [...] Quando a umbanda já havia se propagado por todo o País, o candomblé, que se mantinha na Bahia e outras regiões em que se formara, também iniciou seu percurso na direção sul. Eram os anos 60 e já era outra a sociedade brasileira. A partir daí não foram necessários mais que trinta anos para que as religiões afro-brasileiras, antigas e novas, viessem a ocupar com destaque um lugar no cenário das religiões das grandes cidades.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0151.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2017.

<sup>55</sup> Missionário no Brasil e pregador em Lisboa que, perseguido pelo Marquês de Pombal por pregar que o terremoto de 1755 era castigo de Deus, condenado como herege no âmbito do Processo dos Távoras, foi queimado

Recentes grafites de Zé Pilintra nas colunas do Minhocão e da Ponte Antártica, infelizmente pintados de cinza pela atual gestão da prefeitura (2016-2020) no projeto “cidade linda”, mostravam a popularização da Umbanda em São Paulo e sua presença na região da Boca do Lixo. Talvez não haja outro ícone tão popular e emblemático do boêmio valente e malandro. Reza à lenda, Zé Pilintra viveu entre fins do século XIX e 1930. A difusão de seu culto e de sua icônica figura, desde Pernambuco, Alagoas e Bahía até Rio de Janeiro e Niterói confundiu sua imagem com a do *malandro carioca*, tão bem retratado por Cecília. O “brinquedo”! Cecília detalha o que vem a ser a “roda” de samba e de capoeira, o batuque e sua presença no carnaval carioca. Apesar do negacionismo de Mário de Andrade com relação a São Paulo, a cultura afro-brasileira sempre teve presença marcante entre os paulistanos. Quinzinho e Joãozinho Americano, na trama urdida por Joanides, dão testemunho da presença afro no “pedaço”.

Do batuque derivou-se, no Brasil, a escola de “capoeiragem”, que vem a ser uma espécie de “jiu-jitsu”, de efeitos muito mais extraordinários, na opinião dos entendidos. Por ser uma dança de consequências perigosas – podendo originar conflitos em virtude das quedas violentíssimas e até mortais que provoca – está o batuque, desde muito, proibido pela polícia. [...] Mas, no carnaval, no reduto da Praça Onze, dançam-no interminavelmente, e como a índole do negro do Brasil é boa e conciliadora, os golpes que usam são apenas esboçados, dando-se mesmo o caso de o dançarino equilibrar com seus braços o parceiro, no mesmo instante em que o desequilibra com o pé. Fica assim frustrada a queda, e o brinquedo continua. Porque a isso se chama, na linguagem deles, “o brinquedo”. [...] No brinquedo também está de certo modo compreendido o samba – que é, naturalmente, sobrevivência de ritual de casamento, dado o ar contidamente erótico que conserva. <sup>56</sup>

Cecília conclui:

O que há de verdade na macumba não sei. Há tanta coisa mal estudada neste mundo! As virtudes das plantas, principalmente da flora tropical, estão longe de ser conhecidas. As forças hipnóticas, a sugestão, todo esse mundo do espírito é ainda um enigma para os mais sábios dentre os cientistas.

Um pequeno poema de Manuel Bandeira exprime bem tudo quanto se pode concluir pela experiência:

Macumba de pai zuzé  
Na macumba do Encantado\*  
Nego véio pai de santo faz mandinga.  
No palacete do Botafogo\*\*  
Sangue de branca virou água.

---

vivo num auto de fé no Rossio de Lisboa, acusado por Marquês de Pombal de heresia, conspiração e traição. O Caboclo das Sete Encruzilhadas anunciou uma religião em que todos os espíritos pudessem fazer a caridade, sem discriminação, o que resultou nas “linhas de trabalho umbanda”: exus e pombogiras, caboclos, boiadeiros, baianos, marinheiros, pretos-velhos, crianças (erês), ciganos, malandros. Nomeou a nova religião brasileira com uma palavra quimbundu dos bantos-angolanos predominantes na macumba carioca: *Umbanda* – conselho dos antigos.

<sup>56</sup> MEIRELES, op. cit. p. 55-56.



\*Subúrbio do Rio de Janeiro

\*\*Bairro aristocrático do Rio de Janeiro.

Se a macumba como magia negra infunde esse respeito terrível que só não experimentaram os que não tiveram ocasião de a frequentar, de sentir o ritmo surdo e implacável dos tambores – *quitibum, bum, quitibum, bum* – na noite negra, com cânticos de um trágico inenarrável, figuras numa vertigem sinistra, dançando entre explosões de pólvora, brilhos de fogo, lâminas de espadas, caindo desacordadas, e reerguendo-se como fantasmas, numa expressão sobrenatural, com uma outra voz e uns outros olhos – a macumba em seu aspecto festivo (atenuados esses caracteres sombrios) tem uma doçura selvagem, é certo, mas que deixa na alma dos brancos, pelo menos na daqueles que foram acalentados por uma mãe negra e dormiram ao som dos tambores longínquos, um encantamento profundo, de onde se exala o torpor misterioso, e a invencível atração da selva africana, povoada de deuses e demônios, tão autênticos como a água dos rios, os troncos das árvores e as feras que passeiam, sem dizerem aos homens de onde vêm nem quem são.<sup>57</sup>

### **Zé Pilintra – de mestre do catimbó da Jurema a rei da boemia**

Tudo isso faz repensar a velha questão de Aristóteles: o que é mais verdadeiro, a história ou a poesia? Apesar da forte difusão da Umbanda no Brasil e em São Paulo na década de 1950, Joanides permanece totalmente infenso aos encantos da magia e relevância de sua cosmovisão. Seu texto adere ao ceticismo paulista, flagrado por Mário de Andrade como característica local. Por outro lado, as poéticas de Manuel Bandeira e Cecília Meireles causam fortíssimas impressões da densa atmosfera mística e religiosa afro-brasileira que torna superstições, crenças e mistérios quase tangíveis e palpáveis. – “Não o espírito da coisa, mas a coisa do espírito”, como minha mãe me disse certa vez. O poder de emulação da poesia e da literatura se aproxima dos seus usos mágico e ritual, cuja presença em São Paulo e na Boca do Lixo, os grafites de Zé Pilintra nas colunas do Minhocão testemunhavam. Que pena, terem sido apagados! Enquanto Joanides se debateu com sua própria lenda de rei da Boca do Lixo, a imaginação do espiritismo brasileiro elaborou uma entidade, Zé Pilintra, o rei da Boemia. Sua origem: o catimbó da Jurema, dos tapuias nordestinos.

---

<sup>57</sup> Idem, *ibidem*, p. p. 88-90.



Em seu estudo sobre as religiões afro-brasileiras, quando trata da umbanda, Bastide (1989) inclui na linha de Oxóssi todos os espíritos de índios, afirmando que a imagem do “índio selvagem” é fruto da criação literária, depois da independência, de poetas e romancistas românticos, como José de Alencar e Gonçalves Dias. A corrente artístico-literária da época criou uma imagem romântica do nativo, idealizada pelo “indianismo literário”, não tendo relação direta com o indígena real. Criou-se, então,

um mito do índio livre, corajoso, guerreiro, aquele que proferia a morte à submissão. Para Bastide, esse mito perpetua-se, pela literatura, na religiosidade: os espíritos dos índios que vêm perseguir os médiuns se enquadram nesse sistema de representações coletivas. São ousados, violentos e belicosos. Soltam gritos, agitam suas flechas mortíferas, pregam a liberdade. Já não são antropófagos ou indivíduos que, na época do descobrimento ainda se encontravam no mais baixo grau de civilização material. São os defensores da independência brasileira, os portadores de uma opulenta cultura espiritual. (BASTIDE, 1989: 436) <sup>58</sup>

Zé Pilintra provém da vertente afro-ameríndia da religiosidade nordestina, através da Jurema (a planta, a cabocla e a cidade encantada), e se combina com a macumba carioca e a paulista. A memória oral cantada nos “pontos” da umbanda localiza sua origem:

Seu Zé Pilintra, quando vem de Alagoas, toma cuidado com o balanço da canoa

Oi, Zé, faça tudo o que quiser - Oi, Zé! Só não maltrate o coração dessa mulher! <sup>59</sup>

Se Alagoas é sua origem geográfica, na espiritualidade, sua morada é outra:

Seu Zé Pilintra, quando vem de Aruanda,

Vem vencer sua demanda, vem abrir seu jacutá.

Saudando o sol, saudando o mar e a estrela guia que clareia esse congá. <sup>60</sup>

E, depois *dos pontos de chamada*, os *de sustentação* indicam seu papel de curandeiro e exorcista, ensejando o momento de atuação plena da entidade no atendimento espiritual dos consulentes:

Seu Zé Pilintra quando vem, ele trás sua magia,

Para salvar os seus filhos e retirar feitiçaria.

Pisa na Aruanda, Zé Pilintra, eu quero ver!

Pisa na Aruanda, Zé Pilintra, eu quero ver!

<sup>58</sup> ASSUNÇÃO, Luiz. O reino dos mestres – a tradição da jurema na umbanda nordestina; Pallas, Rio de Janeiro, 2010; p. p. 231, 232.

<sup>59</sup> VIEIRA, Lurdes de Campos. Tradição oral recebida por parte de minha mãe, no Tempo de Umbanda Sagrada Sete Luzes Divinas. Mas, entre suas publicações, *Os Guias Espirituais da Umbanda e seus Atendimentos*; ed. Madras, São Paulo, 2015, há o cap. PROTEÇÃO E SOLIDARIEDADE DOS MALANDROS (p. 201-210). ... Seu Zé Pilintra, entidade difamada e detratada por alguns disseminadores de falsas informações contra ele e seu trabalho espiritual. [...] Se Seu Zé Pilintra baixou inicialmente na Jurema, no Catimbó, é porque ele foi um “juremado”, ou seja, é porque em vida ele foi iniciado nesse culto, bebeu jurema e “se levantou”. Na Jurema só baixam espíritos “juremados”. Também se diz que Zé Pilintra tinha o “corpo fechado”. p. 203.

<sup>60</sup> Idem, ibidem.

Após este antológico *ponto de chamada* para Zé Pilintra vir “abrir seu jacutá”, o ritmo nagô acelerado vira um samba:

Quem é que usa gravata vermelha, terno branco e chapéu de banda? (bis)

É Seu Zé Pilintra, é doutor da umbanda que vem chegando da sua Aruanda! (bis)

Bravo senhor! Seu doutor, seu doutor! Bravo senhor! Zé Pilintra chegou! (bis)

Bravo senho! Seu doutor, seu doutor! Bravo senhor! Zé Pilintra chegou! (bis)

E, aproveitando o efeito exorcístico do batuque e dos cânticos...

Bem que eu disse a vocês, mas parece que eu adivinho:  
Que o feitiço que tu tinhas, seu Zé Pilintra tirou...  
Sustente o ponto, seu Zé, que o ponto é de catimbó...  
Deu meio-dia na Lua, deu meia-noite no sol. <sup>61</sup>

Sua origem ancestral também é saudada, na pungência da própria orfandade:

Seu Zé Pilintra não teve pai. Seu Zé Pilintra não teve mãe.

Ele foi criado por Ogum Beira mar  
Em nome de Deus e de todos os orixás. <sup>62</sup>

Esses *pontos* são entoados na cadência dos atabaques ritmados por um *toque* “nagô” fluente e contínuo, semelhante ao do Olodum no carnaval baiano, cuja constância concentra e embala a atenção numa verdadeira hipnose musical sonora. A poética, então, envereda pela complexidade dual da entidade:

Zé Pilintra, Zé Pilintra, boêmio da madrugada,  
Vem na linha das almas e também na encruzilhada.  
Mas, o amigo Zé Pilintra, que nasceu lá no sertão,  
Enfrentou a boemia com seresta e violão.  
Hoje, na lei de Umbanda, acredito no senhor,  
Pois sou seu filho de fé, pois tens fama de doutor.  
Com magias, com mirongas, dando ordens no terreiro,  
Saravá, seu Zé Pilintra, um amigo verdadeiro! <sup>63</sup>

A aceleração desse *toque nagô* deriva num *samba*, com mesma divisão, mas cadência distinta, acompanhando cantos de evocação da presença das entidades espirituais e do arrebatamento dos médiuns. Incorporados, aos *pontos de chamada*, segue-se um *ponto de sustentação* e louvação em ritmo “congo”...

O *ponto de sustentação* referido, que precede este, é:  
Valei-me, Senhora Aparecida! Porque tu és a grande padroeira!  
Valei-me, Senhora do Amparo, a estrela guia e o pobo da Bahia!  
Valei-me, Senhor do Bom Fim e os baianos desse padroeiro!  
Valei-me, orixá formoso que gira, gira nesse terreiro!  
Quem vem na frente é seu Zé Pilintra com seu chapé de lado, seu lenço encarnado...  
Vem salvar filhos de nazareno pra dar mais força pra esse terreiro. (bis)

Que pode, por sua vez, ao final, virar para outro *toque* ainda mais rápido e efusivo, o “barravento”, elevando o efeito hipnótico à apoteose. O transe mediúnico e musical é arrebatador demais para que reste qualquer espaço para dúvidas e pensamentos, em pura catarse.

<sup>61</sup> Idem, ibdem.

<sup>62</sup> Idem, ibdem.

<sup>63</sup> Idem, ibdem.

Zé Pilintra, no catimbó, é chamado de doutor.  
 Trabalhando na jurema, Zé Pilintra é curador.  
 Tem dendê, tem dendê, no catimbó tem dendê...  
 Tem dendê, tem dendê, no catimbó tem dendê... <sup>64</sup>

*O reino dos mestres – a tradição da jurema na Umbanda nordestina*, de Luiz Assunção, retrata o contexto original de Zé Pilintra no sertão do nordeste, com depoimentos de mestres juremeiros e benzedeiros e fundamentação teórica em Roger Bastide. <sup>65</sup> A popularização em São Paulo dessa *entidade espiritual* umbandista, o nordestino e carioca, mestre juremeiro e malandro rei da boemia - Zé Piintra – chegou aos *grafites* pintados no Minhocão, nas colunas dos viadutos erguidos na Avenida São João em 1970, o elevado Costa e Silva, rebatizado recentemente de João Goulart, em consonância com a ideia da consolidação da democracia brasileira. O nome popular, por sua vez, refere-se à enorme extensão desta conexão viária da região da Praça Marechal Deodoro com a Avenida São João, a Rua Amaral Gurgel, o Bixiga (pelo túnel debeixo da Pça. Roosevelt), a Bela Vista, a Liberdade, a baixada do Glicério, o Parque D. Pedro II, a Radial Leste, que degradou todos esses lugares, transformados em corredores de automóveis, pelo excesso de concreto, de trânsito, de barulho e de poluição atmosférica. Discute-se atualmente sua remoção ou transformação em jardim suspenso, tendo em vista como a paisagem urbana local foi violentada e degradada pela gigantesca via. A rápida obsolescência dos equipamentos urbanos legados pelo afã modernista torna-se cada vez mais

---

<sup>64</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>65</sup> ASSUNÇÃO, op. cit. p. p. p. p. 251, 253, 254, 255, 256.

Seu Zé Pilintra é apresentado por Câmara Cascudo (1978) como um mestre do catimbó, “elegante, prosista e muito interessado pelas moças, a quem galanteia quando se manifesta”. É conhecido como sendo de Alhandra, apesar de não possuir jurema plantada nesse local. É também cantado como sendo de Pernambuco ou Ceará. [...] Seu Zé Pilintra é considerado como Exu na umbanda carioca, sendo representado com terno branco, gravata vermelha, cravo na lapela, chapéu caído na testa, caracterizando a figura do malandro; representa a astúcia, o livre trânsito pelas brechas e pelo proibido, o uso de meios não-sancionados pelas normas. [...] A ideia de que seu Zé Pilintra evoluiu, passando a ser um espírito de luz, vem sendo difundida no pensamento dos juremeiros umbandistas sertanejos. [...]. Ele alcançou uma luz mais elevada porque ele quando era meia luz ele tombava cá, fazia isso, fazia aquilo, ele fazia o que queria, porque ele era meia luz, ele arrebentava com tudo, o trabalho dele era trabalho pesado, mas depois que ele tava novamente com quinze anos mais ou menos que ele caiu fora, entregou a mensagem pro irmão, Zé Filintra, aliás, são três irmãos: Zé Pilintra, Zé Filintra e Cego Veio da Boca Serena. Zé Filintra é quem tá com a mensagem de Zé (*José Júlio Laurindo, de Salgueiro-PE*). [...] A entidade seu Zé Pilintra é cultuada em praticamente todos os terreiros da região. Sua imagem está colocada nos pejis, em local que a torna destacada das demais. Porém, pelo menos nos rituais semanais, quem é incorporado é seu irmão, o Zé Filintra, também considerado como mestre da “jurema”. A ideia de uma entidade com luz, iluminada, em um patamar superior às demais, foi também observada por Brumana (1991: 253) em seus estudos [...]. Sobre o processo de criação de novas entidades espirituais nos terreiros de umbanda, como apontamos anteriormente citando o surgimento da entidade Zé Filintra, Negrão (1996: 252) afirma: A imaginação mítica dos terreiros é espantosa: novos mitos são produzidos em função das novas experiências vivenciais.

evidente e demanda uma séria avaliação por parte de urbanistas, políticos e cidadãos. Tratar do “rei da boemia”, o malandro e exu Zé Pilintra, envolve, obrigatoriamente, uma apreciação do papel, nessa história, das moças que ele galanteia, as senhoras Pombogiras. O historiador Paulo Koguruma estudou a fundo este assunto e o situa na historiografia:

[...] A historiadora Laura de Mello e Souza, por exemplo, ao estudar a feitiçaria e a religiosidade popular no Brasil do século XVIII, relacionando-as com as práticas mágicas e bruxarias europeias, assinala, além da existência dos elementos do catolicismo dos colonizadores lusitanos, a presença das cerimônias religiosas realizadas pelos escravos, os calundus, que manifestavam elementos das tradições africanas. [...] em terras da América portuguesa sob as condições do regime de trabalho escravo da seguinte maneira:

*[...] batiam-se atabaques nos calundus da colônia: nas estruturas sociais que lhes foram impostos os negros, através da religião, procuraram “nichos” em que pudessem desenvolver integralmente suas manifestações religiosas. Arrancados das aldeias natais, não puderam recriar no Brasil o ambiente ecológico em que haviam se constituído suas divindades; entretanto, ancorados no sistema mítico originário, recompuseram-no no novo meio: como um animal vivo, diria Bastide, a religião africana secretou sua própria concha. A religião africana vivida pelos escravos negros no Brasil tornou-se assim diferente da de seus antepassados, mesmo porque não vinham todos os escravos de um mesmo local, não pertencendo a uma única cultura, Gêges, Nagôs, Iorubas, Malês e tantos outros trouxeram, cada um, sua contribuição, refundindo-as à luz das necessidades e realidades novas, superpondo ao sincretismo afro-católico um outro quase sincretismo afro. Para que pedir fecundidade às mulheres se, na terra do cativo, elas geravam bebês escravos? Como solicitar aos deuses boas colheitas numa agricultura que beneficiava os brancos, que se voltava para o comércio externo e não para a subsistência?*

*[...] A primeira seleção operada no seio da religião africana colocaria de lado as divindades protetoras da agricultura, valorizando, em contrapartida, as da guerra – Ogum, da justiça – Xangô, da vingança – Exu. (MELLO E SOUZA, 1989: 94).<sup>66</sup>*

---

<sup>66</sup> KOGURUMA, Paulo; *Conflitos do imaginário – a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café” 1890-1920*; ANNABLUME, São Paulo, 2001; p. 47-48.



Parece ser a coluna na saída do Terminal Amaral Gurgel. Seriam Zé Pilintra e seu irmão Zé Filintra? <sup>67</sup>

... são três irmãos: Zé Pilintra, Zé Filintra e Cego Veio da Boca Serena. Zé Filintra é quem tá com a mensagem de Zé (*José Júlio Laurindo, de Salgueiro-PE*). [...] A entidade seu Zé Pilintra é cultuada em praticamente todos os terreiros da região. Sua imagem está colocada nos pejis, em local que a torna destacada das demais. Porém, pelo menos nos rituais semanais, quem é incorporado é seu irmão, o Zé Filintra, também considerado como mestre da “jurema”. (ASSUNÇÃO)

<sup>67</sup> Disponível em:  
[a04484b21413279832e221f53f2a7233--street-art-art-photography.jpg](http://a04484b21413279832e221f53f2a7233--street-art-art-photography.jpg) (236×314) (pinimg.com)





Graffiti sob o Viaduto Antártica, São Paulo, 2013. Foto de Leopoldo Tauffenbach. Maravilhosa simetria do grafite de Zé Pilintra com a árvore e os prédios ao fundo. O pixo seria assinatura? <sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> Disponível em: [Reconstruindo Exu: Exu, graffiti e pichações](#)



## Dona Maria Padilha e sua quadrilha – Inês de Castro e sua dinastia

Destaca-se a seletividade imposta pelo contexto histórico colonial dominante português aos cultos afro-ameríndios e a seletividade deles próprios, na recepção de diferentes legados culturais por sucessivas gerações, resultando disso o sincretismo característico da cultura brasileira.

A historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (1995: 57-69), ao estudar os papéis sociais das mulheres pobres na incipiente urbanização de São Paulo, em meados do século passado, em seu livro *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*, mostra [...] as nuances do sincretismo de suas práticas socioculturais foram constituídas no movimentado comércio de vinténs existente na cidade durante o século XIX:

*(...) o sincretismo e a improvisação eram características básicas da escravidão, continuamente abastecida pelo tráfico de escravos novos: práticas do Daomé e de escravos muçulmanos em geral tendiam a ser apreendidas e transmitidas pelos diversos grupos étnicos; escravos de nações e dialetos diferentes, convivendo uns com os outros, criaram práticas de solidariedade e de sincretismo estudadas por Roger Bastide. O comércio de rua dos escravos, na cidade de São Paulo, era um cadinho de aculturação e costumes os mais diversos: [...] Em São Paulo, o comércio local e vida comunitárias dos escravos redundavam num processo vivo de sincretismo urbano, em que se misturavam quitandas de bugre e quitandas baianas: os cerimoniais em formação do catimbó, candomblé, umbanda dos escravos do Rio acabaram por fundir-se todos, na macumba paulista, descrita por Bastide como “um encontro comovente de todas as magias do mundo” (DIAS, 1995: 160).<sup>69</sup>*

Treino e esperteza de vendedor de ganho, também no caso de Joanides e dos habitantes marginalizados da Boca, os marginais, somados à disposição para a violência e resistência à mão armada, no seu caso pessoal. A explosão demográfica dos imigrantes incrementou esta economia de vinténs local, tremendamente. Bastide sabia fazer ciência com poesia e por isso inspirou outros estudiosos do assunto.

[...] Ao concluir seu estudo sobre a feitiçaria e a religiosidade popular no Brasil daquele período, Mello e Souza, referindo-se às orações de conjuro que pelas bocas das feitiçairas coloniais invocavam Dona “Maria Padilha e toda sua quadrilha”, assinala que:

*Foi assim, no cruzamento de concepções e discursos vários, que se elaborou uma feitiçaria colonial. Ela foi simultaneamente objeto de colagem complexa e origem de novas sínteses: hoje a Maria Padilha das orações setecentistas de conjuro à pomba-gira da umbanda. No plano da magia e da religião os sincretismos acabariam por se mostrar irremediáveis e inextinguíveis; sobre elas incidiria sempre a marca ambígua da cultura popular, que misturava sagrado e profano. Deixando mortes e sofrimentos atroz, o longo processo de aculturação acabou por fundir sabbats,*

---

<sup>69</sup> KOGURUMA, op. cit. p. 49-50.

*missas e calundus*. [...] (1989: 378).<sup>70</sup>

De fato, espantosa a fusão de sabbats, missas e calundus!

[...] Ao interessar-se pelas orações de conjuro coloniais, Marlyse Meyer buscou investigar as trilhas que a levariam a construir pontes entre um personagem que figura nas narrativas dos romances relativos à história da Espanha e a entidade que baixa nos terreiros de Umbanda da periferia de São Paulo e de outras cidades brasileiras ou mesmo, hoje em dia, [...] de países vizinhos, como a Argentina ou o Uruguai. Assim, atentando para a longa duração que permeia os elementos dos processos históricos, essa historiadora foi buscar os caminhos que levam de “um nome a um nome” e a revelar indícios [...] que permitem relacionar a Pomba Gira Maria Padilha às orações de conjuro coloniais, aos “romances” do *Romanceiro general de romances castellanos anteriores al siglo XVIII* e à bela amante de um rei de Castela do século XIV: Dona Maria Padilla.<sup>71</sup>

Maria Padilha, amante do rei de Castela D. Pedro, o Cruel, marcou a guerra civil castelhana, na crise do século XIV, com o signo do feitiço amoroso. Pomo da discórdia, pivô da guerra fratricida. A Umbanda recolheu sua figura assombrosa e o e fantasioso e inflamado veio hispânico, nesta entidade espiritual que teria vivido os estertores da Idade Média na crise do século XIV, Dona Maria Padilha. Em Portugal, por outro lado, este é o século de Dona Inês de Castro, cuja história ou lenda, certamente, figura entre os mais fantásticos e macabros contos de terror da literatura universal. Amante de outro D. Pedro, o Cruel, foi por ele coroada pós-morte rainha de Portugal. Segundo o medievalista Carlos Nogueira:

No século XIV, na Península Ibérica, encontramos três reis, singularmente três Pedros, e, ainda mais singular, três reis apelidados de “cruéis” [...] De Pedro de Aragão não podemos afirmar nada [...] mas, no caso de Pedro de Castela, sua extrema crueldade é um claro produto de uma redação “encomendada” – e no mínimo suspeita – a um antigo servidor deste monarca, que mudou de bando e passou a servir a Henrique de Trastâmara, o qual necessitava [...] difamar o reinado de seu meio-irmão destronado pelas armas. Não seria a suposta e generalizada crueldade dos monarcas ibéricos o resultado de uma tentativa de se sobrepor aos efeitos da Crise? [...] Pensamos que os tempos eram cruéis, e não necessariamente a crueldade era atributo desses monarcas ibéricos.<sup>72</sup>

Mas, por que, para os umbandistas, seria importante lembrar esses tempos cruéis do século XIV em pleno século XX? Mistérios. Esperança de um tirano pacificador, mais antiga que o sebastianismo? Como saber, com tantos séculos separando a época de Maria Padilha da

<sup>70</sup> Idem, ibdem, p. 55.

<sup>71</sup> Idem, ibdem, p. 56-57 (MEYER, 1993: 29-30)

<sup>72</sup> NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo; *A “loucura” de Pedro I, entre o folclore e a política real* – in – *O Portugal Medieval*; Alameda Casa Editorial, São Paulo, 2010; p. 17.

nossa? <sup>73</sup> Relações extraconjugais de príncipes da “Casa Real” de Portugal e de Castela instigaram guerras-civis ibéricas no contexto da crise do século XIV. No contexto dos terreiros de Umbanda de São Paulo no século XX, Maria Padilha tornou-se uma entidade espiritual que incorpora nos médiuns e a crise não é mais a do feudalismo, mas a do capitalismo pós-1929. Dona Inês de Castro, por sua vez, é parcamente mencionada na máxima popular que resumiu sua trágica sina e história macabra no lacônico ditado, extraído da fala de D. Pedro: - *Agora, Inês é morta!* Dona Maria Padilha, Dona Inês de Castro e dois Pedros cruéis, o de Castela e o de Portugal. Enquanto este se reconciliou com o pai que mandou matar sua amante e evitou, assim, a guerra civil, aquele se aliou com os parentes da amante, Maria Padilha, arrastando todos para a trágica derrota, pelo irmão bastardo, Henrique de Trastâmara, na guerra civil que arrasou Castela. D. Pedro I, de Portugal soube poupar da guerra seu reino e estruturar, numa linha de fortalezas com aliados seus encastelados na fronteira, “uma malha de solidariedades absolutamente necessárias”, que foi a pedra angular do imperialismo português subsequente. D. Pedro I foi totalmente lúcido e providencial. <sup>74</sup> Assim, D. Pedro I, de Portugal, o Cruel, e D. Inês de Castro inauguram o estado absolutista moderno e o mito do amor romântico, o amor eterno, enquanto D. Pedro de Castela, o Cruel, e D. Maria Padilha têm sua tragédia sob a égide da dama fatal (como, mais tarde, Carmem). Suas lendas cruzaram o Atlântico e chegaram aos terreiros de Umbanda, por tradições orais da cultura popular brasileira que se difundiram intensamente na primeira metade do século XX. Dona Maria Padilha traz uma luz distante, do século XIV, século da crise do feudalismo, contrastando com Zé Pilintra, personagem do fim do século XIX e começo do XX, resultando numa “aura” singular quando de suas manifestações mediúnicas de incorporação. *Zé Pilintra é rei da boemia. “Pombo Gira é rainha do mundo”*, como diz um ponto cantado. E entre as Pombos-Gira, Maria Padilha. Neste caso, ser rainha do

---

<sup>73</sup> Idem, ibidem, p. 19.

Será que através de D. Pedro I se pode perceber os inúteis esforços para afastar os impiedosos cavaleiros da guerra, da peste e da fome de Portugal? Ou se trata de esforços para conter as rebeldias e usurpações do poder de uma aristocracia ameaçada pelo depauperamento pela Grande Crise das estruturas de senhorio e propriedade? Ele usou a justiça “que a Deos mais praz” a fim de conduzir o seu reino e o seu povo sob a égide dos valores cristãos. Mas o Rei Justiceiro também foi o Rei Cruel. Ficou conhecido por sua personalidade impetuosa, impulsiva, e apaixonada. Pelos seus “excessos” em causas que não “pareciam” exigir tanta rigidez. Qual era o sentido desta postura?

<sup>74</sup> Idem, ibidem, p. 30-31.

As estratégias de nosso monarca funcionam. Não há guerras com Pedro I. Elas reiniciarão dois anos após a sua morte, com seu filho D. Fernando. Tudo isso nos parece a evidência, não de uma “loucura” anedótica, mas de um monarca consciente, que protege o seu Reino das aventuras dos bandos armados castelhanos e tenta organizar a sociedade maltratada pela Crise. Concordamos com Damião Peres que a tradição pode ser responsável por algumas descrições de Fernão Lopes. “Alguns desses casos devem ter correspondido a sucessos reais [...] a imaginação popular contribuiu para o conjunto de narrações com a habitual coloração lendária”.

mundo quer dizer mais que ela pertence ao mundo do que o mundo a ela, mas, com o poder da sedução, seu feitiço inverte essa correlação e o mundo passa a ser dela mais do que ela, do mundo, o que redime a condição feminina. A atomização da comunidade pelo individualismo burguês do capitalismo condicionou a reconfiguração das práticas religiosas no contexto da intensa urbanização do século XX, mas não superou o patriarcalismo legado pelos ibéricos à América Latina. Maria Padilha, assim, é “a própria negação da ordem social”, junto com uma série de mulheres inconvenientes ao machismo dominante. O despejo das prostitutas da zona do Bom Retiro, em 1954, deve ser analisado da perspectiva mais ampla da exclusão das mulheres e estigmatização da identidade feminina no contexto de segregação social racista e capitalista do processo de urbanização.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> KOGURUMA, op. cit. p. p. p. p. p. 60, 61, 62, 75, 76, 77.

Nesse entroncamento entre história e a dinâmica social das interpretações culturais é o ensaio de Marylise Meyer sobre a Pomba-Gira – entidade que baixa nos terreiros de Umbanda da cidade de São Paulo – que aponta a direção [...]: *De qualquer forma, a Pomba Gira [...] corresponde ao mesmo mundo de representações do Exu. Tem a sua força, o seu poder. Como ele, “ela trabalha para o bem, ela trabalha para o mal” (Ponto de Pomba-Gira). Como ele, o caráter subversivo que oferece em relação às normas da moral vigente não impede – antes explica – a crescente preferência que por ela têm os consulentes aflitos. Mas como é mulher, sua associação ao Mal, sua demonização passa pela imemorial marca infamante da feminilidade: a luxúria. Encarnada noutra antigo estereótipo: a prostituta. Uma “mulher da vida” com “sete maridos”, bem marcada me parece, pelo tempo em que se constituía a Umbanda no espaço urbano: vários de seus pontos cantados que ouvi remetem a um espaço escuso da cidade, que já foi sinônimo de devassidão e “mulher perdida”: a Pomba-Gira do cabaré. A associação feiticeira-prostituta-demônio, personificada no estereótipo da Celestina, a grande rufiã, alcoviteira na velhice, criado no teatro espanhol por Fernando Rojas, era muito comum já em Portugal, diz Laura de Mello e Souza [...] E vimos a Cigana Celestina [...] vestida de vermelho, elegante, coberta de joias, soltando estrepitosas gargalhadas, lasciva, provocante, assim explode, quando baixa, a Pomba Gira. [...] Representa a própria negação da ordem social”.* (MEYER, 1993) [...] As transformações urbanas de cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo foram marcadas pela intolerância quanto às diversas manifestações culturais “mestiças” das camadas populares: vicejaram naquele período as proibições das festas religiosas de caráter popular, tão características de nossas cidades no período colonial e imperial; efetuaram-se perseguições policiais contra líderes messiânicos, curandeiros e feiticeiros; os espaços da festa da Glória no Rio de Janeiro e da festa da Penha em São Paulo foram cerceados; clamava-se contra a crescente popularização dos candomblés nos artigos dos jornais. Tratava-se de um confronto entre a “civilização” e a “barbárie”, isto é, [...] entre os “ilustrados” e “refinados” membros das elites dominantes, sincronizados com a burguesia d’além mar, e uma enorme massa de gente “ignorante” e “mestiça”, os ex-escravos, mulatos, brancos nacionais, caipiras, imigrantes empobrecidos, pedintes, bêbados, prostitutas, indigentes, enfim, os pobres, que lutavam por sobrevivência nas fimbrias do sistema. “Selvagens” e “atrasados” porque não enquadrados aos padrões do universo de valores burgueses, à visão de mundo das elites dominantes. [...] Contudo, [...] a população de origem negra que habitava São Paulo procurou resistir [...] e manter vivas suas tradições culturais. No processo de urbanização da Pauliceia nascente, que tendia a uma crescente cosmopolitização, “afogada” pelas ondas brancas da maré de contingentes de imigrantes europeus, a população negra e mestiça da cidade procurou manter vivas suas práticas socioculturais em meio a um ambiente que lhes era francamente desfavorável.

## Capítulo 3

### Boca do Lixo - mundo à parte

*O mundo novo, representado por São Paulo, onde primeiro o branco se fundia com o índio, depois os descendentes destes se cruzaram com os negros, e agora as novas gerações se consorciavam com os fugitivos da Europa convulsionada, é a nova terra da promessa, onde se vão erguer as torres sólidas das “novas arquiteturas da sociedade futura”, a Babel invertida, a Babel que une e, portanto, leva ao clímax, a consumação da missão mística que a sua antecessora frustrara.*

Orfeu extático na metrópole (Nicolau Sevcenko)

## Reminiscências do escravismo e criminalidade

As “ondas brancas da maré de contingentes de imigrantes europeus” eram canalizadas, captadas e cooptadas pelo sistema colonial português local estabelecido, de exploração da “população negra e mestiça da cidade”, que atravessou intacto o Brasil império e continuou incólume na república, após 1888-89, apesar da abolição da escravidão. Assim, os trabalhadores imigrantes europeus e orientais eram arrojados no mesmo limite da opressão imposta à população nativa local de negros, índios e mestiços, excluída ao máximo no pós-abolição e “afogada” pela política demográfica de branqueamento. E, sob a opressão das classes dominantes, no conjunto proletário dos excluídos, as mulheres sofrem ainda outra opressão, a do machismo. Marginalizadas, as prostitutas escandalizavam as casas e bairros de família da cidade, em oposição ao ideal dominante de mulher submissa e do lar. Tanta opressão sobre as mulheres, desde *a origem da propriedade privada, do Estado e da família*, esconde ou revela um medo atávico ao feminino.

O misticismo, contra o qual Joanides ergue seu relato cético e empírico, é pré-capitalista, assinalando reminiscências pré-abolição do escravismo, visto como algo do passado, de um tempo superado. Joanides, como Mário de Andrade, também encarava “com desconfiança” essa visão mágica de mundo, predominante ainda meio século após a abolição e deposição da monarquia. A ironia da sua narrativa da morte do caçador de bandidos que tinha fama de ter “corpo fechado” prova isso. A política imigratória da República sobrepôs ao comércio popular “de vinténs”, agora no contexto do trabalho livre, trabalhadoras e trabalhadores de diferentes povos que se radicavam em São Paulo, em simbiose com seus antecessores, tupis, portugueses e africanos. A república do café com leite celebrou o centenário da independência com a Semana de Arte Moderna de 1922 em meio às inúmeras obras de urbanismo em São Paulo e ao crescimento vertiginoso da “Babel invertida”, a “cidade que não pode parar”, a “cidade que mais cresce no mundo”. A produção cultural brasileira nas décadas seguintes somou grandes nomes ao panteão de *estrelas*, no culto do *gênio*<sup>76</sup> que a indústria cultural burguesa sobrepôs ao culto da realeza e dos santos, dos séculos anteriores. Joanides escreveu na década de setenta, mas suas referências literárias passam, por exemplo, por Augusto dos Anjos (1884-1914). Seu texto encaixa-se perfeitamente nas características de escritores anarquistas e comunistas do começo do século.

Nos escritos de Raul Bopp, Cassiano Ricardo ou Menotti del Picchia, ao longo dos

<sup>76</sup> BENJAMIN, Walter: *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* – in – Obras Escolhidas, v. IV, Magia e Técnica, Arte e Política; Brasiliense, São Paulo, 1993; p. 165-196.

anos 1920, procuramos inutilmente ecos de ideias de Marx. Esses ecos também não se acham em Oswald de Andrade (1890-1954) antes do *Manifesto Antropofágico*, de 1928. No prefácio de *Serafim Ponte Grande*, Oswald de Andrade lamenta que, em sua primeira viagem à Europa, tivesse passado por Londres, “de barba, sem perceber Karl Marx”. Explica que, na “bosta mental sul-americana” da época, o contrário de burguês não era o proletário e sim o boêmio. Caracteriza sua opção nos seguintes termos: “Com pouco dinheiro, mas fora do eixo revolucionário do mundo, ignorando o *Manifesto comunista* e não querendo ser burguês, passei naturalmente a ser boêmio.” Faz autocrítica, deplora ter sido “um palhaço de classe”, admite que seu ser literário “atolou diversas vezes na trincheira social reacionária”. Consola-se com o fato de ter sido sempre sarcástico, de ter servido à burguesia “sem nela crer”. E conclui por se declarar possuído de uma única vontade: a de “ser pelo menos casaca de ferro na Revolução Proletária”. Como o livro *Serafim Ponte Grande* foi escrito em 1928, poder-se-ia ter a impressão de que Oswald de Andrade se tornou marxista ainda nos anos de 1920. Mas, as convicções proclamadas acima [...] só aparecem, de fato, no prefácio, datado de fevereiro de 1933. De modo que também no caso de Oswald de Andrade, podemos constatar uma falta de contatos substanciais com o pensamento de Marx ao longo dos anos de 1920. <sup>77</sup>

Traços desse marxismo difuso e precariamente informado, característico de vários autores de esquerda desse período também aparecem nas análises sociológicas esboçadas por Joanides (1936-1992), com picardia e sarcasmo típicos. São Paulo recebeu nosso autor na juventude, na comemoração do quarto centenário da cidade, em 1954, com 18 anos. Testemunhou o violento despejo das prostitutas da zona do bairro do Bom Retiro. A especificidade da trajetória histórica brasileira e paulistana determina a diferença da situação dos valentes e da malandragem do submundo paulistano em relação ao padrão do gangster americano mafioso difundido pelo cinema, apontada por Joanides com lucidez. A escala do crescimento urbano, a miríade de imigrantes de diferentes origens, a imprensa escrita, o rádio e a televisiva, a indústria da consciência e a cultura de massa, enfim, sobrepuseram seus padrões “modernos” aos substratos pré-capitalistas da mentalidade paulistana. Maria Helena P.T. Machado aponta que a ingerência do Estado nas relações de trabalho remonta ao período pré-abolição:

[...] atingindo sobretudo os setores mais profundamente colocados sob pressão [...], os grandes proprietários locais, os “barões do café”, enfim, [...] que tinham por trás de si grande número de cativos e centenas de arrobas de café, atraindo, portanto, a atenção da opinião pública. Resta acrescentar que outro fator poderoso agiu no sentido de pressionar os senhores a apresentarem seus escravos à Justiça: a crescente criminalidade escrava. A análise da documentação criminal relativa aos distritos cafeeiros [...] indica ter existido, ao longo das últimas décadas de vigência da

---

<sup>77</sup> KONDER, Leandro; *A Derrota da Dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*; São Paulo: Expressão Popular, 2009; p. 196.

escravidão, uma tendência ascendente das transgressões.<sup>78</sup>

O crescimento da criminalidade entre os escravos na véspera da abolição e suas estratégias e táticas de luta condicionaram a formação do proletariado e da marginalidade paulista pós-abolição. Joanides foi um dos precursores do revólver no submundo paulistano, cuja arma até então era a navalha. Os imigrantes foram absorvidos por esse contexto local de intensos conflitos sociais. Joanides escreveu sua tragicomédia satírica com o objetivo declarado de entreter, mas foi bem além, na denúncia da farsa construída pelos jornais para capitalizar os acontecimentos em torno de sua figura pública. Seu niilismo marxista-positivista é insólito e deve ser compreendido à luz de um contexto mais amplo do marxismo no Brasil, tal qual abordado por Leandro Konder. O amargor sarcástico que temperava os sentimentos de muitos escritores brasileiros, não só de Joanides, vinha de um contexto mais amplo: o naufrágio da educação iluminista destes escritores no meio social iletrado do povo brasileiro e a decorrente estagnação da luta de classes. Darcy Ribeiro denunciou que o fracasso escolar era um projeto.

Familiarizados com as concepções da social-democracia europeia, os social-democratas brasileiros enfrentavam a difícil tarefa de levar essas concepções a uma massa trabalhadora atrasada, mantida pelo sistema inteiramente à margem da vida política e cultural. O *saber* sofisticado das “ideias francesas” se esboroava em face da rudeza do “meio ambiente”. O socialismo francês era o herdeiro do pensamento progressista dos *iluministas*, daqueles campeões que, no século 18, com Voltaire à frente, haviam se empenhado em dissipar, com as “luzes da razão”, as trevas da ignorância, do preconceito e da superstição. No Brasil, entretanto, o socialismo se chocava com uma realidade opaca, “irracional”, que não se deixava “iluminar”.

Os nossos social-democratas se sentiam protagonistas de um drama perturbador, que os desafiava a uma tentativa de explicação: de onde viria, afinal, a resistência do povo a ideias que, tão claramente, deviam corresponder aos interesses vitais de sua maioria, quer dizer, da massa trabalhadora? Estevam Estrella se lamentava, em 15 de dezembro de 1901, na *Aurora social*: “Entre as classes proletárias, os assalariados, reina a maior desarmonia, o maior servilismo”. E acrescentava: os trabalhadores temem os patrões e por isso “não formam agrupações nem sindicatos, não organizam cooperativas”. [...] Diante da massa de negros e mulatos “aviltados”, Estevam Estrella volta seus olhos para os imigrantes, em busca de uma esperança. Decepcionado com os portugueses (que se diluíam “no aviltamento e nos costumes”), ele via algo de bom nos alemães e nos italianos; porém, mesmo estes lhe pareciam problemáticos [...] “gente muito boa, costumes nobres, porém demasiadamente frios, verdadeira antítese com os latinos”. Os poucos italianos que faziam propaganda do socialismo em São Paulo eram reconhecidos como “sinceros e eficazes”; em sua maioria, contudo, os italianos que aqui chegavam se vendiam aos exploradores “por qualquer preço, a fim de não morrer de fome. De sorte que o italiano, com raríssimas exceções, ainda mesmo que tenha sido socialista militante, consciente, na Itália, aqui, ou fica calado,

<sup>78</sup> MACHADO, Maria Helena; *Crime e Escravidão: trabalho, luta, resistência nas lavouras paulistas 1830-1888* Brasiliense, São Paulo, 1987; p. 31, 32, 33.



ou transpassa-se em burguês, aspirante a capitalista.<sup>79</sup>

Essa era a situação do operariado paulista e dos marxistas locais no começo do século XX. Joanides se sentia deslocado e solitário na Boca do Lixo dos “anos dourados” de um modo análogo, mas assim mesmo teve amizades e amores. E sua geração, diferente da do começo do século, já possuía intimidade com a vida na metrópole moderna, livre das antigas tradições, ou delas alienados pela acumulação ampliada do capital.

### **A cidade fremente e sensorial**

Nicolau Sevcenko mostrou a emergência “do novo código” quando “a herança cultural haurida dos séculos passados se torna obsoleta”:

Posta a ação como o âmago irradiador das significações na nova sociedade em formação, a herança cultural haurida dos séculos passados se torna obsoleta, ou só se mantém em circulação, com sua carga de prestígio, se reelaborada segundo os termos do novo código. O que a centralização da cultura ao redor do imperativo da ação requer das pessoas, em primeiro lugar, é o seu engajamento físico, em condições que rompem com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e ideias. Só desse modo elas podem vir a desempenhar um papel ativo, integrando uma força coletiva que adquire assim uma corporiedade extra-humana. Nesse desempenho físico em que o corpo é a peça central, os agentes da “ideia nova” se expõem a um intenso bombardeio sensorial e emocional, que se torna a substância energética em si mesma da ação, não devendo, pela lógica da sua própria economia, se desdobrar em considerações reflexivas ulteriores. Nesse sentido, não é que a ação preceda o pensamento, mas mais que isso, ela se nutre exatamente da abstinência dele.<sup>80</sup>

O leitor encontrará no relato de Joanides sobre como se tornou assassino, um testemunho revelador das disposições psíquicas desse exato estado de espírito (se é que devemos denominar assim) três décadas depois. O imperativo da ação, impulsionado pelo instinto de sobrevivência frente ao perigo iminente da morte, liberou seu gesto de legítima defesa de qualquer mediação do pensamento, quando sua opção foi matar ou morrer. Sevcenko está tratando do fenômeno em sua amplitude histórica, é claro, diferente do relato pessoal de Joanides, mas seus textos coincidem num outro ponto também, a primazia da “rua” na rotina cotidiana:

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolescência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se

<sup>79</sup> KONDER, Leandro; *A Derrota da Dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, São Paulo, 2009; p. 129, 130, 131.

<sup>80</sup> SEVCENKO, op. cit. p. 32.

prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito. Sob o epíteto genérico de “diversões”, toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana. [...] Em nenhum lugar, porém, a insurgência dessa nova ordem cultural se deu sem enfrentar fortes resistências. Em São Paulo particularmente, as circunstâncias ainda lhe eram algo adversas.<sup>81</sup>

No curso da década de 1920 para a década de 1950, porém, tais circunstâncias se combinaram com outras novidades, reagiram e se transformaram. Joanides conta como a invenção do anticoncepcional deslocou a boemia, que até então gravitava em torno das prostitutas, para esses “clubs” e outros locais frequentados por jovens “modernas”. Seu próprio livro, proposto como entretenimento, inscreveu-se nesse âmbito que centralizava a vida cultural da cidade moderna: a diversão. Sevcenko apontou as origens do fenômeno que vinha do exterior. O que fazer? Eis a questão que estava “no ar”.

No caso de São Paulo, o problema era obviamente muito mais delicado. É em torno de 1919-20 que – refletindo sobre o grande crescimento industrial do período de guerra, as estatísticas do último censo demográfico-econômico, a iminência de se tornar um dos palcos da celebração do centenário da Independência e o complexo conjunto de reformas urbanas desenvolvido nesse momento – a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura. Cortada do passado pelo seu modo de desenvolvimento abrupto, São Paulo, tal como era figurada pelos seus cronistas, aparecia insistentemente refletida num improvável espelho do futuro. Esse espelho espectral cintilava ao longe, como se pode supor, nos confins do Ocidente exótico. De modo que, ou esses observadores o viam daqui refletindo as metrópoles europeias e americanas ou, alternativamente, projetavam a silhueta disforme de São Paulo contra aquelas cidades, procurando encontrar os sinais da sua identidade em cada uma e no conjunto das marcas do contraste. Um dos resultados mais bem-sucedidos desse último procedimento culminou na fórmula, provida de uma copiosa carga metafórica, da “Babel invertida”. [...] O novo mito vem a calhar, em primeiro lugar porque atribui um sentido – claro e promissor ademais – para os magotes de estranhos, balbuciando suas línguas esdrúxulas, que se acotovelam impacientes por todos os recantos de São Paulo. A linguagem da reconstrução da fábula é por si só muito reveladora. Ela opõe o “velho mundo” [...] contra o “novo” [...]. Usufruindo do recente prestígio da conotação dada às coisas jovens, a revisão do mito não deixa dúvidas quanto a quem

---

<sup>81</sup> Idem, *ibidem*, p. 32-34.

pertence o futuro; tirando o máximo proveito das convicções e do estado de espírito em voga. A velha Europa que divide os homens pelo ódio, lançando-os uns contra os outros, destruindo o alto edifício da civilização, é a velha Babel rediviva.<sup>82</sup>

## **Babel invertida**

Se o mito paulistano na década de 20 foi o da *Babel invertida*, Joanides, por sua vez, refere-se ao *canto das sereias* que, até 1954, vinha da zona do Bom Retiro e, desde então, passou a emanar da Boca do Lixo, nos Campos Elíseos. Sua educação no Colégio Parthenon em Curitiba e na Escola Estadual Machado de Assis em São Paulo, no bairro de Pinheiros, reproduzia a identificação do Ocidente com a antiguidade clássica grega e romana, da tradição portuguesa da Lisboa-Olissipo fundada por Ulisses. Na narrativa de sua saga pela Boca do Lixo, socorre-se recorrentemente da referência literária ao *canto das sereias*, que o trouxe no turbilhão *ciclópico* do submundo da metrópole. Nessa perspectiva, São Paulo configura-se mais como um arquipélago do que como uma Babel, seja invertida seja do cativo. Joanides apela à imagem do naufrago enganado pelo canto das sereias, tentando retornar, não ao mito da Babel. Mas a Babel indica exatamente a dualidade que mais chama atenção no violento despejo sofrido pelas prostitutas no começo de 1954 e na primeira impressão que tive sobre o fato, ao ler Joanides: como o poder público confina ou expulsa populações inteiras ao sabor do momento, conforme as conveniências políticas da elite mudam com o tempo.

Esse mito, erótico e holístico, de criação de uma nova raça, assinalada por um destino manifesto de envergadura cósmica, se desdobraria em inúmeras variantes e sucedâneos ao longo da década de 20. Mas essa matriz deixa bem clara a raiz urbana do mito. [...] lançando aqui as bases da nova e definitiva civilização. Só o que o mito não podia fazer, era mudar a realidade. Porque, afinal, a Babel era de verdade. Ela agregava centenas de milhares de seres desenraizados, arrancados pela força ou pela aflição dos seus lares e regiões de origem, transportados como gado através dos mares, negociados por “agentes de imigração” com preço fixo por cabeça, conforme a idade, sexo, origem e condições físicas, despejados em pontos infectos de endemias tropicais, sem instruções, sem conhecimento da língua, sem recursos, sem condições de retorno, reduzidos à mais drástica privação para que a penúria esma lhes servisse de acicate ao trabalho e motivo de submissão. Postos a competir com os párias negros, recém-egressos da escravidão, e os “caipiras”, mestiços refugiados na gleba precária do seu “sítio” apossado, sem direitos de qualquer espécie. Quanto aos índios, esses sequer teriam a chance de serem iludidos pela miragem da Babel: a expansão definitiva das fazendas nessa década seria acompanhada do extermínio sistemáticos das últimas tribos e comunidades ainda remanescentes no interior do estado de São Paulo. [...] Para os negros, desde os últimos tempos da escravidão, a cidade era um foco de quilombos e agitação abolicionista, onde o ar recendia a liberdade. Mas a

---

<sup>82</sup> Idem, *ibidem*, p. p. 36, 37, 38.

discriminação, a competição em condições desvantajosas com os imigrantes e a brutal repressão policial cedo anuviaram essa perspectiva. Aos caipiras, acuados e pressionados pelo avanço das fazendas, a demanda crescente da cidade poderia oferecer uma alternativa de pequenos serviços e vendas, muito limitados, porém, dados os custos implicados pela concorrência dos “chacareiros” imigrantes, pelos controles oficiais do acesso aos mercados e pela ação inelutável dos açambarcadores. Os imigrantes, em boa parte coligados em comunidades de patrícios, nos casos ainda mais felizes, em Associações de Ajuda Mútua, Uniões Operárias, sindicatos ou círculos paroquiais, a situação nem por isso era promissora. Defrontados com jornadas de dez, quatorze ou dezesseis horas de trabalho, preferencialmente propostos a mulheres e crianças, salários congelados, custo de vida e alugueis em escalada permanente e completo desamparo legal, sua vida na cidade pouco diferia das fazendas de que haviam esquivado. Mais do que o mito de Babel, nessa ordem de metáforas, São Paulo para estes grupos evocaria o Cativo da Babilônia.<sup>83</sup>

A tensão entre expectativa e realidade é máxima, na Babel como referência mítica e histórica. Torre e cativo, na verticalização da São Paulo pós-abolição. A geração de Joanides conviveu desde a infância com estes novos parâmetros implicados na vida cotidiana das metrópoles modernas desde os frementes anos 20. Os jovens dos “anos dourados” foram, portanto, os próprios representantes da apologia do “novo”, do “moderno”, da “juventude”, em curso no mundo. Sente-se esta jovialidade no texto de Joanides. Com que esperanças de aventura, prazeres e diversões o jovem Joanides teve sua iniciação na boemia paulistana da década de 50 que a cidade proporcionava!

### **Ocidente e Oriente: os Joanides**

Trágicos acontecimentos, contudo, transformaram esse jovem no “rei” da Boca do Lixo. Que estranha e bizarra espécie de realeza, esta! Ainda mais para o próprio Joanides, descendente de gregos, com a educação clássica das escolas públicas brasileiras de então, com espírito laico, republicano, e currículo iluminista enciclopédico. Alguém assim tão ocidental ficar famoso como “Hiroito, o japonês, rei da Boca do Lixo” é um tanto irônico. Certamente, não era o tipo de realeza que o pai dele idealizou quando lhe batizou. Por outro lado, tanto o nome quanto a educação clássica contrastam com o meio social que acolheu Joanides quando laços afetivos, profissionais e familiares se romperam. Esses contrastes combinam-se, de modo extremamente dissonante, com as discrepâncias enormes entre a idealização elitista do Brasil como parte integrante do Ocidente e a realidade do seu povo, muito mais vítima do despotismo oriental nababesco de suas “elites” dirigentes do que suposto cidadão civilizado ocidental. Aliás, esses mesmos estereótipos - *oriental* e *ocidental* - ficaram obsoletos no período entre os

---

<sup>83</sup> Idem, *ibidem*, p. p. 38, 39.

fatos narrados e sua redação por Joanides. A crise de paradigmas atingiu a idealização que se fazia das próprias origens, da triunfal gênese das identidades nacionais modernas e da civilização ocidental, fundadas no mito do progresso e na herança da antiguidade clássica greco-latina; como mostra Norberto Guarinello:

A História Antiga, no entanto, passou por transformações ainda mais profundas. Suas origens podem ser identificadas já após a Segunda Guerra Mundial, mas foi apenas nos anos de 1970 que vieram à tona. A raiz das grandes mudanças de perspectiva reside no enfraquecimento dos países centrais europeus após a Guerra e, sobretudo, no processo de descolonização, tanto da África como da Ásia. Para os próprios europeus, a Europa deixou de ser vista como centro do mundo. Sua civilização deixou de ser considerada a melhor de todas. Sua racionalidade, sua razão, sua ciência, foram contestadas pelos próprios pensadores europeus, como o filósofo francês Michel Foucault. O Ocidente, como realidade histórica, entrou em crise. Esse processo foi gradual e ainda está em curso. A primeira noção combatida foi a de superioridade cultural. Autores do início do século XX [...] haviam descrito a romanização das províncias ocidentais do Império Romano como um avanço da civilização sobre a barbárie. Seu modelo era o da expansão da civilização europeia pelo mundo. Esta era vista como um benefício que o imperialismo europeu possibilitava à humanidade ao expandir sua cultura e civilidade para o conjunto dos seres humanos. A mesma ideia estava por trás da noção de helenização do Oriente, após as conquistas de Alexandre, o Grande – um paralelo perfeito à ação romana no Ocidente. A chamada descolonização da História Antiga representou uma ruptura com a noção de uma civilização superior, alegremente aceita pelos povos conquistados. A própria ideia de civilização foi criticada como uma construção ideológica e diferentes autores [...] ressaltaram a resistência dos povos conquistados contra a cultura dos conquistadores. Como veremos, a natureza das relações entre os diversos povos da Antiguidade ainda está no coração dos debates contemporâneos.<sup>84</sup>

Parece haver um verdadeiro esforço de guerra para desvincular a ideia de Grécia do domínio turco e poder se apropriar de seu legado em estado puro, clássico, como herança exclusiva do Ocidente. No contexto dos conflitos que vão da independência grega, em 1822, ao desmembramento do império otomano no fim da Primeira Guerra, o arquipélago do Dodecaneso e a ilha de origem da comunidade helênica do Paraná, à qual pertenceu Joanides, Castelorizo (antiga Megísti), foram retomados pelo pashá de Rhodes (1833), continuando na órbita do império turco até 1913. Foi nesse contexto que os gregos cortejaram D. Pedro V de Portugal (D. Pedro I do Brasil), expulso do Rio de Janeiro pela revolta liberal carioca de 1831 e de volta à Europa, a assumir o poder na Grécia. Após breve e raro momento de autonomia, a terra natal dos Joanides foi ocupada pela França e, como represália, regularmente bombardeada pela Turquia. De 1920 até 1944 a Itália ocupou a ilha, integrada oficialmente à Grécia, em 22 de março de 1945, após ser ocupada pelo Reino Unido no fim da Segunda Guerra. Os

---

<sup>84</sup> GUARINELLO, Norberto Luiz; *História Antiga*; Contexto, São Paulo, 2014; p. p. 38, 39.

aproximadamente mil e quinhentos habitantes de Castelorizo em 1900, hoje, ficaram reduzidos à cerca de duzentos e cinquenta. Seduzido pelo *canto das sereias*, atavismo imemorial dos ancestrais gregos, e chamado de Hiroito, homônimo do imperador Showa (1901-1989), que reinou no Japão de 1926 até sua morte, Joanides tinha, de fato, motivos de sobra para se sentir o ser mais exótico da Boca do Lixo. Ainda mais, depois de aclamado pela imprensa sensacionalista como rei do submundo paulistano, rei da Boca. Que *realeza* a sua, comparada à do imperador que era um deus vivo para os japoneses! Hiroito, o “japonês” rei da Boca do Lixo e Hiroito, imperador Showa, descendente da deusa do Sol, Amerasu, seu contemporâneo. O imperador japonês teve seu avô por referência e continuou a ocidentalização capitalista da revolução Meiji, ocupando o vazio deixado pelo recuo inglês no extremo oriente e pelas dificuldades dos franceses no sudeste asiático. Invadiu Vietnã, Coréia e Manchúria (noroeste da China), aliou-se à Hitler e Mussoline, bombardeou Pearl Harbor (1941) e acabou derrotado na ecatombe nuclear de Hiroshima e Nagasaki (cidade com grande colônia portuguesa) que celou o fim da Segunda Guerra mundial, em agosto de 1945, com o nascimento da era atômica e oforçou à rendição. No Brasil e em São Paulo, especialmente, a colônia japonesa demorou a acreditar e aceitar a derrota, agarrando-se fanaticamente à crença na invencibilidade do Japão e perfeição divina de seu imperador, semelhante ao ocorrido com os alemães e seu führer. O pai de Joanides era admirador do imperador Hiroito, não viveu para assistir o mesmo se tornar famoso como “Hiroito, o japonês”, denunciado em manchetes sensacionalistas como poderoso chefe do submundo paulistano, rei da Boca do Lixo. Seu trágico assassinato o poupou do desgosto de ver o filho assumir esse trono.

Nosso autor nasceu em 1936, em Morretes, no Paraná, e se mudou com a família para São Paulo em 1948, quando já havia sido superada essa estranha controvérsia e a Shindo Renmei, desbaratada. É intrigante o que teria levado Jorge Panayotti Joanides a batizar seu filho com o nome do imperador do Japão, num tal contexto. Talvez, a situação distinta dos imigrantes japoneses em comparação com a dos outros imigrantes, em geral, e a dos negros e dos índios já explorados desde a colonização portuguesa. Cabe notar que, além da recente ocidentalização, o apoio do consulado do Japão às suas colônias no Brasil os distinguiu dos imigrantes chineses e “turcos” (denominação que abrangia diversos povos que integravam o Império Otomano, como sírios, libaneses, gregos, palestinos, persas... além dos próprios turcos), órfãos de impérios destroçados refugiados no Brasil. O deputado federal Acylino de Leão, em 1935, quando a Câmara dos Deputados votou a favor da concessão de subsídios aos imigrantes japoneses, contudo tirando as oportunidades aos portugueses afirmou que os

colonos japoneses “são ainda mais brancos que os portugueses”. O que Joanides, o japonês, diria disso, que os “colonos japoneses são ainda mais brancos que os portugueses”? Se a origem grega era indiferente para efeito de registros oficiais da imigração, noutras situações sua menção dava um toque exótico inusitado. O livro de Joanides não menciona, mas a manchete do jornal que noticiou o assassinato de seu pai tem este apelo:

#### FALSÁRIO GREGO ASSASSINADO COM VINTE E DUAS FACADAS

A recém-criada Delegacia de Homicídios de São Paulo está às voltas com misterioso crime. No apartamento 83 do Edifício Thebas na rua dos Andradas, foi encontrado morto, com vinte e duas facadas, o grego Jorge Panaytti Joanides, que residia à rua Duillo, 425, com sua família. Segundo apuraram as autoridades, Joanides, em outubro de 1953, fora preso e processado pela Delegacia de Falsificações porque conduzia 80 mil selos falsos. Homem de passado suspeito; procura, agora, a Polícia apurar todos seus negócios escusos, na suposição de que um deles dê a pista para a elucidação do seu bárbaro assassinato.<sup>85</sup>

### Capela imperial e faroeste paulista

Esse título de “rei” da Boca do Lixo não tinha nada de nobre e realeza alguma, sendo bem mais um estigma. Aliás, o próprio termo “rei”, desde a Proclamação da República deixara de pertencer à realeza para cair na boca do povo. Contudo, a cidade de São Paulo manteve na mais alta conta sua ligação com a realeza portuguesa e a Casa de Bragança e erigiu o *Altar da Pátria*, conjunto escultórico dos arquitetos Ettore Ximenes e Manfredo Manfredi, em granito e bronze, encomendado para o *Centenário da Independência* e inaugurado em 1922, (mas só concluído em 1926) no local onde D. Pedro I teria dado o “grito do Ipiranga”. Que potência misteriosa a desse grito! Ettore e Manfredo venceram o concurso aberto em 1917 para eleger o melhor projeto. Seguindo as efemérides, esse memorial ganhou a Capela Imperial, em 1952, e a cripta da Imperatriz Leopoldina, em 1953, para onde seus restos mortais foram transladados. Os 150 anos da independência, em 1972, ensejaram, por sua vez, o traslado do corpo de D. Pedro I do Panteão dos Bragança em Lisboa, junto com os de D. Amélia, sua

<sup>85</sup> *Diário da Noite*, 9 de julho de 1956. Em recente pesquisa de campo, pude comprovar o quanto o local é perigoso, ao ser alertado pelo taxista (que olhava para todos os lados com o medo estampado nos olhos) e ser assaltado pouco depois de saltar do carro. Teria a impopularidade dos Andradas depreciado a rua que leva seu nome ou isso foi mera coincidência. Significativo é o produto falsificado pelo pai do nosso autor: selos. E a quantidade mostra seu grande consumo. Sua invenção na Inglaterra (1840) completava pouco mais de um século, então. Interessante, também, ser de Curitiba o primeiro carimbo comemorativo, da *Exposição do Paraná*, de 1904. Foi para lá que Hiroito tentou voltar quando seu mundo desabou, mas seu destino parecia já estar selado e endereçado à São Paulo.

segunda esposa, cuja cripta foi instalada em 1984. O corpo de D. Pedro I foi trasladado para a Capela Imperial do Altar da Pátria, no Monumento do Ipiranga, mas o coração continua guardado, desde 1837, em uma caixa de vidro na Igreja de Nossa Senhora da Lapa, na cidade do Porto. Lá, D. Pedro I do Brasil, D. Pedro IV de Portugal, venceu seu irmão D. Miguel no cerco de Lisboa, tendo vivido na cidade durante os treze meses (junho de 1832 a agosto de 1833) em que foi sitiada durante as Guerras Liberais (1828-1834). Cinco chaves acessam o recipiente onde está o coração do “rei soldado”, que quis funeral sem as honrarias régias. Para retirar a placa de metal cravada na porta do monumento, a rede por trás da placa, a urna e a caixa de madeira onde um guarda-joias de prata guarda o recipiente de vidro com o coração. De dez em dez anos, a Prefeitura do Porto troca a solução de formol. Mórvido e poético como um poema de Augusto dos Anjos ou um conto extraordinário de Edgar Allan Poe.

A fundação de municípios como estratégia de consolidação do domínio territorial, herdada do Império Romano por Portugal, tinha o pelourinho por monumento e símbolo do poder municipal. A força e a pena capital eram prerrogativas reais. Marginais foram usados na expansão colonial em África “para povoar o local”, ainda na idade média. Na verdade, a detenção em cadeias, o sistema prisional é bem recente, como demonstrou Denise da Silva do Nascimento:

Na cadeia está apenas gente em trânsito: para uma audiência, para o pelourinho, para Além-Mar, para o Além propriamente dito. Assim, no medievo não podemos pensar a detenção como uma punição, posto que um indivíduo em geral não era enviado a uma prisão a fim de pagar um crime cometido e sim tendo em vista a garantia de que o acusado iria a juízo ou, tendo sido pronunciada a sentença, que a pena seria aplicada.<sup>86</sup>

Que injunção interessante e reveladora para entender as origens remotas da promiscuidade entre poder político e criminalidade em nossa sociedade. A construção do Parque D. Pedro II, inaugurado em 1922 na várzea do Carmo coroou a série de transfigurações urbanas do centro antigo que vinham de meados do século XIX, refletindo os ventos liberais que depuseram D. Pedro I na revolta carioca de 1831. Com a deposição da monarquia e da dinastia de Bragança, a palavra “rei” metamorfoseou seu signo ao sabor do gosto popular: Lampião, o *rei do cangaço*, Hiroito, *rei da Boca do Lixo*. O valor de troca da palavra “rei” usurpou seu valor de uso, digamos assim, num contexto mais amplo de dilapidação das heranças culturais pela sua liquidação no mercado capitalista. Mas o absolutismo dos reis

---

<sup>86</sup> NASCIMENTO, Denise da Silva Menezes do; *De fugitivo a perdoado: os amados no reinado de D. João I*. In: *O Portugal Medieval: monarquia e sociedade*. NOGUEIRA, Carlos (org.) São Paulo: Alameda, 2010; p. 241.



portugueses deixou seu ranço autoritário na sociedade brasileira, nas instituições estatais, no presidencialismo de coalisão com as oligarquias regionais, na mentalidade mandonista e escravocrata da “elite” brasileira. A raridade dos momentos de democracia no Brasil fala por si só. A transição histórica dos castigos exemplares para o regime disciplinar penitenciário, com o fim do Pelourinho e da Força em meados do século XIX, culminou com a multiplicação de cadeias, presídios e delegacias de polícia em meados do século XX, que acompanhou o crescimento vertiginoso da metropolização paulistana com sua face policialesca.

São Paulo, na década de 1950, seguia ideais produzidos nos centros hegemônicos da indústria cultural, da imprensa, cinema, rádio e TV, não mais das místicas ancestrais portuguesas e afro-brasileiras, como ainda fora o caso de Prestes, *o cavaleiro da esperança*, nas décadas anteriores, com seu carisma messiânico e aura sebastianista. A construção, por sua vez, da lenda do rei da Boca do Lixo, pela imprensa sensacionalista, afigura bem mais um *cavaleiro da desesperança*, um anti-herói por excelência, um marginal, um bandido cuja impunidade escancarava a ineficiência da polícia. O sebastianismo, até então motivo dominante no messianismo rural pré-capitalista, com seu “exército encantado de São Sebastião”, não se restringiu aos recônditos atrasados do interior brasileiro, mas abalou também a metrópole moderna em eclosão, na revolta de 1924, a Revolução Esquecida <sup>87</sup>, que terminou com a fuga

---

<sup>87</sup> SALOMÃO, Eduardo Rizzatti; *O exército encantado de São Sebastião: um estudo sobre a reelaboração do mito sebastianista na Guerra do Contestado (1912-1916)*; UNB, Brasília, 2008. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3536/3/2008\\_EduardoRizzattiSalomao.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3536/3/2008_EduardoRizzattiSalomao.pdf)

**São Paulo em 1924** - Embora a escolha de São Paulo como centro do levante tenha se dado principalmente pela avaliação da correlação de forças no terreno militar, o ambiente de descontentamento que predominava entre os 700 mil habitantes da cidade não escapava à percepção dos revolucionários. Três questões políticas galvanizavam as atenções, no primeiro semestre daquele ano. A truculência empregada por Washington Luís, para fazer de Carlos de Campos seu sucessor no governo do estado. As greves operárias provocadas pela carestia, ocorrida em função da alta artificial dos preços do café. Os objetivos da *Missão Inglesa* que, antecipando as do FMI, promovia, com o beneplácito do governo, minuciosa inspeção na economia nacional. [...] No final do mês de janeiro tem início também uma greve na maior indústria têxtil da cidade, o Cotonificio Rodolfo Crespi. Pressionados pela carestia, os trabalhadores reivindicam 40% de reajuste salarial. A paralisação se alastra por todo o setor, envolvendo 12.000 operários durante várias semanas. Violências, perseguições, prisões, deportações e um aumento de 10% são o resultado do movimento. Porém a discussão sobre as causas e soluções para o problema da carestia não cessam com o seu encerramento. No dia 29 de junho, ultrapassando as piores expectativas dos que desde a sua chegada, em dezembro de 1923, denunciavam a *humilhante ingerência*, a *Missão Inglesa* publica um relatório no qual recomenda a privatização do Banco do Brasil, do Lloyd e da Estrada de Ferro Central do Brasil, ou seja, de todas as estatais dos anos 20. Para renegociar a dívida e conceder novos empréstimos, a missão cobrava

de trem dos revoltosos e a promessa do retorno de seu líder, o general Isidoro Dias Lopes, com um I e um V erguidos nos dedos das mãos, sugerindo a senha – Isidoro Voltará. A Revolução de 1924 ficou conhecida também como Revolução do Isidoro. E, por ter seguido ideais e bandeiras do levante do Forte de Copacabana (05 de julho de 1922), foi deflagrada neste dia do mês e chamada, também, de Segundo 05 de Julho. Derrotados e em fuga, perto da Fós do Iguaçu, uniram-se às forças de Luís Carlos Prestes, vindas do Rio Grande do Sul, formando a famosa Coluna Prestes (1925-1927), que percorreu o Brasil em todos os quadrantes sem conquistar adesão. Prestes, carioca, participara do levante dos 18 do Forte de Copacabana em 1922 e fora transferido para o Batalhão Ferroviário em Santo Ângelo – RGS. Sua biografia estabelece uma linha direta entre a fundação do Partido Comunista do Brasil (25/03/1922), o movimento tenentista, a Revolução de 30, a intentona comunista de 1935, o fim do Estado Novo (1937-1945), o regime militar (1964-1985), a Anistia (lei nº 6.683, de 28/08/1979), as Diretas Já e a luta por democracia e justiça social no Brasil <sup>88</sup>.

---

também do governo um rígido arrocho fiscal e medidas que favorecessem o ingresso de capitais externos, considerados indispensáveis ao desenvolvimento do país – antigo filme que viria a ser reprisado inúmeras vezes, sempre apresentado como a última palavra em matéria de *modernidade*.

#### Revolução de 1924 – 1 SÃO PAULO CIDADE ABERTA – Hora do Povo

<sup>88</sup> A Coluna Prestes composta de aproximadamente 1800 homens lutava contra as forças legais. A marcha representou o momento máximo do Tenentismo e seu objetivo era conscientizar a população brasileira e instigá-la contra as estruturas políticas vigentes. Durante 29 meses a Coluna Prestes percorreu 25.000 km pelo interior do Brasil. No final de 1926, com a metade dos homens dizimados pela cólera e sem munição não tinham condições de continuar a luta. Era o fim da Coluna Prestes. **Exílio na Bolívia** Em 1927, Carlos Prestes e os últimos remanescentes da coluna se exilaram na Bolívia. Prestes fez contato com os comunistas argentinos Rodolfo Ghioldi e Abraham Guralski, o dirigente da Intentona Comunista. Conheceu Astrogildo Pereira, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. Já apelidado de Cavaleiro da Esperança, em junho de 1928 viajou para Buenos Aires, onde participou da 1.<sup>a</sup> Conferência Latino-americana do Partido Comunista. Começou a estudar o marxismo. Foi convidado a comandar militarmente a Revolução de 30, no Brasil, mas opôs-se à revolução. **Formação na União Soviética** No dia 7 de novembro de 1931, a família Preste – a mãe viúva, dona Leocádia e os cinco filhos solteiros, Luís Carlos, Clotilde, Heloísa, Lúcia e Lígia desembarcam em Moscou, durante as comemorações do 14.<sup>o</sup> aniversário da tomada do poder pelos bolcheviques. Prestes viajou com passaporte que o identificava como um pintor paraguaio. Foi logo contratado como engenheiro pela empresa responsável pela fiscalização de todas as obras de construção civil do país. Nas horas vagas, Prestes comparecia a reuniões do PC ou a conferências de dirigentes comunistas latino-americanos. **Carlos Prestes e Olga Benário** Em 1934, a direção da Internacional Comunista decide atender ao pedido de Carlos Prestes de retornar ao Brasil com a perspectiva de iniciar uma revolução popular na América Latina. Para cuidar da segurança pessoal de Prestes foi designada a jovem Olga Benário, uma bolchevique completa: falava fluentemente quatro idiomas, conhecia a fundo a teoria marxista-leninista, atirava com pontaria certa, pilotava avião, saltava de para quedas, cavalgava e já tinha dado provas de coragem e determinação. No dia 29 de dezembro de 1934, [...] novas identidades, Prestes e Olga ocuparam a cabine de um trem que partiu para Leningrado. Depois de atravessar vários países em dezembro de 1934 Prestes e Olga chegam clandestinamente ao Brasil para comandar A Aliança Nacional Libertadora. A

O Cavaleiro da Esperança teve apelo messiânico sebastianista, fundado na esperança dos derrotados pelo retorno do seu líder, o “salvador da pátria”, que fincou raízes entre os brasileiros desde a derrota de Portugal pelo Islã em 1578, no Marrocos, onde o rei D. Sebastião teria sumido em meio a nevoa do campo de batalha de Alcácer Quibir, que levou à anexação espanhola pela dinastia Filipina (1580-1640) e ao movimento nacionalista da Restauração que aclamou o oitavo duque de Bragança como D. João IV, rei de Portugal. Padre Antônio Vieira (Lisboa, 1608 – Salvador, 1697) e outros consideravam D. João IV, o restaurador, como D. Sebastião retornado <sup>89</sup>. A “Casa Real” de Hiroito, o japonês, rei da Boca do Lixo, um

---

**Intentona Comunista** Após ser eleito presidente da Aliança Nacional Libertadora, e objetivando revolucionar o país e derrubar o governo de Getúlio Vargas, Prestes enfrentou violentos choques entre a Ação Integralista liderada por Plínio Salgado e a Aliança Nacional Libertadora. Após liderar o fracassado golpe conhecido como “Intentona Comunista”, Prestes foi preso e, sua mulher, Olga Benário, [...] grávida, foi mandada de volta para a Alemanha. Sua filha, nascida em 27 de novembro de 1936 foi entregue a sua avó paterna. Olga morreu em um campo de concentração nazista em 1942. **O fim do Estado Novo e a anistia** Em abril de 1945, com a anistia e o fim do Estado Novo, Prestes foi solto e candidatou-se ao Senado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro, porém, seu partido foi cassado, em 1947, e Prestes teve a prisão preventiva decretada, o que o obrigou a voltar à clandestinidade. Em 1958, sua prisão preventiva foi revogada, mas com o regime militar de 1964 passou a ser perseguido novamente. Em 1971, deixou o país e se exilou na União Soviética. Com a anistia de 1979, Prestes retornou ao Brasil e em 1980 rompeu com o Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro e três meses depois foi destituído do cargo de secretário-geral da organização. Luís Carlos Prestes faleceu no Rio de Janeiro, no dia 7 de março de 1990. [Biografia de Luís Carlos Prestes - eBiografia](#)

<sup>89</sup> DRUMMOND, Adriano Lima. *Um rei encoberto debaixo dum santo: sebastianismo no “Sermão à São Sebastião”*, de padre Antônio Vieira. Revista do Centro de Estudos Portugueses, v. 28, n. 40, 2008.

Durante sua primeira residência no Brasil, de 1616 a 1641 [...], padre Antônio Vieira expressou crenças sebastianistas em importantes textos, como o “Discurso em que se prova a vinda do Senhor Rei D. Sebastião”. Essas crenças, que apenas deixarão de existir na obra do jesuíta lisboeta depois da Restauração, marcam o “sermão a São Sebastião” de forma especial: não explicitamente, mas sempre alusivamente. (Disponível em): [Um rei encoberto debaixo dum santo: sebastianismo no “sermão a São Sebastião”](#), de padre Antônio Vieira | Drummond | Revista do Centro de Estudos Portugueses (ufmg.br)

GANDRA, Manuel J. *O Quinto Império em Antônio Vieira: Subsídio para uma bibliografia impressa da obra e dos estudos concernentes ao tema*. Biblioteca Municipal da Ericiceira, *Curso Breve – Padre Antônio Vieira: Visão e Profecia do Quinto Império*. Entre os documentos citados, estão: Discurso em que se prova a vinda do sr. Rei D. Sebastião, in *Obras Inéditas*, v. 2, Lisboa, 1856, p. 183-242: **Esperanças de Portugal (29 Abr. 1659)**, carta remetida ao Padre André Fernandes, bispo eleito do Japão, redigida enquanto AV singrava o Amazonas numa canoa, com destino a Belém do Pará. O original integra o processo inquisitorial de AV, tendo constituído a base jurídica da perseguição movida contra o jesuíta, uma vez que sustentava a ressurreição de D. João IV, apresentando-o como “instrumento de Deus” para a consumação do Império Universal. **Chave dos Profetas (1645-1697)** Exegese monumental que procura interpretar o papel missionário da Igreja, após os descobrimentos portugueses. Quando AV faleceu foi encontrado na sua cela o manuscrito que tentava concluir com a ajuda do Padre Maria Bonucci. ►BINET, Ana Maria de Albuquerque “A madrugada irreal do Quinto Império” ou o eco da voz profética do P. Antônio Vieira na obra de Fernando Pessoa, in *Terceiro Centenário da Morte do Padre Antônio Vieira – Congresso Internacional – Actas*, v. 3, Braga, 1999, p. 1845-1854 ►BORGES, Paulo Alexandre Esteves História e escatologia em Padre Antônio Vieira. Introdução ao tema do 'Quinto Império' na 'Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício', in *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 45 (1989), p. 97-124 A Plenificação da História em Padre Antônio Vieira: estudo sobre a ideia de Quinto Império na Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício, Lisboa, 1995 Metáforas e símbolos escatológicos em Antônio Vieira, in *Vieira Escritor*, Lisboa, 1997, p. 163-175 A Pedra, a Estátua e a Montanha – o V Império no Padre Antônio Vieira, Lisboa, Portugal, 2008 ►BUESCU, M. Leonor Carvalhão Introdução, in VIEIRA, Antônio, *História do Futuro*, Lisboa, 1982 Que por ela se esqueçam os humanos / de Assírios, Persas, Gregos e Romanos, in *Vieira Escritor*, Lisboa, 1997, p. 251-256 ►CAMPOS,

“cavaleiro da desesperança”, foi o extremo oposto da grandiloquência monumental inaugurada pela dinastia de Avis e inflamada pela Casa de Bragança na coroação de D. Pedro I à semelhança de Bonaparte e Carlos Magno. Em vários sentidos, por exemplo: seus feitos guerreiros foram considerados criminosos, os da realeza, façanhas heroicas; sua corte não tinha nada de nobre, suas mulheres eram mulheres da vida, rainhas da noite, no máximo, e ele mesmo, não um cronista da corte, foi quem escreveu as próprias memórias. Seu ingresso no crime se deu por via da boemia, que já frequentava na zona do Bom Retiro. Seu relato, no mínimo, tem o mérito de apresentar um “caso” bem-sucedido de correção prisional e reintegração social; apesar de Joanides não contar nada do seu tempo de cadeia e do bom comportamento que lhe valeu a mitigação da pena e a soltura. Sua narrativa principia com o violento despejo das prostitutas da zona do bairro do Bom Retiro no começo do ano de 1954 e se concentra na trágica situação das prostitutas e em sua própria queda no submundo, passando da boemia ao crime e da condição de mero frequentador à posição de “rei” da Boca do Lixo. A prostituição passou do interior das casas da antiga zona do Bom Retiro ao chão das calçadas das redondezas dos hotéis da Luz e dos Campos Elíseos, do espaço privado ao espaço público, acompanhando o advento das multidões urbanas e dos automóveis. Surgem, então, os hotéis de alta rotatividade, que alugam quartos por hora. Velhos atavismos da identidade paulistana, cuja vocação estava no caminho, atuaram perversamente ao transformar caminhos, calçadas e ruas da cidade nos novos locais de trabalho das mulheres da vida. O Palácio do Governo, então, em 19 de abril de 1964, se mudou dos Campos Elíseos para o Morumbi, no Palácio dos Bandeirantes, mais adequado à identidade paulista em construção.

A vocação da cidade seguia sendo *o caminho e o slogan* político de Ademar de Barros – “Acelera São Paulo! Fé em Deus e pé na tábuas” – aderida às *forças ativas* associadas nesse sentido da mobilidade, do fluxo, do transporte, da conexão, da velocidade. A hegemonia regional do eixo São Paulo-Santos e o estado fiscalista e policialesco que se instaurou entre os paulistas remontam à maior edificação do período colonial, a Escadaria do Lorena, inaugurada em 1792<sup>90</sup>, e aos governos despóticos de seus sucessores: Antônio Manoel de Melo Castro e

---

Flávio de Política e utopia em Antônio Vieira, in Anais do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários, 1994, p. 261-281. (Disponível em): [Bibliografia Profetismo Vieira 08.1.pdf \(cesdies.net\)](#)

<sup>90</sup> MENDES, Denise. *A Calçada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comércio do açúcar paulista*. Centro de Apoio à Pesquisa em História “Sérgio Buarque de Holanda” FFLCH/USP, São Paulo, 1994. Calculada por engenheiros que participaram da reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755 e construída por ordem do governador da Capitania de São Paulo, Bernardo José Maria de Lorena, entre 1790 e 1792, ligando as terras paulistas “serra acima” com o Porto de Cubatão, parada obrigatória no percurso até o porto marítimo de Santos, fundamental na política de fortalecimento econômico paulista.

Menconça e Antonio José da Franca Horta, capitão-geral governador de São Paulo de 1802 a 1808, na véspera da transposição da corte de Portual para o Rio de Janeiro.

Ordenou Franca Horta, em 1808, que no dia de Corpus Christi [...] quando, reunida grande assistência de acompanhadores do préstito sacro, foram o Pátio do Colégio e ruas adjacentes cercados por tropa.

Relata Machado de Oliveira: “Foi apreendido indistintamente o povo ali assistente e levado tumultuariamente ao quartel dentro de grande círculo de soldados, e ali passaram o dia e pernoitaram amontoado, sem abrigo e provimento. E o governador das janelas do palácio presenciava este grande atentado com o desdém da superioridade brutal. No dia seguinte, os homens válidos para o serviço militar viram-se inscritos no alistamento dos recrutas da legião e postos imediatamente em uniforme e na aprendizagem das armas”.

Verdadeira onda de desespero abateu-se sobre a cidade, “esvaneceram-se as esperanças concebidas pela chegada da Corte ao Brasil”.

Já em janeiro de 1809, deslocava-se para o Sul a Legião Paulista. [...]

Devera-se-lhes o êxito da batalha decisiva de Catalão de onde decorrerá a rendição de Montevidéu.

Eram enormes as queixas dos povos contra Franca e Horta. <sup>91</sup>

No século seguinte, seria a vez das “moças de vida fácil” serem vitimadas pelo arbítrio despótico dos governadores paulistas. O governador que decretou o fechamento da zona e cujo nome Joanides omite do seu relato, Lucas Nogueira Garcez, passou como um meteoro pela política, retirando-se para a vida acadêmica ao fim do único mandato. Entre as pichações de protesto, Joanides conta que uma delas dizia: “Fulano de tal, pode reabrir a zona, sua mãe já voltou para casa”. As prostitutas, que haviam sido confinadas pelo governo de Ademar de Barros desde o Estado Novo (1937-1940), foram despejadas em 1954, pelo governador Lucas Nogueira Garcez; empurradas assim de lá para cá conforme a conveniência momentânea dos poderosos. São Paulo celebrava o quarto centenário da cidade. As “paixões particulares momentâneas” tinham de ser contidas e refreadas por mais esse decreto para que a cidade

---

<sup>91</sup> TAUNAY, Affonso de E. *História da Cidade de São Paulo*; Ed. Do Senado Federal, Brasília, 2003, v. 32, p. 195-98. Disponível em: [História da cidade de São Paulo | Affonso de Escragnolle Taunay | download \(br1lib.org\)](#) Sobre Antonio Manoel de Melo, Taunay afirma: Culminou-lhe a nefasta atuação [...] quando proibiu o comércio de cabotagem direto dos portos paulistas, obrigando a concentração, em Santos, de todos os gêneros saídos da capitania, o que levantou graves suspeitas sobre sua honestidade. De 1804 em diante as suas requisições de dinheiro tornaram-se insuportáveis, abrangendo todas as classes de modo frequentemente extorsivo. Em 1820, ao imprimir Monsenhor Pizarro as suas *Memórias*, escrevia os seguintes tópicos: “Proibindo o comércio de cabotagem das vilas obrigou seus traficantes e lavradores a levar os gêneros a Santos onde se exportariam à Europa e como neste porto não houvesse mais que três ou quatro carregadores depressa se aviam unido estes indivíduos a ‘armar um monopólio’ impondo preços aos produtores que forçados se viam a vender seus artigos. Daí resultou a ruína da florescente lavoura de Ubatuba e outras vilas marítimas”. [...] Com a abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas muito lucrou a capitania paulista. Mas não tardaria que a política do Príncipe Regente, impelindo Portugal a levar as fronteiras do Brasil à margem setentrional do Prata viesse impor-lhe sérios sacrifícios.

aproveitasse essa rara chance de “se associarem permanentemente as forças ativas” (HOLANDA).

Em 1892, o arquiteto Jules Martins projetou o Viaduto do Chá e, em 1900, teve início um ciclo de edificação de monumentos que acabou por concentrar, entre a Praça da Sé e a da República, novecentos e dez exemplares de patrimônios tombados, em uma área de apenas quatro mil e quatrocentos metros quadrados. Em 1911, foi inaugurado o Teatro Municipal, projetado pelo urbanista francês Joseph Bouvard. Em 1912, um decreto municipal declarou pública a área em frente da Igreja Santo Antônio, onde se inaugurou, em 1922, a Praça Patriarca José Bonifácio, por fim construída, em 1924, segundo o projeto de Bouvard. Em 1953, o local passou a se chamar simplesmente Praça do Patriarca, atual sede da Prefeitura e do monumento do Patriarca, construído pelo escultor Alfredo Ceschiatti (1918-1989), patrocinado pela comunidade libanesa de São Paulo e inaugurado em 1972. A cultura pedestre luso-paulista marcou a escolha do sítio e a modéstia jesuítica da arquitetura de fundação. Mesmo quando no século XIX formou-se o Largo do Curral, dele derivando a atual Praça da República, a forma retangular da mesma, adequada aos desfiles da cavalaria, não imprimiu nas ruas e quarteirões ao redor o padrão ortogonal renascentista das cidades hispano-americanas. A Avenida São João e a Rua Barão de Limeira triangulam na Praça Júlio Mesquita e o Largo do Arouche trama outras tantas triangulações rumo às curvas de nível das colinas. É a escola arquitetônica do urbanismo de colina luso-brasileiro <sup>92</sup>. Quando for a vez das “mulheres da vida” sofrerem a violência dessa ação constritora e dispersora do Estado, esse espaço, a Praça Júlio Mesquita acolherá sua readaptação social à megalópole em crescimento, a “cidade que não pode parar”.

---

<sup>92</sup> CAMPOS, Cândido Malta; *Cidade de Colina: o sítio histórico de São Paulo*, - in – LOBO, Manuel da Costa \ SIMÕES JR. José Geraldo, *Urbanismo de Colina: uma tradição luso-brasileira*, Universidade Mackenzie, São Paulo, 2012; pp. 123-174. Ver também: TEIXEIRA, Manuel C. *A Forma da Cidade de Origem Portuguesa*; Imprensa Oficial do Estado SP \ Editora UNESP, São Paulo, 2012.

## Capítulo 4

### Rei da Boca: da infância ao mergulho no submundo

*Criança, o que fizeram de ti?*

Goethe

## **Infância e juventudo: coca-colas, cervejas e materialismo histórico**

*Boca do Lixo* começa com uma ilustração, uma montagem fotográfica em que ele aparece à esquerda de sua mãe no centro do retrato; cada qual numa das duas janelas de um avião hidromotor, ela no banco do piloto e ele atrás, no do passageiro, sobrevoando uma paisagem desenhada (assim como a aeronave). A miúda legenda apresenta:

*O autor aos cinco anos:*

Nasceu em Morretes, Paraná, aos 16 de fevereiro de 1936, filho de Jorge Panaiotti Joanides e Aliette de Moraes Joanides. Passou a infância em sua cidade natal, em Ponta Grossa, Paranaguá e Curitiba, tendo nesta última cursado o primário e os dois primeiros anos do curso ginásial, este no Colégio Parthenon.

Em 1948, veio com a família para a Capital de São Paulo, onde concluiu o curso ginásial no “Ginásio Estadual Machado de Assis”, no bairro de Pinheiros. Aos quinze anos, passou a trabalhar como “office-boy” [...] vendedor de produtos alimentícios, datilógrafo, auxiliar de contabilidade e gerente de loja em um grande supermercado.

Aos 21 anos, depois de ser publicamente acusado como suspeito da morte do próprio pai, barbaramente assassinado a golpes de armas brancas, descambou para a delinquência. Dois anos depois, ao ser o crime oficialmente esclarecido, com posterior denúncia e condenação dos verdadeiros culpados, já era um delinquente de grande notoriedade, um dos chamados “reis” do submundo do crime.

No curso de sua vida como delinquente, cumpriu mais de doze anos de prisão. Atualmente, na Penitenciária do Estado de São Paulo cumpre o restante da pena a que foi condenado no último dos quarenta e três processos a que respondeu criminalmente.

Possui dois filhos e, com o fazer-se escritor, retira-se da delinquência para retornar à Sociedade pelas mãos de uma mulher de vida honesta.<sup>93</sup>

Depreende-se de sua escolaridade uma formação clássica, perceptível em sua escrita.

A epígrafe com que abre o prólogo é um exemplo:

“Criança, o que fizeram de ti!” – Goethe (p.14)

O peso sentido e pungente da citação escancara a perda da inocência infantil e insinua o motivo do silêncio sobre sua infância, na autobiografia. Dessa fase da sua vida, somente podemos perceber sua rica vivência literária e excelente formação escolar (Colégio Parthenon, em Curitiba, Ginásio Machado de Assis, em São Paulo, no bairro de Pinheiros). Em todo o livro, somente quatro raros parágrafos lançam uma luz sobre a infância e a adolescência do seu autor, quando Joanides contempla sua própria transfiguração de boêmio em delinquente, sob o prisma distorcido das representações que o Cinema, a Literatura, a Imprensa e a Televisão

<sup>93</sup> JOANIDES, Hiroito de Moraes. *Boca do Lixo*. 3 ed. São Paulo: Edições Populares, 1977; p. 6.



vendem aos seus públicos, criticando a visão estereotipada do delinquente em comparação com sua própria experiência:

Quando se fala de um delinquente, a imagem que surge [...] estereotipada, [...] aparece como um ser subumano [...]. É um vício do espírito causado [...] pelo Cinema, pela Literatura, pela Imprensa, pela Televisão [...]. É consequência de uma exigência do público. Fosse a vida de Santa Tereza d'Ávila levada às telas do cinema e quantos de vós [...] teriam ido assisti-la? E quantos de vós assistiram ao “O Grande Chefão”?

Por força dessa procura do Mal dentro do comércio das comunicações, impôs-se [...] a idéia do delinquente, como sendo um tipo que não ri, nem chora, desprovido de qualquer senso estético, imune ao poético, a carícias, ao remorso. Tão grande desumanização sofreu o tipo na estereotipação da sua imagem [...].

Identicamente, a vida extra-criminal dos delinquentes [...] nunca se fez presente, sequer em traços, na projeção grotesca das suas imagens. Que hajam tido catapora ou caxumba, professoras por quem se apaixonaram, namoradas, mães e irmãs que os amaram (ou os amam ainda), que hajam rodado pião, jogado peteca, usado chupetas e feito a Primeira Comunhão, são fatos e coisas que soam impróprias, que parecem não se adaptar à figura de criminosos. Chego a pensar se não haverá gente que duvide sejam os delinquentes concebidos por papais e mães, pelo método usual, e que venham ao mundo pelas “vias” normais. Pode ser que julguem que as mães deles os encontrem debaixo de um pé, não de couve, mas de maconha. Ou de urtiga, talvez.

De minha parte, tive isso tudo, ou seja, caxumba (sic) e catapora, professoras pelas quais me apaixonei perdidamente, andei de patinete, empinei papagaio, quebrei vidraças, e orei, à noite, ajoelhado aos pés de minha cama ou do macio altar que era o regaço de mamãe. Mais adiante no tempo, namorei às escondidas as filhas dos vizinhos, conjuguei verbos latinos e descobri os valores de “X”, vibrei com as penugens do meu bigode incipiente, fui a bailes de formatura e discuti, em meio a coca-colas e cervejas, a transcendência das ideias, os silogismos aristotélicos e o materialismo histórico.<sup>94</sup>

Joanides mudou para São Paulo com a família em 1948 e, com doze anos de idade, começou a trabalhar. Aos quinze anos, iniciou-se precocemente na boemia. No ambiente estudantil paulistano de Pinheiros, Joanides já discutia, “em meio a coca-colas e cervejas, a transcendência das ideias, os silogismos aristotélicos e o materialismo histórico”. Como terá se dado o contato de Joanides com o “materialismo histórico”? Terá sido na infância com a família grega de diplomatas do Paraná ou, mais provavelmente, na escola Machado de Assis em Pinheiros? Morretes, sua cidade natal, formou-se pelo trabalho de garimpeiros paulistas, após a descoberta de jazidas de ouro em 1646, no território dos carijós no sopé da Serra do Mar (mesorregião metropolitana de Curitiba, a 70km, microrregião de Paranaguá), sendo fundada, oficialmente, em 1721, por determinação do ouvidor Rafael Pires Pardinho à Câmara Municipal de Paranaguá, estabelecendo a conexão de todo o comércio entre o litoral e o planalto. O panorama cultural de Curitiba, onde viveu até os doze anos, sentia a presença estudantil da universidade recém-instalada na cidade, na atual Praça Ouvidor Pardinho. O

---

<sup>94</sup> Idem, *ibidem*, p. 57.

“Palácio da Luz” era motivo de admiração para curitibanos e paranaenses e, segundo eles, a primeira universidade do Brasil: a Universidade Federal do Paraná (UFPR), fundada em 1912 como instituição privada. Sua edificação magnífica, na Praça Santos Andrade, começou a ser construída em 1913 e não era a famosa fachada neoclássica atual com enormes colunas gregas e tetos triangulares, que contrastam com seu aspecto original e a antiga cúpula redonda. Foi preciso adicionar alas laterais, edificadas entre 1923 e 1926, mais outra em 1940 para receber o curso de Medicina. O cor-de-rosa à moda francesa original foi pintado inteiramente de branco e Curitiba ficou conhecida como cidade universitária, Atenas brasileira, cidade sorriso, Coimbra brasileira. Em 1950, a Universidade foi federalizada, o que possibilitou nova ampliação do edifício histórico, além da criação de novos campi. Cinco anos de obras e a edificação foi totalmente repaginada, ocupando a quadra inteira. Em 1999, foi erigida em símbolo da cidade num concurso promovido pela Prefeitura de Curitiba em parceria com o Banco Itaú.

Portanto, o materialismo histórico que Joanides debateu, quando estudante, pode ter estado presente também no rico ambiente cultural da Curitiba da infância de Joanides, ainda mais sendo sua família integrada por diplomatas e literatos. É, porém, um tipo de assunto mais interessante para adolescentes do que para crianças. O fato é que o ambiente estudantil e acadêmico brasileiro foi tremendamente incrementado na primeira metade do século XX, em comparação com o século anterior (apesar das intenções anunciadas pela Constituição de 1823 e das incipientes faculdades de 1808, fundadas por D. João VI)<sup>95</sup>. Joanides chegou a debater silogismos aristotélicos e o materialismo histórico ainda no ginásio; tema até então precariamente compreendido no Brasil. O incremento do ambiente estudantil e acadêmico alterou qualitativamente isso e o marxismo passou a preponderar na segunda metade do século XX. Em São Paulo, tal evolução influiu no ano de 1934, como reação da elite paulista à derrota da Revolução Constitucionalista de 1932 por Vargas, com a fundação da Universidade de São Paulo (USP).

### **Ginásio Machado de Assis: primeiro encontro com uma profissional do amor**

O jovem boêmio Hiroito de Moraes Joanides, em São Paulo, frequentou as ruas Itaboca e Aimorés no bairro do Bom Retiro onde, de frequentador ocasional da boemia, passou a ter um *caso*:

---

<sup>95</sup> SAMPAIO, Helena; *Evolução do ensino superior brasileiro, 1808-1990*. NUPES-USP. Disponível em: <http://nupps.usp.br/downloads/docs/dt9108.pdf>

Na época, cursava o quarto ano ginásial, no Ginásio Machado de Assis, no bairro de Pinheiros, e um colega de estudos, mais velho e traquejado que eu, foi quem conduziu-me àquele primeiro encontro com uma profissional do amor. E gostei da coisa. Quero dizer, gostei muito, tanto que, de então em diante, possuísse eu os necessários cinco cruzeiros e haveriam de ver-me, todo afobadinho, a desfilar pelas ruas Itaboca e Aimorés, diante daquelas fileiras de portas e “janelas-vitrines” onde um mar de mulheres, de todos os tipos, cores e tamanhos, se oferecia à macharia passante.

Verdade que o ato do amor, ali, na condição de freguês pagante, era nada mais que mecânico, destituído de maiores floreios e de uma rapidez deveras entristecedora; mas que quereis? Naqueles horríveis tempos a rapaziada solteira não contava com a incontável e variegada corporação de diletantes que hoje, por aí, sobeja. Eram tempos duros, aqueles. O fechamento da “zona do meretrício”, com a consequente deslocação do mulheril para a área hoteleira dos Campos Eliseos, não fez arrefecer os meus ímpetos de jovem, veio apenas mudar a direção de meus passos. E lá se iam eles, no rumo da Boca do Lixo, sempre que os cruzeiros – não mais cinco, agora dez – assim o permitissem. Em fins de 1953, perdido já o embaraço e o retraimento naturais a todo rapaz em período de iniciação sexual, surgiu o meu primeiro “caso”. Chamava-se Elza, era baixinha, dez anos mais velha que eu e puritana. Ou pelo menos tão puritana quanto o pode ser uma “mulher da vida”.<sup>96</sup>

Então, “um mar de mulheres de todos os tipos, cores e tamanhos se oferecia à macharia passante”. Um mar de mulheres, sereias, a linguagem de Joanides é tributária também do ramo marinho da família, além do já mencionado ramo diplomático. No capítulo seguinte, *Tempo de Transição*, começa sua tragédia. Joanides conta que em 1955 começou a ter seu segundo “caso”, com Verinha, depois de um tempo “no meio do mulheril”. O revólver, segundo ele, “só viria a se tornar popular a partir de 1957”, as armas costumeiramente usadas na “Boca” eram a navalha e o punhal e, apesar de um ou outro malandro já estar usando o revólver antes, Joanides, “pelo muito uso” que fez dele, muito colaborou para sua difusão.

1956 transcorreu comigo pulando de emprego em emprego. De vendedor da Mirabel Produtos Alimentícios, passei a auxiliar de escritório na Coplec – Terraplanagem e Construção. Desta, fui para os Supermercados Peg-Pag, como fiscal de loja, [...] a seguir para os Supermercados Sirva-se, onde fiquei até 1957, chegando a ocupar ali posição de relativa importância. [...] A vulgaridade em meio a qual Verinha se mantinha submersa – vulgaridade que agredia violentamente não apenas o meu, mas qualquer senso estético ou artístico – levava-me volta e meia a romper com o nosso “caso”. Mas os apelos da carne (no meu caso um tanto gritantes), impossíveis de serem atendidos naquela base de “programas”, trazia-me sempre de volta à gratuidade da vulgar, porém bela Verinha. E seria assim, entre muitos rompimentos e seus respectivos “fazer as pazes”, que a nossa ligação chegaria a durar mais de dois anos.<sup>97</sup>

Seria apenas a vulgaridade de Verinha o motivo, ou a “posição de relativa importância” que alçara no momento lhe infundira um status superior?

Em princípios de 1957, Verinha [...] torna-se “dona” de um apartamento na Rua Vitória, esquina com Andradas, num edifício daquele tipo chamado de “treme-treme”. Nesse local, alguns meses depois, numa noite invernal de domingo, seria representado o primeiro ato da desgraça em que se transformaria, então, a minha vida. Seria na porta desse edifício que eu, rapazote paradoxalmente intelectual e lascivo, amante extremado de mulheres bonitas, mas também e igualmente, de Steimbeck, de Baudelaire e de Heidegger, me veria forçado, entre atônito e apavorado, a matar um

<sup>96</sup> JOANIDES, op. cit. p. 34.

<sup>97</sup> Idem, ibidem, p. 46 e 47.

valente. Foi, mas não necessariamente seria, o primeiro passo de uma exuberante “carreira” na vida do crime.<sup>98</sup>

### **Crime e castigo: o código de honra do “pedaço” e o de Joanides**

O termo *valente* é como denominavam popularmente, nada tendo a ver com a realidade dos fatos, pois o que se seguiria, se Joanides não tivesse matado o *valente*, seria uma enorme covardia.

Era a noite de 02 de julho de 1957. Postado à porta do bar vizinho, à espera de Verinha, vejo que ao sair do prédio para vir ao meu encontro, é abordada por um tipo de seus trinta anos, mediana estatura e ares de muito evocado. Tinha os modos e trejeitos estereotipados do arruaceiro valente. Discutem. Verinha, ao tentar afastar-se, é segura pelo braço. Com um repelão, desvencilha-se do sujeito e entra no bar, apressadamente, onde me esclarece que o tal indivíduo, conforme suas palavras, a havia “escalado” para dormir com ele, isso sem nunca tê-la visto e, ainda por cima, de graça. Claro que vos há de estar soando incrível [...]. Esse tipo de façanha, no entanto, [...] naquele ambiente, não era de molde a soar, no que possuísse de absurdo, como algo de tão extraordinário assim. Eu próprio, já anteriormente, tivera oportunidade de assistir um valente dessa espécie, navalha em punho, fazer parar um malandro que passava braços dados com sua “mina”, aos quais não conhecia, e, depois de expor, em pouquíssimas palavras, que iria levar a “princesa”, grudá-la pelo braço e arrastá-la a um hotel às vistas do seu boquiaberto e trêmulo “marido”. E isso simplesmente porque se engraçara com a “princesa”.<sup>99</sup>

Denominar de “façanha” tal violência é pura ironia e mostra o machismo dessa escala de valores medonha vigente no *submundo* paulistano de então. Pois a “façanha” do “valente” vitimou o “malandro que passava braços dados com sua “mina”, aos quais não conhecia” e, principalmente, a mulher violentada. Mais a “mina” que o “malandro”, diga-se de passagem. O testemunho, de qualquer maneira, alerta para o grau de insegurança pública vigente e para a fragilidade das mulheres em tal contexto social. Da “façanha” do “valente” ao outro extremo da linguagem, Joanides passa a narrar como defendeu Verinha do monstruoso agressor e conta como se tornou um assassino. Seu estilo literário e a acuidade com que narra as alterações mentais e psíquicas nesse momento crucial revelam a força imperativa do instinto de sobrevivência:

Passando o instante de surpresa por ver-se atacado, o homenzinho de Neanderthal, correndo para um latão de lixo, à porta do prédio, dali retira, de entre outros, um pau de uns sessenta centímetros de comprimento, passando com ele a agredir-me [...]. Nem bem levava a primeira paulada e já puxava da arma, sem que no entanto o sujeito viesse a dar a mínima bola pra minha pistolinha. Recuando em círculo, no meio da rua, entre uma e outra cacetada, passei a disparar, visando intimidá-lo. Um tiro para o chão, uma paulada; outro por sobre a sua cabeça, outra paulada na minha; novo tiro sem rumo, nova paulada (esta com rumo). Daí, já com um braço destroncado [...], a cabeça “quebrada” em mais de um lugar, atirei para acertar. Acertei-o primeiro na coxa, respondeu-me a pauladas. Outro tiro acertou na barriga da perna e um terceiro, não sei como, acabou incrustado no seu relógio de pulso. Como resultado, tudo o que obtinha eram novas pauladas. As pequeninas balas da minha arma, disparadas de tão curta distância, ao atingirem-no em regiões não vitais, não logravam causar-lhe grandes danos. Estranhamente, não obstante o caos em que se encontrava então o meu

<sup>98</sup> Idem, *ibidem*, p. 50.

<sup>99</sup> Idem, *ibidem*, p. 50 e 51.

espírito, apesar da extrema confusão mental em que, aterrorizado, me encontrava, alguma parte do meu ser se mantivera atenta à contagem dos tiros que iam sendo disparados. A natureza humana, antes de humana, é animal. O verniz de civilização que nos reveste a animalidade primeira, ainda que inconsútil, é crosta fina, que se rompe aos assédios mais fortes do instinto. Até aquele dia, diga-se o que se quiser, [...] era o mais pacato e humanitário dos rapazes [...]. Ferir, sim, talvez, se premido por circunstâncias terríveis. Mas tirar a vida a um semelhante, colocar um ponto final numa existência, não, não seria capaz, cria-o eu. O espírito humano, mestre em vaidade, se crê capaz tão só daquilo que admite e aprova. Ao desfechar o sexto tiro, sem que o cavernícola se mostrasse sequer arrefecido nos seus ânimos, tudo se transformou dentro de mim. Os sentimentos e emoções mais variados, que nas nebulosidades do meu espírito se entrechocavam em louca disparada, estacaram. As trevas diluíram-se e uma ideia única, radiante como um sol, tomou conta do meu ser: havia só uma bala na arma. Foi nesse exato momento que me determinei a ... matar. A determinação não se fizera elaborada, não fora pensada, não resultara da apreciação de fatos, ela apenas surgira. Não era uma conclusão, era uma ordem. Consciente foi apenas a ação executora que – na obediência do determinado – mostrou-se cautelosa e fria.<sup>100</sup>

A descrição da alteração do estado mental na transformação subjetiva do seu ser aponta para a fenomenologia, mas resvala na mística ideia de iluminação, ou de *insight*, ativada pelo instinto de sobrevivência, imperativo. A concentração no instante é tal que não cabe reflexão alguma, “*apreciação de fatos*”, somente ato, ação imediata. A elaboração literária desse lampejo do instinto de sobrevivência mostra o nível de consciência que Joanides possuía desse limiar, umbral cuja entrada o levou ao topo dos chamados *valentes*, os *reis da boca*.

Ajudado por um chofer de praça escapei do local e, dias depois, apresentei-me às autoridades policiais. No decorrer do processo – no qual fui impronunciado pela excludente da legítima defesa – veio à tona a identidade e a personalidade do morto. Tratava-se de elemento expulso da Força Pública e que era procurado pela Delegacia de Capturas, por estar condenado em diversas comarcas do Interior, por agressões e tentativas de morte. Pelos processos que respondera via-se que o palco de suas façanhas era sempre o mesmo: “zonas” e prostíbulos de pequenas cidades. Era assim uma espécie de Malaguti interiorano... A partir dessa ocorrência, rompendo amigavelmente com Verinha, afastei-me da “Boca”. A ela só voltaria meses depois, não mais alegre e risonho rapaz, mas cheio de ódio e revolta. Estigmatizado já pela pecha de “parricida”, voltava em busca não mais de satisfação sexual, mas de refúgio. [...] Retornei ao único lugar onde ainda me fazia aceito, onde a pecha que carregava não era de molde a fazer com que se me evitassem, como um leproso. Retornei para delinquir, e, com as armas do ódio e da revolta, fazer-me, tornar-me um valente entre os valentes, em um “bandido”, no “Rei da Boca do Lixo”.<sup>101</sup>

Na Boca do Lixo não havia conciliação possível, os conflitos eram trágicos, principalmente para quem Joanides matou, mas também para ele, que cumpriu sua pena, tornou-se escritor e morreu com 56 anos (1936-1992), bem abaixo dos 70 anos da expectativa de vida da década de 1990 e tão aquém dos notáveis 98 anos vividos por Meneguetti, o gato dos telhados, Robbin Hood urbano chamado de “o bom ladrão”<sup>102</sup>. Sua autobiografia parece um gigantesco esforço

<sup>100</sup> Idem, *ibidem*, p. 51 e 52.

<sup>101</sup> Idem, *ibidem*, p. 53.

<sup>102</sup> *Meneguetti – o gato dos telhados*, de Mouzar Benedito. Ladrão cuja ideologia se assemelhava ao de um Robbin Hood urbano. Gino Amleto Meneghetti (Pisa, 1 de julho de 1878 – São Paulo, 23 de maio de 1976), chamado pela imprensa sensacionalista de “o bom ladrão” e considerado “omaior gatuno da América Latina”.

literário para salvar o que restou de sua humanidade e de sua alma. Tem, portanto, caráter expiatório. Assim ele responde aos fatalistas:

Há quem afirme que o assassinato de meu pai, com a subsequente imputação pública de ser eu o seu autor, não poderia ser propriamente apontada como causa determinante do meu ingresso na vida do crime, pois, afirmam-no, de uma qualquer forma, mais dias menos dias acabaria por me tornar um delinquente. Aquele fato, portanto, teria sido nada mais que um elemento catalizador no processo da minha transição da boemia para a delinquência. [...] Devo refutá-los, porém. Não com o intuito de auto-defesa [...] mas apenas de esclarecer, em suas razões ou causas, um fenômeno social da mais alta importância, qual seja o da transição de um de seus cidadãos, de boa família, de alguma inteligência e cultura, da vida honesta ainda que desregrada, para a criminalidade. É a questão social e não a questão pessoal que estabeleço. O que creio e afirmo é que fui *levado*, e, não, *forçado* à vida do crime, pela pecha de parricida tornada pública e notória. Apenas não soube, ou não pude, encontrar forças para resistir às pressões psicológicas do meio. Ao ver-me relegado, evitado, desprezado por todas as pessoas de bem [...], ao ver-me sem amigos, sem namorada, sem emprego (pois tudo isso o tinha a par da minha boemia, e o perdi), poderia, por exemplo, recolher-me a um mosteiro, entregar-me a Jesus, nada mo impedia. Então, se escolha havia forçado ao crime é que não fui. Digamos que se a minha propensão para delinquir era nenhuma, para a vida monástica (por sorte da igreja) era menor ainda. Poderia também, noutra hipótese, ter me retirado para a selva, para o deserto, ou para as cumiadas de uma montanha, como o último dos eremitas, ou menos dramaticamente, fugir para longe, para outro Estado, outro país, esquecer o passado, buscar nova vida. Opções, devo reconhecer que as havia. Preferi, todavia, transferir-me de mala e cuia (e dois revólveres) para a “Boca”, talvez por ser mais perto. Ou quiçá por não mais ser tempo de mártires. A proscrição me veio célere e em etapas, parece que acompanhando a sequência das reportagens que, frente à não-elucidação do crime, seguiam explorando [...] a hipótese de parricídio.<sup>103</sup>

Com o jovem coração destroçado, Joanides se entrega à correnteza que o arrasta para o fundo, para o submundo.

Até a data da morte do cavernícola, o maior e mais grave delito que me poderia ser imputado era o dos almoços e jantares que fazia às expensas da Verinha, ou o dos presentes, das camisas e gravatas que a mesma volta e meia me ofertava e que, em nada contrafeito, os aceitava. Até então e desde os quinze anos, ainda que pulando de um emprego a outro, sempre trabalhara. Embora deixasse de estudar ao concluir o ginásio, possuía, por autodidaxia, uma cultura de nível universitário. A par da minha boemia, da minha frequência na “Boca”, dos meus “romances” (pois que o eram” com Elza-baixinha e com Verinha, havia o meu círculo de amizades, as reuniões sociais, a mãe e os irmãos a me amarem, o emprego, a noiva amada. Por assim ser, por força disso tudo é que não posso crer que, como pretendem, de uma qualquer forma acabaria por tornar-me delinquente.<sup>104</sup>

Comovente o embate argumentativo de Joanides com os fatalistas que sobre ele teciam juízos deterministas. Nessa contraposição, elabora um raciocínio que mostra, na verdade, o quanto tem a si mesmo na mais alta conta e estima, mas não deixa de ser revelador:

Não me tenho na conta de tão imbecil a ponto de, em qualquer tempo, por livre e espontânea vontade [...] abraçar, todo risonho, uma vida marginalizada, com indivíduos que de meus iguais, em questão de cultura, educação e idiossincrasia nada tinham. Afora o que, houvesse em mim um qualquer ignoto “vírus crimonógeno”, ou mesmo um simples gosto pela coisa, e teria, por capacidade própria e ambição, saído

<sup>103</sup> Idem, *ibidem*, p. 54.

<sup>104</sup> Idem, *ibidem*, p. 57.

da Boca do Lixo, galgando esferas mais altas do crime – em vez de manter-me, ainda que como “rei”, no âmbito e na ambiência de uma criminalidade rasteira. A Boca do Lixo viria a ser, então, para mim, um degrau, e não, como foi, um refúgio que se fez permanente.<sup>105</sup>

E, após este arroubo de vaidade e humildade simultâneas, extrai a consequência lógica de toda sua experiência própria e vivência do assunto:

Em conclusão, generalizando o problema, a verdade é que não existem indivíduos de personalidade congenitamente voltada para a delinquência, como uma subespécie predestinada ao crime. A criminalidade é um fenômeno, um produto social. No dizer de Quételet, “a sociedade encerra dentro de si o germe de todos os crimes. Ela, de certo modo, prepara-os. O criminoso é o instrumento que os executa”. Ou, em outras palavras, o que chamam “meio criminal” é o meio mesmo.<sup>106</sup>

Citação sintomática da eugenia dominante nas políticas públicas de branqueamento pela imigração, da república, que configurou a demografia brasileira e, especialmente, a paulistana, em particular nos bairros operários, no Bom Retiro e nos Campos Elíseos, que formaram a Boca do Lixo.<sup>107</sup> O autor narra que em 8 de julho de 1957, o corpo de seu pai foi encontrado no pequeno apartamento que mantinha na Rua dos Andradas, esquina com a Timbiras, morto a navalhadas e facadas a 200 metros de onde, um mês antes, Joanides havia matado o “cavernícola”. No mesmo dia 8 de julho, Joanides ficou preso na Delegacia de Homicídios, detido com outras dez ou doze pessoas mais, para interrogatórios. Entre estas, encontrava-se Josef Haddad, com a mão enfaixada, segundo a narração de Joanides, um dos matadores de seu pai.

O crime, pela brutalidade com que foi cometido, bem como pela posição social da vítima (meu pai era industrial) e das pessoas “convidadas” a prestar declaração e esclarecimentos, teve a mais ampla repercussão por parte da imprensa sensacionalista. Ademais, tratava-se do primeiro caso misterioso da recém-criada Delegacia de Homicídios, que fora instituída – pela necessidade e pela grita da Imprensa – justamente pelo fato de a velha Delegacia de Segurança Pessoal, desde há muito, vir se mostrando incapaz, na elucidação dos crimes de homicídio que iam se acumulando, na pasta dos “casos” insolúveis. Logo, havia de se esclarecer o caso, de qualquer maneira. A idéia de imputar-me o crime nasceu do cérebro doentio do então Delegado titular daquela Delegacia. Esse senhor, que por ser já falecido, aqui me abstenho de nomeá-lo, era portador de um qualquer grave distúrbio de ordem psicótica. Dessa insanidade ele próprio daria a prova, alguns anos depois, ao realizar o seu propósito de suicídio, na segunda tentativa. Matou-se com um tiro no coração.<sup>108</sup>

Trágica coincidência. Mas Joanides é persuasivo, tem malícia e diplomacia. Pouco

<sup>105</sup> Idem, ibidem, p. 58 e 59.

<sup>106</sup> Idem, ibidem, p. 59.

<sup>107</sup> Lambert Adolphe Jacques Quételet (1796-1874), matemático, estatístico, astrônomo e sociólogo belga, da Primeira República Francesa, membro da Academia Real e diretor do Observatório Real de Bruxelas, recém-construído sob forte influência sua, publicou, em 1835, *Sur l'Homme et le développement de ses facultés, essais d'une physique sociale*, apresentando a noção de estatística social e o conceito de homem médio. Primeiro a aplicar métodos estatísticos ao estudo de fenômenos sociais e desenvolvimento da criminologia enquanto ciência, em um meio marcado pelo positivismo e determinismo biológico.

<sup>108</sup> Idem, ibidem, p. 61.

adiante, especula sobre a confusão que pode ter ocorrido.

O fato de um mês antes haver matado um homem a tão poucos metros do local de sua morte, por força da proximidade coincidente, de tempo e de espaço, entre os dois fatos, pode ser que haja desencadeado, naquela insensata e avariada mente, um processo de suspeição, que progrediu no solo fértil da demência, adquirindo foros de certeza.<sup>109</sup>

O que se passa a seguir, contudo, revela outro aspecto de seu caráter e temperamento, a determinação pessoal guiada por seu sentido de honra filial, capaz de suportar tudo para manter a dignidade que lhe restava.

A tortura estendeu-se por toda a noite e a manhã seguinte. Primeiro de modo metódico, frio, calculado, a eficiência e a perfeição levadas aos seus requintes. Com o passar das horas, porém, aqueles homens foram se desesperando e, lá pelo amanhecer, mostravam-se meio enlouquecidos, o método e o cálculo cedendo vez à fúria desordenada. Aqueles homens tinham que conseguir que eu “confessasse”. E só não conseguiram porque não dava mesmo para se “confessar” um negócio daqueles. Embora sem o terem conseguido, [...] aquela foi realmente uma magistral demonstração da técnica e da arte de como massacrar um homem, sem quebrar-lhe os ossos, sem ferir-lhe a superfície externa, sem provocar lesões visíveis. Eram artistas na matéria.<sup>110</sup>

Liberado pela corregedoria passou, contudo, a ser linchado pela imprensa, cuja maquinação Joanides descreve com destreza:

Dois dias depois da minha prisão, por determinação do MM Juiz Corregedor, fui posto em liberdade. Nunca mais, em tempo algum, voltaria a ser inquirido, como suspeito. Todavia, a hipótese de parricídio, como notícia, era algo de tão fabuloso, tão vendável, de sucesso tão garantido, que a Imprensa Amarela jamais poderia permitir que a suspeita durasse, como de fato durara, nada mais que dois dias. E seguiria ela, através do tempo, explorando exaustivamente a delícia de horror que era aquela notícia do “homem-suspeito-de haver-matado-o-próprio-pai-a-navalhadas, pouco importando, no futuro, que os assassinos houvessem sido descobertos, denunciados, condenados. A pecha fora lançada, “pegara”, se espalhara ao vento, se firmara como “notícia” e haveria de acompanhar-me o nome como só um câncer no coração nos pode acompanhar.<sup>111</sup>

Joanides foi sacrificada duplamente: na tortura corporal e psíquica e na distorsão de sua identidade pelo mercado das notícias sensacionalistas. Talvez, apenas a maturidade dos anos de prisão e a sublimação, entendimento e socialização da produção literária possam ter-lhe sanado em parte essa fratura do seu ser. Na época dos acontecimentos, no entanto, Joanides sofreu o poder triturador do descompasso entre as instituições jurídicas e as agências de notícia. Já na condição de escritor, pode ele ser o juiz e dar a sentença de que o inquérito sobre a morte do pai foi uma farsa; o inquérito foi arquivado e o crime considerado de autoria desconhecida. E apresenta a prova...

Passado mais de um ano, assume aquela Delegacia o Dr. José Ary Bauer. Essa autoridade, desarquivando aquele inquérito, logrou, em poucos dias, se não esclarecer de todo o caso em seus motivos, ao menos descobrir e apontar os seus autores.

<sup>109</sup> Idem, *ibidem*, p. 61.

<sup>110</sup> Idem, *ibidem*, p. 61-62.

<sup>111</sup> Idem, *ibidem*, p. 62.



Conseguiu-o [...] simplesmente com os dados, os informes e as provas – notadamente fragmentos de impressões digitais, colhidos no local e nas armas – que já existiam no bojo dos autos do inquérito. Foi dessa maneira simples, fácil e honesta, que o Dr. José Ary Bauer elucidou aquele “misterioso” caso.

Os assassinos, Josef Haddad e Aziz Haickel, foram indiciados, processados e ao final condenados, à revelia pelo juízo da 16 Vara Criminal da Capital, à pena de 16 anos de reclusão, pelo crime de latrocínio. Só que, quando da elucidação oficial dos fatos, os dois encontravam-se já no Líbano – país com o qual o Brasil não mantém Tratado de Extradicação – e, conseqüentemente, impunes.

Julguei oportuno aqui inserir esse resumido relato sobre a morte de meu pai, não por pretender com isso justificar minha passagem para a delinquência, pois eu próprio assim não o tenho. O assassinato de meu pai, com todas as implicações de nocividade, de malefício, que do evento a mim me sobraram, foi um golpe terrível, uma provação suprema, um martirologio, mas que não chega em verdade a justificar o meu bandeio para a vida do crime, apenas o torna compreensível. Afinal, os grandes martírios, as grandes desgraças, os sofrimentos tamanhos, como caminho, é o que conduz também, em linha reta, à santidade. Eu é que, posto no mesmo, pus-me a trilhá-lo em direção oposta.<sup>112</sup>

Sua obstinação “em direção oposta” não acaba sendo também “uma provação suprema, um martirologio”? Seria mais um anti-martirologio, já que sua sublimação do sofrimento no impulso de morte (thanatos) martirizou bem mais suas vítimas que a si próprio. Mas há outras causas maiores para a marginalização:

O relato de tais fatos tem aqui o intuito e o valor de mostrar causas ou concausas que, dentro da complicação que se tornou a vida moderna na “aldeia global”, podem levar, como a mim levaram, um ser social e sociável, à marginalidade de vida. No meu caso foi a máquina das comunicações que, no cumprimento do seu desígnio maior, da sua finalidade primeira, qual seja a de vender o horrendo (mercadoria-sustentáculo de grande parte dos órgãos da Imprensa), literalmente arrastou-me, até aí à força, ao caminho que se tomado à direita me teria levado à renúncia e à solidão estoicas, à santidade de vida. Tomei-o à esquerda, porém. É mais fácil ser criminoso do que santo.<sup>113</sup>

Joanides assume não ser homem direito. Esquerda e direita aparecem aqui como referenciais da moral e dos costumes, não em sentido político partidário. A preocupação de não parecer estar se justificando surge em várias passagens do texto. Mas, Joanides queria deixar claro que por mais que tivesse se tornado um assassino, parricida nunca foi. Seu livro é, praticamente, um auto de fé para salvar o que lhe restou de humanidade. A franqueza desconcertante com que narrou sua saga de crimes e vícios, somada à picardia e estilo ágil e simpático do seu texto, tem ritmo de cinema, jornal e quadrinhos. Aliás, a Boca do Lixo veio a se tornar um dos polos cinematográficos mais interessantes do Brasil, consagrando a pornochanchada enquanto gênero artístico. A vivacidade do estilo literário de Joanides nasceu da superação do impulso de morte ao qual se entregou em desesperada angústia após perder o pai e ser caluniado e banido. O “código de honra” do “pedaço” produzia sua própria narrativa,

<sup>112</sup> Idem, *ibidem*, p. 63.

<sup>113</sup> Idem, *ibidem*, p. 63-64.

“nos bastidores” das investigações. Sua visão de mundo tremendamente pragmática e estratégica foi o segredo de sua rápida ascensão no mundo do crime do submundo paulistano. Joanides concebeu e colocou em prática seu estratagema de sobrevivência na Boca do Lixo: resistir no limite das situações com a arma em punho debaixo de uma capa preta.

No mesmo ano de 57 fiquei conhecendo a Zenaide, dezoito anos, linda, pouca cultura, mas de inteligência incomum, aberta ao aprendizado. Recém iniciava-se na prostituição, trazida para a “Boca” pela mão de uma irmã mais velha, esta veterana no ambiente e no ofício. Com a Zenaide viveria amasiado até 1960, quando então nos casamos, antes de seguirmos para Curitiba, onde numa tentativa de retorno ao convívio social, esperava encontrar possibilidades de reiniciar a minha vida. A tentativa, como outras posteriores, viria a falhar, e o casamento, ou melhor, a nossa união, iria durar outros três anos mais. A minha predestinação para arranjar encrencas na “Boca” vinha, como já disse, da singularidade da minha figura, um tanto ridícula, inaceitável mesmo no papel de delinquente, ainda por cima, valente. Resultava mesmo difícil de se acreditar (acreditar no sentido de temer) em um tipinho que possuía aparência de professor de Química ou de Botânica e de palavreado e modos que, por gentis, ali se mostravam, no dizer do ambiente, como “afrescalhados”. E quanto mais crescia a minha fama de valente mais aumentava o número de interessados em desafiar-me [...] já que o meio mais fácil de se ascender a altos “postos” no “submundo” sempre foi, como ali se diz, “fazendo o nome nas costas de um valente”, isto é, vencendo-o através da força física ou das armas, de preferência sem deixá-lo vivo, que é mais aconselhável. Como as desavenças, os inimigos e entreveros se multiplicavam, sem que os procurasse e sendo os hotéis, como residência, um ótimo local para possíveis emboscadas, aluguei um quarto na casa de um carcereiro meu conhecido, o Fernandinho, lá indo morar com a Zenaide. <sup>114</sup>

Joanides, mais que simples marido, foi mentor de sua mulher. “Sorte no amor, azar no jogo”. Hiroito resistia no limite das situações e se esquivava entre a lei do Estado e o código de honra da malandragem.

Seria na janela desse quarto que o já citado [...], do capítulo anterior, iria desfechar tiros com uma arma de caça, que pertencera ao seu ilustre genitor. Os acontecimentos tiveram início quando E..., que era amigo de Fernandinho, apossou-se de um carro de minha propriedade, que estava emprestado a este último. Ou melhor, furtou-o, “na confiança”. [...] De suas mãos, dias depois, não sei se emprestado ou igualmente “furtado na confiança”, o carro passou às mãos de uns punhustas que passaram a dele valer-se [...]. Como habitante do “submundo”, vi-me na obrigação de observar o “código de honra” que moralmente me impedia de imiscuir a Polícia em qualquer problema pessoal, pelo que abstendo-me de prestar queixa, tratei de procurar o carro e recuperá-lo. <sup>115</sup>

Joanides retrata-se quase como um xerife informal da Boca, que agia no limite dos trâmites oficiais da polícia e do código de honra da malandragem.

A história poderia ter terminado por aí, não fosse o carro estar com a lataria amassada em diversos lugares [...]. Achei que alguém deveria pagar o conserto, e esse alguém [...] só poderia de ser quem dera causa a tudo aquilo. Para tanto, dirigi-me à mansão da família de E..., onde recebido por sua genitora, uma honorável senhora, relatei os fatos que eram ali de todos desconhecidos, desta obtendo, sem maiores delongas, o

<sup>114</sup> Idem, ibidem, p. 68.

<sup>115</sup> Idem, ibidem, p. 69.

compromisso do ressarcimento de meus danos. E..., porém muito evocado por ter feito a sua “caveira” junto à sua família, que ignorava os seus envolvimento boêmios, pegando de uma espingarda que pertencera a seu pai, achou de com ela ir dar tiros na janela da casa do Fernandinho, onde eu morava [...], como um desabafo talvez. Mas [...] e se um dos tiros desfechados por E... que não era um delinquente, que não passava de um garotão mulherengo e farrista – houvesse alcançado qualquer pessoa dentro da casa, ferindo-a ou matando-a, será que estaria ele hoje onde se encontra, ocupando o posto, a posição que ocupa? [...] Se assim o fora e hoje, muito provavelmente, estaria E..., volta e meia aparecendo na última página dos jornais, em vez de nas colunas sociais das páginas centrais. Mera questão de paginação. Dessa ocorrência, tudo que espero é que E..., não a tenha esquecido, e que sempre lembrando-a, do alto do poder que hoje representa e se faz investido, tenha sempre em mente que não há criminosos e sim homens que cometem crimes. (p. 72)

Um tanto metafísica a proposição de Joanides, como se a essência humana precedesse à existência. O existencialismo de Sartre, por volta desses anos, inspirado no materialismo histórico e dialético do marxismo, colocaria por terra tal visão, abordando a essência humana como produto da existência, não como algo eterno e transcendente.

No fim desse ano – lembro estarmos em 1957 -, esgota-se a minha reserva pecuniária e a necessidade de arranjar dinheiro já se fazia sentir. Até então não era ainda propriamente um malandro, no sentido pecuniário da coisa, uma vez que jamais havia praticado qualquer modalidade delituosa da qual me resultasse um qualquer lucro. Masurgia que o fizesse. Só que não me passava pela cabeça a mais leve idéia de como, onde ou a que dedicar-me com vistas a conseguir a minha sobrevivência, à revelia de um trabalho honesto. A solução me veio através do Cangaceiro, de quem me fizera amigo, e que, desinteressando-se do negócio por estar se afastando da vida do crime, apresentou-me um “maleiro” (indivíduo que traz maconha do Norte, geralmente acondicionada em malas) recém-chegado do Norte, com uma carga de sessenta quilos de maconha. A colocação – venda e entrega – da mercadoria junto aos traficantes da “Boca” só poderia ser feita por alguém que fosse valente e respeitado o bastante para desencorajar ou poder fazer frente a tentativas de assaltos por parte de outros malandros. Tomei a carga a empreitada, mas não dei sorte. Carente de malícia, da maldade que a par da valentia se faz necessária num tal ramo de negócio, acabei delatado pelo carcereiro Fernandinho, com o qual, por motivos outros, dias antes me desentendera. Às vésperas do Natal vi-me preso em flagrante e levado para a Casa de Detenção da Av. Tiradentes.<sup>116</sup>

Não consigo imaginar época do ano mais melancólica para alguém desgarrado do seio familiar ir parar num cárcere, do que a véspera do Natal, quando em todos os lares cristãos as famílias se reúnem para celebrar o nascimento do menino Jesus. Aliás, a apropriação mercadológica da data, com a invenção do papai Noel, praticamente universalizou a comemoração natalina. Joanides não diz nada sobre esse Natal passado na prisão.

### **Joanides, o japonês, e Nelsinho “da 45”, o judeu**

O autor, sempre irônico, refere-se ao amigo Nelsinho “da 45” como um Apolo de

---

<sup>116</sup> Idem, *ibidem*, p. 72.

Belvedere de tão belo<sup>117</sup>, em oposição à sua própria figura, conforme ele mesmo considerava, ridícula. Pois sua escolha estética enquanto escritor tende mais para o dionisíaco do que para a ordenação harmônica e iluminada do estilo clássico. Sua fama de mal o protegeu na estadia natalina no presídio e saiu da prisão em fevereiro de 1958. Montou dois apartamentos na Boca, resultado de uma “coleta” que fez entre exploradores de lenocínio, casas de jogo e traficantes de drogas; foi quando ficou conhecido pelo título de “Rei da Boca do Lixo”. O primeiro nome de nosso autor, Hiroito, levou seu amigo mais chegado, o Nelsinho “da 45”, naquele imemorial jogo de insultos, desafios e provocações<sup>118</sup>, a apelidar Joanides de “japonês”. Joanides, por sua vez, chamava o comparsa de “judeu”.

Sempre que a carga da vida se lhe apresentasse como demais pesada, [...] era a mim (para ele o “japonês”) que ele vinha. Não a lamentar-se ou procurar consolo, mas para divertir-se. Divertia-se tremendamente o “judeu”, que era como afetuosamente eu o chamava (mas que outros não o fizessem! ...), com as minhas blagues, com a ironia e o sarcasmo que sempre surgem, por natureza, nas minhas conversações. O “humor negro que me caracteriza nos meus momentos de irritação faziam a delícia do Nélson. E para usufruí-lo, ladinamente, tratava de levar-me à irritação extrema. Usava-me o “judeu”, minto descaradamente aliás, como uma espécie de “humorista particular”.<sup>119</sup>

Nesta tragicomédia, às vezes Joanides se apresenta como o “humorista”. Sonha com a graça do bobo da corte em lugar do peso da responsabilidade sobre a vida e a morte que o “Rei da Boca do Lixo” carrega? Seja como for, nesse “teatro”, usa o galã Nelsinho “da 45” como “escada” para sua triste figura de comediante. O “Judeu” ficou conhecido como Nelsinho “da 45” depois de um tiroteio com um revólver que Joanides lhe emprestara, do referido calibre, para que se vingasse de um soco no olho que o deixou com a cara inchada, no Restaurante Pedrinho.

O Pedrinho, na Av. São João. Seria neste último, em noite de casa cheia, que o Nelsinho iria ganhar o “sobrenome” de “da 45”. O “Judeu” fechou o Pedrinho a tiros de “45”, em crise de fúria, levando o pavor a uma centena de pessoas que lá placidamente jantava. A crise fora desencadeada por um soco que um Polícia

<sup>117</sup> Esculpido em mármore, pertence ao acervo do Museu do Vaticano, sendo uma cópia helenística ou romana do original de Leocarés (séc. IV a. C.), entalhado pelo aluno de Michelângelo, Angelo de Mentorsoli. Mostra o deus solar logo após flechar a serpente Píton, que aterrorizava a costa de Delfos (local do famoso oráculo). Tem sido símbolo da beleza perfeita e do ideal estético ocidental-europeu.

<sup>118</sup> HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*; Editora Perspectiva, São Paulo, 2001. O jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta [...] pressupõe sempre a sociedade humana; mas os animais não esperaram que os homens os iniciassem na atividade lúdica. (p. 3) [...]

Na tradição grega, encontram-se numerosos vestígios de torneios de injúrias cerimoniais e solenes. Alguns autores afirmam que a palavra *iambos* significava “sarcasmo”, estando especialmente relacionadas com os cantos públicos de insultos e sarcasmos que faziam parte das festas de Deméter e Dionísio. Julga-se que foi a partir desta tradição de troça em público que surgiu a sátira de Arquíloco, cuja recitação, acompanhada por música, era incluída nas competições. (p. 77)

Nossos *repentistas* nordestinos com seus *desafios* lembram por demais essas antigas competições de insultos e provocações. É comum também que amigos brinquem de se insultar e provocar.

<sup>119</sup> Idem, *ibidem*, p. 35 e 36.

Marítima, daqueles grandões, desferira bem no olho do Néelson, à porta do restaurante e na presença de duas “damas da noite”, uma das quais pivô do ocorrido. O “Judeu” endoidou. Estando desarmado dirigiu-se à minha casa, perto dali, onde, com a cara mais parecendo um tomate amassado, contou-me o fato pedindo uma arma emprestada. Dei-lhe uma pistola “45” e acompanhei-o de volta ao Pedrinho para uma eventual necessidade de cobertura, mas crente que o tipo não mais se encontraria por lá. Não o podia imaginar tão estúpido a ponto de permanecer no local depois de haver arrancado a cabeça do Néelson com um soco. Mas o grandão estava lá, sentado numa mesa do fundo, ceando alegremente com as duas Julietas. O Nelsinho já entrou atirando, embora a distância que o separava do seu alvo não fosse menor que uns vinte metros. A confusão que se formou no recinto ao primeiro disparo foi indescritível. Diante a visão daquela figura grotesca de rosto transfigurado metade pelo feio hematoma e a outra metade pela ira, que viam surgir disparando uma arma que mais parecia um canhãozinho de mão, uma centena de pessoas que lá se encontravam entraram em pânico. Foi o que salvou o grandão da morte. Atrapalhado pelo povaréu que corria de um lado para outro como barata tonta, não conseguiu o Néelson acertar mais que dois tiros no sujeito (ambos na perna), o qual não parava um segundo, correndo e lançando-se por entre mesas e cadeiras tombadas, num desespero de morte. Com a chegada ao local de uma Rádio-Patrolha, atirou-se o Néelson portas afora, conseguindo passar pelos guardas. Mas não foi muito longe. Duzentos metros adiante, após troca de tiros com outra Rádio-Patrolha que o percebera em fuga, já denunciado teve que se entregar, indo passar uma nova temporada na prisão. Já então como Nelsinho... da “45”.<sup>120</sup>

Mas nessa brincadeira de apelidos, por que “japonês” era mais suportável para Joanides do que “judeu” era para o Nelsinho, sendo que ele era mesmo judeu e Joanides não era japonês? Jeffrey Lesser, em *A invenção da brasilidade*, ajuda a entender as sutilezas dessa brincadeira de provocações entre amigos e criação de apelidos caricatos da condição estrangeira dos imigrantes recentes. Sobre a imigração grega para o Brasil, há somente uma menção em todo seu livro:

No Oriente Médio, as razões para a emigração eram tão variadas quanto os motivos para a escolha do Brasil de preferência aos Estados Unidos e à Argentina. Da mesma forma que ocorreu com os emigrantes europeus, tanto judeus como cristão, uma combinação de pressões demográficas, deslocamentos econômicos, perseguições políticas e religiosas e a imagem de uma vida melhor em algum outro país criaram as condições para o surgimento de um potencial de emigração. Agentes de emigração viajavam por toda a região, incentivando os jovens (segundo um estudioso, um quarto da população libanesa em 1915) a deixarem o país. A partir de meados do século XIX, aumentou o número de navios a vapor que cruzavam regularmente o oceano ligando o Oriente Médio ao Brasil (com escalas na Europa), tornando a imigração mais fácil (e, com o tempo, mais barata). Embora as estatísticas sobre filiação religiosa sejam incompletas, os libaneses e sírios que entraram no Brasil através do porto de Santos entre 1908 e 1941 eram cristãos melquitas ou católicos maronitas (65%) ou gregos ortodoxos (20% do total, mas a maioria dos que entraram como “sírios”). Outros 15% eram muçulmanos. Essas variações costumavam confundir os brasileiros quanto às diferentes categorias étnicas nas quais se enquadrariam os imigrantes do Oriente Médio. A maioria dos que entraram antes da Primeira Guerra Mundial veio com passaportes otomanos e eram chamados de “turcos”, muito embora estivessem fugindo do Império Otomano. No Pará, era comum que os árabes fossem chamados de “judeus” [...]. Um dito muito conhecido descrevia essa confusão: ao chegar, os imigrantes eram “turcos”, um primeiro emprego fixo os transformava em “sírios” e, mais tarde, a propriedade de uma loja ou de uma fábrica fazia deles “libaneses”. Os

<sup>120</sup> Idem, *ibidem*, p. 78.

mascates se converteram também em uma espécie de serviço postal [...]. Quando novas ferrovias foram abertas por todo o Brasil, as palavras “mascate” e “turco” tornaram-se sinônimas, e muitos deles começaram a se estabelecer ao longo das linhas férreas, onde abriam pequenas lojas ou fábricas.<sup>121</sup>

Triste ironia para os gregos e outros povos, dominados até então pelos turcos, serem confundidos no Brasil com seus seculares opressores. Mas, se a situação dos gregos, libaneses, sírios, armênios e outros era trágica, o momento era mais terrível ainda para os judeus. A década de 1950 sucedeu imediatamente a derrota do nazismo antissemita, em 1945, e a instauração do Estado de Israel, em 1949. A vitória do sionismo consolidou a acumulação primitiva do capital e a propriedade privada na Palestina, cercando de muros o território e segregando os palestinos em Gaza, com a conivência do Egito. Os judeus sionistas começavam a fazer com os palestinos algo parecido com o que os nazistas haviam feito com os seus, com os ciganos e com os comunistas, na década de 1940. O holocausto e o antissemitismo, obviamente, tornavam o apelido de “judeu” insuportável para o comparsa de Joanides. No Brasil, muitos bandeirantes do período colonial, marcado pelo antissemitismo que desgraçava a península ibérica, foram judeus ou cristão-novos, empurrados pelos reis católicos para as frentes-pioneiras da colonização; mas sua presença se tornou maior com as políticas de incentivo à imigração do Império e da República, quando entre os judeus imigrantes, *cafetões* e *polacas* marcaram o ambiente do comércio sexual de então. As francesas já atendiam os barões do café que com elas buscavam assimilar algum lustro e refinamento.

### **Retorno à Curitiba - Joanides e o talento literário**

Muitas narrativas de Joanides são verdadeiros tributos literários aos amigos e mulheres amadas, carregados de lirismo e afeto sem sentimentalismo. Numa época de extinção da arte narrativa, Joanides é uma raridade, mesmo não sendo grande escritor. Entendemos melhor o surpreendente talento literário do Rei da Boca do Lixo conhecendo um pouco sua família. A importância de se redimir expondo sua narrativa expiatória ganhou vida própria e Joanides abandonou o roteiro de redação planejado, a “radiografia histórica da Boca do Lixo”, e deixou a história fluir inconscientemente. Mas, é claro, pesava também a importância de expoentes de sua família no campo diplomático, cultural e literário do Paraná.

Em Curitiba, cidade na qual me criara e onde não só o meu nome como, também, a tragédia da morte de meu pai eram bastante conhecidos por ser a família, do lado

<sup>121</sup> LESSER, Jeffrey; *A invenção da brasilidade – identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*; Editora UNESP, São Paulo, 2015; p. 175.

materno, e de há muitas gerações, prata da terra, as oportunidades e a compreensão, cria-o eu, haveriam de ser maiores [...]. Afinal, pertencia à família que fornecera vários nomes que haviam se destacado no campo das Letras e da Política, no Estado. O que não compreendia é que isso só serviu para vir contra mim: eu era a vergonha da família. <sup>122</sup>

Do lado materno. Mas, seu pai também tinha nobre estirpe, de ilustres antepassados e parentes, como é o caso do cônsul João Savas Joanides e do próprio precursor da colônia helênica do Paraná, o capitão Nicolau Savas que, após um tempo em Portugal aprendendo a língua, transportou para o Brasil, em três viagens, as famílias gregas da Ilha de Castelozzo, no sudeste do Arquipélago do Dodecaneso, próxima do litoral sudoeste da península da Anatólia na atual Turquia. O Império Britânico vinha se impondo nos mares numa escalada que culminou na introdução da navegação a vapor, na ocupação do Canal de Suez e na derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial mas, antes da derrocada final, o Paxá de Rodas enrijeceu o controle e caçou a concessão dos ilhéus de Castelozzo para a construção de barcos. Nicolau Savas, então, zarpou em busca de outros mares, atravessou o Atlântico e estabeleceu sua transportadora marítima na Ilha de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, passando a navegar entre o porto de Paranaguá, Montevidéu e Buenos Aires. Veio a ser embaixador da Argentina no Paraná, daí derivando o ramo diplomático da família e a vocação para a aventura. Conta-se que, na véspera da Revolta da Armada, salvou o governador e o retirou em segurança. As façanhas de Hiroito, o japonês, rei da Boca do Lixo e escritor, teriam projetado suas sombras sobre a comunidade da qual ele se desgarrou, ou a comunidade helênica do Paraná passou incólume e indiferente pela tragédia do nosso autor? Joanides tentou voltar e se reintegrar, sentiu o imenso peso do isolamento, e ninguém da família o chamava a reuniões ou a qualquer festa. Tendo buscado emprego, encontrou apenas recusas.

Ah, mas a Providência é formidável! E veio em meu socorro na pessoa de dois velhos conhecidos que casualmente encontrei na rua: o Gatica e o Gaúcho, que há mais de seis meses estavam em Curitiba, motando e “trabalhando”, em conjunto, na mesma especialidade de “micheiros” (ladrão de firmas ou residências que se vale de chaves falsas, as chamadas “michas”). Os dois estavam morando (morando mesmo, e não hospedados) no Lord Hotel. <sup>123</sup>

Joanides, então, passou a vender mercadorias roubadas e o juiz de Curitiba decretou sua “prisão preventiva” e de sua companheira Zenaide. Na casa de detenção de Curitiba e na Penitenciária de Piraquara, ambos permaneceram quase cinco meses, até serem absolvidos. Joanides, então, retornou à Boca do Lixo, em São Paulo, em 1961. Hiroito de Moraes Joanides tornara-se estranho à própria família, como seu primeiro nome de imperador japonês já

<sup>122</sup> JOANIDES, op. cit. p. 112.

<sup>123</sup> Idem, ibidem, p. 113.

preunciara desde o nascimento.

## **Vegetação, pobres, mulheres e drogados**

A seguir, após longa digressão sobre os danos da moda da anfetamina, das “bolinhas” e “picadas”, conta sua experiência pessoal com as drogas: o “efeito abobalhativo da maconha”, o uso de anfetamina por “cinco meses, de outubro de 62 a março de 63”, quando tomou “todas que existiam em São Paulo, sem exagero algum [...] até ficar em estado de coma”.

Foi na casa do Calixto, na Amaral Gurgel, que entrei em coma após ter tomado a última dose de cinco “picadas”. Para sorte minha, minutos depois, quando ninguém ali sabia o que fazer de mim, passa pelo local, numa perua da Delegacia de Assaltos, o negrão Deodato, que era compadre do Calixto. O Deodato, sendo um dos seus mais antigos habitantes, sempre sentira viva simpatia não só por mim, como também pelo Nélson da 45, vendo que estava “batido com as nove, com um coringa voando”, o negrão imediatamente levou-me para o Departamento de Investigação, onde fui socorrido pelo médico de plantão. No dia seguinte, com muitas fotografias minhas desacordado, os jornais deitaram e rolaram. Daí ficou-me a fama de toxicômano. Mas sequer naqueles cinco meses em que permaneci praticamente “ligado” quase que o tempo todo, [...] sequer nesse período seria lá muito certo qualificar-me de toxicômano, pois não estive a drogar-me por vício e sim por desespero, para manter-me desperto em situação de extremo perigo, quando a minha vida não valia um tostão furado, a tal ponto que até os mais chegados tratavam de avançar nos meus bens, na certeza de que mais dias, menos dias, vira a ser morto. Mas a história desses cinco meses será contada mais a frente. Depois de 1963, nesses quase quinze anos que se seguiram, voltei a tomar “picadas” umas dezenas de vezes. É muito difícil o sujeito estar no ambiente dos tomadores, conviver com eles e abster-se todas as vezes, sempre, de tomar uma dose [...] Mesmo assim, sou tido como sendo um dos maiores tomadores de “picadas” de São Paulo, quando qualquer rapazinho dos tantos que por aí abundam, toma em um mês bem mais do que vim a tomar no curso desses quinze anos.<sup>124</sup>

Jonides comenta, a seguir, como a difusão massiva do automóvel, desde os anos 20, alterou o ambiente de trabalho das prostitutas, desde o nascimento da Boca do Lixo em 1954. São Paulo, transfigurada desde o início do século XX pelo poderio dos barões do café, pela indústria de substituição de importações do período das guerras mundiais e pela avassaladora indústria automobilística, a impor a engenharia de tráfego ao urbanismo em todos os recônditos da cidade, tornara-se uma “cidade grande”. Segundo Nicolau Sevckenko:

O limiar entre o aprendizado que se poderia assimilar das soluções urbanísticas adotadas nos países europeus e nos Estados Unidos, com vistas tanto ao embelezamento da cidade quanto à melhoria das condições de vida da população, e a simples adoção de modelos sacralizados pelo prestígio discriminante das origens, era tão estreito quanto o que separa a visão da observação, a sensação da sensibilidade; sendo por outro lado tão amplo como a distância que mantém para sempre à parte o

---

<sup>124</sup> Idem, *ibidem*, p. 115.



numinoso e o contingente. [...] No curo de desdobramentos esquizogênicos desse tipo, que ponteavam pela área urbana [...].

Lá se ia a última reminiscência da floresta tropical que fascinara e transtornara os jesuítas. Era bem emblemática, aliás, essa última porção remanescente da Mata Atlântica, asentada no topo da colina mais alta e mais visível da cidade, como uma guirlanda selvagem que lhe coroasse a fisionomia bizarra, evocando sua herança tradicional, o seu destino conjugado com o da natureza exuberante espriada aos seus pés. Era, pois, sintomático e revelador que a cidade perdesse a sua auréola no umbral da sua entrada para a modernidade. [...] O projeto de desbastar o bosque tropical da Avenida Paulista, para transformá-lo num jardim gramado e bem-comportado, era do arquiteto inglês Barry Parquer, empregado do gigantesco holding internacional City of São Paulo Improvments and Freehold Land Co., responsável pelo empreendimento imobiliário das cidades-jardins, adulteração comercial do modelo urbanístico original e revolucionário de Ebenezer Howard na Inglaterra. Tanto porque a floresta tropical não harmonizava com o urbanismo britânico, quanto porque a mata virgem impedia a visão panorâmica para a promoção das vendas e incremento do valor especulativo do que a Companhia anunciava como o primeiro bairro moderno de São Paulo – iniciado com o loteamento da encosta do espigão da Paulista que dava para o vale do rio Pinheiros – o Parque da Avenida foi entregue a Parker para redoração, com financiamento vultoso dos cofres municipais, tendo sob seu comando empregados e equipamentos da própria prefeitura, para desmatar e civilizar aquele logradouro público.<sup>125</sup>

A vegetação, os pobres e as mulheres parecem ser as maiores vítimas desses progressos civilizatórios. O fim das fontes e chafarizes, a devastação das matas nativas, a segregação dos bairros operários e o gueto da zona do Bom Retiro alteraram completamente a antiga boemia da geração romântica de Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, quando São Paulo era a “cidade de estudantes”.

Enquanto o inglês Barry Parker metamorfoseava o Parque da Avenida, os franceses Bouvard e Cochet redesejavam a orla da colina central da cidade, apagando os últimos traços originais ao redor do santuário onde os jesuítas haviam celebrado a sua fundação, transformando as vertentes do Anhangabaú e os pântanos do Tietê num panorama cenográfico dos mais elegantes, com toques finos de trilhas, passeios e canteiros. O lance final dessa reforma da paisagem foi estabelecido pelo arquiteto franco-argentino Victor Bubugra, ligado ao grupo de urbanistas encabeçados pela sumidade internacional, o arquiteto Bouvard. Ele foi encarregado de desmatar, desarborizar, ajardinar e redorar o Largo da Memória e seu tradicional obelisco, na embocadura do Vale do Anhangabaú. [...]

Assim, a Várzea do Carmo, transformada no Parque D. Pedro II, ligando-se ao Vale do Anhangabaú, tornado Parque do Anhangabaú, o qual por sua vez se articulava ao Vale do Piques, reformado no Parque do Obelisco, a colina central ficava circundada de uma ornamentação paisagística europeia, atravessada pelas impressionantes estruturas metálicas dos viadutos do Chá e de Santa Efigênia importadas direto da Alemanha, e cingida pela arquitetura neo-renascença do Teatro Municipal, êmulo fáustico do Ópera de Paris, a assinalar uma súbita reformulação do panorama refletindo mudança radical na identidade da capital. Nos limites desse complexo paisagístico figuravam, ao norte, a Estação da Luz, totalmente importada da Inglaterra até os últimos tijolos e os menores parafusos, segundo os modelos da Estação de Paddington e da torre do Big Bem. Ao sul ia se definindo o desenho gótico da catedral da Sé, talhada sob o figurino da matriz medieval de Colônia. A oeste, dominando a Praça da República, se ergueria no topo da colina histórica o colossal prédio do

---

<sup>125</sup> SEVCENKO, op. cit. p. 114-115.

arquiteto italiano Giuseppe Martinelli, um bloco maciço de concreto armado, que com seus vinte andares se arrojava como “o mais alto da América do Sul”.

Esse quadro, ao mesmo tempo deslumbrante e desorientador, foi completado pelo entusiasmo “yankee” da Câmara Municipal, fazendo votar, contra qualquer bom senso, o projeto que impunha artificialmente a fantasia moderna da verticalização ao centro da cidade. Foi assim obstada a abertura de novas ruas, introduzindo-se ademais a imposição legal de que qualquer construção naquele perímetro devesse necessariamente comportar de três pavimentos para cima. O que agravaria desastrosamente o já drástico problema da centralização dos serviços e estrangulamento do tráfego. [...] <sup>126</sup>

No epicentro de tal modernização do urbanismo paulistano, a famigerada Rua das Costureiras, entre o Rio Anhangabaú e a encosta oeste da colina histórica e ligando o Largo de São Francisco, a Praça do Patriarca e o Mosteiro de São Bento, a Rua Nova São José, passou a ter os melhores pontos da vista da paisagem do centro reurbanizado, do grandioso Teatro Municipal e do Parque do Obelisco na Ladeira da Memória, sendo tomada pela verticalização urbana que marcou o período. A imigração de judeus concentrada no Bom Retiro atraiu polacas e cafetões, com suas encrencas e sacanagens, mas o confinamento das prostitutas lá pelo Estado Novo, a zona do Ademar, nas ruas Aimorés e Itaboca (atual Rua Prof. Lombroso) e travessas, entre a linha do trem e a encosta da ladeira da Rua dos Italianos, que desce até a várzea do Tietê, configurou o gueto segregado dentro da cidade de São Paulo até bem depois da ditadura de Getúlio Vargas; tragicamente, até o começo de janeiro do ano de seu suicídio na madrugada de 24 de agosto de 1954. Joanides não pôde comemorar este fatídico ano novo. Não seria mesmo possível celebrar o aniversário da centenária cidade com tal procissão a repetir seu espetacular ritual cotidiano, seguindo seu calendário semanal. No embate com os moralistas, sobre a legitimidade de seu livro, Joanides pondera:

Financeiramente falando? Já sob esse aspecto, ter-se-ia que recomendar antes o boxe – meio de vida sabidamente rendoso, de milionárias possibilidades. Ademais, é inegável ser infinitamente melhor ganhar a vida tendo que vez ou outra subir a um ringue, que passar a vida inteira trocando socos com a sociedade. O crime compensa, é claro, mas não para os criminosos. Também a tuberculoso compensa... para proprietários, diretores, médicos e serventes de sanatórios; para laboratórios farmacêuticos e fabricantes de ataúdes (e não vá aqui se dizer que ninguém morre por ser criminoso, que esta é uma das maneiras mais fáceis de se morrer hoje em dia...). Muito particularmente, no que me diz respeito, guardo grandes esperanças de que o crime, por fim, venha a mostrar-se compensatório para mim. Mas isso estará dependendo em muito de vós outros. Comprei outros volumes deste livro, ofertai-o a vossos amigos e inimigos, comentai-o, propagai-o, e quando estivermos lá pela vigésima edição, poderei dizer, de boca cheia, e bolsos também, que o crime, mais que me compensou, recompensou-me. Isso dito, permita-me o amigo que o tome pelo braço e o conduza, através dos anos, numa incursão ao “submundo”, onde os instintos, à solta, passeiam pelos jardins do vício e da violência.<sup>127</sup>

<sup>126</sup> Idem, *ibidem*; p. p. 115, 116, 117.

<sup>127</sup> JOANIDES, *op. cit.*, p. 19.

Encerrando o prólogo em tom assim irônico, coloquial e cordial, Joanides conduz os leitores “numa incursão ao ‘submundo’, onde os instintos, à solta, passeiam pelos jardins do vício e da violência”, o ecossistema do ambiente urbano em questão. Os “jardins” não são só metáfora, são literais também. A trama entre as diferentes questões urbanas da cidade de São Paulo se entrecruza numa foto de 1962, da Praça Júlio de Mesquita, do jornal *Diário da Noite*, que abre o prólogo do livro com um grande cartaz com a palavra PAPAÍ, em maiúsculas, remetendo tanto ao trágico assassinato de seu pai quanto à sua própria tragédia - falsamente acusado, estigmatizado e banido.

## O Baixo-mundo e a morte da utopia modernista da geração de 22

Joanides define categoricamente o objeto de sua aguda e afiada análise e dispara:

“Baixo-mundo”, ou “submundo do crime”, não é necessariamente designação de determinado local de uma qualquer cidade. Designa, isso sim, conjunto de seres humanos que nela vivem, à margem da lei ou dos bons costumes, bem como a ambiência dentro da qual os seus destinos se arrastam. É pois designativo mais de classe, digamos assim, que propriamente de local, já que os lugares frequentados por aqueles que a ela pertencem, onde se reúnem, residem ou exercem os seus misteres ilícitos, pode ser que sejam vários e dispersos, espalhados por toda a extensão de uma cidade grande. Em algumas cidades, porém, pode vir a ocorrer que um grande número de marginais acabe por se concentrar num mesmo local. A causa de tais concentrações, o foco que atrai, arregimenta e aglutina essas populações de proscritos é, invariavelmente, a prostituição. No meio e em torno desta, sempre, é que irão surgir e se desenvolver “colônias” de criminosos, contraventores e vadios. E isso porque, para tais seres, é a prostituta receptáculo não apenas dos apetites do sexo mas também, e ainda, de sonhos e anseios que se fizeram truncados, mutilados no curso e por força de suas vidas anômalas. Unicamente nela, prostituta, encontra o marginal, o delinquente, possibilidades para uma pálida satisfação das humanas necessidades de relacionamento emocional-afetivo. Nos rastros de uma qualquer “mulher da vida”, há de se ver, manquitolante, o sentimentalismo de um malandro.

Em São Paulo, até 1953, o “submundo” da cidade, com exceção de algumas pequenas “sucursais”, concentrava-se no bairro do Bom Retiro, girando e pululando em torno ao meretrício, até então ali oficialmente confinado.<sup>128</sup>

Joanides, leitor de Eric Hobsbawm, recorta o tema num viés marxista, porém, em sentido decadentista e pessimista de involução histórica. Na altura da publicação de *Boca do Lixo*, em 1978, o marxismo estava em alta no Brasil, apesar da opressão da ditadura. A análise

---

<sup>128</sup> Idem, *ibidem*, p. 14 e 15.

“marxista” de Joanides aponta que *o foco que reúne a marginalidade é, invariavelmente, a prostituição*, em torno da qual:

[...] irão surgir e se desenvolver “colônias” de criminosos, contraventores e vadios. [...] E isso porque, para tais seres, é a prostituta receptáculo não apenas dos apetites do sexo, mas também, e ainda de sonhos e anseios que se fizeram truncados, mutilados no curso e por força das suas vidas anômalas. Unicamente nela, a prostituta, encontra o marginal, o delinquente, possibilidades para uma pálida satisfação das humanas necessidades de relacionamento emocional-afetivo. Nos rastros de uma qualquer “mulher da vida”, há de se ver, manquitolante, o sentimentalismo de um malandro.<sup>129</sup>

Joanides, fiel à boemia, tange o lirismo e aponta o papel do amor e do sentimento como motivação central tanto da sua narrativa quanto do ordenamento social em sua cosmovisão, tanto mais crucial quanto mais afastado da ordem social, do amor e da própria sociedade. Será mesmo que, conforme recente slogan, “não existe amor em São Paulo”? Como? Desde quando? Finda a Segunda Guerra Mundial, em 1945, o Brasil inscreve-se entre as nações do assim chamado *mundo livre*, ou em uma palavra: o *Ocidente*. Brasil, o “país do futuro”! Eleições. Democracia. Enquanto o jovem Hiroito Joanides se iniciava na boemia do Bom Retiro, o aniversário da “cidade que não pode parar” era preparado noutros locais. Manuella Marianna Andrade resume bem *O processo de formação do Parque do Ibirapuera*, em seu artigo para a Revista do Arquivo Municipal<sup>130</sup>, uma das vertentes da transfiguração urbana da cidade de São Paulo. Contudo, enquanto a várzea do Ibirapuera recebia tais investimentos, do lado sudoeste da colina histórica, na várzea da Barra Funda e do Bom Retiro, bairro popular povoado por estrangeiros, a história era outra, violenta, estranha e erótica: o violento despejo das prostitutas da zona do Bom Retiro e a formação do Quadrilátero do Pecado, a Boca do Lixo, nos Campos Elíseos, nas ruas em torno da Pça. Júlio Mesquita e sua magnífica Fonte Monumental:

Em algumas cidades, porém, pode vir a ocorrer que um grande número de marginais acabe por se concentrar num mesmo local. A causa de tais concentrações, o foco que atrai, arregimenta e aglutina essas populações de proscritos é, invariavelmente, a prostituição. No meio e em torno desta, sempre, é que irão surgir e se desenvolver “colônias” de criminosos, contraventores e vadios. E isso porque, para tais seres, é a prostituta receptáculo não apenas dos apetites do sexo mas também, e ainda, de sonhos e anseios que se fizeram truncados, mutilados no curso e por força de suas vidas anômalas. Unicamente nela, a prostituta, encontra o marginal, o delinquente, possibilidades para uma pálida satisfação das humanas necessidades de relacionamento emocional-afetivo. Nos rastros de uma qualquer “mulher da vida”, há de se ver, manquitolante, o sentimentalismo de um malandro. Em São Paulo, até 1953,

<sup>129</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>130</sup> ANDRADE, Manuella Marianna. *O processo de formação do Parque do Ibirapuera*; Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, 2006; pp. 49-66.

[...] Para realçar o brilho das festividades, a Comissão do IV Centenário viabilizou a construção do Parque do Ibirapuera, como palco das comemorações realizadas. [...] O primeiro projeto de parque para a região do Ibirapuera remonta a 1929. (p. 49)

o “submundo” da cidade, com exceção de algumas “sucursais”, concentrava-se no bairro do Bom Retiro, girando e pululando em torno ao meretrício, até então ali oficialmente confinado. Com o fechamento da chamada “zona”, a prostituição “desoficializada” foi se fixando no bairro dos Campos Elísios, onde em curto espaço de tempo, apossava-se territorialmente de toda a área circunscrita pelas ruas e avenidas Timbiras, São João (Pça. Júlio Mesquita), Barão de Limeira, Duque de Caxias, Largo Gal. Osório e Rua dos Protestantes, no que veio a constituir a famigerada “Boca do Lixo”, o “Quadrilátero do Pecado”.<sup>131</sup>

São Paulo, Bom Retiro, “zona”, Campos Elísios, Avenida Timbiras, Avenida São João, Pça. Júlio Mesquita, Rua Barão de Limeira, Avenida Duque de Caxias, Largo Gal. Osório e Rua dos Protestantes, a toponímia da autobiografia de Joanides vai ampliando o raio de abrangência do “pedaço”, da Boca e o olhar cético de Joanides parece não ter mais o mínimo resquício das expectativas utópicas que um dia ensejaram a perspectiva de Blaise Cendrars e sua geração de amigos brasileiros modernistas. A Revolução de 1924 enterrara os sonhos da geração sucessora dos modernistas de 22 sob os escombros da cidade bombardeada pelas tropas federais na Revolução de 1924, a Revolução Esquecida, o “segundo 05 de julho”? Tais violências do estado brasileiro e paulista permitem mensurar a desproporção de forças que se abateu sobre as prostitutas no Bom Retiro no começo de 1954, com a mentalidade despótica característica do estado brasileiro e dos governadores paulista.

[...] Blaise Cendrars, veterano de guerra, estava em São Paulo e viveu esse episódio, cuja pavorosa ironia não lhe escapou.

Mal colocou sua artilharia em posição sobre as colinas que dominavam a cidade, o general Sócrates, comandante das tropas federais de cerco, desencadeou sobre a cidade aberta, da qual nenhum dos seus 800 mil habitantes havia sido evacuado, um bombardeio “à alemã”. Soube aproveitar as lições da Grande Guerra europeia. Não tendo nenhuma catedral de Reims para demolir, Sócrates dava como alvo a seus canhões, ora um hotel reluzente de novo, ora uma bela fábrica moderna, ora um dos novos arranha-céus. Os obuses caíam em rajadas no centro da cidade, destruindo um bonde, mandando aos ares uma confeitaria, espirrando numa escola, explodindo numa praça ou num bar. Aviões dirigiam a operação, lançando bombas que caíam por toda a parte e explodiam ao acaso.

Esse absurdo bombardeio durou 29 dias e 29 noites. De noite, os obuses incendiários tocavam fogo nos bairros operários da Luz e da Moóca, fazendo explodir reservatórios da Shell e depósitos de café. Enquanto essas fogueiras se acendiam, um fogo de fuzis e de metralhadoras as acompanhava, durava até a madrugada e sua intensidade me lembrava os ataques maciços de Verdun. Mas o ataque não acontecia nunca. Durante o dia os obuses recomeçavam a cair no centro da cidade. Percebia-se que os oficiais “legalistas” faziam isso de coração alegre. As ordens eram formais: era preciso esmagar a sedição, pior para a cidade, ela seria reconstruída.<sup>132</sup>

A comparação com “os ataques maciços de Verdun” é impressionante, mas vindo de um combatente que foi testemunha ocular de ambos os bombardeios, além de magistral

<sup>131</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>132</sup> SEVCENKO, op. cit. p. 303-304. Blaise Cendrars, *Etc..., Etc...* (um livro 100% brasileiro), pp. 84-8.

escritor, não há como duvidar. Nas décadas seguintes, contudo, a escala ciclópica e cosmopolita do crescimento urbano massificou a cultura paulistana. O Bom Retiro já não era bom nem retirado e, nos Campos Elíseos, a hotelaria em simbiose com as “mulheres da vida” e seus clientes imiscuía-se com a cafetinagem, famílias se mudavam e seus imóveis viravam hotéis, pensões, salões de beleza, oficinas mecânicas ou bares e restaurantes. Para escapar à crescente repressão, *bocas* se espalharam pela cidade de São Paulo, de acordo com Joanides, desde 1962. A memória coletiva dos antigos espaços malditos (do Morro da Forca, do Cemitério dos Aflitos, das fontes e chafarizes) foi se apagando e o novo espaço maldito da cidade tornou-se a *zona do Ademar* e, agora, a Boca do Lixo e, atualmente, a Cracolândia. O antigo distrito da Glória, atual bairro da Liberdade, agora era “um bairro japonês”. A maldição, assim, migrou do terror da morte para o pecado da carne, da luxúria do vício e do crime.

Joanides também conta como a Boca se dispersou pela metrópole na década de 60 para se esquivar da sempre crescente repressão policial e atingiu, segundo ele, o máximo de degradação e perda de qualquer referência moral e ética na década de 1970. Nesse meio tempo, Joanides luta para salvar o que lhe restou de humanidade no destino de *valente* a ele fadado. O clímax são suas peripécias pela rede de locais do submundo conexos à Boca do Lixo à procura da sua mulher, Zenaide, quando ela sumiu sem deixar nem um bilhete. No prefácio, de 1977, Percival de Souza conta que esse nome popular do local era um trocadilho com a “Boca do Luxo”, mostrando mais uma vez o humor subversivo do povo: “A “Boca” fascinava pela sua frequência heterogênea. Era o declínio social e não moral comparada à Boca do Luxo, sofisticada em torno das boates da Vila Buarque”. O prefácio de Percival de Souza considera na mais alta conta a autobiografia de Joanides:

[...] uma contribuição preciosa àqueles que pretendem saber alguma coisa de concreta sobre esse lugar que se convencionou chamar “submundo”. Depois de *Estórias da Boca do Lixo*, de Ramão Gomes Portão, com sua incrível personagem Betona – mulher superdotada, que seria uma espécie de “rainha da “Boca”, o livro de Hiroito é o segundo a nos relatar fatos reais desse mundo de facetas ignoradas.<sup>133</sup>

Contestado sobre a legitimidade de sua autobiografia que, quanto mais bem escrita mais valorizaria o crime, argumenta que não se trata de *apologia* do crime nem de se fazer de herói ou de vítima, trata-se sim do relato de alguém quites com a sociedade e superou a condição de margina e se tornou escritor e cidadão, retornando “à Sociedade pelas mão de uma mulher honesta”. Apresenta, então, ao leitor uma narrativa realista despojada de todo e qualquer

---

<sup>133</sup> JOANIDES, op. cit. p. 8.

tom lendário, uma anti-apologia. “Sete Dedos”, Conrado Muller, “Testinha”, “Boca Negra”, “Gerico”, “Diabo Loiro”, “Bagdad Branco”, Faria Lima, Jorginho e “Massacre” eram outros afamados criminosos. O jornalista Orlando Criscuolo deu o seguinte testemunho sobre o livro de Hiroito de Moraes Joanides, ao escrever-lhe o prefácio, em julho de 1977:

Depois de ter escrito dezenas de reportagens sobre as façanhas de Hiroito, um personagem que durante muitos meses ficou longe das entrevistas e das fotografias de profissionais de imprensa, acabei por conhecê-lo numa madrugada fria, em umas das dependências do antigo Departamento de Investigações. Interessante! [...] criou-se, naquele instante, uma simpatia mútua [...]! Mas foi nessa mesma madrugada, entre perguntas duras e respostas ásperas, que disse-lhe: “Gostei de você. Mas fique sabendo que vou tentar transformar em notícia tudo aquilo que você fizer contra a lei. E se me for possível, vou persegui-lo, com minhas reportagens, até vê-lo pela vida toda no fundo de um cárcere”. Hiroito sorriu e respondeu: “Você cumpre tua obrigação que é teu dever. Nem por isso vou deixar de respeitá-lo como repórter. Mas lembre-se de uma coisa: nunca diga, em tudo que escrever sobre mim, que sou um homem incapaz de amar”. [...] Um dia, indo à Casa de Detenção em missão jornalística, vi e falei com Hiroito durante quase uma hora. Falei-lhe sobre este livro. Procurei incentivá-lo a escrever sua história, já que tinha certeza ser ele um ótimo escritor. Durante meses voltei a martelar na mesma tecla, até que, hoje, sinto-me plenamente recompensado, aqui estou para agradecer ao homem a confiança que ele sempre teve em si mesmo; “nunca diga, em tudo que escrever sobre mim, que sou um homem incapaz de amar”. Aqui está a prova de que Hiroito sabe amar.<sup>134</sup>

### **O livro *Boca do lixo***

O amor, aliás, é o que organiza sua narrativa, sua visão de mundo e análise sociológica. Quanto ao perigo de *glamourizar* o mundo do crime, o autor tenta despir sua narrativa e sua pessoa de qualquer conotação lendária que o título de “rei da Boca do Lixo” pudesse lhe conferir. Não sei se os argumentos de Joanides convencem. O que nos leva ao assunto da segunda parte, o livro *Boca do Lixo*.

Doze arrastados anos de cárcere tornaram-me já agora, perfeitamente à vontade para prescindir do vosso julgamento [...] A verdade é que eu e a sociedade estamos quites. [...] Nesses mesmos doze anos vou encontrar a melhor resposta para aqueles, alguns poucos, que viram como pernicioso à juventude o fato de escrever este livro, argumentando que por força do meu passado e da notoriedade dele resultante, aquilo que viesse a relatar, com relação à vida do crime, assumiria, necessariamente, aos olhos da adolescência, um caráter apologético. Bem, se um qualquer jovem chegar a achar que exista algo no mundo, na vida, que possa compensar a solidão, a angústia, o desespero, a miséria, a nostalgia, a tristeza, o tédio, a melancolia, o cansaço, o espepinhamento e a torpeza que florescem ao longo de doze anos de prisão, então já não se trata mais de fazer ou não apologia do crime, mas sim de recomendar-lhe um bom psiquiatra. Além do que, não alcanço compreender lá muito bem isso de “fazer apologia do crime”. Ora, o crime, ou melhor dito, a condição de criminoso não é nenhum estado de graça, mas uma desgraça que se abate sobre determinados indivíduos *circunstancialmente* propensos a adquiri-la. Desgraça que leva, àqueles

<sup>134</sup> JOANIDES, op. cit. – Orlando Criscuolo (julho de 1977) (p. 13)

que vítima, o desprezo, o ódio, a ira, de modo geral e irrestrito. Como, então, fazer-lhe a apologia? <sup>135</sup>

O livro, em si, objeto desta análise, foi projetado graficamente e produzido por Analdino Rodrigues Paulino, com capa de Elifas Andreato e diagramação de Altamir Tedeschi e Roberto Agune, composto e paginado por Antonio Polizel e Auro Belino de Jesus na *linotipadora relâmpago*, Rua Vitória (bem na Boca do Lixo), 251, e impresso pela *dag-d'agostino artes gráficas ltda*, Rua Santa Cecília, 277. Os direitos do livro foram reservados por *edições populares*, sediada na travessa Artur Azevedo, 7, São Paulo – capital. Assim, em 1978 foram postos no prelo cinco mil exemplares de 192 páginas impressas em papel simples, de mais ou menos um palmo; quase um livro de bolso. Sua produção gráfica e editorial, portanto, afina-se perfeitamente com a ambivalência do seu autor e assinala o extremo da difusão do livro e da leitura em meados do século XX, com a popularização desse objeto da cultura erudita das elites. Essa mudança de quantidade em qualidade pode parecer insignificante, vista da era digital em que estamos, mas numa perspectiva de longa duração torna-se reveladora e fundamental. A década de 1970 é o período do *milagre econômico* da ditadura e do seu recrudescimento máximo após o AI-5 de 1968. O ataque ao projeto de alfabetização popular de Paulo Freire, seu exílio, o massacre do movimento estudantil, da guerrilha do Araguaia e da resistência armada, mostraram a faceta mais velhaca e brutal do autoritarismo de nossas elites: sua tradicional política de promoção e manutenção da miséria, ignorância e desinformação como estratégia de sujeição, dominação e exploração. Assim, no contexto mais amplo da história do livro e da leitura no Brasil, numa perspectiva de longa duração, a edição pobre e mal revisada (não sei se propositalmente) de um livro escrito por um fora da lei com formação ginásial e publicado no período da censura e da ditadura militar é um feito prodigioso.

Desde o fim da ditadura, muito se fal em *consolidação da democracia brasileira*, tanto que isso parece até mesmo um consenso, para não dizer um lugar comum. Contudo, a historiografia é farta em alertas sobre a superficialidade das experiências democráticas no Brasil e sua brevidade, vide, por exemplo, *Raízes do Brasil e Os Donos do Poder*, de Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, respectivamente. Sérgio Buarque mostra um Brasil fadado aos efeitos desagregadores do etos português ibérico, no qual o autoritarismo atua mais para separar do que para unir e a esperança é diluir seu cinismo estoico no crescente

---

<sup>135</sup> Idem, *ibidem*, p. 18, 19.



cosmopolitismo das imigrações do século XX<sup>136</sup>. Faoro documenta o quadro sufocante e inescapável do estado patrimonialista de estamento que vampiriza a sociedade, desde a formação de Portugal no século XII até Revolução de 1930 no Brasil, sem alterar a estrutura de poder cristalizada pelos séculos<sup>137</sup>. A precária confusão com que diferentes políticas de educação se sucederam no Brasil, desde os Jesuítas, revela uma sociedade de castas tentando, cinicamente, parecer democrática sendo despótica. As “elites” brasileiras querem forjar a identidade nacional de acordo com modas e tendências ditadas pela Europa ou pelos Estados Unidos, mas não abrem mão dos seus privilégios de casta, que implicam na infame exclusão social e negação de direitos civis que marcam a história do Brasil. A alfabetização e a difusão dos livros e da leitura no Brasil estão condicionadas por esse horizonte histórico colonial, mas, na construção da identidade nacional e paulista, as elites aspiram participar da *marcha triunfal da civilização* ocidental e do *mundo livre*. O Ocidente. Essa contradição escancara o cinismo das políticas e dos discursos prolixos, pedantes e distantes da realidade de nossos parlamentares e juristas. O esclarecimento dos cidadãos pela alfabetização e difusão da leitura e dos livros na Europa, idealizado pelo iluminismo, teve seus percalços também, mas, comparados com a bizarra situação brasileira, parecem até singelos. O interesse por “objetos depreciados” chega, na segunda metade do século XX, ao campo da narrativa histórica e da cinematográfica, através dos intelectuais de esquerda, como visto. Joanides, com seu livro quase de bolso, parece flertar com essa mudança de paradigmas, porém não abandona o “olhar aristocrático sobre um objeto popular”, talvez por sua formação escolar e religiosa tão nos moldes herdados do século XIX.

No século XIX, os três grandes discursos sobre a leitura, o da escola, o da Igreja e o da biblioteca – que correspondem a três corpos profissionais, para falar como Max Weber, os padres, os professores e os bibliotecários -, tinham conteúdos diferentes (a escola republicana e a Igreja romana não tinham a mesma concepção sobre o que era bom para ler). Mas é verdade que elas usavam os mesmos instrumentos para impor o *corpus* das obras e das práticas consideradas legítimas. Os três discursos de autoridade desagregaram-se, talvez porque o mundo social tenha se distanciado das instituições que os enunciam. Por sua complexidade, sua imprevisibilidade, pelos caminhos frequentemente encobertos que tomam, as práticas de leitura emanciparam-se frente às ordens e normas – assim como o fizeram as práticas sexuais<sup>138</sup>.

Nesse caso, a autobiografia de Joanides tem dupla vantagem, pois possibilita abordar

<sup>136</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*; Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

<sup>137</sup> FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro*; Globo, Porto Alegre, 1958.

<sup>138</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro – do leitor ao navegador*; Editora UNESP-Imprensa Oficial, São Paulo, 1999; p. 113.

conjuntamente os dois temas mencionados por Chartier, “as práticas de leitura” e “as práticas sexuais”. Por outro lado, o título do livro de Marisa Lajolo e Regina Zilberman – *A Leitura Rarefeita: leitura e livro no Brasil* – contrapõe exatamente a situação dessa problemática da leitura e do livro quando transposta para o panorama da sociedade brasileira.

Entender a literatura escrita e publicada no Brasil significa [...] aceitar suas peculiaridades como resposta às tendências de nossa sociedade: como as condições para o artista criar são precárias, obrigando-o, de algum modo, a tomar uma atitude para ajudar a resolver, ainda que momentaneamente o problema, sua literatura pode se mostrar inferior àquela dos países nos quais o problema não existe. Durante o período estudado, [...] a nova nação não superou a organização importada da fase colonial, nem teve condições de se modernizar. No plano cultural, persistiu a precariedade dos meios de produção intelectual, de que adveio um profundo desencontro entre as expectativas do projeto e seus resultados. Eis talvez o problema central que define o funcionamento da literatura no Brasil ao longo do período do qual se ocupa este livro e que começa com os jesuítas, que aqui desembarcaram no século XVI. <sup>139</sup>

*A fusão de séculos XIX e XX que retarda nossa modernidade* marca a formação do proletariado brasileiro com a depreciação do trabalho pelo escravismo, em proveito da acumulação capitalista. A abolição e a República despertaram nas elites a “busca das respostas necessárias ao novo projeto de modernização a ser assumido”. Joanides, escrevendo já na segunda metade do século XX, parece alinhar sua narrativa, ainda que sem fé, com esse “novo projeto de modernização”, tanto mais ambicioso quanto mais a situação local remonta ao século XIX. Curiosamente, a Boca do Lixo veio a se tornar polo de produção cinematográfica de pornochanchadas e ficou tão associada a isso que, quando foi lançado o filme baseado no livro, a equipe de marketing decidiu, para evitar confusões, intitulá-lo apenas – “Boca”. O ambiente iletrado continuou, mas os artistas da boemia mostraram sua pujante presença na cena cultural paulista e local. Joanides descreveu com realismo e triste ironia o quanto sua lenda o desumanizou, a ponto de fazer dele um “bandido dos bandidos”. Melancolia e ecletismo marcam seu estilo, como, aliás, o de grande parte dos escritores brasileiros da primeira metade do século XX. Aborda sua história pessoal num tom tragicômico satírico e com objetividade sociológica de viés positivista, apesar de certo acento marxista. Seu ceticismo o levou mais para o niilismo individualista pequeno-burguês do que para as causas populares. Filho de um industrial, Joanides foi um capitalista também, como o pai, só que noutros ramos de atividade do mercado, mantendo sua condição de classe burguesa, mas explorando o trabalho alheio na economia informal do submundo, infensa aos efeitos da Consolidação das Leis Trabalhistas

<sup>139</sup> LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002; p. 12.

(CLT), conquistada na era Vargas, mais afetada pelo modo como o fim da escravidão em São Paulo condicionou a formação da classe trabalhadora e da marginalidade e criminalidade locais, retratada no livro. A capa de Elifas Andreato ilustra, em preto e branco, um soco na cara de um homem de gravata empunhando um revólver, desferido exatamente do ponto de vista dos leitores. O fundo obscuro de um portão de um corredor de aspecto abandonado, em perspectiva, realça a queda para trás, enquanto o casaco se abre misturando a camisa ao branco da página. Assim, o revolver aponta para o leitor na moldura branca da capa, enquanto o soco derruba para dentro da ilustração, o corredor escuro da entrada de um hotel decadente. A assinatura do artista desce pelo casaco: *Elifas Andreato 77*. Que obra de arte!



A primeira metade do livro apresenta o *nascimento da boca do lixo* (p. 20), uma *introdução ao cenário do submundo* (p. 25) e a trajetória do autor neste mundo do crime paulistano, dividida em quatro fases: *tempo de iniciação* (p. 32), *tempo de transição* (p. 45), *tempo de adaptação* (p.60) e *tempo de dominação* (p. 75). O prólogo apresenta uma definição de “baixo-mundo”, ou “submundo do crime”, contudo, mesmo que os termos tenham um cunho mais de classe que de local, ainda assim, referem-se ao ambiente social. Na sequência, Joanides data e mapeia o deslocamento desse ambiente marginalizado na megalópole paulistana. A vida no “submundo” seria, de fato, como diz Joanides, uma “convivência igualitária”? Se assim era, como se explica sua própria aclamação como “rei da Boca do Lixo”? Seria Joanides um rei democrático ou estaria abstraindo as diferenças concretas para destacar que todos, naquele

mesmo contexto, eram igualmente “desajustados” e marginais? Então, ele conta sua aparição neste submundo paulistano da década de 50:

Minha aparição, no cenário desse pequeno mundo, deu-se primeiramente como “frequentador de mulheres”. Era o ano de 1953, e eu, um rapazote ainda. Tempos após, quando já então o meu relacionamento com “mulheres da vida” se havia alargado, ao ver-me envolvido e enlameado por uma tragédia da qual me resultara a mais horrenda das pechas, a de “parricida impune”, foi nos braços dessas mulheres, de braços sempre abertos, que fui refugiar-me e procurar consolo. O consolo vinha-me gratuito, já o refúgio implicava, exigia uma qualquer participação delitativa. E mergulhei no turbilhão ciclópico do “submundo”, passando de frequentador em habitante, de rapazote boêmio a delinquente. <sup>140</sup>

O estilo elaborado de Joanides vai revelando ironia em trocadilhos espirituosos e sugestivos e num subtexto literário repleto de referências de sua cultura familiar e escolar. “O consolo gratuito” que teve a graça de receber “nos braços dessas mulheres, de braços sempre abertos” cobrou seu preço, também, “no turbilhão ciclópico do “submundo””. A menção ao gigante de um olho só, famoso personagem da Odisseia de Homero, poderia passar despercebida, mas é significativa. Joanides parece emprestar-lhe mais o sentido climático que o mitológico, ou talvez ambos ao mesmo tempo, ao afirmar: “mergulhei no turbilhão ciclópico do submundo”. Na meteorologia, trata-se de um centro de baixa pressão desencadeador de vendavais e tempestades, desnorteantes como nos naufrágios de Ulisses na Odisseia, o que agiganta seu fatal poder frente ao “rapazote” que Joanides era. Mas, sua narrativa, apesar da referência homérica e grandiosidade épica trágica, busca a comédia peripatética:

Ocorre que, no papel de delinquente, a minha aparência física não se casava àquela massa de indivíduos de personalidades estereotipadas pelo embrutecimento e a ignorância crassa. A minha educação, minha cultura, a formação familiar-religiosa que tivera, faziam de mim, naquele ambiente paupérrimo de valores morais e culturais, uma personagem curiosa e estranha, de todo destoante, incrível e ridícula. Os problemas e conflitos ambientais, que dessa singularidade me advinham – isso em ambiente onde o direito e a razão de cada um são medidos pela sua capacidade de violência – deram ensejo a que, num curto espaço de tempo, me visse alçado à chamada “linha de frente” do crime, alcançando uma notoriedade que em breve ultrapassava os limites do “submundo”, a ponto de tornar-me matéria quase permanente das crônicas policiais. <sup>141</sup>

Seria cômico se não fosse trágico. Tragicomédia? O fato é que Joanides se viu presa da indústria jornalística e do comércio dos noticiários sensacionalistas. Retratando-se como vítima, busca superar tal condição:

Não vai aqui qualquer laivo de amargor, ou de ressentimento, mas apenas a constatação de um fenômeno sócio-cultural, pertinente à civilização, à sociedade moderna. Já agora posso compreender que sempre há de existir, em toda grande

<sup>140</sup> JOANIDES, op. cit., p. 15.

<sup>141</sup> Idem, ibidem, p. 16.

metrópole, indivíduos que serão colhidos pela “Grande Máquina” para, ao longo da complexidade das engrenagens sociais, irem sendo despersonalizados, coisificados, em nome do “deus-notícia”, até se tornarem de sujeito a objeto, de ser humano a simples legenda. Serão os úberes nos quais a “Imprensa Amarela” irá se saciar de sua sede de sensacionalismo e de escândalos.

Quinzinho, Brandãozinho, Carlinhos Bang-Bang, Malagut e Nelsinho da 45, foram outros que [...] acabaram por se fazer criminosos e, como tal, foram feitos lendas. Hoje, quase todos estão mortos, nenhum deles de velhice.<sup>142</sup>

A vizinhança da Boca do Lixo com a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos e o Monumento à Mãe Preta, no Largo do Paissandú, forma o contexto para entendermos presenças negras na narrativa de Joanides, como Quinzinho e Joãozinho Americano. Nos últimos parágrafos do prólogo, responde à acusação de que escrevera o livro para “melhorar a imagem”, o que acabava sendo uma apologia do crime, assunto já tratado no capítulo sobre o autor:

Além do que, não alcanço compreender lá muito bem isso de “fazer apologia do crime”. Ora, o crime, ou melhor dito, a condição de criminoso não é nenhum estado de graça, mas uma desgraça que se abate sobre determinados indivíduos *circunstancialmente* propensos a adquiri-la.<sup>143</sup>

Os dois capítulos seguintes, *Nascimento da Boca do Lixo* e *Introdução ao Cenário do Submundo* tomam ares sociológicos, sem perder o tom pessoal e o vocabulário marcante que distingue seu estilo.

#### *Nascimento da boca do lixo*

1953. Decreto governamental põe fim às atividades do meretrício, até então oficialmente confinado no bairro do Bom Retiro, onde as “casas de mulheres” ocupavam toda a extensão das ruas Itaboca, Aimorés e suas travessas, abrigando milhares de prostitutas devidamente registradas. Imediatamente após a promulgação do decreto, a garantir-lhe o vigor tropas da Força Pública ocuparam as esquinas das ruas de acesso ao recinto da “zona”, com a nova e ruinosa palavra de ordem de: “homem, não entra”.<sup>144</sup>

Trata-se do decreto 2.066 de 27 de dezembro de 1952, do governador Lucas Nogueira Garcez (31/01/1951 – 31/01/1955). Em seu primeiro ano de mandato, instituiu a Comissão do IV Centenário e fundou o Parque do Ibirapuera, como seu marco. O insigne governador, eleito com apenas 38 anos de idade e capa da revista TIME (1954), teve seu nome eternizado num dos ícones mais marcantes de São Paulo no cartão postal do Parque Ibirapuera: a OCA, denominada oficialmente de Pavilhão Lucas Nogueira Garcez. Perseguiu seu antecessor, Ademar de Barros, e elegeu seu sucessor, Jânio Quadros, para não ficar refém de seu padrinho político e sua aliança com Vargas visando à eleição presidencial de 1954. O jornalista André Araújo publicou

<sup>142</sup> Idem, *ibidem*, p. 16-17.

<sup>143</sup> Idem, *ibidem*, p. 19.

<sup>144</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

um artigo intitulado *Lucas Nogueira Garcez, o Anti-Adhemar*, onde indica uma fonte interessantíssima:

O Vice Governador Salzano escreve um livro nutrido de mais de 500 páginas fustigando o Governador com o título “O Crime Perfeito do Prof. Lucas Nogueira Garcez” onde narra com riqueza de detalhes todos os passos do rompimento do Governador com seu padrinho político, em enredo de Maquiavel, porque na superfície Garcez era gentilíssimo com Adhemar e no subterrâneo o minava desde o primeiro dia de governo enfraquecendo a máquina política do adhemarismo. Conta inclusive uma reunião secreta de Garcez com Jânio, então Prefeito de São Paulo, numa garagem da Rua da Glória.<sup>145</sup>

Na juventude, Lucas Nogueira Garcez havia feito bombas, nos laboratórios da Escola Politécnica, para a Revolução Constitucionalista de 1932. Teve três irmãos, Matheus, Marcos e Isaac. O nome do pai era Isaac, também, lembrando a aliança de Abraão com Deus, enquanto os outros remetiam aos evangelhos. Além de tal influência familiar católica, sua publicação dos *Elementos de engenharia hidráulica e sanitária* revela o foco dos seus interesses e atenção: o higienismo. No governo Ademar foi secretário de viação e obras públicas, mas voltou a dedicar-se exclusivamente à pesquisa e ensino universitário, depois de concluir o mandato de governador. Joanides, ao falar sobre as pichações de protesto contra o fechamento da zona, poupou, gentilmente o governador e sua mãe, Maria Dulce Nogueira Garcez. “Rindo, castigam-se os costumes”. O humor popular continuava vingativo, como quando o governador anterior confinou as mesmas “mulheres da vida” que, agora, Garcez despejava, e tal confinamento foi apelidado “zona do Ademar”. Só que dessa vez vingava-se numa mulher, a mãe do governador. Terá sido por tais desgastes que Nogueira Garcez se retirou da política? Os pichadores e piadistas teriam sido exageradamente desrespeitosos, como afirma Joanides? Mas o que é o humor frente ao poder?

Mas nada disso adiantou, e aquela multidão de mulheres: prostitutas, cafetinas, arrumadeiras, garçonetes e demais figuras acessórias, teve mesmo que se dispersar na busca de novos mercados para os seus ofícios. O decreto [...] era de caráter imediatista, rígido, inflexível, incontornável. E mais, doesse a quem doesse, pois, *dura dex, sed lex*. A dureza da lei e, também, por que não dizer, a dos cassetetes que a representavam [...]. E a “zona”, para espanto de muitos, chegava ao fim de seus movimentados dias, melhor dizendo, de suas movimentadas noites.<sup>146</sup>

O caráter espantoso do novo decreto residia não somente na brutalidade e covardia com que mulheres foram violentadas publicamente, mas também no rompimento com costumes arraigados em plena vigência no restante do Brasil, que destituía toda uma classe de seus

<sup>120</sup> ARAUJO, André. *Lucas Nogueira Garcez o anti-Adhemar*. Jornal GGN – O Jornal de Todos Nós, 09 de nov. de 2015. Disponível em: [Lucas Nogueira Garcez, o anti-Adhemar, por André Araújo | GGN \(jornalgggn.com.br\)](http://www.jornalgggn.com.br)

<sup>146</sup> JOANIDES, op. cit. p. 21.

direitos consuetudinários, como bem observado por Joanides. A picardia com que narra a adaptação dessas mulheres à nova situação, coerente com o objetivo de entreter que o autor formulou a princípio, confere alguma graça ao trágico processo de expropriação que se abateu sobre essa parte da população paulistana já tão marginalizada. Depois dessa, digamos assim, geografia da migração das prostitutas, Joanides localiza seu núcleo social de arregimentação e a transfiguração urbana que foi capaz de promover. A população das prostitutas migrou do bairro do Bom Retiro para o dos Campos Elíseos e a prostituição, por sua vez, do espaço privado das “casas-de-tolerância” para o espaço público das esquinas e calçadas, o que gerou outra dinâmica comercial e econômica, o trottoir, em que as prostitutas não ficavam aviltadas pelo confinamento, uma vez que essa modalidade lhes possibilitava escolher o freguês e não ser escolhida por qualquer um que fosse. Além disso, o comércio do bairro também sofreu uma alteração drástica, adequando-se à nova freguesia, com camisinhas de Vênus nas prateleiras das drogarias, verdadeira revolução sexual, se considerarmos os padrões vigentes então. Joanides não é um grande escritor, como se pode notar por deslizes como “atender o reclamo de atendimento”, mas parece ter observação acurada e intimidade com o tema, é perito no assunto. Encerra o capítulo voltando ao assunto da malandragem:

Já aqui se disse que no rasto de toda “mulher da vida” encontra sempre a figura patética de um malandro, é o “marido”, o apaixonado, o admirador, ou simplesmente o amigo, o confidente, o companheiro de diversões. Assim, e com isso, ao número de marginais que de uma qualquer forma tinham os seus ilícitos meios de vida ligados à prostituição (rufiões, exploradores do lenocínio, etc.), em breve veio juntar-se a leva de delinquentes, afetivamente ligados às damas do pecado, passando a pulular na área a mais variada gama de criminosos e vadios. [...] Estava formada, estabelecida, fixada a nova sede do “submundo” – estranho, heterogêneo e conturbado ninho [...]. Gerado pelo sêmen da injustiça social, após o longo e feio parto, emergia, do ventre da cidade grande, o odiado e odiento filho: a Boca do Lixo, quadrilátero do pecado. <sup>147</sup>

*Introdução ao Cenário do Submundo* começa uma foto em preto e branco de Casemiro Vieira Marques, o “Aladim” (Jornal Diário da Noite. *Alã ad Din*, “*nobreza da fé*”), personagem dos contos árabes das *Mil e Uma Noites* (*Aladim e a Lâmpada Mágica*). O caráter fictício do apelido acentua a teatralidade do título do capítulo. A redução do ambiente real do submundo a “cenário” é acompanhada da redução das pessoas a “personagens que o integram” e, de suas vidas, a “papéis” que representam. Gênero ambíguo e difícil. No parágrafo seguinte, Joanides já volta ao gênero ensaio sociológico autobiográfico. Seguindo para além do teatro tragicômico, ou fotonovela de jornal sensacionalista, o autor aborda uma perspectiva “ético-legal”, classificando “a espécie dos desajustados sociais”, seu elenco, em “malandros”, “vadios” e

---

<sup>147</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

“boêmios”.

Menos conhecidos e mais numerosos, os *vadios* constituem algo assim como o corpo assessorial da malandragem, o seu *staf*. São indivíduos que vivem ou frequentam o “submundo”, onde ganham a vida através do cometimento de ações que não chegam a ferir a letra da lei ou, se ferindo, é apenas de leve. Nessa categoria, portanto, devemos incluir também as prostitutas. O termo “vadio”, aqui, despe-se da conotação usual da palavra, empregada para designar pessoas que não exercem qualquer espécie de atividade, pois essa inatividade total, esse parasitismo, praticamente inexistente no “submundo”. Ali todos trabalham, quero dizer, todos exercem uma qualquer ocupação, principalmente entre os malandros, que são os que maior atividade exercem, os seus trabalhos requerem dedicação por período integral e por vezes até mesmo, como no caso dos punguistas, rígido cumprimento de horários.

O punguista é, em última análise, um autêntico sofredor, um escravo do seu trabalho [...] subindo e descendo de ônibus apinhados de pessoas que se espremem, se pisam, se cutucam. Ou então enfronhado em qualquer local donde uma massa humana esteja a se cutucar, a se pisar, a se espremer. No horário das 06 às 07 deve ele estar a postos, para “fazer a subida” da Estação Rodoviária ou circular em ônibus das suas linhas preferidas. Depois, enquanto aguarda o *rush*, das 11 às 13 horas, mete-se no aperto das grandes lojas (Americanas, Mappin, etc.). À tarde, sempre descobre um local onde o povo esteja a se comprimir, para [...] encerrar o dia com a “subida” aos ônibus superlotados. E aos domingos, há de “fazer” a missa da Igreja da Consolação, e a saída do Pacaembu ou Morumbi e ainda a dos cinemas de maior movimento. Depois, é dormir cedo, pois, no dia seguinte, segunda-feira, a partir das 06 da manhã deverá novamente estar se espremendo na Rodoviária, nos ônibus da capital, ou onde haja um “bolo” de gente a se espremer.<sup>148</sup>

Ônibus lotados, Rodoviária, Lojas Americanas, Mappin, Igreja da Consolação, estádios do Pacaembu e Morumbi, portanto, formam um dos circuitos urbanos conectados à Boca do Lixo pela circulação e atividade de seus “desajustados sociais”. Aliás, Joanides deixa claro que não havia inatividade no submundo e atenta, ainda, aos outros inconvenientes e complicadores da atividade dos traficantes, frequente sob o risco de serem denunciados, em particular pelos viciados. Além disso, precisa cumprir o atendimento à freqüesia em horário integral. Assim, a desmoralização do ócio, tão corrente no industrioso mundo capitalista, se fez presente também entre os *vadios* e *malandros*, de modo a estabelecer, mesmo entre os “desajustados sociais”, uma escala de valores. Tentando definir melhor os *vadios*, afirma que:

... o termo se aplica a todo aquele que no mundo do crime ganha o seu sustento de um modo imoral, mas não necessariamente criminoso. Como exemplo temos o chofer de praça que faz “ponto” no “submundo”, prestando-se a transportar malandros ou prostitutas que desejem sair à procura, para comprar um qualquer tóxico ou dar uma “banda” para queimar um “fumo” [...]. Mas um grande número de vadios não possui uma ocupação fixa, sendo “pau pra toda obra”. Postado em uma esquina, ou em qualquer ponto estratégico, pode estar de “campana”, a soldo de uma casa ou simples roda de jogo [...] Amanhã, os seus serviços de “campana” podem estar sendo pagos por um explorador de lenocínio, ou mesmo por algumas prostitutas que desejem assim praticar o *trottoir* mais despreocupadamente. Outras veze, fazem-se agentes de meretrizes [...], ou de parceiros para jogo, intermediários ou apresentadores em transações de tóxicos ou de mercadorias roubadas, moços de recado, vendedores de

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*, p. 26.



informações, ou detetives particulares.<sup>149</sup>

Joanides passa, então à “sub-espécie” dos *boêmios*, revelando sua drástica mudança de situação e, novamente, faz uma referência homérica: as sereias; cujo canto deve obrigatoriamente ser ouvido, como tributo pela passagem. Os filósofos Adorno e Horkheimer, da escola de Frankfurt, colocam a Odisseia em perspectiva na *Dialética do Esclarecimento*:

Assim como o episódio das sereias mostra o entrelaçamento do mito e do trabalho racional, assim também a *Odisseia* em seu todo dá testemunho da dialética do esclarecimento. Sobretudo em seus elementos mais antigos, a epopeia mostra-se ligada ao mito: as aventuras têm origem na tradição popular. Mas, ao se apoderar dos mitos, ao “organizá-los”, o espírito homérico entra em contradição com eles. A assimilação habitual da epopeia ao mito – que a moderna filologia clássica, aliás, desfez – mostra-se à crítica filosófica como uma perfeita ilusão. [...] Cantar a ira de Aquiles e as aventuras de Ulisses já é uma estilização nostálgica daquilo que não se deixa mais cantar, e o herói das aventuras revela-se precisamente como um protótipo do indivíduo burguês, cujo conceito tem origem naquela auto-afirmação unitária que encontra seu modelo mais antigo no herói errante. [...] O mau-olhado daqueles que se sentem identificados com toda dominação que pareça directa e que proscurem toda mediação, o “liberalismo” em qualquer nível, captou algo correcto. De facto, as linhas da razão, da liberalidade, da civilidade burguesa se estendem incomparavelmente mais longe do que supõem os historiadores que datam o conceito do burguês a partir tão somente do fim do feudalismo medieval. Ao identificar o burguês justamente onde o humanismo burbuês mais antigo presumia uma aurora sagrada destinada a legitimá-lo, a reação neo-romântica identifica a história universal e o esclarecimento. [...] A viagem errante de Tróia a Ítaca é o caminho percorrido através dos mitos por um eu fisicamente muito fraco em face das forpas da natureza e que só vem a se formar na consciência de si. [...] As aventuras de que Ulisses sai vitorioso são todas elas seduções que desviam o eu da trajetória de sua lógica. Ele cede sempre a cada nova sedução, experimenta-a como um aprendiz incorrigível [...]: o saber em que consiste sua identidade e que lhe possibilita sobreviver tira sua substância da experiência de tudo que é múltiplo, que desvia, que dissolve e o sobrevivente sábio é ao mesmo tempo aquele que se expõe mais audaciosamente à ameaça da morte, na qual se torna duro e forte para a vida.<sup>150</sup>

Joanides seria um herói ou um anti-herói errante, em sua autobiografia? Pois, se não, por que as referências homéricas e a “auto-afirmação unitária” com que retrata seu enfrentamento com o submundo paulistano? Ao acessar tais referências literárias, em sua luta por autoafirmação, Joanides se faz protagonista de uma epopeia, bem mais que de uma tragicomédia, como havia dito, contrariando sua proposição de não fazer uma apologia do crime. Mas pode-se ver, também, a importância dos referenciais literários e míticos na luta do indivíduo contra as forças “ciclópicas” da vida, que arrastam seu destino à revelia de sua vontade própria.

É possível ouvir as sereias e a elas não sucumbir: não se pode desafiá-las. Desafio e

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*, p. 28.

<sup>150</sup> ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, Max. **EXCURSO I: Ulisses ou Mito e Esclarecimento** – in - *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos 1947*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985; pp. 53-6.

cegueira são uma só coisa, e quem as desafia está por isso mesmo entregue ao mito ao qual se expõe. A astúcia, porém, é o desafio que se tornou racional. Ulisses não tenta tomar um caminho diverso do que passa pela ilha das Sereias. Tampouco tenta, por exemplo, alardear a superioridade do seu saber e escutar livremente as sedutoras, na presunção de que sua liberdade constitua proteção suficiente. Ele se apequena, o navio toma sua rota predeterminada e fatal, e ele se dá conta que continua como ouvinte entregue à natureza, por mais que se distancie conscientemente dela. Ele cumpre o contrato de sua servidão e se debate amarrado ao mastro para não se precipitar nos braços das corruptoras. [...] As Sereias recebem sua parte, mas, na proto-história da burguesia, isso já se neutralizou na nostalgia de quem passa ao largo. A epopeia cala-se acerca do que aconteceu às cantoras depois que o navio desapareceu. [...] Desde o feliz e malogrado encontro de Ulisses com as Sereias, todas as canções ficaram afetadas, e a música ocidental inteira labora no contra-senso que representa o canto na civilização, mas que, ao mesmo tempo, constitui de novo a força motora de toda arte musical.<sup>151</sup>

E assim como Ulisses teve um “caso” com Circe (e com a semideusa Calipso, em cuja ilha encontrava-se encantado, no início da Odisseia), antes de conseguir regressar à Ítaca ao encontro de Penélope, Joanides teve seus “casos” também, na Boca do Lixo, antes de cumprir sua pena de prisão e voltar ao convívio social, casando e se fazendo escritor. Como eram estes “casos” no submundo paulistano?

Com o passar do tempo, os mais expansivos e espertos acabavam fatalmente por travar camaradagem no ambiente, fazendo-se assíduos e, logo logo, estavam de “caso” formado, geralmente com a meretriz que frequentavam. Os “casos” geralmente começavam lá o belo dia em que o rapaz, ao encontrar a sua preferida, no seu respectivo “ponto” e ser por ela convidado ao costumeiro “programa”, escusava-se, confessando não possuir no momento dinheiro suficiente (“passei só pra te ver...”). E vinha então, como resposta, um “depois você me paga”. Noutras vezes, era após um dos “programas” que a coisa nascia. Na hora de receber o seu pagamento, perguntava: “você só tem isso?”, para em seguida acrescentar: “eu não quero dinheiro de você...” Em qualquer das situações era um coração de mulher a se abrir. Receio porém que o inusitado da situação, no que ela encerra de, para vós, desconhecido e extraordinário, acrescido ainda da pobreza deste meu relato, impeça-vos de melhor captar o idílico da cena. Aquela abstenção, aquela dispensa de pagamento adquiria, assumia, equivalia e propiciava, à prostituta entre feliz e encabulada, a alegria e a emoção de instantes de noivado... Por Deus que aqui há muito de idílico e poético, ainda que se mostrem, a vos, travestidos de cômico ou patético. Mas voltemos à parte descritiva, que é o escopo maior. Uma vez de graça, sempre de graça. E com isso, claro está, as “visitas” daqueles eleitos às suas parceiras passavam a ocorrer com maior constância. Vinham então os jantares em restaurantes, sessões de cinema, passeios, bailes e, vez ou outra, dormia-se juntos. Ponto, estava formado um “caso”. Como se tratava quase sempre de rapazes jovens, sem vida formada, estudantes ou empregados de menor categoria, e isso de se estar a comer em restaurantes, andar só de táxis, mesas em salões de bailes e tudo o mais que constitui o campo de recreação de uma “mulher da vida”, não está ao alcance do bolso de qualquer assalariadinho, da bolsa daquelas é que saíam as despesas conjuntas. Nem por isso, creio, há que se ter tais indivíduos na conta de malandro, de delinquente. Não está se tratando, no caso, de explorar uma meretriz em proveito próprio, mas apenas de usufruir, com e às custas dela, de divertimentos e prazeres que de outra forma não poderiam ser usufruídos.<sup>152</sup>

No entanto, também o contexto mudou para eles.

<sup>151</sup> Idem, *Ibidem*, p. 64-65.

<sup>152</sup> JOANIDES, *op. cit.*, p. 29.

Esse tipo de frequentador [...] era muito comum na Boca do Lixo, na década de 50. Mas dos anos 60 para cá seu número passou a diminuir consideravelmente, como consequência lógica das assombrosas transformações por que o mundo passa. Os tempos mudaram, volto a repetir. Os costumes diluíram-se no oceano de permissibilidade; tabus, apodrecidos em suas bases, tombaram das alturas milenares, espatifando-se em sua queda, e o advento da “pílula” veio escancarar as portas das masmorras do convencionalismo, tornando liberta a mais secular de suas prisioneiras: a sexualidade feminina. Hoje, para um rapaz de “sangue quente”, não mais é a prostituta “o ser que a música lhe envia”. Aos seus ouvidos apurados, o “canto das sereias” chega desde as salas de escritórios, de balcões de lojas e de lanchonetes, de clubes, de bancos escolares, de todos os pontos e quadrantes. Tudo isso em detrimento dos corações das “mulheres da vida”, que nunca os tiveram tão vazios, tão carentes daqueles “casos” da época.<sup>153</sup>

---

<sup>153</sup> Idem, *ibidem*, p. 30.

## Capítulo 5

### Joanides e seu círculo social no submundo paulistano

*No livro, você vê que eu não abordo a prisão, primeiro porque eu estava preso, dependendo do juiz e do conselho penitenciário para ser posto em liberdade condicional. Quer dizer, se eu abordasse a cadeia, teria de fazer média – o que eu não faria nunca – ou arriscar cair no desagrado dos homens que iam me pôr na liberdade. Eu não sou tão corajoso assim, então preferi me omitir. [...] Então, a ideia que faziam de mim era de um monstrinho, nunca iriam imaginar que eu sou um cara educado.*

Fala de Joanides em entrevista à revista *Escrita*, 1978.

## Fauna da tragicomédia

Os quatro capítulos seguintes, além das informações autobiográficas sobre o autor, já abordadas nos capítulos sobre juventude e maturidade de Joanides, apresentam considerável gama de personagens da Boca do Lixo, exemplares da “fauna” local do submundo paulistano que contracenaram com ele em sua tragicomédia (como ele mesmo classificou): “Elza-baixinha”, seu primeiro “caso”, aquela “tão puritana quanto pode ser uma mulher da vida”.

Não fumava, não usava tóxicos, não bebia nem jogava, além de não gostar de bailes ou farras. O seu único divertimento era escutar novelas num velho rádio alugado. Pode parecer estranho isso de rádio alugado, mas naquela época era muito comum esse negócio de alugar aparelhos de rádio e rádio-vitrolas para meretrizes. O monopólio do ramo estava nas mãos de dois ou três vivaldinos que a ele se dedicavam desde o tempo da Aimorés. O aluguel era por semana, com pagamentos aos sábados (dia de maior fêria) e os aparelhos locados – velhos trambolhos em cujos alto-falantes haviam por certo vibrado muitas notícias da Primeira Guerra Mundial – serviam também por força de suas dimensões, de criado-mudo ou banquetta, nos quartos-residências de suas locatárias. Cicatriz, branco alto, de fala mansa, era um dos magnatas de tão estranho mas rendoso comércio. Seu apelido era o espelho da sua face ou vice-versa. O enorme e feio gilvaz que lhe riscava a face esquerda de Norte a Sul, provinha, muito provavelmente, de antiga batalha, travada com uma qualquer daquelas mulheres. Talvez por amor, talvez por um aluguel em atraso.<sup>154</sup>

Osny Freitas de Almeida e Nelsinho “da 45”, que Joanides conheceu pouco antes ou depois do fim do seu primeiro caso, que

[...] provinham de lares honestos, possuindo ambos boa aparência, bons modos e escolaridade creio de nível ginásial [...], exceções à regra. O Néelson, de origem judaica, caracterizou-se pela valentia e violência, enquanto que o Osny veio a celebrar-se como refinado vigarista, o maior embrulhão que já pisou o 3º Distrito.<sup>155</sup>

Joanides identifica-se de certo modo com Nelsinho, apesar de nele admirar certa pureza infantil mantida mesmo com a perda da inocência, um dos traços que os distingue.

Já o Néelson, o encargo da violência lhe foi imposto ironicamente, pela beleza, quando jovem, de suas feições. Mal completara ele os dezoito anos, quando teve a desgraça de ir parar na prisão por vadiagem. Isso numa época em que a antiga Casa de Detenção, na Avenida Tiradentes, era a mais operante sucursal do Inferno na Terra. Ali, o exótico lema de que “mulher de preso é preso mesmo” era levado às suas últimas e mais drásticas consequências, por meio de ameaça, da agressão, da tentativa de morte, do estupro. Lutava-se, a mãos limpas, a faca, navalha ou porretadas, matava-se e morria-se na disputa por um rapaz bonito que lá chegasse. A este, vinham primeiro as propostas, promessas, favores, para depois, num crescendo, as ameaças, quando não a morte. [...] O Nelson, no teatro do crime, foi um grande, aplaudido e consagrado ator. O difícil papel que no roteiro da vida lhe coubera, ele o representou magistralmente.

<sup>154</sup> JOANIDES, op. cit., p. 33.

<sup>155</sup> Idem, ibidem, p. 34.

Pouquíssimos, dentre os que melhor o conheceram, chegaram a penetrar, a apreender sua personalidade. O Nélson foi sempre, e essencialmente, um menino. Pertencia àquela classe de homens que crescem e se fazem adultos carregando dentro de si a criança que foram e que se nega a abandonar seus seres.<sup>156</sup>

E Joanides, como vimos, foi seu “humorista particular”, o “japonês”, que o divertia com sua ironia e sarcasmo, seu “humor negro”, cuja maior expressão era o próprio apelido de “judeu” com que o chamava.

Era nessas ocasiões de maior descontraimento que melhor podia eu flagar-lhe no semblante, em meio a uma risada alegre, o ar travesso de um moleque arteiro. Chegasse, porém, quem quer que fosse e o seu olhar se endurecia, e o sorriso, em aflorando, se mostrava mau. Afinal, era o “durão”, o valente, o “dedo-mole” no gatilho, havendo, portanto, que ser desempenhado o seu papel. Coisa que nunca aprendi a fazer. Mesmo nas últimas vezes em que nos vimos, na Casa de Detenção, em 1973, pude perceber que embora perto ou já na casa dos quarenta, seguia sendo, o garotão de sempre. O menino que nele havia tombou varado pelas mesmas balas que o vitimaram meses depois.<sup>157</sup>

Joanides realmente nunca aprendeu a desempenhar seu papel, diferente de Nelsinho da 45, se sentindo cômico na figura de “rei” da Boca do Lixo, como consequência; ou isso era mais fruto da sua imaginação e da própria inocência infantil perdida que, admiravelmente, seu amigo mantinha? No parágrafo seguinte, falando de outro comparsa, ele faz mais uma das raras menções à sua infância:

Bocage, aquele velho conhecido nosso dos tempos de meninos-moços, daquelas estórias com as filhas do rei, onde surgia com as mais inverossímeis, ridículas e maquiavélicas tramoias para e até conseguir “aquilo” das ditas princesas, é o personagem que mais me lembra o Osny.<sup>158</sup>

O nome italiano dá um toque de *cosa nostra* à narrativa, mas as ações parecem ser mais individualizadas, sem a articulação mafiosa desse banditismo pré-capitalista que Eric Hobsbawm abordou em *Rebeldes Primitivos*. Assim, a extensão geográfica que a conectividade da Boca do Lixo atingiu se deveu mais à ação repressora e dispersiva do Estado do que à capacidade de articulação do “submundo” paulistano, como ilustra a passagem de Malaguti pela Casa de Custódia de Taubaté e seu trágico fim na roda de jogo, entre os malandros cariocas de Caxias, no Rio de Janeiro. Outros episódios mostrarão a estreita conexão RJ-SP nas décadas de 1950-60. O relato do outro espancamento sofrido por Osny contrasta em dois aspectos com o primeiro, os espancadores não são nomeados, mas simplesmente chamados de “portugueses” e, em vez de levar o malandro para as matas da periferia, o torturam no próprio local:

---

<sup>156</sup> Idem, *ibidem*, p. 35.

<sup>157</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>158</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

Baixando rapidamente as portas do estabelecimento, com aquelas compridas barras de ferro, próprias a isso, passaram a delas se valer para massacrá-lo. Tiraram-no dali, misteriosamente, ainda com vida, só que em estado “pastoso”. Afora as costelas quebradas e outros “pequenos” ferimentos que tais, tinha os dois braços literalmente esmigalhados. Os ossos dos braços [...], através de meia-dúzia de [...] operações, foram sendo substituídos por tubos, placas e parafusos de metal. O conserto, ao todo, estendeu-se por mais de um ano, permanecendo, assim, durante todo esse tempo, com os dois membros engessados, desde os nós dos dedos às articulações do ombro. Creiam-me, talvez devido à inatividade física, foi esse um dos seus períodos mais férteis na criação vigarística.<sup>159</sup>

Enquanto Osny era o protótipo do vigarista, Joanides se revela.

[...] virtualmente incapaz de traír ou fraudar alguém a quem estivesse unido por um qualquer laço afetivo. (E não vá se vislumbrar aqui mostras de jactância, pois estou a citar essa minha faceta muito mais como aleijão que como virtude.) Já com os Osny, tudo isso funcionava exatamente ao contrário. Sendo para ele um dever de cada um para consigo mesmo o burlar o próximo, em proveito próprio, sempre que possível, e em sendo as pessoas de nossas relações, as mais amigas, as que se apresentam como mais fáceis de virem a ser ludibriadas; no círculo de suas relações é que usualmente buscava as vítimas do seu “dever”.<sup>160</sup>

## Comparsas antagônicas

Estranhamente, tão contrastantes figuras foram comparsas por longo tempo na Boca do Lixo, talvez por se complementarem.

Tão antagônicos modos de ser e sentir não impediram que por vários anos permanecêssemos tão ligados um ao outro. Da parte dele, [...] havia [...] o bom negócio [...] em ser meu sócio, o meu lugar-tenente, pois que, nessa qualidade, passava a usufruir de um respeito que absolutamente não gozava, por si só, no círculo do “submundo”. Mas, [...] sentia por mim uma ponta de afeto – isso lá à moda dele. De minha parte, penso que o um pouco de cultura que possuía, e ainda a sua admirável inteligência tenha sido fatores que me predisuseram à amizade, à nossa camaradagem.<sup>161</sup>

Mas, “amigos, amigos, negócios à parte”. Contemporâneos no “ingresso nas noites da Boca do Lixo”, Osny e Nelson, contudo, como relata Joanides, “na passagem da boemia para a delinquência, a mim se adiantaram em uns dois anos”. Hilário. Há que se reconhecer o esforço de Joanides em imprimir humor em sua tragicomédia. Encerra o *Tempo de Iniciação* apresentando Aladim e Teleca.

Aladim foi uma montanha de músculos que pertenceu à Polícia Marítima, na época e que esta colecionava indivíduos que fossem fortes, valentes e brigões, tendo sido expulso por quando da morte de um investigador de polícia, em conflito na Boca, da qual teria participado. Era lutador de luta-livre e, como tal, se apresentava na televisão, naquelas “marmeladas” que tanto sucesso fizeram. Mas não era só na

<sup>159</sup> Idem, *ibidem*, p. 37.

<sup>160</sup> Idem, *ibidem*, p. 37-38.

<sup>161</sup> Idem, *ibidem*, p. 38-39.

televisão que lutava; fazia-o nos bares, nas boates, em cada esquina da Boca. Acometido de doença mental, a sua última façanha no “pedaço” foi, na qualidade de “Agente Especial do Gabinete da Presidência da República”, prender um falso padre que transitava pela Praça Júlio Mesquita, de batina e tudo, levando-o incontinenti ao antigo DI (hoje DEIC). Ali constatou-se, primeiro, que o Gabinete Presidencial ignorava possuir um tal “agente” e, segundo, que o falso padre nada tinha de falso, era padre mesmo. Internado no Manicômio Judiciário, algum tempo depois, ao que consta, ali veio a falecer.<sup>162</sup>

O apelido *Aladim* refere-se ao conto árabe sobre o gênio da lâmpada mágica e desloca para o Oriente Médio a geografia mítica da narrativa de Joanides, pontualmente, às *Mil e Uma Noites* e sua legendária narradora, *Sherazade*, que contam tal lenda.

Quanto à Teleca, a coisa é meio complicada de se explicar, pois se tratava de uma “mulher-homem”. Ou de um “homem-mulher”, sei lá. Mas vamos por partes. Fora ela registrada como sendo do sexo feminino, pelo que, legalmente, tratava-se de uma mulher. No seu relacionamento com a vida, porém, funcionava, em tudo, exceto na faculdade de procriação, como um verdadeiro homem. Vestia-se, comportava-se, sentia, reagia, pensava, sofria e brigava como um homem, possuindo, inclusive, uma companheira com quem vivia “maritalmente”. Essa anomalia, essa inversão sexual na Teleca não era de fundo meramente psicológico, possuindo implicações mais profundas, visivelmente somáticas. Não se tratava de uma simples lésbica, cuja inversão não ultrapassava o campo, a esfera da vontade. Ainda que possuindo órgão genital feminino (é o que se dizia, não posso jurá-lo), toda a sua constituição física estava voltada para o masculino, não se podendo deixar de reconhecer a uma primeira vista que a Teleca, efetivamente, era meio homem. Essa minha amiga, creio, pois, seria produto de um erro genético. Talvez que um de seus cromossomos “x” que a constituíram tenha perdido, num acidente qualquer, a sua perninha direita, pelo que, acabou sendo confundido com um “y”, donde a confusão que resultou na Teleca. Morreu ela depois de haver tomado uma “picada”, uma ampola de anfetamina, na veia, e da qual, segundo se murmura nos bastidores, teria o líquido original sido substituído por substância letal. Os nomes e os motivos desse “crime-suicídio” (a própria vítima é que se injeta), são também murmurados na Boca, mas tão baixinho, que não dá para se ouvi-los.<sup>163</sup>

A “lei do silêncio” é mencionada por Joanides de forma poética e um tanto irônica e provocativa. Encerra o capítulo com as fotos de Mauro Loschiano e Horácio Fidalgo, do Diário da Noite. E inicia o próximo, Tempo de Transição, com uma foto (meia página) de Nelsinho da 45, o “judeu”, agarrado às grades da prisão, também do Diário da Noite. Joanides, ainda à respeito de Néelson e Osny, destaca o ano de 1955:

... marco de suas passagens da boemia para a delinquência. Para o primeiro, a transição teve lugar na prisão, para onde fora pelo crime de não haver cometido crime algum (por essa aberração jurídico-penal, que é a contravenção de “vadiagem”), simples garoto bonito, farrista e apreciador de mulher que era, para sair, tempos depois, na qualidade de temível e sanguinário “bandido”.<sup>164</sup>

A perpetuação de tal estado de coisas até hoje, com prisões abarrotadas a fazer do

<sup>162</sup> Idem, *ibidem*, p. 43.

<sup>163</sup> Idem, *ibidem*, p. 43 e 44.

<sup>164</sup> Idem, *ibidem*, p. 45.



Brasil a terceira maior população carcerária do mundo (725 mil detentos, atrás apenas da China, com 1,6 milhão, e dos Estados Unidos, com 2,1 milhões), faz parecer que a política não é tanto de combate ao crime, mas, sim, de produção de criminosos de alta periculosidade, em larga escala. Joanides, nesse momento. O que teria causado essa mudança nos costumes? Seja como for, a massificação gerada pela padronização industrial em larga escala, da miríade de produtos desenvolvidos junto ao “aprimoramento bélico” impulsionado por duas Guerras Mundiais, alienou o ser humano e marcou as pessoas, coisificadas, com o fetiche da mercadoria.

Verinha, que continuaria sendo o meu “caso” até junho do ano seguinte, já de todo ambientada à nova vida, adquirira a “impersonalidade” que caracterizava aquelas mulheres de gostos e preferências, manias e hábitos, ares e trejeitos estandardizados. A mesmice que se ia encontrar nos quartos-moradias daquelas prostitutas era algo de espantoso e irritante. Em todos, por sobre a cama, a mesma colcha de chenile, na penteadeira e na cômoda os mesmos bibelôs, os muitos e mesmos vidros, multifacetados, de perfumes e, na parede, o quadro, ou gravura, do “Sagrado Coração de Jesus”. Nos quartos das de maior projeção no meio, das chamadas “linhas de frente”, ia-se ainda encontrar o objeto mais desejado, o sonho de toda “mulher da vida”: um conjunto de rádio e vitrola – aqueles móveis enormes que geralmente incluíam, na vastidão de suas dimensões, uma repartição destinada à guarda de bebidas (um barzinho). Eram tais conjugados, símbolo de *status* social, sendo que a altura do status era tida e avaliada na razão direta do tamanho do móvel.<sup>165</sup>

O “Sagrado Coração de Jesus” contrasta com toda esta ambientação de tais lupanares. E a completa, tão intimamente quanto o próprio entrelaçamento da herança latina, amamentada pela “loba”, com a herança judaica, de Jesus de Nazaré, no cristianismo ocidental. Em 1956, Nelsinho tentou matar Joãozinho Americano a navalhadas.

No que pese a sua diminuta compleição física, Joãozinho, [...] no Hospital das Cínicas, recebeu, só de pontos externos, pra mais de duzentos. Seu corpo, a partir desse dia, ficou mais parecendo o mapa do Inferno, sem prejuízo algum, diga-se de passagem, para com o seu tão estranho sucesso com as Julietas. Quando ainda convalescia das navalhadas recebidas é que teve Joãozinho a mais brilhante de suas idéias, a qual veio revolucionar o ramo de exploração do lenocínio. Até então o negócio se processava apenas sob aquelas duas modalidades de “diária” ou por “entrada”. Os hotéis que a tanto se prestavam, bem como as casas particulares do ramo, cobravam uma determinada importância a cada entrada que a prostituta viesse a dar, acompanhada, num dos quartos. Já em apartamentos, a coisa se fazia na base de uma diária cobrada à meretriz e que lhe dava a fazer uso do quarto a si destinado, por quantas vezes quisesse ou lhe fosse possível. No primeiro caso, onde o movimento e a renda eram muito maiores, se tornava necessário no local a presença de um preposto, de um “testa-de-ferro” para que o desvio da fêria não fosse lá muito grande, pois que haver, sempre haveria. No caso das “diárias”, como cada mulher possuía a sua chave do apartamento, e o preço do aluguel era um só, não importando o número de entradas que ela viesse a dar, o trabalho do explorador do lenocínio, nesse particular, se resumia a no fim da noite receber a importância fixa das “diárias”.<sup>166</sup>

<sup>165</sup> Idem, *ibidem*, p. 47.

<sup>166</sup> Idem, *ibidem*, p. 47 e 48.

## Estratégias do lenocínio

A corrupção da, hoje assim denominada, “banda podre da polícia” parece ser congênita. Joanides descreve em detalhe os meandros da exploração do lenocínio no submundo paulistano de então.

Era nas brigas, porém, dentro ou à porta dos seus “estabelecimentos”, que tinham os exploradores de lenocínio os seus maiores problemas. Brigas de mulheres com mulheres, destas com os seus fregueses, ou com os seus amantes, ou, pior ainda, de malandros entre si, pela disputa de uma bem-amada. E brigas, ou escândalos, sempre foi o jeito mais fácil de se vir a ter a casa fechada pela Polícia. O interessante nesse tipo de briga, não sei se por serem todas de fundo sexual, é que nelas não se admite aquela célebre história do “deixa disso”. Vá alguém se meter a apartar [...] e verá de pronto os dois contendores se voltarem contra si, ofendendo-o e agredindo-o. É uma regra que se mostra imune a casos de exceção. A única forma de se pôr termo a tais contendidas, conforme pude constatar uma centena de vezes, é, logo de chegada, avaliar a violência com que se comporta cada um dos contendores na luta, depois, somá-las mentalmente e, imediatamente após, aplicar o resultado da soma na pessoa dos arruaceiros. De preferência, na cabeça.<sup>167</sup>

Joanides foi um calculista da violência necessária à cada situação, nisso residia o eficiente senso estratégico que o alçou à posição de “rei da Boca do Lixo”. E, transgredindo o monopólio da violência pelo Estado, no caso acima, não aplica o princípio do uso progressivo da força, que norteia a doutrina militar oficial. Entre eles, o próprio autor, certamente, depois de sua transição da boemia para a delinquência, no início de sua saga homicida, assanhada pela culpa que lhe imputaram pelo assassinato do próprio pai, como anteriormente exposto. Aos que vinculavam sua queda no banditismo ao “envolvimento com meretrizes prova maior de uma criminalidade latente”, Joanides respondeu:

[...] é conclusão apressada e que se faz estatisticamente contrariada. Centenas de outros rapazes, em suas juventudes, estiveram tanto ou mais envolvidos com prostitutas na “Boca”, por anos a fio, sem que com isso viessem a se passar para o crime. Dentre muitos, recordo-me do Geraldo “Loiro”, vindo de outro Estado, em cuja capital seu pai era Prefeito, para aqui estudar. Geraldo sempre morou na “Boca”, com os seus “casos”. Não trabalhava, recebendo mesada do pai, e levou cinco anos para cursar os três primeiros de Engenharia. De volta à sua terra, lá diplomou-se, estando, de há muito, casado, com uma fileira de filhos e uma vida normal e regrada. Peninha, exímio dançarino, era um monte de ossos encimado por enorme nariz adunco, o que lhe valia, muito a propósito e para desgosto seu, um segundo apelido: o de Urubulino. Tal apelido possuía um maior quê de graça, por ser uma variação, em rima, do seu verdadeiro nome. Era o xodó das “mariposas” que gostavam de bailar. Aos sábados e domingos era presença obrigatória no Clube Marajó (salão de baile na Av. Duque de Caxias) e, nos dias de semana, a atração maior no antigo Cuba, famoso *dancing* da época. Apesar de passar as 365 noites do ano, até as quatro da matina, metido em locais de dança, tendo ainda, à saída, que levar a companheira de noitada a fazer a ceia quase matinal (que era de praxe e ela é quem pagava) em um qualquer daqueles

<sup>167</sup> Idem, *ibidem*, p. 48 e 49.

famosos restaurantes da “Boca”, do tipo “nunca fecha”, encontrava ele tempo ainda, não sei como, para cumprir as suas obrigações de propagandista-farmacêutico e, de lambujem, cursar a Faculdade. Casou-se “muito bem”, como dizem os burgueses, sendo hoje Diretor, ou coisa que o valha, de uma Clínica Pediátrica. A..., na década de 60, como galã de Cinema e Televisão, fez muito coraçõzinho de adolescentes suspirar de paixão incontida. Dez anos antes, porém, quando o conheci, era a corações mais sofridos que fazia vibrar. Não como ator, mas como amante. Não dá para contar nos dedos (nem mesmo tirando os sapatos) o número de “casos” que teve na “Boca”. Depois veio a glória, ainda que não muito longa. Hoje, não sei o que é feito dele, mas criminoso sei que não o é.<sup>168</sup>

Urubulino, realmente, é um apelido tragicômico. Não tenho familiaridade com o hall das estrelas e galãs de TV da época para poder deduzir, desta “variação, em rima, do seu verdadeiro nome”, a quem se refere. Joanides brinca de adivinhação com curiosos leitores e leitoras contemporâneos.

Folheando os anais do “submundo” ir-se-á lá encontrar inserido, no quadro associativo dos boêmios, o nome de E..., com o agravante de constar no seu currículo ter ele, pelo menos uma vez na vida, pego em armas. Foi quando andou dando tiros na janela de minha casa. Filho de tradicional família paulistana, fora seu pai (já na época falecido) alta e renomada personalidade do Poder Judiciário, sendo que ele próprio, E..., hoje segue, no campo profissional, a carreira trilhada por seu ilustre genitor. [...] Foram muitos, inúmeros, os rapazes, meus contemporâneos, que embora sendo de boa família, inteligentes e cultos, estagiaram com os seus “casos” na “Boca”, navegando as suas juventudes *por sobre* as águas da delinquência. Só eu é que soçobrei, indo ao fundo.<sup>169</sup>

Assim, nem só da bandidagem era composta a fauna da “Boca do Lixo”.

Sendo este livro muito mais uma “radiografia-histórica” da Boca do Lixo que propriamente uma biografia deste desventurado ex-membro de sua “Casa Real”, venho me abstendo de abordar a outra face da minha existência, ou seja, a vida comum, normal, que a par da boemia desfrutava no seio da comunidade.<sup>170</sup>

Por quê? Não revelaria esta sua “vida comum, normal”, aspectos ainda mais despercebidos de tal “radiografia-histórica”? Para Joanides, a imagem que as pessoas em geral têm de um delinquente é deformada por padrões vendidos pelas mídias. Joanides não poupa os leitores da piada de mau gosto. Uma foto em preto e branco, de meia página, encabeça o capítulo seguinte: *Tempo de Adaptação*, com a legenda seguinte: “Zenaide, a amante de Hiroito, 09/11/62 (Foto – Última Hora)”. Como se pode notar, a imprensa prefere chama-lo pelo nome japonês, não pelo sobrenome grego. Nesse capítulo, como já visto, o autor narra o assassinato do pai por Josef Haddad e Aziz Haickel, a acusação falsa, a tortura para que confessasse o crime de parricídio, o “martirologio” que, apesar de não justificar a sua vida

<sup>168</sup> Idem, *ibidem*, p. 55 e 56.

<sup>169</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

<sup>170</sup> Idem, *ibidem*, p. 56.

imersa no crime. o tornaria compreensível aos olhos dos seus leitores, sua mudança para a Rua Santa Ifigênia, dois meses após a morte do pai e seu “primeiro entrevero como habitante da Boca do Lixo”, com a “quadrilha das canetas Parker 51”, então descrita desde a formação da quadrilha até suas formas de aplicar os golpes. É praticamente um tratado de antropologia urbana que retrata aspectos singulares da sociedade paulistana da época. Os membros da quadrilha das Parker 51 foram as primeiras vítimas de Joanides depois de ter se mudado de vez para a Boca, o que lhe rendera o início da fama como “dedo-mole”, o valente “que tinha nome de japonês” e, antes do final de 1957, “uma meia-dúzia de outras pessoas mais”. Contando seu casamento, “ou união”, com Zenaide em 1957, parece um professor particular, o autor avalia o crescimento e evolução de sua aluna:

A Zenaide, não apenas por ser a minha mulher, minha companheira, mas também por mérito próprio, muito rapidamente viria a tornar-se uma “figurinha carimbada” no ambiente do crime. Da meninona tonta, sonsa e inculta que era [...], poucos meses bastaram para que adquirisse – através de leituras e do “pedagogismo” informal e caseiro que andei lhe fornecendo – uma gama de conhecimentos, um senso de universalidade, rudimentar é bem verdade, porém não encontrado nas mulheres do ambiente. Com o tempo, esse lastro cultural, não grande, porém variado e eclético, entretecendo-se à experiência de vida que lhe chegava em ritmo galopante, forjar-lhe-ia uma personalidade deveras interessante, da qual lhe sobrava um ar de respeitabilidade que muita senhora honesta não tem.<sup>171</sup>

Como vimos, a fama trouxe sucessivos desafiantes que buscavam prestígio na Boca do Lixo “fazendo o nome nas costas de um valente”, no caso, Joanides, que, para melhor se defender, deixou o hotel onde se hospedava e foi morar com a Zenaide num quarto alugado na casa do Fernandinho, um carcereiro conhecido seu. Foi quando se deu a peripécia do roubo de um carro seu e a condução coercitiva, por ele, de Pintadinho, um dos punquistas que o estavam usando, até a presença do dr. Zebu, o delegado.

O Dr. Zebu, hoje já falecido, como policial e como homem foi um tipo admirável, por todos do “submundo”, não só temido, mas mais que isso, respeitado – por suas atitudes, seu modo de ser, pouco convencionais, nada protocolares, é bem verdade, em se tratando de uma autoridade, mas que deixavam à mostra um grande valor pessoal, uma nobreza viril. Sem prevalecer-se do seu cargo, não era o “Zebu” pessoa de levar desaforo para casa, menos ainda, para a Delegacia. Ao efetuar uma prisão, se desrespeitado, não hesitava em “sair na mão” com seu ofensor, e, como era do tipo atlético e em nada bobo, mais de um malandro desbocado teve a cara “quebrada” antes de ser por ele preso. No que me diz respeito, penso poder afirmar que lhe era simpático, tanto assim que nunca, nem uma só vez, nas inúmeras que nos cruzamos por aí, tentou ele prender-me. E por receio de “barulho” sei que não o foi.<sup>172</sup>

O apelido do dr. José Carlos Batista, refere-se ao mito da batalha épica entre Zebu, o

<sup>171</sup> Idem, *ibidem*, p. 67 e 68.

<sup>172</sup> Idem, *ibidem*, p. 71.

senhor das moscas, e Baal, o senhor da agricultura, e sua precipitação num abismo no qual se fundiram na figura de Belzebu, entronado com Lúcifer e Satã no triunvirato infernal que os judeus trouxeram para a mitologia ocidental após o cativeiro na Babilônia no século VI a.C. Assim, o quadro de referências míticas da narrativa de Joanides, que começara com o canto das sereias e as forças “ciclópicas” que arrastaram seu destino ao naufrágio na Boca do Lixo, passara pelo conto árabe do gênio da lâmpada, das Mil e Uma Noites, na figura do Aladim, pelo Cangaceiro, por Joãozinho Americano e seu repertório de Walt Disney, com o Dr. Zebu, ganha um toque definitivamente infernal, bastante condizente com sua ambientação, o submundo paulistano. Também, vimos como, quando sua reserva financeira se esgotou, em seu primeiro “negócio” ilegal, a “colocação” de “uma carga de sessenta quilos de maconha” “junto aos traficantes da “Boca”, Joanides foi delatado, por seu senhorio, o carcereiro Fernandinho, o que o levou a ser “preso em flagrante e levado para a Casa de Detenção da Av. Tiradentes”, na véspera do Natal. Nada dizendo sobre sua estadia natalina na prisão, concluiu o capítulo com uma digressão sobre “tóxicos”, ou mais precisamente, sobre “corruptos” e “corrupção”.

Nesse ponto, quando o assunto “tóxicos” surge aqui abordado, devo fazer um pequeno esclarecimento em defesa da Boca do Lixo. Sempre que leio ou escuto falar a respeito daquele recinto, vejo apontarem-no unanimemente como o mais efetivo antro de corrupção que já se teve notícia, o que não corresponde à realidade. Antro de corruptos, sim, mas de corrupção, não. Na Boca do Lixo, pelo menos enquanto se manteve ela circunscrita em sua ambiência, àquele perímetro por mim descrito anteriormente, antes do progresso, ou sei lá o que, haver levado a prostituição e a massa delinquente a todos os pontos e bairros da cidade, ali, dizia eu, naquela “colônia” de corruptos, ninguém corrompia ninguém. Os corrompidos é que para ali acorriam.<sup>173</sup>

O álcool, no entanto, é imemorial e generalizado entre os mais diferentes povos, em seus vários modos de preparo de bebidas diversas que parece forçada a afirmação do dr. Jaguaribe. As campanhas nomeavam especialmente a cerveja e a cachaça.

Não era difícil perceber entretanto um acento elitista e discricionário nessas campanhas, indicado pela maneira saliente como as referências às bebidas importadas eram escamoteadas. “[A campanha contra o álcool] deve ser encorajada, principalmente quando dirigida às bebidas baratas – a aguardente em primeiro lugar. Há sem dúvida outras bebidas mais nocivas pela matéria-prima ou pelos ingredientes que contém; mas nenhuma é tão prejudicial, pela barateza que a põe ao alcance de toda gente.” Era menos a embriaguez em si que incomodava, pois, que a embriaguez do “outro”. O pós-guerra reservava ainda outras surpresas, porém, na sua caixa de Pandora mecanizada. Resenhas da imprensa internacional davam conta dos “progressos alarmantes” do tráfico de cocaína na França em particular e na Europa em geral, cogitando sobre a sua possível influência nas produções bizarras da arte moderna. Em meados de novembro de 1922, em transcrição da prestigiosa *Revue de France*, os especialistas drs. Courtis Suffi e René Giroux iam mais longe e declaravam estarecidos: “Há alguns anos nós assistimos no mundo inteiro a extensão

---

<sup>173</sup> Idem, *ibidem*, p. 73.

de uma intoxicação singularmente terrível: a ‘cocainomania’”. A nova expressão corria sôfrega atrás dos fatos em disparada porque, já em 1920, as colunas policiais anunciavam “apreensões verdadeiramente alarmantes” do tóxico em São Paulo. E não parou aí: em fins de 1921, numa campanha da polícia contra a difusão dos “vícios elegantes”, foram descobertos “vários antros” na cidade, em que os clientes eram servidos “com ópio, cocaína, morfina, etc., ora de mistura com bebidas, ora com cigarros”. Situação degradingolante que pôs na liça os paladinos da Ordem dos Bons Templários, criada “para combater as pragas sociais do alcoolismo, da morfina, do ópio e da cocaína”. Outra fonte artificial de excitação, muito mais acessível e amplamente difundida, reunia recursos de tal vulto, que lhe permitia uma convivência dúbia com a vigilância policial. No jornal, o assunto era tratado em tom acrimonioso. Não há quem por aí ignore as proporções que assumiu a jogatina nesses últimos tempos, espalhada por toda a cidade, em instalações aparatosas, debaixo de pomposas denominações de “clubs”, constituídos única e exclusivamente para a exploração de um vício que se vai alastrando a todas as camadas sociais. A par dos “clubs”, pululavam as mais populares “casas de tavalagem, onde entra quem quer e se furta às claras”. Como resultado dessa disseminação convergente, “a jogatina que por aí campeia desenfreadamente está produzindo seus efeitos da maneira mais horrível”. Afora as casas de jogo, também em torno dos jogos de futebol e sobretudo no frontão da pelota basca do Bexiga, as apostas rolavam soltas em quaisquer valores, dos menores aos maiores. Há resistências, a Liga Nacionalista, a prefeitura, a Secretaria de Segurança e a Associação dos Empresários do Comércio se empenham em campanhas públicas contra o jogo. Em carta aberta ao governo do estado, o presidente da Liga Nacionalista declararia: “São Paulo deve ser a capital do trabalho, da indústria e do comércio, São Paulo não pode continuar a dar o exemplo de permitir esses antros do vício, que vicejam pela cidade. Não devemos consentir que os paulistas sejam industriais do jogo, comerciantes da roleta, propagandistas do bacará”.<sup>174</sup>

### **Época de ouro na Boca do Lixo – os “anos dourados”**

Pelo visto, tais campanhas lograram fechar esses “clubs”, como contou Joanides, assim como confinaram a prostituição na “zona” do Bom Retiro para, em duas décadas depois, decretar seu fim; tudo sempre em nome da moral e dos bons costumes. Contudo, sem conseguir jamais erradicar o fenômeno social em si, a se disseminar mais e mais pela cidade de São Paulo e pelo mundo. Atualmente, questiona-se o fracasso da guerra às drogas e o fato de esta gerar mais vítimas que aquilo mesmo que se combate. Drogas e jogatina parecem ser males congênitos da própria dinâmica capitalista a expandir a civilização pelos quatro cantos do mundo. E São Paulo ocupa lugar de destaque nesse processo civilizatório, em que o porto de Santos, de onde escoavam vultosas safras de café, foi nomeado a Montecarlo do Café, uma vez que a emergência fenomenal de São Paulo “corroborava a fermentação de disposições dissipadoras de precipitação, avidez e risco. Era esse, afinal de contas, o caráter constitutivo mesmo da economia cafeeira na Primeira República”<sup>175</sup>. Em conclusão, o próprio café, que gerara a riqueza de São Paulo, era uma “droga” e seu comércio, uma jogatina. Essa “escalada da prostituição”, da jogatina e das drogas, como se nota, desdobra suas “fronteiras” de dentro do

<sup>174</sup> SEVCENKO, op. cit. p. 85-86.

<sup>175</sup> Idem, ibidem, p. 86.

mais profundo de sua própria gênese histórica, não simplesmente se sobrepondo à civilização, mas trazendo à luz seu índice mais secreto e renegado. Se a vocação para a jogatina é herança espanhola, a hereditariedade latina nos legou a “loba” que, em lupanares ou pelas esquinas, segue amamentando irmãos fraticidas. Só que a banca do jogo não é mais a oligarquia cafeeira, incrementada com a indústria de substituição de importações da Primeira Guerra, mas monopólios multinacionais, ligados ao mercado financeiro especulativo, à indústria automobilística e ao petróleo, em choque com o desenvolvimentismo nacionalista legado pela era Vargas. Joanides descreve a “revolução ambiental” que gerou a “época de ouro” da Boca, enumerando a série de locais que faziam da Boca do Lixo, em 1958, uma cidade dentro da cidade, uma colônia numerosa, rica, com vida própria.

O termo “época de ouro” remonta à antiga noção do tempo, mais mítica do que histórica, registrada por Hesíodo em *Os trabalhos e os dias*: as raças viviam a decadência do tempo, pelas eras de ouro, prata, bronze, de heróis e, por fim, de ferro, até que Prometeu transmitiu o segredo do fogo aos homens e Epimeteu abriu a caixa de Pandora. No mundo dos mortos, as raças de ouro e de prata viraram gênios guardiões dos mortais (daimones do mundo e do submundo). A raça de bronze sucumbiu à própria violência e foi lançada no Tártaro e no esquecimento, a de heróis recebeu a *Ilha dos Bem-Aventurados* e a de ferro – quando pai e filho não se reconheciam mais, o hóspede não era mais caro ao seu anfitrião, nem o amigo ao seu amigo, nem o irmão ao seu irmão – e vagará no Tártaro como fantasmas, se injustos e, se justos, descansará nos *Campos Elísios*. Já nos Campos Elísios da cidade de São Paulo, os “anos dourados” da Boca do Lixo pareciam bem animados, pelo menos do ponto de vista dele. E não só no Salão Marajó, que tanto marcou as lembranças de Joanides dessa “época de ouro”. Em 1964, Jacob do Bandolim, capixaba radicado no Rio de Janeiro, na Lapa, fundaria um conjunto de chorinho chamado *Época de Ouro*. Não só na Boca, portanto, sentia-se o efeito decadente da passagem do tempo e a nostalgia da juventude passada.

Já no baile do Astória, na Gal. Osório, como também no célebre “28” – que se mudara para a Rua dos Andradas, depois do pavoroso incêndio sofrido por quando ainda na Rua Florêncio de Abreu e no qual várias pessoas morreram queimadas – a frequência, nesses dois antros, era toda ela de delinquentes (notadamente os mais “pés-de-chinelo”), vadios e “mulheres da vida”. Somente um “trouxa” muito abusado atrever-se-ia a frequentar tais bailes, por serem os mesmos do tipo “sem navalha não entra...”.<sup>176</sup>

Astória e “28” eram, assim, os bailes mais barra pesada de então.

Dos bares, entre os mais famigerados estava o do Moisés, na Duque de Caxias, ponto

---

<sup>176</sup> JOANIDES, op. cit. p. 76.

de guardas-civis e investigadores que frequentavam a “Boca”; na Santa Ifigênia, quase esquina com a Gusmões, o “Bar dos Cafetões”, que nunca chegara a ter um qualquer nome de estabelecimento estampado em letreiro, era o preferido pelos tipos que lhe emprestava o nome. Mais abaixo, esquina com a Vitória, o Restaurante Canto do Galo alimentava e embriagava o mulheril da circunvizinhança e, mais acima, esquina Gal. Osório, ficava o Bar e Lanchonete Ouro Verde, no térreo do prédio do mesmo nome. Embora esse bar tenha sido um dos mais “abrasantes” daquele ambiente, palco de muitas cenas sanguinolenta, de muitas mortes, o maior perigo que se corria ao entrar ou sair do mesmo vinha de cima. Era verdadeira temeridade passar ou se postar na sua calçada, pois do prédio, bastante alto, que lhe ficava por cima, caía literalmente tudo. Habitado pela gentinha do ambiente, o Edifício Ouro Verde transformara-se numa maloca de cimento armado, onde as caixas de coleta de lixo de há muito haviam deixado de funcionar. Mas nem por isso se apertavam os seus residentes, já que solucionavam o problema com o jogar todo e qualquer detrito ou objeto imprestável através das janelas, para a rua, sem nunca se darem ao trabalho de sequer olhar se havia alguém lá por baixo. Entretanto, o perigo mesmo não estava nesse estranho método de faxina mas sim nas brigas, geralmente entre casais, que tão amiúde ocorriam no prédio. Era espantoso então o número de coisas, as mais incríveis, que se podia ver sair voando janela afora. Dentre outros, tive oportunidade de ver lançados à rua, em diferentes ocasiões, os seguintes objetos: rádios de cabeceira, toca-discos, bacia, cinzeiros e estatuetas, vasos (com flores e sem flores), penico (vazio, felizmente...), calçados e todo tipo de indumentária. Certa feita, [...] uma mariposa do amor, endoidecida talvez pela dor de uma traição, atirou pela janela tudo, mas absolutamente tudo que pertencia ao amante infiel, numa aleluia de calças e paletós, camisas, cuecas, sapatos e outros objetos de uso pessoal, para alegria de alguns passantes que não tardaram a sumir com aqueles presentes vindos do céu.<sup>177</sup>

Entre outros que aprofundaram suas vivências no submundo ao lado de Joanides, Cangaceiro e Marinheiro foram bons referenciais para Joanides em sua saga de superação. Em sua descrição, o nível cultural é das primeiras características que nota em suas personagens.

O Quinzinho não possuía qualquer instrução, sabendo apenas “desenhar” o seu nome. Provinha das Casas de Correção de Menores – o Jardim da Infância do Crime – nos quais se criara, e foi através da força física, da violência, da valentia que subiu a uma alta posição no mundo do Crime. Exageradamente forte ainda que não alto, conhecedor das coisas do boxe e exímio lutador de rua (um soco seu, dizem, equivalia a um coice de mula criada a Toddy...), não conheceu o negrão quem o pudesse vencer na briga de mão. A perspicácia e a astúcia, porém, lhe foram sempre estranhas. Foi pois dando soco na cabeça de outros malandros, quebrando-lhes o maxilar ou fazendo-os dormir, que conquistou a sua fama e o seu posto no cenários do “submundo”. Além da sua real periculosidade, porém o que muito contribuía par o temor quase generalizado que lhe tinham era a sua “sugesta”. “Sugesta”, no jargão criminal, é a encenação que o indivíduo faz com vistas a amedrontar o(s) interlocutor(es), é a ação, seja por gestos, palavras, expressões fisionômicas ou tudo isso a um só tempo, que visa conseguir que o temor (temor do agente do ato) [...] se instale no espírito daquele(s) com quem se fala. Esse tipo de encenação é também chamado de “sapo”, certamente tendo o termo por modelo aquela família de batráquios cujos espécimes possuem a propriedade morfológica de aumentar momentaneamente de tamanho por quando em presença de possíveis inimigos, parecendo com isso serem duas vezes maiores do que realmente são. Isso de “sugesta” ou “sapo” é muito usado no ambiente do crime, geralmente por falsos valentes. O tipo aplica o “sapo” se colar, isto é, se se amedrontarem com ele, o autor imporá então a sua vontade, o seu propósito. No caso de a “sugesta” não surtir efeito e alguém mostrar-se disposto a enfrentar o “sapo”, o autor deste tratará então de temporizar as coisas, louvando o espírito da paz. Existem sujeitos – no mais das vezes tipos de

---

<sup>177</sup> Idem, *ibidem*, p. 76 e 77.



feições grotescas, que chocam ou horrorizam à vista – que embora intrinsecamente poltrões são verdadeiros artistas na arte da “sugesta”, sabendo com precisão onde, como e a quem aplicá-la, conseguindo com isso, assim fantasiados de valentes, fazerem-se temidos por toda a massa subalterna do “submundo” (que com os valentes de fato não se metem eles). Mas não é esse, nem de longe, o caso do Quinzinho, pois, valentia ao negrão é o que nunca faltou. O emprego da “sugesta”, no seu caso específico, visava diminuir o número de encrencas com que teria de se ver às voltas, não fora o terror que lhe tinham. Feio, beijudo, de gestos espalhafatosos e voz tonitruante, a magistral e apavorante “dramatização” que fazia ao ameaçar alguém ou para atemorizar os circunstantes, era, de fato, uma “sugesta”, porém com a ressalva de que, em não se fazendo acreditado, as ameaças contidas na sua “sugesta” se concretizavam em socos-coice-ce-mula... A par de toda a sua “ignorância”, e em tanto paradoxalmente, o negrão é um tipo risonho, glosador, um humorista nato, com grande capacidade de captar e de vem narrar o cômico das coisas, que ri e faz rir de tudo, inclusive de si próprio.<sup>178</sup>

Joanides comenta como o assunto “venda de proteção” no submundo do crime foi sempre explorado pela reportagem policial dos jornais, especialmente quando seu nome é “que estava à baila”.

Contado dessa forma, a idéia que fica é de que as coisas se passariam mais ou menos nos moldes e ao estilo dos velhos *gangsters*, que o cinema americano nos mostra, que vendiam “proteção” contra eles próprios, protetores. Na “Boca”, a história não era bem essa, a proteção era uma necessidade real. Os tipos que podiam oferece-la, que possuíam capacidade de violência e nome para tanto, é que eram procurados, convidados, namorados, seduzidos por aqueles que não tinham condições próprias para levar a bom termo os negócios que possuíam ou que efetuavam na área.<sup>179</sup>

A moeda de troca dos valentes era, portanto, sua “capacidade de violência e nome”.

O elemento de fora [...] que lá chegasse para incorporar-se à arraia miúda, à “classe operária”, [...] não iria encontrar maiores problemas que não aqueles inerentes [...] às suas humildes atividades ilícitas. Na ascensão da “classe operária” para a “burguesia do crime”, e para conseguir manter-se numa tal “posição social”, é que passaria então a encontrar uma infinidade de problemas, que só uma boa dose de valentia, de violência efetiva ou reconhecidamente latente, seria capaz de enfrentar com bom êxito. Tomemos por exemplo uma mulher que depois de prostituir-se durante algum tempo, pensasse adiantar-se na vida, alugando um apartamento e nele colocando três ou quatro mulheres, que lhe pagassem as chamadas “diárias”. Os problemas que mesmo aquele pequeno “negócio” iria trazer-lhe seriam inúmeros e dos mais variados tipos. A começar pelos de casa, [...] haveriam de infernar-lhe a vida e muito provavelmente arruinar-lhe o negócio.<sup>180</sup>

E Joanides detalha os diversos problemas potenciais: o pagamento das diárias, “uma inquilina que não resistiria à tentação de furtar a carteira do freguês, e estava agora com a Polícia à porta”.

[...] a presença do malcriado e arruaceiro cafetãozinho que em desespero de causa, por

<sup>178</sup> Idem, ibidem, p. 83-84.

<sup>179</sup> Idem, ibidem, p. 85.

<sup>180</sup> Idem, ibidem, p. 86.

ter sua “mina” ficado sem social onde levar a freguesia, quer forçá-la a qualquer custo a que forneça quarto para o “trabalho” da sua “cara-metade”. Amanhã, a confusão poderá surgir na pessoa de um Mamamá qualquer, que simplesmente virá tomar-lhe todo o dinheiro que possuía. Tampouco há de faltar quem lhe queira tomar o apartamento, ou malandrecos a querer consigo amasiar-se “na marra”.<sup>181</sup>

Até esse momento, do fim da década de 50, fronteiras estão demarcadas e há uma convivência tácita do estado com o submundo. A Boca do Lixo ainda era, neste breve período inicial de sua existência, um refúgio e uma trégua.

Mas veio o progresso e as coisas mudaram. A polícia foi se aperfeiçoando, vieram as “Rudis”, as “Rones”, as “Operações Arrastão”, “Pente-Fino”, “Coração de Mãe”, “Limpeza”, e outras novidades mais – todas nascidas e embuidas daquela nova filosofia de “ação preventiva”. E todas as noites da “Boca” passaram a ser noites de sexta-feira... Não se tinha mais sossego. A nova palavra de ordem passara a ser: “encane-se” todo sujeito que se saiba seja vadio ou malandro, onde quer que esteja e ainda que nada ele esteja fazendo de ilegal. Um ou dois dias depois haveriam de soltá-lo, senão por força de habeas-corpus, ao menos para dar lugar aos demais que fossem sendo presos. E, como, durante o tempo que o tipo permanecera preso, nenhuma oportunidade lhe surgira [...], voltava, em liberdade, e com maior ímpeto para descontar os dias perdidos, à antiga ocupação ilícita donde tirar seu ganha-pão. Assim, na realidade, a tal de ação preventiva redundava nada mais que “atrasativa”, pois tudo o que fazia era atrasar, em um ou dois dias, o exercício da ação delitiva [...]. É, mas em compensação a coisa funcionava às mil maravilhas nos gráficos das estatísticas [...]. Com referência às prostitutas, outra não é a palavra de ordem: prendê-las. E podia-se acrescentar: amanhã a gente solta... para voltar a prendê-las dias depois na engorda das estatísticas. A única transformação que ocorria [...] é que dos xadrezes ela saía com uma maior disposição (gerada pela necessidade) de prostituir-se. Ou de roubar um freguês, se aparecesse a chance, pois com os dias que ficara presa, as diárias do hotel se puseram em atraso, o dinheiro do leite para o filho que a tia criava tinha que ser conseguido e as contas da lavanderia, do sapateiro e do bar da esquina precisavam ser pagas.<sup>182</sup>

“A estatística é a arte de torturar os números para obrigá-los a confessar”, alguém já definiu com humor e ironia. A indústria da consciência não gera só jornais, notícias e filmes, mas “dados” para a prestação de contas das autoridades e para o planejamento, execução e supervisão das políticas públicas e do projeto de nação do Brasil. E de São Paulo. Joanides sonha com outro mundo:

Ah! mas um dia [...] teremos as “RUAS” (Rondas Unificadas de Assistência Social), as “RUPs” (Rondas de Ajuda ao Próximo); e surgirão as Operações: “Socorro”, “Educação e Cultura”, “Amemo-nos Uns aos Outros”, “O Brasil Te Ama”, e “Somos Todos Irmãos”. Bonito, não? Eu também acho.<sup>183</sup>

Sonho ou mais uma ironia. O alvo, a falsa moral cristã e nacionalista que alimenta a demagogia política se aproveitando do sentimento de esperança do povo, na base de constantes

<sup>181</sup> Idem, ibidem, p. 86.

<sup>182</sup> Idem, ibidem, p. 96-97.

<sup>183</sup> Idem, ibidem, p. 97-98.

falsas promessas de um futuro melhor. Brasil, “país do futuro”.

### **Boca do Hiroito - o japonês**

Nosso autor pensou poder separar negócios e moradia, trabalho e vida doméstica. Como se diz no jargão, “saiu da Boca, mas a Boca não saiu dele”. Como um “rei” de fato, já encarnava o próprio poder e seu bando o acompanhava automaticamente.

De minha parte, embora não abandonasse os meus negócios e interesses na área, achei de bom alvitre passar a residir fora dali. Como os meus propósitos eram exclusivamente domiciliares, aluguei um apartamento num prédio que recém se inaugurava na Alameda Ribeiro da Silva, esquina da Praça Olavo Bilac, setor residencial, de grande sossego. De grande sossego até então pois, a partir daí tudo mudou. Em seguidinha, o Mauro Laschiavo mudou-se para o prédio; o Marinheiro, molecão ainda, que grangeara gratuitamente a minha amizade, passava a morar, juntamente com a sua mulher, comigo e a Zenaide. Apóós, vieram outros: o Orlando, cáften, com a sua “mina”; o Porfírio e Baianinho, estelionatários, e ainda uma vintena de mulheres minhas “chegadinhas”. Afora a turminha de punguistas que faziam ponto na minha casa para jogar baralho, queimar os seus “fuminhos” ou, simplesmente, conversar fiado – Beto, o Escovinha, Miroca, Marquinhos, Nelsinho do Carrão e outros – o prédio, esse logo se fazia frequentado por amigos das mulheres lá residentes, por outros conhecidos meus e pelos conhecidos dos meus conhecidos. Que dizer, era um prolongamento da “Boca”. Nos meses que se seguiram, a esquina daquele prédio iria tornar-se no “pedaço mais quente” de São Paulo. Pululavam malandro e prostitutas na área, e, conseqüentemente, brigas, conflitos e choques armados, e isso numa época em que o revólver havia já se tornado uma arma da moda. O que saiu de tiros naquela esquina não está escrito em gibi algum. <sup>184</sup>

Uma boa noção de geometria deu inteligência ao seu conhecimento do território explorado do edifício. Mas o conhecimento do povo é mais importante ainda (Sun Tsu: *A Arte da Guerra*). Assim, a imprensa vendia a imagem do Hiroito violento e bruto, não a do malandro astucioso e enganador que, mais uma vez, fora mais esperto que a polícia. Mas Joanides não poderia reunir tantas informações e ter tal acesso aos diferentes espaços do edifício não fosse a coletividade, que lhe emprestou roupas, peruca e boné, e lhe deu acolhida, cooperação e passagem. O grau de socialização e sinergia dele com o ambiente e o meio social era tremendamente mais íntimo que o da polícia. E ele sabia tirar vantagem disso.

Só que, com mais essa, o saco da Polícia estourou. E veio então a ordem para acabar de vez e para sempre com a “Boca” da Ribeiro da Silva. E acabaram mesmo. Quer dizer, acabaram não, espalharam-na. Afugentaram os seus malandros e prostitutas para outras “bocas”. No que me diz respeito, também estava “cheio”. [...] Não aguentava mais. Por isso num assomo de esperança, resolvi (como se isso dependesse só de mim) que iria retornar ao seio da Sociedade, à normalidade de vida. Na trilha desse projeto, logo depois me casava com a Zenaide e partia para Curitiba, na busca de uma nova vida. O Mauro transferia-se para a Alameda Nothman, onde já estava o Quinzinho e outros malandros mais. O Marinheiro fundou uma “boquinha” na Rua Helvétia, à qual foram juntar-se entre outros, o Leãozinho,

---

<sup>184</sup> Idem, *ibidem*, p. 102-103.

rufião-estelionatário-trafficante, e o Paraíba, ex-punguista que se passara para a traficância. O “submundo” continuava a espalhar-se pela cidade toda com o surgimento, nos mais diversos pontos, de focos de malandragem fundados, às vezes até sem querer, espontaneamente – como no meu caso na Ribeira da Silva – por delinquentes que tratavam de evitar e se escapar à perseguição policial nas zonas mais manjadas. A prostituição seguia o mesmo curso. As casas e apartamentos de mulheres, sempre que fechados ou por demais aperreados pela Polícia, transferiam-se de um local para outro, ficavam pulando dentro de um quadrilátero que já então quadruplicara a sua área de jurisdição que passara a abranger desde a Avenida Ipiranga, até a Alameda Nothman e cercanias da Praça Marechal Deodoro, e, na direção inversa, da Protestantes até o Largo do Arouche, donde, à direita, subia pela Rua das Palmeiras e, à esquerda, seguia pela Amaral Gurgel até encontrar a Rua da Consolação e Avenida Ipiranga.<sup>185</sup>

O relato de Joanides mapeia com exatidão e riqueza a expansão da Boca do Lixo, por sua dispersão. Os antros de prostituição e tráfico não permaneciam mais que poucos meses no mesmo endereço, não mais como quando ficavam por anos.

As coisas estavam mudadas. [...] Num tal estado de coisas, e sendo enorme o número de meretrizes necessitadas de local para poderem exercer os seus misteres, foi que o cérebro do Osny pariu outra de suas absurdas mas lucrativas idéias. Ora, se o negócio já não oferecia boa margem de segurança para o emprego de capital – com isso de estar alugando e mobiliando casa que poderia vir a durar apenas 2 ou 3 dias – o jeito era se valer de casas sem aluga-las. Como? Muito simples. No bairro dos Campos Elíseos abundavam aquelas casas enormes, muito antigas e, dentre tantas, sempre havia as que permaneciam desocupadas, vazias, por meses e até mesmo anos. Umas, por pertencerem a espólios em litígio; outras, no aguardo de serem reformadas ou demolidas em nome do progresso, e outras mais sabe lá Deus porquê. Conheci casarões ali, inclusive um na Avenida Rio Branco, quase esquina da Gal. Osório, que vararam os vinte e tantos anos que conheço a “Boca” misteriosamente desabitados Bem, seria nessas casas que o Osny passaria a explorar o lenocínio.<sup>186</sup>

Assim, por ironia do destino, a repressão policial crescente empurrou a marginalidade da Boca do Lixo para casarões abandonados quando a prostituição, expulsa da “zona” do Bom Retiro, migrou para os Campos Elíseos. Seria até possível montar um tabuleiro para esse jogo de “polícia e ladrão” sobre o mapa de São Paulo. A artimanha do Osny era a seguinte:

Levantando o imóvel [...] que tivesse por vizinhos casas de comércio ou indústrias e, não residências familiares – o primeiro passo do Osny era dirigir-se ao Chaveiro mais próximo e, na qualidade de Procurador, Curador ou qualquer coisa que terminasse com OR, explicar que havia perdido a chave do imóvel, pedindo, pois, àquele profissional, que providenciasse a abertura da porta e a feitura de nova chave. Isso feito, contratava os serviços de uma das dezenas de arrumadeiras-diaristas que serviam as mulheres da “Boca”, para que desse uma limpeza na casa, enquanto ele ia tratando de regularizar a luz e a água. Esta última nunca soube houvesse apresentado problemas que não aquele de abrir o registro geral. Já a luz, sim, pois comumente se encontrava cortada. Aí entravam os serviços e a arte do Akira, japonês profundo conhecedor das coisas da eletricidade (técnico que fora antes de tornar-se cafetão), que em último caso, sempre achava jeito de “furtar” eletricidade de um vizinho qualquer por meio de uma “ligação direta”. Depois de “mobilier” a casa: tantas camas de solteiro, usadas (bem usadas, aliás), quantos cômodos houvesse e pronto. Colchões

<sup>185</sup> Idem, ibidem, p. 104 -105.

<sup>186</sup> Idem, ibidem, p. 105.

(também usados) e travesseiros de capim, fronhas e lençóis bem baratinhos e o Osny, em vinte e quatro horas, tinha a sua “boca” montada. As dez, doze, quinze mulheres que ali pusesse a “trabalhar”, no começo da noite cada uma receberia uma cópia da chave juntamente com a costureira preleção: nada de brigas, nem roubinhos, e coisa assim.<sup>187</sup>

A enumeração detalhada e completa das condições materiais mobilizadas em vinte e quatro horas por Osny na ocupação e um imóvel abandonado, assim como na descrição de outras situações e fenômenos sociais, tem um certo cunho marxista.

Claro está que [...] nessa modalidade de lenocínio, o Osny estaria mexendo com as classes mais baixas da prostituição [...], mas o que lhe importava mesmo eram os lucros, consideráveis, que o negócio apresentava. Senão, vejamos. Com a coisa toda, ele teria gasto, supondo contasse a casa 6 cômodos [...], pouco mais que dois salários mínimos. Cada quarto daqueles, na conformidade do sistema usual na baixa prostituição, conhecido com “VAPT-VUPT” pela ligeireza da coisa, apresentava um movimento de três casais-entrada por hora, o que, traduzido em dinheiro, cada entrada equivalendo a 1/25 de um salário mínimo (preço base através dos tempos), dava um resultado de 18/25 de salário mínimo por hora, no conjunto geral dos quartos. Assim, durante três horas as atividades da casa sem que a Polícia a fechasse – e isso era praticamente impossível que viesse a acontecer tão rapidamente – já o Osny teria recuperado o ínfimo capital e dali em diante tudo seria lucro. E lucro bastante apreciável, de mais de um salário a cada hora e meia que a coisa fosse durando, logicamente excluído o período diurno, quando seria muito arriscado manter o local funcionando.<sup>188</sup>

Essa peripécia serve perfeitamente ao propósito de “entreter” os leitores, anunciado pelo autor no início. Mas também revela a presença da criança em meio à promiscuidade da prostituição e à guerra entre polícia e criminosos, revestindo de apadrinhamento protetor a exploração do trabalho infantil. Por outro lado, com estoicismo ibérico, a sociedade paulista louva tanto aqueles que desde cedo trabalham desde a infância...

A “Boca” crescera territorialmente, nuns meses, mais que Israel na Guerra dos Seis Dias. A campanha contra os tóxicos começava a inflamar-se, chamando a atenção e alertando (e portanto despertando a curiosidade...) a juventude quanto a perniciosidade daquele vício, ou hábito, que desde os tempos de vovó era “privilégio-desgraça” da classe dos desajustados sociais e de algumas raras pessoas de vida honesta. Os traficantes, além de espalharem-se pela cidade, no cuidado da própria segurança pessoal tinham que estar sempre inventando novos métodos de atendimento à freguesia. Na Alameda Nothman, a traficância passou a ser feita pela janela do primeiro andar, naquela base do “joga o dinheiro que eu jogo o fumo”. Outros se fizeram “traficantes-motorizados-itinerantes”, sem ponto fixo, servindo de passagem à clientela. Era também o tempo da maconha em caixa de fósforos, no Largo do Arouche. [...] A época exigia criatividade [...].<sup>189</sup>

---

<sup>187</sup> Idem, ibidem, p. 105-106.

<sup>188</sup> Idem, ibidem, p. 106-107.

<sup>189</sup> Idem, ibidem, p. 109.

A resiliência da marginalidade frente à repressão crescente superou até os anos de chumbo da ditadura militar de 1964:

A Boca do Lixo era uma feia chaga no ventre da cidade. Excretá-la, seria impossível; nem cinquenta Esquadrões da Morte o teriam conseguido. [...] A Boca do Lixo era um mal, por certo, e não pequeno. “A vergonha da cidade”, como diziam os jornais. Mas todas as cidades têm, sempre o terão, do que envergonhar-se. A menos que se tornem de todo desavergonhadas, novas Sodomas e Gomorras. O “Quadrilátero do Pecado”, onde os malandros se feriam e se matavam por quaisquer motivos e mesmo sem motivo algum, onde prostitutas em procissão exerciam a mais antiga e desgraçada das profissões, e onde estas e aqueles, em qualquer das esquinas, podiam adquirir o tóxico que os tornariam menos apercebidos da miserabilidade contida em suas vidas, foi extinto territorialmente. Mas apenas territorialmente. Os malandros continuam a dar tiros uns nos outros e também, já agora, ocasionalmente em uma ou outra pessoa de bem, pois que as duas classes se misturaram [...]. As prostitutas seguem aliciando fregueses (homens de bem, pois malandros não as pagam...) pelas ruas e avenidas, apenas que mais perigosa e impudicamente, e com a diferença de possuírem um maior, imenso campo de ação, já que para elas a cidade toda é uma “Boca”... Os tóxicos? Bem, nas imediações de qualquer colégio ou fábrica há de se encontrar um traficantezinho em serviço, servindo tanto delinquentes e prostitutas como meninas de escola e trabalhadores. Os primeiros, para que possam, como já disse, fazerem-se menos apercebidos das próprias misérias; os segundos, talvez para não se aperceberem das misérias alheias.<sup>190</sup>

Duas fotos, preto e branco, de Mamá (Notícias Populares) e de Chaim – 08/03/67 (Diário da Noite) encerram o capítulo. O capítulo seguinte, intitulado *Também o Bom Filho à Casa Torna*, narra sua tentativa frustrada de retorno ao seio familiar e à “normalidade” da vida, quando casou com Zenaide e mudou para Curitiba, onde tinha família (já abordado); apenas como preâmbulo da narrativa do seu retorno, com a alma ainda mais ferida e mortificada, para a Boca do Lixo, em plena fase de máxima decadência e total crise de valores que por lá grassava, ou desgraçava. Abre este capítulo, no lado esquerdo superior da página, acima do título, uma foto de um juiz de boxe erguendo o braço do campeão da final, com a seguinte legenda: “Após sensacional combate com Celestino Pinto, Antônio Brandão é proclamado Campeão Brasileiro de Pugilismo Amador, na categoria peso meio-médio-ligeiro” – 15/12/52 (Foto – Diário da Noite). Portanto, em 1961, Joanides perdeu seu último vestígio de esperança, ingenuidade e inocência, exatamente no momento de maior aprofundamento da crise econômica, ética e moral que oprimia todos no submundo paulistano. A pressão policial no “quadrilátero” diminuiu, mas sem voltar ao que era antes. Joanides conhecia praticamente todas as figuras mais destacadas do submundo paulistano. A quantidade de nomes e apelidos enumerados por ele é impressionante. Sua análise e descrição das mudanças na conjuntura não deixam por menos, sempre mencionando o “salário mínimo”, tomado por base no submundo paulistano de então. O “mínimo ético fora abolido”, mas mesmo assim ainda era possível piorar a situação, afinal, o

---

<sup>190</sup> Idem, *ibidem*, p. 110-111.

irrefreável progresso científico e tecnológico afetaria o submundo e a marginalidade com suas novidades, também. A cagoetagem impunha o totalitarismo do estado policial no submundo. E com drogas mais e mais alucinantes, entorpecentes, estimulantes, viciantes, doentias. Joanides relata o dano da moda das “bolinhas” e “picadas” de anfetamina ao corpo social do submundo paulistano na década de 60. A rapidez da difusão da nova droga foi surpreendente. E recomendaria cuidados.

O vício das “picadas”, em suas causas, deveria merecer o mais acurado estudo da parte de psiquiatras e psicólogos, porém desde um outro prisma que não simplesmente o do aspecto “tóxico”. Com as “picadas” se passa algo de extraordinário e, presumo, terrível. É no seu uso em si, no ato mesmo de usá-las, que se esconde esse algo terrível, de psicótico por certo, apesentando implicações masoquistas a par de sensação morbidamente voluptuosa de ver o próprio sangue em movimento dentro de um tubo de vidro. É o quadro visual do ato de picar-se, formado pela veia intumescida, pulsante de vida, sendo penetrada pela agulha hipodérmica, depois o sangue passando para a seringa, misturando-se ao líquido tóxico, voltando com este para dentro da veia, depois o sangue sendo puxado novamente para a seringa (procedimento típico do viciado, que repete esse vaivém do sangue vezes seguidas), para no fim ser injetado até a última gota, é esse quadro, a visão dessa cena, para o viciado, tanto ou mais importante que os efeitos que a substância injetada lhe trará.<sup>191</sup>

#### Descrição impressionante e extremamente realista de tão alterado estado psíquico!

As “bolinhas”, se tomadas pela boca claro está que produziriam os mesmos efeitos tóxicos, com o atraso de minutos. Mas o que o viciado quer, acima de tudo, é picar-se. Em um grande número deles percebe-se ainda que, [...] inconscientemente, evitam acertar a veia com a agulha logo na primeira furada, para que possam ficar “procurando” a veia com a agulha enfiada na carne. Após dar uma “procurada”, retiram a agulha e enfiam-na mais acima, ou abaixo, ou ainda ao lado, para nova “procura”, e assim sucessivamente, furando e ferindo o braço todo sujo de sangue. Apenas alguns poucos é que se injetam normalmente, nada mais que para usufruir dos efeitos tóxicos, indiferentes ao “ritual” de injetar-se. O uso de “picadas” é dos vícios o mais pernicioso e deletério. Fisicamente, além de atuar como diligente transmissor de moléstias (principalmente sífilis e hepatite), já que as seringas em uso por diferentes pessoas nunca são esterilizadas, por vezes sequer lavadas, em consequência dos seus efeitos orgânicos – perda de sono e de apetite -, fazendo com que o drogado passe dias sem alimentar-se ou dormir, resulta ainda o processo de debilitação geral. Já na continuidade, com o estar diariamente colocando na circulação sanguínea dez, quinze, vinte centímetros cúbicos de água, pode ser [...] acometido de um mal que já vitimou não poucos viciados levando-os rapidamente à morte. Tal mal, diz-se no meio, seria a leucemia, mas não o creio. Presumo seja talvez, isso sim, uma anemia perniciosa.<sup>192</sup>

A versatilidade da suposta erudição de Joanides passeia por várias especialidades, da sociologia à psiquiatria, da economia à medicina, da literatura à farmacologia.

No que diz respeito à mente, as alucinações que costumam acometer o viciado após este permanecer por vários dias drogado, seriam causadas muito mais pela necessidade de sono – sono que absolutamente não sente – do que propriamente pelo

<sup>191</sup> Idem, *ibidem*, p. 115-166.

<sup>192</sup> Idem, *ibidem*, p. 116.

estado tóxico em que se encontra. Sei, por experiência própria, que após dois ou três dias de vigília, mesmo na mais completa abstinência de tóxicos, passa-se por visões. Voltando ao drogado, se o tipo permanece “ligado” por um certo período de tempo que varia [...], estará a sua mente a “ratear” e a pregar peças. Se persistir em seguir drogando-se para ficar desperto, já então passará a escutar “vozinhas”, a ter visões e, por fim, entrará em estado de completa alucinação. No entanto, por mais maluco [...], com o dormir (geralmente por desmaio), ao despertar estará bem melhor e, na continuação, alimentando-se e dormindo normalmente, em poucos dias readquirirá a saúde mental.<sup>193</sup>

Foi no meio desse fogo cruzado de todos contra todos que Joanides retornou ao “ninho antigo”, a Boca do Lixo. A ambiguidade presente na dramatização da “sugesta” de Quinzinho faria inveja a grandes atores. A escalada da repressão policial na Boca do Lixo acabou por dispersar inumeráveis *bocas* pela cidade, que mudavam eventualmente de endereço. A do Joanides começou no “quarto de solteiro de um hotel da Rua Santa Ifigênia”, nos meses após o assassinato de seu pai, mudou para um quarto na casa do carcereiro Fernandinho, que alugou para morar com Zenaide, onde acabou sendo preso, e se fixou por um tempo na esquinada Rua Gal. Osório com a Pça. Olavo Bilac, após dois meses de prisão “naquele fevereiro de 58, “duro”, sem qualquer reserva monetária, poucos dias bastaram para que montasse dois apartamentos na “Boca”, mas Joanides não diz se morou neles. No episódio do entrevero do “judeu” com a “Polícia Marítima”, quando Joanides lhe emprestou o revólver calibre 45 que virou sua alcunha, o autor afirma: “Estando desarmado dirigiu-se à minha casa, perto dali” [...]. Ou seja, perto do restaurante “Pedrinho, na Av. São João”. Mas não diz exatamente onde. Provavelmente, no apartamento da Rua Gal. Osório. Decidindo morar fora da Boca do Lixo, apesar de manter seus negócios lá, foi que estabeleceu, de fato, mas por breve período, sua própria “boca” na Alameda Ribeiro da Silva, esquina da Praça Olavo Bilac. Logo ele, que recitava Bilac e Baudelaire quando jovem estudante! Depois tentou Curitiba, sonho de reintegração à família e à “normalidade”. Frustrado e com a alma partida, retornou à Boca do Lixo” em 1961 e, em sociedade com Osny, alugou um apartamento na Rua Gal Osório, entre a Santa Ifigênia e a Andradas, que seria o meu Quartel General até 1963. De fato, a *Boca do Joanides* seria mesmo, depois de feita a fama de “Rei da Boca do Lixo”, no local onde ele estivesse exercendo seu poderio. Pois, sua fauna o seguia até onde estivesse. Naqueles “cinco meses” de uso de anfetaminas, para permanecer acordado, seu “escritório do crime”, a *Boca do Joanides*, seria num fusca...

Os últimos capítulos de *Boca do Lixo*, *Tiros na Noite*, *Uma “Miss” no Submundo*, *Temporada de Caça* e *Fim de Reinado* mostram fotos também. Uma foto preto e branco mostra

---

<sup>193</sup> Idem, *ibidem*, p. 117.



o Dr. Wilson José Minervino lendo uma folha, impecavelmente penteado, bigode bem aparado e discreto, paletó claro com lenço no bolso esquerdo, camisa social branca e exímio nó na gravata. Abaixo, em maiúsculas, o título:

Com a minha insistência em abordar o processo de amoralização pelo qual assevero tenha passado a classe dos desajustados sociais, mais de um dentre vós estará se perguntando se prostitutas e delinquentes pode lá ter alguma moral. Podem, sim. Não a moral estabelecida, convencional, em curso (ou curso?) no seio da Sociedade [...]. Há uma moral natural, um senso ético primário, ingênito ao homem quer seja ele um esquimó, um ser altamente civilizado ou um guerreiro simba. Ingênita, mas não indelével, pois as pressões do ambiente, as circunstâncias mil que atuam sobre cada individualidade, no seu relacionamento com a vida, podem vir “apagar”, ou reduzir a um mínimo esse senso ético. É essa moral, ou esse sentimento de moral que aponto existir, ou pelo menos passível de existir também nos seres socialmente desajustados. Todavia, se essa história de moral em malandros e prostitutas voz está dando no goito, deixemos a coisa de lado e tenhamos simplesmente, como afirmado e certo, que uns e outros, nos tempos de então, eram melhores, ou se preferirdes, menos maus do que nos tempos de agora.<sup>194</sup>

Notável a sagacidade de Joanides na leitura que faz de seus possíveis leitores. Sagacidade essa, aliás, presente em praticamente todas as suas peripécias narradas no livro. Sua compreensão das pessoas foi decisiva nas estratégias de sobrevivência e táticas de que lançava mão nos conflitos na Boca. Então, é esta a história que o autor conta, esse “processo de amoralização”, “essa história de moral em malandros e prostitutas”. E como os imorais foram se desmoralizando ainda mais. Mas se fôssemos fazer uma história política, ou das guerras, seria diferente? A alienação e massificação cultural vai desumanizando mais e mais e, mesmo onde poderia se pensar haver chegado ao limite da decadência, a degradação segue sua evolução. Joanides elabora seu autorretrato de justiceiro-vingador. É que, extraoficialmente, Joanides contava a verdade para o Dr. Minervino e depois, com o delegado fazendo as vezes de escrevente, ditava a versão oficial, versões nem sempre iguais.

Vez por outra o Doutor me requisitava à sua presença [...]. De uma feita porém foi deveras magoado que mandou chamar-me por causa de um cachorro que eu tinha. O tal cachorro era da mais pura linhagem dos Vira-latas e terrivelmente feio e desengonçado. Mas o bandido me havia elegido por dono e nada no mundo o faria desistir dessa idéia. Foi só o danado ver-me na rua e passou a seguir-me. A perseguição durou vários dias. Por fim, ganhou-me pelo cansaço e adotei-o. Acontece que à época havia na “Boca” um moleque desses sem pai nem mãe, dos seus 14 anos, o Ulisses, que era meu protegido e, para que fizesse juz (sic) ao almoço e janta dei-lhe a incumbência de cuidar do cão e levá-lo a passear. O nome que eu pusera no mesmo fora o de “Vagao” (corruptela de vagabundo), porém o Ulisses tinha outros planos quanto a isso. Anteriormente, já por duas vezes o garoto fora encaminhado pelo Dr. Minervino ao Juizado de Menores, de onde fugira em seguida, donde lhe sobrava a maior das broncas por aquela autoridade. E por infantil vingança, passou a chamar o feio animal pelo nome do Doutor, com o respectivo título. E foi com esse nome que o cão popularizou-se no “pedaço”, pois que a todos o moleque assim o apresentava. Mas, como não podia deixar de ser, a coisa não tardou a chegar aos ouvidos do Dr.

<sup>194</sup> Idem, *ibidem*, p. 127.

Minervino que, compreensivelmente melindrado, expediu uma ordem de “encane-se” contra o Ulisses a todos os “tiras” do Distrito. Mas o garoto além de não ser nada bobo corria que só coelho e os dias passavam sem que conseguissem “encaná-lo”. O pior é que nessas “pinotes” que o garoto dava, deixando os “tiras” em falta, como o cachorro geralmente se encontrava consigo, enquanto corria gritava: “corre, Minervino!”, e a coisa havia virado uma gozação total. Por fim, o Doutor requisitou-me à presença e profundamente irritado, mas sempre cavalheiro, pediu-me que intercedesse para que aquilo tivesse fim. Conforme lhe deixei prometido, proibi terminantemente ao Ulisses que apresentasse ou chamasse o cão pelo nome do Doutor, avisando-o que a cada vez que o fizesse receberia um “telefonema”, ou seja, um tapa na orelha. Mas já era um pouco tarde, pois todos na “Boca” conheciam o cão por aquele nome. Assim em respeito ao Doutor resolvi livrar-me do “Vagao”, levando-o para a chácara de um conhecido, com o que em pouco o episódio caiu no esquecimento.<sup>195</sup>

Esse episódio é exemplar, na tragicomédia de Joanides, pois demonstra o poder que o humor tem. Ao ponto de uma criança e um cachorro fragilizarem assim uma alta autoridade com uma simples brincadeira, que se fosse com outra criança teria que ser suportada, mas insuportável para um Delegado Titular do Distrito Policial.

Todavia, [...] ao longo de uma campanha movida pela Imprensa e que se estenderia por meses a fio, na qual se exigia um paradeiro para a minha violência, que atingira uma fase de paroxismo, o Dr. Minervino passaria a ser alvo da crítica jornalística, naquela base de “onde está a Polícia?” “a polícia está desmoralizada”, e coisas assim. Nesse período, havia me tornado o criminoso mais procurado pelo menos no Estado, mas o pior é que embora com mandato de prisão e caçado por toda a Polícia, não saía sequer da Capital, onde em fúria, completamente transtornado, seguia a “aprontar”, principalmente nas ruas da “Boca”, quase que diariamente, com tiroteios, agressões, cercos e fugas que faziam a delícia da Imprensa Amarela. Mas tão longe fora a coisa que chegou um ponto que, ou davam um jeito em mim ou haveria mudanças na cúpula da Polícia e o Dr. Minervino, por certo, seria o primeiro a rodar. Teria pois que ser ele ou eu a cair. Fui eu. Porém, para conseguir prender-me teve o Doutor que apelar para métodos e artifícios que à época soaram indignos, enchendo-me de revolta. Posteriormente, na calma da prisão, pude compreender que outro não poderia ter sido o seu procedimento. Que queria eu? Que ele se conformasse em ver-se prejudicado na sua carreira por um simples delinquente meio endoidecido? Não creio que em seu lugar houvesse agido diferentemente. Mas essa história será contada capítulos à frente [...].<sup>196</sup>

Joanides mandou o “Vagao” para a chácara do amigo. Dr. Minervino, o Joanides para a prisão, em 1962, por uns dois meses.

Foi quando o Quinzinho, quero crer que incentivado por outros malandros, meus desafetos, e de ânimo acelerado pela ausência do freio moderador da minha presença, num momento de desatino, resolveu apossar-se de um dos locais de lenocínio que eu possuía na “Boca”. Se tudo houvesse corrido bem, claro que em seguida teria se apossado dos demais. Eu possuía em funcionamento além de vários apartamentos, uma casa com seis quartos, na Rua Aurora, esta em sociedade com uma garota muito linda, a Leda, que mais tarde, por canalha, viria a entrar para o rol das minhas vítimas. Com o sócio Osny eu possuía dois apartamentos na Rua General Osório, um dos quais, térreo, ficou conhecido com o nome de “A Mansão”, dado o grande número de aposentos que continha. Havia ainda três ou quatro antros de prostituição que funcionavam baixo a proteção do meu nome e, em frente à “Mansão”, ficava a casa da Rosa, que era a minha segunda mulher. Sempre fora

<sup>195</sup> Idem, ibidem, p. 132.

<sup>196</sup> Idem, ibidem, p. 133.

comum, quase que um direito, os grandes nomes da “Boca” terem mais de uma mulher. E se apresentei como espantoso o caso específico do Joãzinho Americano sob esse aspecto, foi apenas por ser mesmo absurdo, que um sujeito como ele pudesse ter tantas e bonitas mulheres. Em algumas ocasiões vi-me marido de três mulheres a um só tempo, todas de comum acordo, respeitando-se como que uma hierarquia, na qual a Zenaide sempre ocupa o primeiro lugar.<sup>197</sup>

E foi justamente do apartamento da esposa principal de Joanides, a Zenaide, que Quinzinho tentou se apoderar enquanto ele estava preso.

Discutiram, o negrão ofendeu-a muito e chegou a dar-lhe um tapa no rosto. Mas a forte personalidade dela, o seu ar altivo, sem ser petulante, aliados à boa exposição que fez quanto à covardia daquela atitude que o negrão tomava conta quem se achava preso, logrou desarmá-lo. E o Quinzinho desistiu dos seus propósitos, não sem antes de retirar-se deixar afirmado que iria esperar eu sair da cadeia, quando então faria comigo e na frente dela, Zenaide, uma coisa que aqui é impublicável. O negrão folgado! Na Casa de Detenção, na visita seguinte, a Zenaide contou-me os fatos. Endoidei de vez. Houvessem demorado muito para soltar-me e eu teria comido as grades e derrubado a muralha a pontapés... Dias depois porém fui posto em liberdade. No mesmo dia em que ficara sabendo do fato, por meio de um guarda de presídio, eu mandara um bilhete para o Quim dizendo simplesmente que iria matá-lo ao sair da cadeia.<sup>198</sup>

No Brasil, a condição de estranho, forasteiro, imigrante, estrangeiro, vira apelido: português (portuga), espanhol, italiano, alemão, judeu, japonês (japa). Referem-se à suposta nacionalidade de origem dos antepassados dos “brancos” (lembramos que já se chegou a considerar o japonês mais branco que o português). Já os negros são apelidados de “negrão”, “crioulo”, como no caso de nosso autor, negão, neguinho, preto, preta, se de ancestralidade afro. Se daqui mesmo, “índio”. A etimologia vem do latim, índigo, azul, corante extraído da anileira, cujo termo designou o país da especiaria, em hindi, Bhārat, e o oceano Índico. Nenhuma menção ao povo ou nação originário. Joanides chama o “negrão folgado”, carinhosamente, de “Quim”, ao contar do bilhete que lhe enviou avisando que “iria matá-lo ao sair da cadeia”. Cômica, definitivamente, a figura de Joanides, abandonado pelos dois comparsas sozinho da execução do plano combinado, pendurado no paletó do investigador gigante com o trânsito parado e a multidão assistindo. O autor não abandona o senso de humor ao contar sua tragédia; por isso, bem definida por ele a própria obra como tragicomédia.

Nessa impossibilidade, tratei de negociar baixo promessa a minha não autuação em flagrante [...]. Daí entreguei-me. Recomposto da palidez, o “tira”, que eu mantivera por intermináveis minutos na incômoda situação de ter uma arma [...] encostada no exato local do coração, não veio a demonstrar ressentimento algum. A sorte que eu dera é que o sujeito era um tipo gigantesco, dando uns três de mim em tamanho. Fosse ele um cara de físico e estatura normal e por certo teria se sentido ofendido com o fato de eu tê-lo agarrado pelo paletó, porém dada a diferença de tamanho, o que eu realmente fizera não fora precisamente agarrá-lo pelo paletó mas

<sup>197</sup> Idem, ibidem, p. 133.

<sup>198</sup> Idem, ibidem, p. 134.

sim eu é que me agarrara a ele, o que resulta diferente. A caminho do Departamento de Investigações pude explicar mais calmamente o porquê da minha caçada ao Quinzinho. E tão grande era a admiração que a Zenaide despertava no ambiente que aquele trio de investigadores, revoltados [...], tanto fizeram para livrar-me a cara [...] que, por fim, [...] acabei por ser absolvido no processo. Mesmo assim tive que amargar vinte poucos dias de prisão até ser solto. Nesse meu novo período de “cana” o Osny voltou a lograr-me [...]. Eu já andava com o tipo atravessado no gogó, avisando-o constantemente que a qualquer hora iria fazer-me perder a cabeça. De momento porém a minha preocupação e a minha gana era toda com o Quim.<sup>199</sup>

Joanides é detalhista, nos mais diferentes assuntos. Traço que, certamente, deve tê-lo ajudado a sobreviver na Boca e dar vida à história contada em seu livro. Nota-se que a Casa Verde não é mais o simpático sítio, onde estudantes da Faculdade de Direito visitavam as filhas do diretor para piqueniques. Agora, a *cidade grande* chegou trazendo seu progresso e modernidade.

Por certo todos [...] saberão o que vem a ser uma Winchester 44, mas só atirando com ela ou presenciando uma em funcionamento é que se pode ter idéia do estrago que a danada faz. [...] A partir de um estrondo impressionante, o seu projétil, que é quase o meu dedo mindinho, sai destroçando e varando o que quer que encontre pela frente. A “09 milímetros” tampouco é nenhum brinquedinho de criança. Não o bastasse, várias das balas com que havíamos carregado as nossas armas eram do tipo “dum-dum”, isto é, possuíam um furo à testa da ogiva, o que torna o projétil muito mais destroçante. O nosso carro, como já disse, estava parado meio de atravessado na rua [...] Não havia necessidade alguma de nos aproximarmos [...] pois sabíamos que o nosso homem [...] estivesse encolhido no chão ou sobre o banco, as nossas balas iriam buscá-lo. Passamos a disparar, eu e o meu companheiro, fazendo do frágil Dauphine uma autêntica peneira. Mirávamos a área do carro onde o Quim teria de estar, espaçando os nossos tiros no alvo. As armas estavam já descarregadas. Dezessete tiros haviam sido disparados. O estado em que ficara o Dauphine era simplesmente absurdo: as balas, notadamente as da Winchester, ao atingir a frágil lataria umas a afundavam, outras rasgavam-na, todas varando de lado a lado o carro. Os vidros estavam despedaçados e não creio houvesse um só disparo os atingido.<sup>200</sup>

Detalhista, metódico e sistemático. Promoveu com os tiros uma varredura total em todos os quadrantes do automóvel. Corpo fechado? Superstição? Não.

Excetuando a hipótese milagrosa, que não faz o meu gênero, a única explicação possível que encontrei, após muita análise, foi a de que o negrão, todo encolhido no assoalho do carro, conforme disparávamos, ele no seu pavor se mexia dentro do carro, assumindo uma nova posição e os tiros seguintes iam atingir exatamente os locais onde até então ele estivera, levando-o em susto a novamente mover-se para que os novos disparos atingisse pontos anteriormente ocupados pelo seu corpo, e assim sucessivamente, numa coincidência matematicamente inverossímil, bem sei, mas outra explicação não existe. A não ser que se tenha como milagre mesmo. A palavra do negrão, que adora contar esse fato, nada esclarece a respeito, apenas faz rir, pois, segundo ele, a cada estrondo da Winchester ele ia ficando cada vez mais pequenininho, até que lá pelo terceiro ou quarto tiro, já então desse tamanhinho, agarrou-se ao fio elétrico, e pendurado neste, dirigiu-se dentro do farol dianteiro onde, sentadinho na lâmpada, permaneceu até que a coisa terminasse. Esse farol foi uma das

<sup>199</sup> Idem, *ibidem*, p. 135 -136.

<sup>200</sup> Idem, *ibidem*, p. 138.

poucas coisas que ficou inteira no carro.<sup>201</sup>

Poderíamos intitular o episódio: “Quim, o gênio da lâmpada”...

O negrão salvara-se, mas, milagre ou não, aquilo só fizera espicaçar a minha ira e mexer com os meus brios de atirador. Ao saber que falhara, corri a procurar a Laura, invadi-lhe a casa ainda que sem desrespeitar a sua pessoa, e deixei um recado para o Quim, dizendo-lhe para comprar o caixão que da próxima nem a Cidinha (Nossa Senhora Aparecida) o salvaria. Os emissários de paz se sucediam: eram “tiras”, cafetinas, valentes, que a pedido do negrão tentavam dissuadir-me da idéia homicida. Por fim, o Dr. Minervino chamou-me e, pela primeira vez, recusei-me a atender o seu pedido, no que fui muito franco consigo. Nem que mamãe mo pedisse eu livreria a cara do negrão. Mas o Quinzinho, que em sendo preciso teria manha de mamar numa pulga, arranjaria jeito de forçar-me a aceitar as pazes. Se conseguisse uma maneira de surpreender-me desarmado e ele de arma na mão, sem que disso se aproveitasse para matar-me, [...] ficaria eu moralmente incapacitado para levar a efeito o fuzilamento que lhe estava destinado. No Dr. Minervino encontrou ele o cúmplice de que precisava para a execução do plano que podia ser chamado de “Paz Forçada”. [...] No dia seguinte, à tarde, fomos levados para o 3 Distrito [...]. À noite o Dr. Minervino nos recebeu em sua sala, dispensou o Osny de imediato e se pôs a bater papo furado comigo, até as 19 horas em ponto, quando então mandou-me embora. O Quinzinho, acompanhado do Xodó, velho explorador do lenocínio, estava à minha espera, escondido atrás da equina. De cara, encostou-me um “trinta e oitão” ao peito, mas com muito jeito, dizendo: Tá vendo, se eu quisesse podia lhe matar”, pra logo em seguida acrescentar: “Pô, rapaz, vamos deixar esse negócio de guerra pra lá”, e prosseguiu fazendo uma bela apologia da Paz, no que se fazia secundado pelo Xodó. Depois veio a encenação. Numa argumentação que parecia ter sido ensaiada, ressaltou o fato de que me havia pego desarmado e que disso não se aproveitava para matar-me, que se depois disso eu ainda quisesse mandá-lo desta para melhor que eu o fizesse ali mesmo, naquela hora, pois ele não ia ficar se escondendo de mim o resto da vida que nem bobo e, ato contínuo, queria forçar-me a pegar o revólver que me empurrava, para que o matasse de vez ou então fizesse as pazes. O revólver, o próprio Quim contou-me posteriormente, dando muita risada, estava carregado com balas de festim... Só assim é que poderia pensar em pô-lo na minha mão. E voltamos às boas, condicionado ao pedido de desculpas que faria à Zenaide. E nesse dia houve festa em todos os bares da “Boca” pelos quais passávamos, tudo por conta do crioulo.<sup>202</sup>

Raposa velha, claro que Joanides não caiu no engodo. E a celebração da “paz forçada” foi dionisíaca. E coroada como que por um retorno às origens.

Para fechar as comemorações o Quinzinho fez questão de irmos eu, ele, a Zenaide e a Laura cearmos no El Greco e, lá, quase que a coisa termina mal. O crioulo, com gestos espalhafatosos e voz atoadora, como se estivesse no refeitório do Juizado de Menores, era para os presentes um espetáculo à parte, um tanto assustador. Os garçons, aos quais ele chamava gritando “ô, meu chapa”, tiveram um trabalhão para explicar-lhe “que diabo de coisa” eram aqueles pratos anunciados em francês no cardápio, e depois, que era pior ainda, o “por que, catso, não punham o nome do negócio em português?” – no que todos o ouviam. De vez em quando a sua gargalhada cobria em muito os sons da música ambiente, chamando ainda mais a atenção geral para o estranho quarteto que nós formávamos. Ao término, pedida a conta, que orçara em cinco mil e duzentos cruzeiros antigos, o Quim, que era o dono da festa, colocou seis notas de mil na bandeja sobre a mesa e fomos saindo. Mas quando estávamos no meio do salão [...] o garçom vem correndo atrás com a bandeja na mão, dizendo que faltava dinheiro. O negrão endoidou, pois ele havia contado a grana umas três vezes

<sup>201</sup> Idem, ibidem, p. 139.

<sup>202</sup> Idem, ibidem, p. 139.

sob as nossas vistas, não podia haver engano [...]. Além do que, a atitude do garçom, correndo atrás e falando que faltava dinheiro, ainda que faltasse seria de qualquer modo ofensiva. O negrão virou uma fera, despertara-se-lhe o bruto até então meio adormecido na selva da sua alma. O garçom, que de “meu chapa” passara a ser “ô seu animal” para em seguida ser “filho da p...”, ouvia as mais terríveis ameaças, as mais desbocadas ofensas. O gerente, que se chegara no “bolo” juntamente com outros empregados, [...] resolve ele mesmo contar as notas ainda sobre a bandeja na mão do garçom. E as seis notas estavam lá, pois uma delas, que se havia colado à outra, então desprende-se. Desculpas? O negrão mandava que as enfiasse naquele lugar muito pouco apropriado a isso, e o gerente, que caíra na asneira de falar em chamar a Polícia, passava já a ser chamado de “seu” Bosta.<sup>203</sup>

Uma foto mostra Quinzinho acendendo o cigarro de Joanides, com a legenda: Paz no Submundo. O título do capítulo seguinte - “uma miss no submundo” - se refere à Cláudia, miss Petrópolis uns pares de anos antes. Mas na época de que falo é que a sua formosura, me imagino, atingira a fase aguda da beleza adulta. O seu corpo nada ficava a dever à aleijadinha da Vênus de Milo.

Naqueles vinte e poucos dias que eu ficara preso pelo porte ilegal de arma, o Osny além de furta-me em grande parte da fêria que me cabia, arranjara-me ainda um processo-crime gratuito, dos mais complicados. No apartamento [...] morava eu e a Zenaide e ele com a sua companheira, uma quase menina de uns quinze anos de idade. O fato dela ser menor não me agradava muito, embora não pudesse opor-me [...]. Acontece que a gurria além de uma irmã também menor, possuía uma dúzia de amiguinhas da mesma idade, todas debutantes na prostituição. Uma semana após o “casamento” do Osny, o nosso apartamento já virara bagunça, uma verdadeira creche. As vinte e quatro horas do dia era um entra-e-sai de pivetas que lá iam consertar a maquilagem, ou descansar os pés, tomar um café, bater um papinho ou fazer cocô. Sem se contar o incômodo [...] só podia acabar dando “cana”, e grossa [...].<sup>204</sup>

#### Joanides proíbe a entrada das meninas...

Exceção feita à cunhadinha do meu sócio que lá poderia ir, porém apenas em visitação e não para pernoites. Numa altura daquelas [...] boa parte das gurias se acostumara a dormir por lá mesmo, umas no quarto do Osny, outras pelos sofás, num “viva-vila” danado de esculhambativo. O meu decreto foi cumprido à risca e a paz voltou a reinar em meu arremedo de lar. Mas foi só eu ir para a Detenção e no dia seguinte tudo voltara como dantes na creche do Abrantes, quero dizer, do Osny. E que eu previra aconteceu. [...] O Hiroito está preo? Não faz mal, o apartamento também é dele, indiciem o cara. E ao sair da cadeia dias depois, eu encontrava o meu rol de processos em andamento, enriquecido em mais um pelo meu prezado sócio. Mas não seria ainda dessa vez que chegaríamos ao sangue, outras ele iria aprontar.<sup>205</sup>

E, bem a calhar, porque o Osny refugiou-se no Rio de Janeiro e de lá estava planejando uma armadilha para Joanides. Osny ncaminhou de lá, para Joanides, um protegido de conhecidos seus que estava jurado de morte escondido com eles.

O tipo jurado de morte era um menino que dizia ter treze anos parecendo

<sup>203</sup> Idem, ibidem, p. 140.

<sup>204</sup> Idem, ibidem, p. 142-143.

<sup>205</sup> Idem, ibidem, p. 144.

ter onze. Trazia um revólver 38, cano longo “que não era da Estrela não, mas da Taurus...) metido entre a barriga e a calça e os bolsos cheios de balas. Balas de chumbo. A sua história ele próprio contou-me [...]. No morro, depois de destrutado por um malandro, disfarçou, esperou o sujeito dar-lhe as costas e então matou-o com dois tiros. No dia seguinte, imaginando que por certo o irmão do morto, que também era malandro, haveria de querer vingar-se, foi até o barraco do mesmo e, no silêncio da noite, na pontinha dos pés, matou-o dormindo. Anteriormente já havia o pivete matado o português, dono de um bar, que o pegara com a mão dentro da gaveta da caixa. Acontece que os dois irmãos que matara eram muito considerados no morro e além disso os cabeças de uma quadrilha de assaltantes. O morro em luto se revoltara e queria a cabeça do garoto. Era esse o hóspede que o Osny me arrumara, enquanto ficava se divertindo com as cariocas, sem dúvida alguma às custas do dinheiro que me “chutara” durante o tempo em que estive preso. Mas a batata dele estava assando. Livrar-me daquele assassinozinho não foi fácil O desgraçadinho ficou uma semana no apartamento até que eu conseguisse dele livrar-me. E não foi uma semana lá muito agradável para mim, pois dormir sossegado com aquele minipsicopata dentro de casa, que inclusive achava mais prático matar os outros dormindo, não era nada fácil. Mesmo nos nossos bate-papos eu sofria imensamente com a preocupação de não vir a dizer algo que o desagradasse. E à noite, insone, apavorava a idéia de poder vir a ocorrer um desentendimento entre eu e aquele menino. [...] Pior que ter que matar um menino a tiros, só esmo o ser morto por um menino.<sup>206</sup>

Mas Joanides, sempre atento às histórias das pessoas, descobre uma tia do menino, por parte de seu pai,

... a qual vivia lá pelas bandas de Santo André, onde possuía uma vendinha. A única informação que o menino tinha sobre tia e vendinha é que nesta, aquela vendia galinhas. Só isso. Empreguei três vadios da “Boca”, choferes de praça, durante dias seguidos, na procura e localização da tal vendinha. As despesas, desde as diárias dos carros até almoço e jantar e ainda os tóxicos que consumiam eram todas por minha conta. O prêmio [...] era um quilo de maconha. Claro que a localizaram, mas o danado do garoto [...] não mostrou-se nada disposto a trocar as atenções e a gentileza que estava encontrando no aconchego do meu lar pela duvidosa receptividade de uma parenta que não via há anos. Daí foi demais, e no dia seguinte, mancomunado com uns malandros, foi encenada uma batida policial no meu apartamento, [...] quando então “escapei-me” com o garoto pelos fundos, descendo por uma corda, acrobaticamente. Na rua, mandei que um chofer levasse o matadorzinho para a bendita tia, prometendo a este que um ou dois dias depois, assim que a coisa esfriasse, eu iria buscá-lo. E nunca mais vi ou soube do tipinho. Nesse tempo, [...] a situação não chegava a ser das mais negras. [...] Se abrissem apostas na “Boca” [...], a cotação das apostas, na pior das hipóteses, seria então na base do um por um; do meu ponto de vista não era um jogo lá muito bom, mas ainda dava pra tentar. Na continuação é que ficaria mil vezes pior.<sup>207</sup>

O realismo do texto de Joanides e a sagacidade da leitura que faz das situações e das pessoas dão crédito às suas especulações e estimativas.

E foi aí que conheci a Cláudia, que também viria a tornar-se famosa no “submundo” [...] entre as dez mulheres mais lindas que os meus olhos já viram. E não apenas na “Boca”, claro, mas em qualquer lugar, em carne e osso, fotografia ou quadro, no cinema, na rua, ou em sonhos. Quase loura, 1,70, robusta sem ser gorda [...]. Aonde quer que ela fosse, estivesse ou passasse, não havia cristão, maometano ou budista que não se embasbacasse ante a sua figura. Inteligentíssima, com instrução acima da média, absolutamente sensual e charmosa, possuindo ampla consciência da sua própria beleza e grandes dotes teatrais, era com extrema facilidade que [...] manejava,

<sup>206</sup> Idem, ibidem, p. 145.

<sup>207</sup> Idem, ibidem, p. 146.

dirigia e apaixonava homens e mulheres, pois era heterossexual. Mas o que tinha de beleza faltava-lhe em escrúpulos. Era má, terrivelmente má, a minha querida Cláudia. Num seu interesse, por mínimo, mais trivial que fosse, não hesitaria em sacrificar inocentes, arruinar vidas, causar mortes. Dói-me dizê-lo, mas dentro daquelas formas esfuziantes de beleza, de uma beleza quase absurda, habitava um monstro. Mais que a sua capacidade artística de mentir, fingir, enganar, ameigar-se ou irritar-se, rir ou chorar a hora que bem entendesse, com naturalidade impressionante, o que assombrava mesmo era o maquiavelismo das suas idíias malélicas. [...] Profundo conhecedor e estudioso que sou da maldade humana, tampouco escapei da armadilha “claudiavélica” que aquela demônia louca e voluptuosa armou-me, velhacamente, quando achou de servir-se de mim sem seu proveito próprio. Foi quando a conheci.<sup>208</sup>

### **As mulheres e Joanides no “pedaço”**

JK era o “presidente bossa-nova” e Tom Jobim batia recordes de vendagem, com “Garota de Ipanema”, depois de surgir no cenário musical carioca e brasileiro, recebendo seu primeiro salário de músico, na orquestração e regência do musical de Vinícius de Moraes – *Orfeu do Carnaval* – com a canção Manhã de Carnaval, de Antônio Maria. Interessante injeção rítmica e histórica. Ao contrário dos que professam a maior complexidade da *bossa nova*, aproximada harmônica e ritmicamente do *jazz* americano, músicos do *samba de breque* defendem que Tom e João Gilberto, na verdade, simplificaram o samba para os gringos, pois o *samba de breque* evoluía num sentido e nível de dificuldade e complicação inacessíveis para os estrangeiros. Freqüentador dos salões de baile da malandragem, Joanides usa com propriedade a comparação rítmica e prossegue a descrição musical dos sentimentos despertados pela aparição de Cláudia. Cláudia, manipuladora, a própria “Malévola” personificada, a beleza a serviço do mal. Joanides não parava de atrair problemas cada vez maiores, como se fosse um *buraco negro*.

Aos meus ouvidos, onde mil passarinhos cantavam, o que a Joana dizia me chegava aos picados: “... minha amiga”... “confusão”... “está louco”... Subimos para o apartamento, a Cláudia à minha frente, os seus soluços, lindos soluços, marcando o compasso do bamboleio que as carnes do seu traseiro faziam no movimento de subir as escadas. Em casa, a história saiu. Era amigada com um tira (hoje ex-tira, o Ari) a quem eu tampouco conhecia senão de vista. O Ari, que pouco tempo depois seria excluído da Polícia, encontrava-se licenciado para tratamento de saúde... mental. As “picadas”, que ele tomava às dúzias, haviam-no deixado lelé da cuca. Era “gamado” na Cláudia, o que vinha demonstrar que não era tão louco assim. Acontece que alguém fora dizer-lhe que eu andava dando em cima da diva louca e que ainda pouco antes, naquele mesmo dia, armara uma cena com a dita cuja em plena Praça Júlio Mesquita, quando, repellido em minhas pretensões amorosas, eu teria tentado colocar em suas mãos (dela) um bolo de notas de mil, para que se deitasse comigo. Ainda assim repellido, eu teria afirmado, antes de retirar-me, que qualquer hora iria assaltá-la e possuí-la “na marra”. Ao saber disso, o cara, que já vinha misturando estação, entrou em curto circuito. Dera uns tapas na Cláudia e saíra, babando, dizendo que iria matar-me. Uns primos do Ari, que eram malandros e freqüentadores da “Boca”, foram

<sup>208</sup> Idem, *ibidem*, p. 146.



acionados pela Cláudia, e estes, juntamente com alguns investigadores amigos daquele, haviam logrado encontrá-lo e desarmá-lo. Agora o Ari andava percorrendo a “Boca” em busca de um revólver para matar-me. E fora por isso que a Cláudia, dizia ela, me procurara. Ela temia pelo Ari, [...] que no caso de um entrevero entre eu e o maluco do seu amado ela não tinha dúvida alguma quanto a quem sairia vencedor: ela era mais eu. Dulcinéia maquiavélica a insuflar vaidade no estúpido Dom Quixote. Por mais imune que me fizera a esse tipo de vaidade, não creio tenha então saído ileso daquela tácita lisonja. [...] De qualquer forma, não teria sido preciso, pois já caíra na armadilha da beleza e naqueles momentos, no ardor da coisa, me disporia alegremente a trocar tiros com um batalhão, se o prêmio fosse a Cláudia.<sup>209</sup>

Joanides troca, aqui, seu habitual “Romeu” e “Julietta” pelo “estúpido Dom Quixote” e a “Dulcinéia maquiavélica”, mudando de Shakespeare para Cervantes, mas referindo-se, no fundo, à mesma incompatibilidade trágica, seja dos amantes jovens que não aceitam a realidade, seja do velho, cujos valores e código de honra se tornaram anacrônicos, fazendo dele o “cavaleiro da triste figura”.

Despedindo a Joana [...], deixei a Cláudia fechada no apartamento, assistindo televisão, e saí à procura do Ari. De madrugada, [...] já o haviam levado a uma Casa de Saúde para mais um tratamento de desintoxicação. Sendo assim [...], retornei ao apartamento, para os braços da louca que passara a ser minha terceira mulher, ao lado da Zenaide e da Rosa. Passados uns dias, o Ari, recuperado da intoxicação de alucinação anfetamínica, mas não do vício, procurou-me e conversamos longamente. Embora se confessando “gamado” pela Cláudia, não mais a queria, e explicou-me o porquê. Pintou-a como sendo a personificação da maldade, intrinsecamente amoral, capaz de tudo, de qualquer coisa, por nada. Uma destruidora de homens. E apresentou-me sinceras condolências pela aquisição. Não acreditei nem desacreditei, apenas alertei-me. E foi por estar alertado que dias depois, numa conversa casual com algumas conhecidas minhas, captei numa frase de uma delas a pista que levou-me à história real daquele caso Ari-Cláudia-Hiroito, que havia terminado bem mas que poderia também ter dado em sangue. [...] A partir da suspeita [...] tive que coletar dados, justapô-los e dali deduzir a verdade, que aliás me foi confirmada, entre lágrimas, pela Cláudia. O certo é que ela queria livrar-se do Ari.<sup>210</sup>

Tramara a ficção para jogar o Ari de encontro à morte, no caso, personificada por Joanides.

Desmascarada, não negou. Apenas chorou muito, pedindo que não a deixasse, que aprendera a gostar de mim, etcetera e tal. E seguimos juntos, mais amigos que amantes. Também eu aprendera a gostar dela, e muito, com aquele misterioso bem querer que muito amiúde leva mãe a amar mais que aos outros o filho que não presta. A Cláudia, era uma toxicômana “encruada”. Tomava “picadas” desde os tempos em que quase ninguém as conhecia. Os efeitos secundários que a anfetamina provoca não a atingiam. Ela tomava uma dose cavalara de “picadas” e uma hora depois sentava-se num restaurante e comia como uma égua. Depois de ter-se aplicado vinte ou trinta ampolas no curso de um dia, de madrugada ia para a cama e dormia como se tivesse tomando um sonífero. [...] Acho que ela não era humana. Se fizera adoradora da deusa-anfetamina, e sentia uma satisfação enorme em conseguir adeptos, em converter pessoas ao vício. Fazia hinos de louvor e ensaios dialéticos em prol das “picadas”, oferecia, tentava, insistia, até que se as experimentava. Fora assim com o Ari, com muitos outros e comigo também, com a diferença única de que não me pus a acompanhá-la nas dosagens maciças: enquanto ela tomava trinta, eu ficava nas três.

<sup>209</sup> Idem, ibidem, p. 147-148.

<sup>210</sup> Idem, ibidem, p. 148-149.

Acompanhá-la seria um atalho para a loucura, uma loucura da qual ela estava escape, imunizada sabe lá Deus, ou o Diabo porquê.<sup>211</sup>

Foi quando Nelinho saiu da prisão, agora com a alcunha “da 45”.

Eu e a Cláudia, que não conhecia o Néelson senão de nome, fomos assistir ao julgamento. A platéia era enorme para ver o julgamento do “bandido”, mas foi a Cláudia que monopolizou a atenção geral. A danadona, de cabelos soltos, se pusera dentro de um vestido azul-clarinho, muito leve, que resultara numa coisa tão linda, que se fazia custoso dela despregar os olhos, para se atentar no que dizia o promotor ou o advogado. O Judeu deixara de ser a “estrela” do dia. O Néelson foi condenado apenas por agressão e não por tentativa de homicídio e, como a pena aplicada fora menor que o tempo que passara preso à espera do julgamento, soltaram-no no mesmo dia. E houve festa na “Boca”. Para comemorar a liberdade do “Judeu”, ofereci-lhe uma festa na “Mansão”, onde não faltou sequer *strip-teases*, com várias garotas demonstrando os seus conhecimentos na difícil arte de bem tirar a roupa. Dias após, o Judeu, cara-de-pau como sempre, já sabedor por mim próprio que eu queria a Cláudia muito mais como amiga que como amante, simplesmente pediu-me-a de presente, pois, afinal, argumentava ele, eu já tinha a Zenaide e a Rosa. A Cláudia, consultada a respeito, certa de que jogando no meu clube jamais chegaria ao time principal, não passando de segunda reserva, de bom grado mudou de camisa, passando a defender as cores do Nelsinho, na qualidade de titular absoluta. Com a vantagem para ela de seguir sendo minha camaradinha e, portanto, filiada à Federação.<sup>212</sup>

Mulher objeto, moeda de troca entre malandros reis do crime, vista sob o prisma da linguagem futebolística.

O Néelson fora por mim avisado quanto à periculosidade da mulher-anjo-demônio, mas achou-se capaz de mantê-la em rédea curta. E de fato, se se fizer um balanço geral da vida-guerra que tiveram em comum por vários anos, a Cláudia saiu no prejuízo. O que ela possuía a mais em maquiavelice, ficava compensado pela capacidade de violência que ele tinha. E foram infelizes por muitos anos. No transcurso desses acontecimentos o Osny seguia aprontando-me uma “fria” atrás da outra. [...] E no dia seguinte lá vinha o recado do Dr. Minervino para que eu comparecesse à Delegacia.<sup>213</sup>

“Azar no jogo, sorte no amor”, diz o ditado. E, de fato, Joanides foi bastante afortunado por ter o companheirismo, amor e carinho de belas mulheres nos diferentes momentos de sua vida agitada e perigosa, sempre passando por tremendas crises.

Foi então que a Carioquinha entrou em minha vida. Seu nome era Ana Maria, tinha dezesseis anos e era terrivelmente graciosa, algo lindo de se ver. Teria 1,50 ms de altura e embora quase magra, possuía um par de seios tamanho família. A graça e a feminilidade que lhe eram naturais ela levava aos seus extremos, através de trejeitos, biquinhos e um falar pipilativo que faziam de si uma coisinha encantadora. Paradoxalmente, foi das mulheres a mais destemida que conheci. Não que o perigo a seduzisse, ele simplesmente não lhe dizia nada de mais. [...] Os três meses que passaria ao meu lado, noite e dia, enquanto toda a Polícia me caçava vivo ou morto, não se passando um só dia sem que me envolvesse em perseguições, tiroteios, cercos, agressões e toda espécie de violência, não creio que outras mulheres, mais adultas, vividas, tarimbadas, houvessem suportado. Sequer quando as “picadas” (que em meu desespero passara a tomar às dezenas) deixaram-me meio endoidecido, sequer aí a

<sup>211</sup> Idem, ibidem, p. 149-150.

<sup>212</sup> Idem, ibidem, p. 150.

<sup>213</sup> Idem, ibidem, p. 152.

danadinho da menina abandonou-me, embora diariamente ameaçasse fazê-lo. A verdade é que seu orgulho, ou o seu senso de lealdade, ou outro qualquer sentimento nobre impedia-a de deixar-me numa situação tão miseravelmente desgraçada como aquela, quando todos fugiam de mim como de um cão danado, e os que não fugiam é porque estavam a caçar-me com “ordem de atirar para matar”, conforme enfatizavam os jornais, as emissoras de rádio, os canais de televisão, diariamente, como se fora o estribilho de um canto fúnebre antecipado. A menina Carioquinha e um outro menino, este doente das faculdades mentais [...] foram as duas únicas pessoas que não me abandonaram, que seguiram até o fim ao lado meu. Até mesmo os valentes, os amigos mais chegados, os poucos que não me traíram ou que deixaram de aproveitar-se da minha desgraça [...] acabaram por evitar-me [...]. Não os censuro. <sup>214</sup>

A mais menina foi a mais valente das companheiras de Joanides. Talvez, insensatez juvenil, talvez lealdade e amizade mesmo.

Se não morri devo-o em grande parte à ajuda que a Carioquinha prestou-me [...], com uma eficiência absoluta para a quase menina que era. Mas reclamava que nem uma velha [...]. E as nossas brigas eram absurdas: uma vez era por ela achar de querer que eu a levasse para dançar (ela, não eu) iê-iê-iê numa boate da Rua Augusta, embora toda a Polícia de São Paulo estivesse nos caçando [...] e a minha fotografia saindo no jornal mais que anúncio de liquidação das lojas Mappin. Noutra vez, batia o pé, furiosa, porque me recusava levá-la a comprar uma saia vermelho-xadrez qe vira de passagem, numa vitrina, por quando fugíamos de carro, entre tiros, a uma perseguição policial... E, quando percebia que nervosinha nada iria conseguir, apelava para a sedução, fazia-se a mais fina e graciosa das meninas. Primeiro sentava-se bem na pontinha da cadeira, ou da cama, com as perninhas cruzadas, o dorso todo empinado, e com voz de passarinho passava a expor o seu “plano”, que de aproveitável só tinha a graça com que o expunha, e que seria mais ou menos assim: “Olha, bem, a gente faz o seguinte: o Paulinho nos leva (Paulinho é o garotão amalucado que surgirá mais à frente), a gente passa na porta da loja, eu desço correndinho, compro a saia – não precisa nem experimentar – é um minuto só, e a gente vem embora. Vamos, vai, eu queria tanto!”... Então eu procurava apavorá-la, explicando que a tal loja ficava num local por onde passavam muitas viaturas policiais, que a Polícia estava usando metralhadora na minha captura (o que era verdade) e perguntava-lhe se ela sabia o que era uma metralhadora. Não, não era aquilo com que outro dia “eles” haviam atirado na gente, aquilo era carabina, metralhadora era muito pior. Metralhadora sai uma porção de balas junto, ela corta a gente no meio. E com um rá-tá-tá-tá-tá onomatopaico eu fazia o gesto de cortá-la ao meio, perguntando-lhe se gostaria que nos partissem os dois em quatro. “Ah, ‘eles’ não vão pegar a gente!”, dizia ela com uma convicção que se fundava única e exclusivamente no ardor com que o expressava e, após uma pausa, emendava: “Vamos, vai, eu queria tanto...” Mas o pior é que na maioria das vezes lograva “convencer-me” e lá ia eu arriscar a minha vida por uma saia vermelho-xadrez que a Carioquinha achara bonita. Era afinal um direito que tinha, já que ela arriscava a sua noite e dia pelo simples fato de estar junto comigo. <sup>215</sup>

Difícil explicitar com maior clareza o golpe baixo do apelo publicitário aos anseios infantis. Como convencer uma criança pidona seduzida pelo fetiche da mercadoria? Invariavelmente, ela vencerá pelo cansaço o adulto já cansado pelo trabalho ou correrias outras na luta pela sobrevivência e pelo pão de cada dia.

Esses três meses que passamos juntos, em fuga, foi a temporada mais doida da minha

<sup>214</sup> Idem, *ibidem*, p. 152-153.

<sup>215</sup> Idem, *ibidem*, p. 153-154.

vida, o absurdo, em tudo, se fazendo rotina. Foi também o encerramento do meu “reinado” na Boca do Lixo e será com a narração desse período que estarei encerrando estas memórias. Conheci a Carioquinha por intermédio da Cláudia. Sua história era a de tantas outras meninas. Fora seduzida, fugira de casa, perambulava pela Rua Augusta, aparecera na “Boca”. De carioca só tinha o apelido, sei lá porquê pois era de Minas Gerais. Não era culta, mas instruída, possuindo boa educação familiar-religiosa. Pouco antes de conhecê-la eu havia rompido definitivamente com a Rosa e o meu relacionamento com a Zenaide definhava irremediavelmente, corroído por anos a fio de atribulações. Seis anos como minha mulher haviam minado a sua fortaleza de ânimo, esgotado seus nervos, sua fibra, sua paciência, e o amor. De fato, era muito em preocupação, sustos, angústias, para uma mulher suportar sozinha ao longo de tantos anos.<sup>216</sup>

Joanides é compreensivo com os outros, entendendo sempre suas razões, seu lado na história vivida em comum e nos desentendimentos e separações. Não exige das mulheres que sejam “Amélias”.

Quando ensaiávamos a separação, [...] a 15 de dezembro daquele ano, 1962, tive a minha prisão preventiva decretada [...]. Era preciso que me escondesse até que conseguisse a revogação do meu mandato de prisão, porém antes de fazê-lo voltei a conversar com a Zenaide sobre a nossa separação. Embora ela muito a desejasse e a soubesse não só aconselhável mas inevitável, o seu orgulho impediu-a de tratar do assunto, estando eu naquela situação de foragido. Seria indigno, achava ela, separar-se de mim naquela oportunidade [...]. Apenas ela, e ninguém mais, estando fugido, fora da “Boca”, é que poderia conservar ali tudo o que eu tinha. Sem ela, em quinze dias os meus negócios estariam arruinados, do que me sobraria ainda um prejuízo maior: o de ter que dar tiros naqueles que os houvessem arruinado. E ainda então altiva, não quis ela falar por ora na separação. [...] Nesse tempo as apostas já estariam ali pelo 1,5x1,0 a favor da minha destruição a curto prazo. Os jornais [...] a cada dois ou três dias reclamavam a minha captura [...]. Mas eu andava na moita, só aparecendo na “Boca”, de passagem, lá pelas seis da matina, quando o policiamento noturno já havia cessado e o diurno não começara ainda. E ninguém me via. Era preciso tirar-me da toca. E foi então que o Dr. Minervino começou a apelar. A Zenaide, sabia ele, era a chave do meu sucesso como foragido. Sem ela fazendo as minhas vezes, representando-me no “pedaço”, forçosamente teria que dar as caras. [...] O que sei é que passou [...] a aconselhar a Zenaide a que me deixasse logo de uma vez, que fosse cuidar da sua vida, que ela era moça ainda, com todo um futuro pela frente, etcetera e tal. [...] E no dia 31 de dezembro, a Zenaide fez as malas e se mandou. Ano novo, vida nova.<sup>217</sup>

Primeiro aquela prisão no Natal, quando do seu primeiro “negócio” ilícito; agora, abandonado pela mulher e representante comercial na véspera do ano novo... Mas pior ainda.

Avisado pelo Osny, na manhã seguinte, de imediato fui em casa apanhar a carta, ou bilhete, de despedida. E foi aí que tudo se complicou. Não havia carta, nem bilhete, nem uma palavra. E perdi as estribeiras. A alma humana é um enigma, e por mais envelhecida, batida, castigada que a vida a tenha feito, apresenta por vezes susceptibilidades de criança. Houvesse a Zenaide deixado uma cartinha, um bilhete ao menos, ou um simples “tchau”, escrito em batom no espelho da penteadeira e tudo estaria bem. [...] Mas ir-se sem uma palavra? Sem uma satisfação, uma explicação, um adeus? Aquilo feriu, magoou, ofendeu e revoltou a minha alma, no mais íntimo de meu ser. E no próprio local jurei a mim mesmo que haveria de encontrá-la, iria buscá-la onde quer que estivesse, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida Por

<sup>216</sup> Idem, ibidem, p. 154.

<sup>217</sup> Idem, ibidem, p. 155-156.

que, ou para que, se não mais a queria> Não sei ao certo, nunca alcancei bem compreendê-lo, embora não poucas vezes no futuro me tenha entregue a demoradas análises na busca de uma resposta para tais perguntas, de uma explicação para aquela minha decisão irrevogável, tão estúpida quanto obsessiva. Decisão que me levaria a derramar muito sangue, a abalar a opinião de uma cidade inteira, a fazer-me caça e caçador ao mesmo tempo, levando-me à ruína total e à beira da loucura. As repostas que encontrei foram tantas quanto as vezes que as procurei. De tantas e tão diversas entre si, sobrou apenas a certeza de que aquilo que eu queria era demonstrar, como que provando, alguma coisa à alguém. O quê, ou a quem, se a mim, à Zenaide ou ao mundo, sigo ignorando. O que ficou certo mesmo é que eu teria que encontrá-la, de qualquer jeito, a qualquer custo. E encontrei-a. <sup>218</sup>

Quem nunca passou por uma confusão emocional do tipo? Mas algo assim numa personalidade tão violenta quanto Joanides e sob a pressão tamanha que o oprimia então, não se resolveu naturalmente, com o tempo, como comumente acontece. Uma foto da Carioquinha, 3x4, preto e branco, abre o penúltimo capítulo, intitulado “Tempo de caça”, em que a Carioquinha leva-o para conhecer o jovem Paulinho, desde menino comprometido na saúde mental pelo vício das picadas. Tornou-se Paulinho, que possuía um Volks, o motorista de Joanides enquanto estava foragido. Uma súbita simpatia fez nascer entre ambos um afeto desmedido. Desse modo, no olhar do autor, Paulinho detinha uma loucura singularíssima, “fechada em si mesma, profunda e calma, uma coisa toda e apenas sua, que não se imiscuía nas coisas do mundo, que não se exteriorizava, nunca, por palavras ou gestos. Era a sua a mais eremita das loucuras”. <sup>219</sup> E Joanides compensava, certamente, a tremenda introspecção do novo amigo com ser tão bom de prosa e compreensivo. Mas Paulinho possuía outra qualidade que, para a situação, foi decisiva.

O automóvel possuía para ele um significado diferente, estranho, muito íntimo. Não aquele automóvel, mas o automóvel em si, como coisa. Custava-lhe imenso sair, afastar-se do carro e, fora dele se sentia como se estivesse nu. Embora filho de gente rica e morando em casa à altura, de conforto, luxo, muito amiudamente dormia no próprio carro, numa qualquer travessa pouco movimentada. O veículo era como que um prolongamento do seu ser. E por isso talvez é que dirigia tão absurdamente bem, fazendo praticamente o que bem entendesse com o carro. O único problema em tê-lo ao volante era a compulsão inconsciente, invencível, que o levava a dirigir sempre em frente, mas sempre mesmo, até onde desse, até que um obstáculo em nível o impedisse de seguir fazendo-o. Então, invariavelmente, virava à direita. Sempre à direita, nunca à esquerda, para de novo seguir sempre em frente, até onde desse. [...] As ordens de manobra tinham que lhe ser dadas uma por uma, pois se lhe dessem duas ao mesmo tempo, com o realizar a primeira delas a segunda apagar-se-ia da sua memória. O pior é que por mais que andasse, a cidade não se lhe fazia conhecida [...]. Em compensação, o que fazia com o carro nesse “dirigir sempre em frente” não estava escrito em revista alguma de automobilismo. Deixo aqui de contar as proezas que assisti o Paulinho-automóvel realizar, em ocasiões que perseguidos fomos por viaturas policiais, por saber que ninguém me acreditaria; é que não dá mesmo para se

---

<sup>218</sup> Idem, *ibidem*, p. 156.

<sup>219</sup> Idem, *ibidem*, p. 158-159.

acreditar.<sup>220</sup>

Por dois meses, o aparato policial o perseguia e ele, noite e dia, caçava a Zenaide. Foragido, levou ao limite a caçada insana. Ele mesmo caça e caçador, passou a abusar das “picadas” de anfetamina para conseguir permanecer acordado e morar no fusca do Paulinho, com ele e a Carioquinha. Sem Zenaide cuidando dos negócios e ainda por cima sendo perseguido pela polícia e pela imprensa, a *Boca do Joanides* foi pilhada por seus próprios sócios, o Osny e a Lêda. Mas seguindo em busca de Zenaide, o nome que encontrou era Lia, esta que poderia ter alguma informação do real paradeiro. Estrategista, Joanides apelou para a eficácia da violência, temendo que Lia, que fora sua amante, pudesse ter tempo de dialogar. Se ele a visse chorar, perderia por completo o objetivo. De maneira que, quando chegou ao apartamento de Lia, a agrediu e apontou-lhe a arma. Dominada, os nervos em frangalhos, disse o nome da cidade: São José do Rio Preto, interior de São Paulo, a 442 km da capital que, com a Estrada de Ferro Araraquarense (EFA), em 1912, tornou-se polo comercial de mercadorias do então famoso “Sertão de Avanhandava” e materiais trazidos da capital. Joanides descobre o rufião que levava Zenaide e arranca dele as informações. Liga para Zenaide mas ela, disfarçada com outro nome, Leyla, finge não reconhecê-lo ao telefone. Mesmo assim, ele a pressionou, para que voltasse de livre vontade, “que não queria ir buscá-la pessoalmente, pois isso implicaria em ter que castigá-la”. No dia seguinte, os jornais da capital, na última página, eram dedicados à Joanides e Zenaide, esta que tinha vindo para São Paulo e fora pedir seguro de vida no Departamento de Investigações, na Rua Brigadeiro Tobias. Acometido de diversas enfermidades, Joanides despediu-se do Paulinho e seguiu com a Carioquinha para o Rio de Janeiro. Se recuperasse a saúde, não desistiria de continuar na caça da Zenaide. Mas “cagoetado” e cercado por “tiras de São Paulo”, Joanides volta e negocia, então, com seus advogados um “furo” de reportagem:

[...] uma pequena contra-ofensiva nossa para desmanchar, diluir a imagem monstruosa, de besta-fera, que a Imprensa criara e infundira através de toneladas de manchetes escandalosas. Nada melhor que eu próprio para consegui-lo, afirmavam-me, se eu pudesse aparecer e falar publicamente, sem que minhas palavras fossem distorcidas, a imagem de monstinho iria pra cucuia. Tinha-se que apenas com o ver e ouvir-me, pelo meu jeito, meu modo de expressar-me, as pessoas não poderiam deixar de concluir que alguma coisa de errado havia em tudo aquilo. A idéia que haviam formado, imposta pela Imprensa, a meu respeito, simplesmente não cabia, não se ajustava à pessoa que estariam vendo e ouvindo.<sup>221</sup>

Desse modo, a discrepância de sua aparência com o ambiente da marginalidade, uma

---

<sup>220</sup> Idem, *ibidem*, p. 176.

<sup>221</sup> Idem, *ibidem*, p. 176.

das fontes principais dos problemas que o levaram à escalada de violência na Boca, agora poderia ajudá-lo na defesa da sua imagem pública. Que ironia!

A “Boca”, com meu retorno, se pusera em suspense, com muita gente, de consciência pesada, andando a moita. Mas estava resolvido a não “aprontar” nada, com ninguém, de jeito algum. Se o fizesse, bem sabia, estaria tudo perdido pro meu lado. A Zenaide, conforme previra, não queira mais saber de brincadeira. Desejava “entregar-se”, mas fazia exigência através de mediadores. Queria a minha palavra garantindo-lhe que [...] não viria a sofrer violência de minha parte. A lenga-lenga era sempre a mesma [...]. Recusei-me a admitir que qualquer pessoa se imiscuísse na nossa vida particular. O que deixava certo é que se ela não voltasse eu iria buscá-la. Por fim, a Elza, uma amiga muito querida, que fora nossa madrinha de casamento, uma tarde mandou chamar-me à sua casa e ao abrir-me a porta, depois do devido abraço, lacônica e prática como sempre fora, comunicou-me: “A Zenaide está na sala à tua espera” Estava mais bonitona ainda, a danada. Não houve censuras, nem ameaças, nem ofensas ou lágrimas. Dirigi o encontro e a conversação tal como se tudo não passara de um período de fêria que o casal houvera passado separado. E, naquela noite, demos uma desfilada, eu e a Zenaide, por toda a “Boca”. Na manhã seguinte, quando todos, principalmente a Zenaide, acreditavam que tudo voltara às boas, eu próprio refiz as recém-desfeitas malas da fujona e, sem muitas palavras, mandei-a embora, tendo cavalheirismo de acompanhá-la até o táxi. Para isso foi que a procurara, a caçara por mais de dois meses, feito louco, arriscando dia e noite a minha vida enquanto toda a Polícia me caçava? Fora então para isso, para encontrá-la, trazê-la de volta e pura e simplesmente dispensá-la que estivera a apavorar o “submundo” em ondas de violência que iriam render-me vários e vários anos de prisão? Fora sim, fora para isso. Por que? Bem, a esse respeito tudo o que sei é que foi porque ela não deixou, ao ir-se, uma qualquer explicação, uma palavra ao menos de despedida.<sup>222</sup>

“O coração tem razões que a própria razão desconhece”, sentencia um ditado popular. Hegel teorizou que a paixão é a astúcia da razão da história, a força cega que impulsiona as forças humanas num sentido misterioso que revela a finalidade, o telos, o espírito, a razão da história. A paixão de Joanides o impulsionou em sua trajetória alucinante de crimes e violência, mas, ao final, sua luta pela vida e capacidade de superação o levou a escrever esse incrível romance policial, essa aventura de ação, suspense, amor e humanidade. Poderia encerrar aí a narrativa, mas ainda conta o duelo com seu comparsa trapaceiro, o Osny, além de mencionar o destino de vários valentes da Boca do Lixo e seus fins trágicos. Assim como de sua “Dulcinéia maquiavélica”, Cláudia encontrou a morte, abusando das drogas, morreu nas mãos das picadas. Por fim, conta a morte do Néelson e do Osny, seus comparsas mais próximos. E conclui:

Ao sair da prisão fui encontrar a Boca do Lixo, como sede do “submundo”, como área delimitada de prostituição e criminalidade, já extinta. Naqueles sete anos, acompanhando a evolução econômica da nação – mais especificamente o progresso da indústria automobilística com a consequente popularização do automóvel – a prostituição assumira novas feições. Com a “automovelização” da freguesia o baixo meretrício, que é o seu grosso, passava a ser exercido todo ele pelas ruas e avenidas da cidade e praticado, ou seja, consumado em seu ato, no interior do automóvel do próprio freguês, para tanto estacionado em qualquer dos “drive-in” surgidos às centenas, ou mesmo qualquer rua mal iluminada. Chegava ao fim a era

<sup>222</sup> Idem, *ibidem*, p. 178.

“hoteleira-prostitubular”.<sup>223</sup>

Demarcado o período, Joanides conclui com uma, muito duvidosa e questionável, demarcação territorial da prostituição em São Paulo.

Os pontos de prostitutas, os locais, geralmente esquinas, onde permanecer à escolha dos passantes, dos “michês” motorizados, foram surgindo, ou mais precisamente se alongando, de modo deveras interessante, a partir do foco inicial, do berço primeiro: a Boca do Lixo. Empurradas pela repressão policial as prostitutas foram subindo as avenidas principais, no sentido cidade-bairro. Desde a Praça Júlio Mesquita estendeu-se a prostituição pela Av. São João acima, até alcançar e subir pela Av. Angélica. No fim desta, ramificou-se, parte dela dobrando à direita, seguindo o curso da Av. Dr. Arnaldo, enquanto outra parte, que dobrara à esquerda, seguiria pela Av. Paulista. Uma teceira ramificação ainda metia-se pela Av. Rebouças, passando desta para a Av. Brasil, a Av. República do Líbano e Ibirapuera. Uma outra corrente que desde a Praça Júlio Mesquita, descera a Av. São João no rumo do centro da cidade, estender-se-ia à Pça. Do Correio não sem antes bifurcar-se na Rua da Consolação e, por esta, até a Av. Paulista. Era esse o cenário da prostituição em São Paulo já no ano de 1970. A Boca do Lixo fora territorialmente reconquistada pela Sociedade. A cidadela dos desajustados não resistira aos assédios das “tropas” moralistas e seus habitantes, em fuga, espalharam-se por toda a cidade, invadindo as áreas de comércio, as zonas residenciais, misturando-se à gente de bem de todas as classes sociais. A Boca do Lixo morrera? Não, pelo contrário, crescera assustadoramente, E seguiria crescendo. Hoje ela ocupa uma área de 1.493km<sup>2</sup>. Exatamente a superfície ocupada pela cidade que mais cresce no mundo.<sup>224</sup>

Desfecho mais propriamente poético e utópico que histórico ou sociológico, talvez, da perspectiva de um narrador tão mulhengo. Influência de Bocage, herança dos tempos de estudante, é possível. Além das manchetes sensacionalistas e da historiografia que o cita, a saga de Hiroito de Moraes Joanides foi filmada em um longa-metragem, acompanhado de toda a publicidade, *marketing*, participação em festivais e crítica jornalista. Luiz Zanin Oricchio publicou um breve artigo em *O Estado de S. Paulo*.

Hiroito de Moraes Joanides (1936-1992), o Rei da Boca nos anos 60, está renascendo no centro histórico de Santos e nas ruas de São Paulo, próximas à Estação Armênia do Metrô. Nessas locações está sendo rodado Boca do Lixo, de Flávio Frederico, filme baseado nas memórias de Hiroito, em livro homônimo que teve tiragem inicial de 30 mil exemplares. Hiroito escreveu-o para se justificar. Acabou por traçar um retrato bastante amplo da sua época, pelo ângulo do crime. Foi um personagem e tanto. O nome veio da admiração do pai pelo imperador japonês. O sobrenome Joanides é de origem grega. A relação com o pai parece ter sido das mais conflituosas. A tal ponto que Hiroito foi acusado de matá-lo, o que sempre negou. A acusação estaria na origem da sua vida de crimes, um currículo tão vasto que necessitava de um dossiê de 20 metros para abrigá-lo. As filmagens foram feitas no centro histórico de Santos, na Rua do Comércio, próximo ao Santuário do Valongo. Um ambiente que conserva perfeitamente a fisionomia da época, anos 40 ou 50. Algumas sequências foram observadas pelo Estado. Numa delas a câmera passeia (em dolly, deslizando sobre trilhos) por algumas atrizes que interpretam garotas de programa. Duas delas estão sobre a calçada; as outras permanecem dentro das casas, sendo vistas pelas frestas dos janelões. “É engraçado”, conta o diretor, “eu vi que esse jeito de as prostitutas ficarem

<sup>223</sup> Idem, ibidem, p. 185 e 186.

<sup>224</sup> Idem, ibidem, p. 186.



dentro das casas, aparecendo pelas frestas, é algo real no Brasil da época; um jeito diferente do das mulheres nas vitrines de Amsterdã.<sup>225</sup>

O tom jocoso do diálogo do diretor com o repórter pode soar chauvinista, ao achar “engraçado” o jeito das prostitutas, entretanto, aponta uma diferença de fato curiosa entre as “frestas dos janelões” e as “vitrines de Amsterdã”. O jornalista d’O Estado, contudo, ao afirmar que o livro é uma justificativa, mostra que não o leu; senão, vejamos como Joanides se posiciona quanto ao problema levantado:

Quero também adiantar que, contrariando ao que me foi insistentemente sugerido por algumas poucas pessoas de vida honesta, gente que através de todos esses anos vem mantendo sentimento de consideração e respeito pelo Hiroito-homem, não irei valer-me destas páginas para intentar "melhorar a imagem" do Hiroito-delinquente, buscando justificar, exculpar ou atenuar os meus delitos, os meus erros, a minha conduta. Não, pois, que, em o fazendo, automaticamente estaria colocando-me à sujeição de vosso julgamento, passando com isso a correr o risco de vir a ser absolvido. E uma absolvição, hoje, quando tenho já por cumprido mais de doze anos de prisão, forçosamente viria impingir-me a coroa de mártir. E essa cruz, indubitavelmente, não a carrego. Já lá se vão mais de vinte anos que ao sentir-lhe o peso por sobre os meus ombros de jovem... larguei-a na estrada. Não, nada mais resta em mim, ou de mim, a ser julgado. Doze arrastados anos de cárcere tornaram-me já agora, perfeitamente à vontade para prescindir do vosso julgamento, dado o despropósito de um veredito que, se absolutório, estaria estabelecendo a minha falsa condição de mártir, enquanto, por outro lado, se condenatório, estaria a cobrar-me por aquilo que já paguei. Muito bem pago, por sinal. A verdade é que eu e a sociedade estamos quites.<sup>226</sup>

Talvez, a *sociedade* paulistana estivesse habituada a pensar São Paulo em sua religiosa origem jesuíta, em sua heroica saga bandeirante e em seu sofisticado modernismo contemporâneo, mas nunca do seu ponto mais baixo, como Joanides em *Boca do Lixo*, que Luiz Zanin chamou de “retrato de época do ângulo do crime”. Por este ângulo, não o “do crime” mas o dos marginalizados, a religiosidade, o heroísmo e a modernidade demonstravam seu avesso, a zona, a Boca do Lixo, o Quadrilátero do Pecado. São Paulo, a locomotiva do progresso e modernização do Brasil, quase apagou sua tradição lendária popular da Santa Cruz dos Enforcados e o sebastianismo das heranças coloniais da cultura luso-paulista. Agora eram os jornais que, por meio de suas manchetes sensacionalistas, produziam seus *mitos*.

<sup>225</sup> ORICCHIO, Luiz Zanin Oricchio. Quem foi Hiroito? *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 6 jul. 2009. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/quem-foi-hiroito/>>. Acesso em: 7 jun. 2018. Outro artigo de Zanin parece mais feliz: *Boca, um noir à brasileira*, no mesmo jornal, de 28 de setembro de 2012. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/boca-um-noir-a-brasileira/>> Acesso em: 10 jun. 2018. E, ainda, um de 9 de maio de 2013, *A Boca do Lixo de Hiroito*. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/a-boca-do-lixo-de-hiroito/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

<sup>226</sup> JOANIDES, op. cit., p. 18.

## Considerações finais

Já se considerou aqui com sabedoria a sua transcendência poética. Eu começo por proclamar e apregoar que este é o primeiro monumento à sua memória. E como esta homenagem é um dever para todas as nações da América, honra e amor a esta terra que o faz antes das outras. Proclamo São Paulo do Brasil cidade benemérica em nome da poseia universal.<sup>227</sup>

O teste da narrativa de Joanides como “radiografia histórica da Boca do Lixo”, no contato com o recorte da história de São Paulo, da literatura e da historiografia escolhido, revelou, por contraste, uma complexa trama de conflitos. Como o próprio Joanides admitiu, sua narrativa escapou ao seu controle e tornou-se muito mais uma ode aos seus amores e amigos do que uma “radiografia histórica”, propriamente dita. Um monumento literário. Neruda discursou na Praça das Guianas em 1968 e proclamou São Paulo “cidade benemérita em nome da poesia universal”, homenageando seu amigo, o poeta andaluz assassinado na Guerra Civil Espanhola em 1936, Federico Garcia Lorca. A homenagem de Joanides aos seus amores e amigos na Boca do Lixo, datilografada de dentro do cárcere por um escritor bandido, não vem das luzes das ribautas e do pódio dos vencedores nem da vanguarda revolucionária, mas não deixa de ter, também, sua “transcendência poética”. Até por isso mesmo.

[...] Da Antiguidade ao século XVIII desenvolveu-se, ao redor do conceito de decadência, uma visão pessimista da história, que voltou a apresentar-se em algumas ideologias da história no século XX. Já com o Iluminismo afirmou-se uma visão otimista da história a partir da idéia de progresso, que agora conhece, na segunda metade do século XX, uma crise. Tem, pois, a história um sentido. E existe um sentido da história?

[...] Na realidade, a história deixa de ser científica quando se trata do início e do fim da história do mundo e da humanidade. Quanto à origem, ela tende ao mito: a idade de ouro, as épocas míticas ou, sob aparência científica, a recente teoria do *big bang*. Quanto ao final, ela cede o lugar à religião e, em particular, às religiões de salvação que construíram um “saber dos fins últimos” – a escatologia -, ou às utopias do progresso, sendo a principal o marxismo, que justapõe uma ideologia do sentido e do fim da história (o comunismo, a sociedade sem classes, o internacionalismo). [...]

Contudo, [...] a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje na crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é o

---

<sup>227</sup> Pablo Neruda - *Queriam matar a luz da Espanha*. Discurso pronunciado na inauguração do monumento à memória de Federico Garcia Lorca, em São Paulo, em 1968 – in - *Para nascer nasci*; Difusão Editorial, Rio de Janeiro, 1979; p.191.

monumento.<sup>228</sup>

O livro *Boca do Lixo* é, assim, o monumento literário e histórico de Joanides, seu testemunho dos “anos dourados” das décadas de 50 e 60, a época de ouro em que viveu; numa perspectiva melancólica e decadente que aponta não o progresso histórico, mas a degeneração moral da juventude bandida que o sucedeu e que ele ouviu se vangloriar de esculachar as vítimas, diferente dele e dos bandidos de sua época, que se limitavam ao objetivo do crime e evitavam excessos. Uma aventura policial informada sociologicamente por certo marxismo proforma que aproveita o arcabouço teórico para contextualizar a situação da marginalidade na cidade, mas não adere ao sentimento utópico do progresso da história rumo ao fim da luta de classes e ao comunismo; o que lhe confere extrema ironia e melancolia, fazedo o romantismo do século anterior e o modernismo utópico da geração de 22 parecerem um tanto inocentes. É que a situação brasileira, de fato, derrota qualquer dialética. Apaixonado mais pelo poder do que pela mulher, numa reprodução do machismo patriarcal vigente, Joanides perseguiu Zenaide pela cidade com tal desespero e fúria que parecia querer poder puxá-la de volta, como se estivesse presa numa coleira feito os escravos coloniais. Por mais que tentasse expressar certo cavalheirismo, ele não abria mão do pátreo-poder (costume antigo como a família, a propriedade privada e o Estado). A emancipação feminina em curso nos meados do século XX parece que não lhe tocou, absolutamente. Mas, o tema era mesmo muito recente.

No início do século XIX, prevalecia no Brasil a idéia de que a mulher deveria ser educada para assumir o papel de esposa e mãe [...]. Às mulheres, atribuía-se a incapacidade intelectual inata e aos homens a inteligência e o poder de decisão. Condições injustas bloqueavam o acesso das mulheres ao ensino superior, particularmente aos cobiçados cursos de medicina e de direito, criados pelo Príncipe Regente D. João e por D. Pedro I.<sup>229</sup>

<sup>228</sup> FOUCAULT, M. e LEGOFF, J. *História e Memória*; p.p.p. 4, 5, 6. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4131021/mod\\_resource/content/1/LE\\_GOFF\\_HistoriaEMemoria.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4131021/mod_resource/content/1/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf)

<sup>229</sup> CANDEIAS, Nelly Martens Ferreira; *A emancipação feminina no Brasil*; - in – “Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo – 10 anos da Memória Paulista – 2002-2012”, ed. Escrituras, 2013, p. 665. Artigo publicado em *1988-2008: 20 anos da constituição cidadã* \ André Ramos Tavares \ org. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008, 312 p. II.

Nas últimas décadas do século XVIII, rupturas em cascata começaram a ocorrer na Europa Ocidental. Em 1788, Condorcet reivindicou direitos de educação, emprego e participação política para mulheres. Um ano depois, os ideólogos da Revolução Francesa deram os primeiros passos jurídicos [...] dos direitos humanos ao incluir nos mesmos a igualdade dos dois sexos. Precursora do abolicionismo, da República e da igualdade de gênero, Nísia Floresta Brasileira Augusta foi a primeira mulher a defender a educação feminina no Brasil, em 1832, ao relacionar o desenvolvimento intelectual da mulher à qualidade da sua educação. À Nísia, deve-se a divulgação do ideário das reivindicações francesas, com ênfase no acesso à instrução, à cargos públicos e à inclusão na vida política da

No Brasil, um importante marco nessa luta pela emancipação feminina foi o *Tratado Sobre a Emancipação da Mulher*, de autora anônima.<sup>230</sup> O ideal da mulher “bela, recatada e do lar”, claro, não se mostrou viável numa sociedade excludente e desigual como o Brasil, onde o desemprego e o déficit habitacional impedem grande parte da população de sequer ter um lar e a miséria leva muitas mulheres a se prostituírem, na falta de melhores oportunidades no mercado de trabalho (como foi o caso da Zenaide). Abandonado por Zenaide, sua mulher e gerente, Joanides comprovou ele mesmo sua proposição inicial sobre a importância decisiva e

---

Nação. [...] Em meados do século XIX, a injustiça a que as mulheres eram submetidas e a rápida disseminação de novas ideias deram origem à imprensa feminina no Brasil, cujas colaboradoras viram no regime republicano a mudança redentora de suas injustas condições. [...] Porém, na Assembleia Constituinte, reunida em 1891, para elaborar a primeira constituição republicana do Brasil, os homens debateram o sufrágio feminino, mas não concederam voto às mulheres e a exclusão continuou sendo o principal instrumento de dominação. Em 1932, Getúlio Vargas promulgou o Código Eleitoral Brasileiro, garantindo o direito de voto às mulheres, embora com restrições. A conquista deveu-se à liderança de Carlota Pereira de Queirós, professora e médica, a primeira constituinte e deputada federal do Brasil, e à Bertha Lutz, bióloga, advogada e líder feminista. A Carta promulgada teve curta duração. Em 1935, Vargas suspendeu suas garantias e, em 1937, por golpe de Estado, extinguiu o legislativo por quase dez anos. A ruptura democrática fortaleceu o movimento feminista, no sentido de que o princípio de igualdade jurídica entre os sexos, deixara de ser uma idéia nova e estava em franca ascensão no Brasil. [...] Em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembleia Geral da ONU e assinada pelo Brasil na mesma data, ainda sob o impacto das atrocidades cometidas durante a Segunda Guerra Mundial, comprometeu-se a promover os direitos humanos sem distinção de raça, sexo, língua ou religião. Este documento foi traduzido em 360 idiomas. [...] Cinco importantes fóruns deram continuidade à busca de igualdade de gêneros: a Convenção dos Direitos Políticos das Mulheres, de 1952 e 1956, a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher, de 1979; a Conferência de Nairób, em 1985, e a Quarta Conferência Mundial da Mulher, realizada em Beijing, em 1995. [...] No Brasil, o Decreto número 4.377, referente à Convenção de 1979, adotada pela Resolução 34/180 da Assembleia Geral da ONU, nesse ano, foi assinado em 1981 e ratificado em 1984.

Disponível em:

<http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/A-emancipa%C3%A7%C3%A3o-feminina-no-Brasil.pdf>

<sup>230</sup> *Tratado sobre a emancipação política da mulher e direito de votar*. Publicado em 1868, no Brasil imperial e escravocrata, o tratado reivindica o direito das mulheres de participar da política, do mercado de trabalho e da educação, e defende o voto feminino também como um símbolo dessa possibilidade de participação. Quase nada se sabe sobre a autoria e a circulação da obra, publicada pela famosa editora do tipógrafo Francisco de Paula Brito, responsável também pelo lançamento, 30 anos antes, da primeira revista brasileira direcionada especialmente ao público feminino, *A mulher do Simplicio*, ou *A Fluminense Exaltada*. O anonimato da escritora, provavelmente uma mulher de classe alta, é sintomático: as ideias radicais defendidas no livro muito possivelmente não seriam bem recebidas no meio intelectual onde circularia a obra. [...] O Tratado tem forma de manifesto e se propõe a questionar os principais argumentos da época para manter a mulher longe da escola, do trabalho e da política, e apresenta de forma contundente as falácias que constroem as crenças do senso comum. [...] As contradições da sociedade patriarcal conservadora que impede a mulher de participar da esfera pública são postas em cheque constantemente no manifesto [...]. A autora mostra, por exemplo, os problemas das mulheres no mercado de trabalho: como são poucas as funções que são autorizadas a exercer, a oferta de trabalho é muito menor do que a procura, o que é causa direta do salário baixíssimo o que ganham as poucas mulheres que trabalham – quando as oportunidades são raras, sempre haverá uma que aceita trabalhar por menos do que as outras. [...] A historiadora Cristiane de Paula Ribeiro desvendou a identidade da autora do texto durante sua pesquisa de mestrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se de Anna Rosa Termacsics. (Disponível em): [Vida e obra de uma pioneira do feminismo brasileiro – Blog da BBM \(usp.br\) Repositório Institucional - UFJF: A vida caseira é a sepultura dos talentos: gênero e participação política nos escritos de Anna Rosa Termacsics dos Santos \(1850-1886\)](#)

Disponível em: Disponível em:

[Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: Tratado sobre a emancipação política da mulher e direito de votar por A.R.T.S \(usp.br\)](#)

central das mulheres nas relações estabelecidas no submundo paulistano de então. Em busca da dama ausente, transtornado, o rei da Boca do Lixo percorreu o tabuleiro do submundo, abusando da violência, da sorte e da saúde até, por fim, acabar parando na prisão, no “xadrez”. Mas, não sem antes forçar um último encontro, somente para provar como era um cavalheiro e não havia porque fugir, pois ele era de confiança e ela não precisava ter medo. Que contradição, coagir alguém para provar-lhe que não precisa ter medo. Como Joanides gostaria de ser como Joãozinho Americano, feliz com seu harém de mulheres, encantadas por seu repertório americanizado de truques, gagues, piadas, estorinhas e brincadeiras! Mas, sua capa preta, óculos fundos de garrafa, ar intelectual e fama de matador e introdutor do revolver no “pedaço” conferiam-lhe aspecto sombrio e cinistro.<sup>231</sup> O *negativo* do simpático Zé Pilintra, de “gravata vermelha, terno branco e chapéu de banda”... Panamá, diga-se de passagem, que virou produto brasileiro de exportação. A difusão do revólver no “pedaço” enfrentou as mesmas condicionantes históricas locais que no faroeste paulista, assim como a introdução do cavalo e da mula e a situação das estradas e caminhos.<sup>232</sup> Assim, o tardio predomínio de navalhas (tão

---

<sup>231</sup> Até então, como visto, as armas predominantes até meados do século XX, em plena modernidade eram a navalha e o punhal, seguindo a tendência local de retroagir aos meios mais rústicos que se mostrarem mais práticos no antigo faroeste paulista, como o uso de carijós em vez de cavalos e mulas no transporte de cargas, observada por HOLANDA, Sérgio Buarque, *O Extremo Oeste*, brasiliense, São Paulo, 1986; p. p. 168, 170.

Observou-se também como, na expansão bandeirante, foi o cavalo praticamente desconhecido e como, nesse ponto, distinguiam-se dos seus vizinhos castelhanos [...] Ora, a marcha a pé, que entre os “castelhanos” constitui exceção, é regra corrente entre os “portugueses” de São Paulo. Preservando ainda nisto a tradição indígena, alheia ao uso de quaisquer animais de transporte, despertam eles, muitas vezes, o assombro dos espanhóis com as dilatadíssimas jornadas que são capazes de fazer a pé, e geralmente descalços, como acontecia com os antigos naturais da terra [...]. Tão notório é o contraste que, em sertões ermos, era possível distinguir de longe entre um espanhol e um português – e português aqui significa, sem exceção, paulista – segundo aparecesse ou não montado. Certo índio, preso em 1723 por soldados paraguaios e encaminhado a Assunção, declarou às autoridades que, ao atravessar a Vacaria, tinha observado rastros frescos de cavalos, e só desse início deduzira que por ali andavam castelhanos.

<sup>232</sup> *Idem*, *ibidem*; p. p. 30, 31, 43, 52.

É plausível [...] que, mesmo antes da conquista, certas trilhas indígenas fossem mais do que picadas intratáveis: no Brasil há o exemplo bem conhecido do Peabiru ou Caminho de São Tomé, largo de oito palmos, por onde nascia uma erva miúda que [...] crescia até quase meia vara, e ainda quando queimassem os campos nascia sempre aquela erva e do mesmo modo. Nada impede, além disso, que ao longo de algumas vias, certas paragens servissem para a instalação de pousos reíunos, que por sua vez eram pontos de partida para povoações mais estáveis. Em São Paulo, entretanto, não há notícia de pousos ou ranchos semelhantes antes do governo de Antônio Manuel de Castro e Mendonça (1787-1802), e então se prenderia sua construção ao novo incremento tomado na Capitania pela lavoura comercial. Sem uma tal providência a produção agrícola de serra acima, em particular os açúcares de Itu, Porto Feliz, São Carlos (Campinas), ficaria sujeita à chuva e à umidade no trajeto até Santos, continuando assim a merecer o mau nome e os preços baixos que alcançavam nas praças do Rio de Janeiro e Lisboa. Enquanto dependiam ordinariamente de uma economia de subsistência, sujeitaram-se mal ou bem, os paulistas, às veredas primitivas, sucessoras de trilhas de índios ou carreiros de antas, e que mesmo nas melhores condições não se destinavam senão a pedestres. Associada à mesquinhês das estradas, a própria deficiência das técnicas de transporte ajudava a encarecer os gêneros, fazendo proibitivo o comércio a maior distância. (p. p. 30, 31). Com efeito, nem os aterros de Martim Lopes, sucessor do Morgado de Mateus no governo da Capitania, nem, logo depois, o caminho de mais fácil trânsito do Cubatão ao sopé da serra, nem a calçada do Lorena, ou os ranchos de Melo Castro e Mendonça, visaram a encurtar a

comuns nas barbearias do “pedaço”) e punhais (símbolo e ferramenta de Exus e Pombogiras, assim como os tridentes) coincide com a situação paulista de atraso relativo das técnicas, dos meios de transporte e dos caminhos. É possível que rotas coloniais de contrabando da prata de Potosi, mapeadas por Sérgio Buarque em sua última obra, inacabada, *O Extremo Oeste*<sup>233</sup>,

---

viagem. É certo que alguma coisa se fez nesse sentido quando os consertos em cima da serra permitiram dispensar a morosa navegação dos rios Grande e Pequeno. No entanto, a vantagem obtida neste ponto irá dissipar-se com o traçado em ziguezague da calçada de acesso, feita para reduzir riscos, não as horas, do trajeto. Aliás, não se abandonou por completo aquela navegação [...] na condução até a cidade de cargas pesadas e volumosas, como sinos e canhões. (p. 43) Conhece-se bem [...] o alcance revolucionário que vai ter o six-shooter na expansão anglo-americana entre uma costa e outra do continente. E [...] (a data dapatenente de Colt – 1835 – coincide com a das nossas últimas e já muito diminutas monções de povoado), as condições enfrentadas pelo ranger texano, enquanto não se generalizou o uso do revólver, ajudam a clarear as dificuldades encontradas aqui pelos sertanistas mais de um século antes, quando deveram opor-se, não tanto ao castelhano como ao índio do sertão ocidental. (p. 52).

<sup>233</sup> Quando fosse impraticável o caminho fluvial, [...] não havia outro remédio senão o das vias carroçáveis [...] para [...] cargas que [...] se achassem incapacitadas de seguir com as tropas de animais. Assim se deu particularmente no caminho de Ararituaba, o porto das Monções, porque o Tietê deixa de ser navegável à altura de Barueri e só volta a sê-lo abaixo de Itu. (p. 44) [...] No lugarejo de Ararituaba, uma capela modesta, com a invocação de Nossa Senhora da Penha, marcava [...] o limite extremo do espaço de o ocupação permanente além da vila de Itu, a jusante do rio. Adiante começava um mato espesso, [...] que com intervalos [...] se alastrava até o Paraná. Só depois de 1748 passará por este rio a fronteira ocidental da Capitania de São Paulo [...]. Ali cessa quase abruptamente a floresta para começar o cerrado, desmentindo o próprio nome de mato grosso, aplicado primeiramente [...] à mancha de selva equatorial que borda o Guaporé, mas que vai avassalar, com o tempo, o sertão do além-Paraná. (p. p. 45, 46) [...] Desses campos limpos, campos da Vacaria, como se chamaram já no século XVII, [...] deviam descer os animais no tempo da vasante para alcançar os lambedouros salinos e os pastos nos lugares ainda úmidos do cerrado. Os carreiros abertos nas quebradas iriam dar passagem, por sua vez aos sertanistas que, então e mais tarde, vão ao encalço de tribos lavradoras das cercanias do Paraguai. (p. 47). [...] Quando as bandeiras não achassem naquelas bandas presa fácil, arrojavam-se, ao norte, para além da lagoa do Mandioré, sobre as serras que dividem da bacia do Prata a do Amazonas, e então iam topar com os parecis [...]. Ou, atravessando o Paraguai, saíam às comarcas dos chiquito [...]. Alguns, infletindo para o poente, davam nas terras dos chiriguano, já ao sopé dos Andes, perto de Santa Cruz de la Sierra [...]. (p. 55) Sabe-se que [...] já em 1709 podiam eles alcançar o Taquari, sem encontrar [...] tribos inimigas como os guarani do Itatim, os guató e os guaxarapo. [...] Até a ideia de um conluio dos mamelucos com esses paiaguá e outros índios, como os guaicuru, chegou [...] a entrar no reino dos possíveis [...] os moradores de Santa Cruz de la Sierra chegaram a ter como certa a liga, e [...] o plano danado de se apossar de sua cidade e também de Chiquisaca, além do Potosí, constante alvo das ambições de Portugal. (p. 60). [...] Que os guaicurus eram conhecidos dos mamelucos, afirma-o [...] Francisco Rodrigues do Prado [...] em *História dos Índios Cavaleiros*: “Os primeiros que deram notícias desses bárbaros foram os Paulistas, e já os encontraram senhores de grandes manadas de gado vacum, cavalari e lanígero” [...] habitando tradicionalmente a banda oriental do rio Paraguai, principiara o guaicuru a infiltrar-se na margem esquerda quando, assolada pelos maloqueiros de São Paulo a Xerez [...] depois de 1632, em resultado das expedições dos sertanistas àqueles lugares. (p. 61). [...] Assim, [...] o caminho antigo de São Paulo ao rio Paraguai foi abandonado por ser o mais infestado dos guaicuru [...] ao começar a era das monções de povoado [...] que imediatamente se seguiram ao descobrimento do ouro do Cuiabá. (p. 63). [...] E [...] despovoou-se ao cabo Santiago de Xerez [...] despovoamento, que se segue à destruição de Vila Rica do Espírito Santo e ao abandono de Ciudad Real de Guairá, fica a província do Paraguai reguzida [...] à própria Assunção, cabeça, antigamente, de todo o Rio da Prata. (p. 150). [...] O caminho do Peru pelo Paraguai, tão desejado a princípio, era dificultoso, mas as mesmas razões que embaraçavam [...] abriam-no para os que ilicitamente procuravam alcançar as minas afamadas da cordiheira ocidental. (p. 153). [...] Nada impede, no entanto, que bem antes pudesse alcançar o Peru por terra quem saísse de São Paulo e por vias não trilhadas, por conseguinte mais ocultas do que o *caminho real de Buenos Aires* [...]. (p. 154). [...] Sobre a viagem do “peruleiro”, assim se exprime Pedro Taques: [...] penetrando o sertão do Paraguai [...] chegavam ao Peru, d’onde traziam a prata de que foi muito abundante a cidade de São Paulo...”. (p. 156)

tenham sido percorridas pelo tráfico internacional da cocaína que abasteceu a Boca no tempo de Joanides, aproveitando veredas e rios. Cabe, por fim, notar o grande silêncio de Joanides sobre a homossexualidade e os travestis: a única menção usa o termo “pederastas” para falar do assédio sexual que Nelsinho “da 45”, na prisão, respondeu com violência.<sup>234</sup>

## Referências bibliográficas

- ALBORNOZ, Claudio Sánchez. *Panorama General de la Romanización de Hispania*.
- ANDRADE, Manuella Marianna. O processo de formação do Parque do Ibirapuera. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo*, v. 204.
- ANDRADE, Mario de. *Música de feitiçaria no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.
- ARIENT, Marisa. *O cotidiano da prostituta em São Paulo: estigma e contradição*. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo; 1989.
- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – a tradição da jurema na Umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Teses Sobre o Conceito de História. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BLAJ, Ilana. *Resenha Crítica: O índio e o desenvolvimento de São Paulo*. In – *Boletim Paulista de Geografia, Os 70 Anos de Pasquale Petrone*. Humanitas Publicações FFLCH/USP, AGB, São Paulo, 1999.
- FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder – formação do patronato político brasileiro*. Editora

---

<sup>234</sup> VERAS, Elias Ferreira (UFSC) e GUACSHE, Oscar (Universidade de Barcelona). *A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980)*. Revista do Programa de Pós-Graduação História / UNB - *história, histórias*. v. 1, n.5, Brasília, 2015). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10829>

MORI, Leticia. *As travestis e transformistas que frequentavam a cena alternativa de SP em plena ditadura militar*. Da BBC News Brasil em São Paulo, 17 de fevereiro de 2021. Disponível em: [As travestis e transformistas que frequentavam a cena alternativa de SP em plena ditadura militar - BBC News Brasil](#)

Schwartz iniciou uma carreira na fotografia que acabaria por levá-la a se tornar uma das grandes expoentes [...] em São Paulo [...] entre sua casa e a lavanderia – a conhecer e fazer amizade com dezenas de travestis e transformistas que frequentavam a cena noturna da cidade em plena ditadura militar (1964-85).

Globo, Porto Alegre, 1958.

FERRAZ, J. C. de. *Urbs Nostra*. EDUSP, São Paulo, 1991.

FERREIRA, Tito Lívio. *As Vilas Seiscentistas de São Paulo*. In: *História de São Paulo*. São Paulo: Biblos, 1959.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Walter Benjamin: os cacos da história*. Brasiliense, São Paulo, 1982.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Editora Zahar, São Paulo, 1988.

GUARINELLO, Norberto. *História Antiga*. Editora Contexto, São Paulo, 2014.

GUATARRI, Félix. *Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade*. NERU, São Paulo, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Extremo Oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986. E *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. *Boca do Lixo*. 3 ed. São Paulo: Edições Populares, 1977.

\_\_\_\_\_. “A nova arma de Hiroito”. Entrevista a Joanides. Entrevistadores: Dennis Toledo, Hamilton Trevisan e Wladyr Mader. *Revista Escrita*, São Paulo, jun. 1978. Disponível em: < <http://escritablog.blogspot.com/2012/10/hiroito-o-rei-da-boca-do-lixo.html> > Acesso em: 11 fev. 2021.

KOGURUMA, Paulo. *Conflitos do Imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “metrópole do café”, 1890-1920*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2001.

KONDER, Leandro. *A Derrota da Dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Editora Unesp, São Paulo, 2014.

LAJOLO, Marisa e REGINA, Zilberman. *A leitura rarefeita – Leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

MANGILI, Liziane Peres. Transformações e permanências no bairro do Bom Retiro, SP (1930-1954). São Carlos, 2009 (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Disponível em: < [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17072009-092245/publico/liziane\\_p\\_eres\\_mangili.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-17072009-092245/publico/liziane_p_eres_mangili.pdf) >. Acesso em: 3 set. 2017.

MARX, Karl e ENGELS, Friederich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MEIRELES, Cecília; *Batuque, samba e macumba – Estudos de gesto e de ritmo 1926-1934*; Martins Fontes, São Paulo, 2003.

NEVES, Cylaine Maria das. *A Vila de São Paulo de Piratininga: Fundação e Representação*.



São Paulo: Annablume. 2007.

LIMA JÚNIOR, A. A capitania de Minas Gerais. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

LINHARES, M. Y. L. O Brasil no século XVIII e a idade do ouro: a propósito da problemática da decadência. In: SEMINÁRIO SOBRE A CULTURA MINEIRA NO PERÍODO COLONIAL. Anais. Belo Horizonte: Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais, 1979.

LIVI-BACCI, M. 500 anos de demografia brasileira: uma resenha. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 19, n. 1, jan./jun. 2002. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/search/search?simpleQuery=bacci&searchField=query>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

MARCÍLIO, M. L. A população do Brasil colonial. In: BETHELL, L. (Org.). *História da América Latina – América Latina Colonial*. São Paulo: Edusp, v. 2, 2004. p. 311-338.

MORI, Leticia. *As travestis e transformistas que frequentavam a cena alternativa de SP em plena ditadura militar*. Da BBC News Brasil em São Paulo, 17 de fevereiro de 2021. Disponível em: [As travestis e transformistas que frequentavam a cena alternativa de SP em plena ditadura militar - BBC News Brasil](#)

Schwartz iniciou uma carreira na fotografia que acabaria por levá-la a se tornar uma das grandes expoentes [...] em São Paulo [...] entre sua casa e a lavanderia – a conhecer e fazer amizade com dezenas de travestis e transformistas que frequentavam a cena noturna da cidade em plena ditadura militar (1964-85).

ORICCHIO, Luiz Zanin Oricchio. Quem foi Hiroito? *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 6 jul. 2009. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/quem-foi-hiroito/>>. Acesso em: 7 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Boca, um noir à brasileira. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 28 set. 2012. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/boca-um-noir-a-brasileira/>> Acesso em: 10 jun. 2018. \_\_\_\_\_. A Boca do Lixo de Hiroito. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 9 mai. 2013. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/a-boca-do-lixo-de-hirohito/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PESSOA, Fernando. *Mensagem – in – O Eu Profundo e os Outros Eus*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2008.

RAGO, M. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RIZZO, Paula Karine. *O quadrilátero do pecado: A formação da boca do Lixo em São Paulo na década de 50*. São Paulo, 2017 (Mestrado em História Social), Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo. Disponível em <  
pedhttps://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19884/2/Paula%20Karine%20Rizzo.pdf> Acesso  
em: 3 ago. 2017.

SESSO JR., Geraldo. *Retalhos da Velha São Paulo*. Maltese editora, São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. *A cidade metástasis e o urbanismo inflacionário: incursões na entropia paulista*. Revista USP, São Paulo, n. 63, p. 16-35, setembro/novembro 2004.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

SILVA, Janice Theodoro da. *São Paulo 1554-1880, discurso ideológico e organização espacial*. Editora Moderna, São Paulo, 1984.

SOARES, L. C.; *Rameiras, ilhoas, polacas. A prostituição no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.

TEIXEIRA, Manuel C.; *A Forma da Cidade de Origem Portuguesa*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial, 2012.

VERAS, Elias Ferreira (UFSC) e GUACSHE, Oscar (Universidade de Barcelona). *A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980)*. Revista do Programa de Pós-Graduação História / UNB - *história, histórias*. v. 1, n.5, Brasília, 2015). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10829>

VIEIRA, Lurdes de Campos; *Os Guias Espirituais da Umbanda e seus Atendimentos*; ed. Madras, São Paulo, 2015.